CHRISTIANE TEODORO CUSTODIO

# “A pólis como ‘coisa’: relações entre a materialidade da cidade, instituições e práticas aristocráticas no Mediterrâneo Ocidental Arcaico (1000 – 600 a.C.)”

São Paulo
2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

# **“A pólis como ‘coisa’: relações entre a materialidade da cidade, instituições e práticas aristocráticas no Mediterrâneo Ocidental Arcaico (1000 – 600 a.C.)”**

*Drª. Christiane Teodoro Custodio*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata
Linha de Pesquisa: Arqueologia e Sociedade.

**Versão corrigida**. A versão original encontra-se nas dependências do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

São Paulo
2017

# Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço à prof. Drª. Elaine Farias Veloso Hirata. Nos últimos dez anos tive a oportunidade e o privilégio de aprender, compartilhar ideias e experiências. Seu incentivo foi fundamental para trilhar novos caminhos na busca de métodos e instrumentos que permitissem efetuar a abordagem crítica que eu perseguia. Pela confiança e reconhecimento, muito obrigada.

À Drª. Maria Beatriz Borba Florenzano que acompanhou minha trajetória de formação nesta instituição, pelo aprendizado nas suas aulas, nas atividades do Labeca. Agradeço especialmente pela sua participação na banca de qualificação, cujas sugestões e apontamentos me permitiram refinar o escopo do trabalho.

À Drª. Maria Isabel D'Agostino Feming, por acompanhar minha trajetória no MAE, pelo incentivo, encorajamento e reconhecimento, muito obrigada.

À Drª. Adriene Baron Tacla pelo incentivo e generosidade de partilhar seus conhecimentos.

À Drª. Emanuelle Santos, minha amiga e interlocutora da área de estudos pós-colonialismo e estudos culturais. Obrigada por todas as aulas transatlânticas e principalmente pela indiscutível amizade e companheirismo nestes anos de trajetória acadêmica.

Agradeço ao Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga – Labeca. Desde o percurso da minha iniciação científica a agenda do laboratório esteve presente na minha carreira, por intermédio da prof. Maria Celeste Fachin, na época minha orientadora. Meu interesse pelos estudos de história urbana vem de longa data, foram incentivados pela professora Celeste, e nutridos com uma rica bibliografia que já vinha sendo discutida nas atividades de elaboração do primeiro projeto temático que veio a dar origem ao nosso laboratório. Ter presenciado e participado do início desta empreitada foi uma das mais gratificantes experiências que já tive na academia. A riqueza dos objetivos perseguidos pelas coordenadoras, a profundidade dos debates nas reuniões de discussão de textos, o elevado nível da bibliografia selecionada, o tratamento dado para documentação material e ambição de disponibilizar material para pesquisa em um banco de dados bem estruturado e ricamente alimentado são dignos de menção.

Agradeço aos professores desta instituição, funcionários, técnicos. Agradeço aos colegas, que são muitos e poderei incorrer em injustiça caso escolha nomeá-los.

Agradeço aos amigos que de alguma forma ajudaram a percorrer este caminho, especialmente os colegas do curso de geoprocessamento pelas dicas, pelos tutoriais, por sanar as dúvidas de uma iniciante.

Thamyres Soares Costa, Marco Aurélio Ribeiro, Jennifer Carvalho, Thays Siqueira, Helena Siqueira, Roberto Teodoro, Jhony César, Camila Condilo, Ricardo Cavinato, Maria Aparecida Affonso, Jocely Pinel, Alexandre Baldez de Barros, Mariana Virgolino: muito obrigada pela amizade, companheirismo, força e paciência.

Dedico este trabalho à minha mãe, Ana Teodoro.

*“Não se pode esperar que uma história meramente do meio ambiente responda totalmente tais questões, mas pode-se esperar que ela se ligue a outras áreas de investigação como a história da migração e colonização – essas devem ser vistas não da maneira clássica como preenchedoras de espaços vazios, mas como a* ***ocupação*** *do espaço”.*

*(*Willian Vernon Harris – *Rethinking the Mediterranean)*

# Resumo

CUSTODIO, Christiane Teodoro. **A pólis como 'coisa'**: relações entre a materialidade da cidade, instituições e práticas aristocráticas no Mediterrâneo Ocidental Arcaico (1000 – 600 a.C.). 2017. 209 p. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

**"A pólis como 'coisa': relações entre a materialidade da cidade, instituições e práticas aristocráticas no Mediterrâneo Ocidental Arcaico (1000 – 600 a.C.)".**

A mobilidade de populações caracterizou a apropriação do meio físico e os processos de territorialização na região do Mediterrâneo antigo. Dada a ocupação de áreas costeiras dos continentes e das ilhas que compõem os territórios habitáveis da região, grupos sociais utilizaram o meio terrestre e marítimo para conectar as diversas regiões e respectivas populações. Disto decorre que as trocas, intercâmbios e comércio tenham exercido papel fundamental no desenvolvimento social, político e cultural das diversas entidades que compõe o conjunto de sociedades que compartilham o Mar Mediterrâneo como meio de acesso, barreira e paisagem. Interpretamos a pólis grega como uma coisa, desmembrada em partes menores, território, vias, espaços especializados, áreas de culto e meio geográfico para oferecer uma intervenção original nas discussoes acerca das origens dos assentamentos gregos permanentes em territórios estrangeiros. Neste trabalho analisam-se as inter-relações entre a emergência das elites vinculadas às atividades agrícolas e comerciais no período de transição entre a Idade do Ferro e o Período Arcaico. Estudam-se também a materialização de sua agenda político-cultural na infra-estruturação das cidades, bem como nas práticas sociais cuja performance se dava nestes espaços. Tais elementos tinham papel ativo, funcionando como suportes aos discursos sobre seus dirigentes políticos e incidiram na consubstanciação de uma geografia ôntica, que gradualmente configurou um dos sentidos de helenidade compartilhado pelos gregos antigos: o Ser na pólis. Analisamos um conjunto de apoikias da Sicília fundadas pelos gregos das metrópoles Cálcis, Mégara, Corinto, Rodes e Creta. Através da Identificação da interdependência entre estas comunidades, conclui-se que esta não se caracteriza por qualquer espécie de domínio político. Esta interdependência é materializada nos arranjos urbanos, replicação de cultos e apropriação da paisagem dos assentamentos analisados. O presente estudo identifica fases de estabelecimento das apoikias, caracterizadas por processos de aquisição territorial marcadamente distintos no que concerne a adoção de tamanhos de lotes na *àsty*, extensão da *khóra* e infra-estruturação sacra da paisagem. Por fim, propomos uma reflexão sobre o papel das redes de contato como agentes que impulsionaram o processo de criação de assentamentos gregos permanentes em territórios estrangeiros e seu impacto no desenvolvimento da pólis de época arcaica.

Palavras-chave: pólis - apoikia - análise espacial - planejamento urbano - redes

# Abstract

CUSTODIO, Christiane Teodoro. **Polis as 'thing':** relations among the materiality of the city, of institutions and of aristocratic practices in the Archaic Western Mediterranean area. 2017. 209 p. Thesis dissertation, University of São Paulo, São Paulo, 2017.

**"Polis as 'thing': relations among the materiality of the city, of institutions and of aristocratic practices in the Archaic Western Mediterranean area"**

Population mobility has characterized the appropriation of the physical environment and processes of territorialization in the ancient Mediterranean region. Given the occupation of the coastlines of continents and islands that constitute the inhabitable territories in the region, social groups made use of land and sea to connect different regions and their respective populations. As a result of these exchanges, interchanges and trade had a fundamental role in the social, political and cultural development of the societies sharing the Mediterranean Sea as a means of access, as a barrier and as landscape. In this study we understand the Greek polis as one whole thing subdivided into smaller parts such as territory, roads, spaces for specific use, areas of worship and geographic environment in order to provide an original intervention in discussions on the origins of permanent Greek settlements in foreign territories. This work analyzes the interrelations between the emergences of elites associated with agricultural and commercial activities in the transition period between the Iron Age and Archaic Greece. Included in this study is also the materialization of their political and cultural agenda reflected in the infrastructure of the cities, as well as social practices whose performance was enacted in these spaces. Such elements had an active role in supporting discourses about their political leaders, acting on the consubstantiation of an ontic geography that gradually became one of the meanings of helenicity shared by ancient Greeks: the Being in the polis. We analyze a group of apoikias founded in Sicily by Greeks from the metropoles Kalcis, Megara, Korith, Rhodes and Krete. Through the identification of the interdependence between these communities, we have concluded that it is not characterized by any kind of political domination. This interdependence is materialized in the urban organization, replication of worship and appropriation of landscapes of the settlements analyzed. In this study we identify phases in the development of the apoikias, which are marked by processes of territorial acquisition clearly distinct, in terms of the size of plots in the *asty,* extension of *khora* and sacred infrastructure of the landscape. Finally, we propose a reflection on the role of the networks of contact as agents prompting the processes of creation of permanent Greek settlements in foreign territories and their impact in the development of the Greek polis in Archaic Greece.

Keywords: polis – apoikia – spatial analysis – urban planning – networks

## Lista de Anexos

**Anexo 1 - Mapas de distribuição de cerâmica Micênica na Itália e Sicília na idade do Bronze (VAN WIJNGAARDEN, G. J., 2002, 302-303).** ..... 205

**Anexo 2 - Mapas de distribuição de cerâmica Micênica na Itália e Sicília na idade do Bronze (VAN WIJNGAARDEN, G. J., 2002, 304-305).** ..... 205

**Anexo 3 - Mapas de distribuição de cerâmica Micênica na Itália e Sicília na idade do Bronze (VAN WIJNGAARDEN, G. J., 2002, 308-309).** ..... 206

**Anexo 4 - Mapas de distribuição de cerâmica Micênica na Itália e Sicília na idade do Bronze (VAN WIJNGAARDEN, G. J., 2002, 306-307).** ..... 206

**Anexo 5 - EBA. Mainland 'Corridor House' sites, Cycladizing sites and the Cycladic circuit (ill. M.E. Alberti and G. Merlatt i). "Aegean trade systems: Overview and observations on the Middle Bronze Age" in: *ALBERTI. M. E., SABATINI. S. Exchange Networks and Local Transformations Interaction and local change in Europe and the Mediterranean from the Bronze Age to the Iron Age.* Oxford: Oxbow Books, 2013, p. 27.** ..... 207

**Anexo 6 - Mapas de distribuição de cerâmica Micênica na Itália e Sicília na idade do Bronze (VAN WIJNGAARDEN, G. J., 2002, 310-311).** ..... 207

**Anexo 7 - MBA. Principal circuits and routes in the Aegean: the N–S 'dendritic system' (ill. M.E. Alberti and G. Merlatt i). "Aegean trade systems: Overview and observations on the Middle Bronze Age" in: *ALBERTI. M. E., SABATINI. S. Exchange Networks and Local Transformations Interaction and local change in Europe and the Mediterranean from the Bronze Age to the Iron Age.* Oxford: Oxbow Books, 2013, p. 31.** ..... 208

**Anexo 8 - EBA. Variations of trade patt erns within the E–W networks (modifi ed from Broodbank 2000, fi g. 106) (ill. M.E. Alberti and G. Merlatt i). "Aegean trade systems: Overview and observations on the Middle Bronze Age" in: *ALBERTI. M. E., SABATINI. S. Exchange Networks and Local Transformations Interaction and local change in Europe and the Mediterranean from the Bronze Age to the Iron Age.* Oxford: Oxbow Books, 2013, p. 29.** ..... 208

**Anexo 9 - Relations between the Aegean and the Central Mediterranean during LH III A: distribution of Aegean type pott ery in Italy (aft er Vagnett i 1999, 140 updated). 1) Torre S. Sabina, 2) Lipari, 3) Thapsos. "Westernizing Aegean of LH III C" in: *ALBERTI. M. E., SABATINI. S. Exchange Networks and Local Transformations Interaction and local change in Europe and the Mediterranean from the Bronze Age to the Iron Age.* Oxford: Oxbow Books, 2013, p. 61.** ..... 209

**Anexo 10 - Relations between the Aegean and the Central Mediterranean during LH III B and C: Distribution of Aegean type pott ery in Italy (aft er Vagnett i 1999, 140 updated) and of**

**Handmade Burnished Ware and Urnfi eld Bronzes in the Aegean. 1) Fratt esina, 2) Moscosi di Cingoli, 3) Cisterna di Tollentino, 4) Rocavecchia, 5) Tiryns, 6) Chania, 7) Koubarà, 8) Pellana, 9) Perati, 10) Kommos. "Westernizing Aegean of LH III C" in: *ALBERTI. M. E., SABATINI. S. Exchange Networks and Local Transformations Interaction and local change in Europe and the Mediterranean from the Bronze Age to the Iron Age.* Oxford: Oxbow Books, 2013, p. 64.** ..... 209

**Anexo 11 - Hypotheses of transmarine connections in the central Mediterranean between the second half of the 3rd and the beginning of the 2nd millennium BC. 1 Rodi Garganico, 2 Coppa Nevigata, 3 Fontanarosa, 4. Casal Sabini, 5 Grott a del Pipistrello Solitario, 6 Corazzo, 7 Zungri, 8 Monte Venerett a, 9 Sites of Castelluccio culture, 10 Castelluccio, 11 Ognina, 12 Malta. "Malta, Sicily, Aeolian Islands and Southern Italy during the Bronze Age" in: *ALBERTI. M. E., SABATINI. S. Exchange Networks and Local Transformations Interaction and local change in Europe and the Mediterranean from the Bronze Age to the Iron Age.* Oxford: Oxbow Books, 2013, p. 81.** ..... 210

**Anexo 12 - Hypotheses of transmarine connections in the central Mediterranean between the 17th and the 11th century BC. "Malta, Sicily, Aeolian Islands and Southern Italy during the Bronze Age" in: *ALBERTI. M. E., SABATINI. S. Exchange Networks and Local Transformations Interaction and local change in Europe and the Mediterranean from the Bronze Age to the Iron Age.* Oxford: Oxbow Books, 2013, p. 87.**..... 211

## Sumário

**Introdução**.....10

**CAPÍTULO 1 – MODELOS TEÓRICOS, DEFINIÇÃO DO OBJETO E METODOLOGIA DE ANÁLISE**.
**1.1 O espaço e os homens**..... 29
**1.1.1 *Tópos*. O espaço como recipiente** ..... 29
**1.2 O espaço matemático, o espaço vivenciado** ..... 31
**1.3 A formação espacial**..... 32
**1.4 Arranjos espaciais superestruturais** ..... 35
**1.5 Fenomenologia e espaço**..... 41
**1.6 O *tópos* e a geografia das pólis gregas**..... 45
**1.7 A materialidade na arqueologia. O estudo das coisas** ..... 48
**1.8 A cidade como coisa. Emaranhamento das coisas** ..... 51
**1.9 Materiais e Métodos**..... 66
**1.10 Dados e metodologia de análise** ..... 70
**1.10.1 Análise quantitativa e espacial dos dados**..... 74

**CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DOS DADOS INTRASÍTIO**..... 79
**2.1 Grécia: ambiente físico**..... 79
**2.2 Sicília: ambiente físico**..... 81
**2.2.1 A presença grega na Sicília**..... 85
**2.3 Cálcis e suas apoikias** ..... 88
**2.3.1 Cálcis**..... 88
**2.3.2 Naxos**..... 90
**2.3.3 Catânia**..... 99
**2.3.4 Leontinos**.....102

**2.4 Corinto e suas apoikias**..... 109
**2.4.1 Corinto**..... 109
**2.4.2 Siracusa**..... 113
**2.4.3 Eloro** ..... 120
**2.4.4 Acrai**..... 122
**2.4.5 Casmene**..... 126
**2.4.6 Camarina** ..... 127

**2.5 Mégara e suas apoikias** ..... 130
**2.5.1 Mégara**..... 130
**2.5.2. Mégara Hibléia**..... 137
**2.5.3. Selinonte** ..... 145

**2.6 Rodes, Creta e suas apoikias**..... 149
**2.6.1. Rodes e Creta** ..... 149
**2.6.2 Gela**..... 150
**2.5.3. Agrigento**..... 157

**CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS INTERSÍTIO**..... 163
**3.1 Territorialização Calcídica na Costa Leste: Naxos, Catânia e Leontinos** ..... 164
**3.2 Territorialização Coríntia na Costa Leste: Siracusa, Eloro, Acrai, Casmene e Camarina**... 165
**3.3 Territorialização Megarense na Costa Leste e Sul: Mégara Hibléia e Selinonte** ..... 167
**3.4 Territorialização Ródio Cretense na Costa Sul: Gela e Agrigento**..... 168

**CAPÍTULO 4 – AS CIDADES, A ARISTOCRACIA E A IDENTIDADE GREGA**..... 169
**CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....184
**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**.....189
**ANEXOS**.....204

**Introdução**

Cidades são universais concretos e, na história da ciência, as muitas tentativas de estipular uma tipologia para aferir sua urbanidade ou grau de desenvolvimento mostraram-se generalizantes ou reducionistas, fosse o critério a densidade populacional ou um conjunto de infraestrutura urbana que equipa a comunidade para um tipo vital de experiência em sociedade, propiciando os espaços de trocas, comércio, competição, interação, visibilidade das forças de poder e hierarquias existentes no conjunto social.

Este trabalho não visa antagonizar os demais conceitos e/ou leituras de pólis. Propomos investigar a materialidade da pólis perseguindo a ontologia da sua geograficidade e a agência dos elementos materiais contidos na sua espacialidade que, somados e relacionados uns aos outros dentro de uma cadeia de significações, compõem a paisagem arqueológica das cidades gregas abordadas neste estudo.

Portanto, para efeito de partida, podemos estabelecer uma redução simples: cidades existem no espaço, são construídas socialmente e atuam como lócus das experiências diversas de um conjunto de habitantes. Se, por habitantes, temos a possibilidade de conjugar todos os tipos de pessoas, independentemente das tradições orais ou constituições que normatizam atributos dos cidadãos e não-cidadãos, classes ou grupos privilegiados ante seus antônimos, temos por consequência que as cidades abarcam diversas formas de alteridade: nelas vivem uns e outros, definidos como diferentes sob diversos argumentos específicos de uma cosmologia social.

Para além de abrigar a alteridade em suas muitas manifestações, as cidades também carregam consigo a dificuldade de conceituação. Pois, diferente de um

artefato ou objeto que pode ser definido pela sua forma e função, a cidade é também material, mas principalmente uma entidade viva, dinâmica, que encerra em si atributos de territorialidade e localização tanto quanto as dinâmicas sociais que nela se desenrolam, sendo, pois, a materialidade e os processos sociais indissociáveis. Pessoas habitam, especializam espaços, criam regiões, atribuem sentidos aos locais e monumentalizam estruturas.

Contudo, é possível fazer uma distinção suficientemente clara sobre as implicações decorrentes do *habitar* e de *monumentalizar*.

Habitar pressupõe territorialização do meio. Escolher locais, dispor estruturas, organizar o arranjo entre os espaços especializados e, sobretudo, ocupar (BOLLNOW 2008: *passim*).

Habitar também abrange o movimento onde corpos se deslocam de uma parte à outra no decurso das atividades cotidianas. E neste deslocar ocorre uma rede de significações atribuídas aos caminhos, à vista, aos objetos que se interpõem na visualização do horizonte. Processos de apreensão de uma paisagem se dão no habitar.

Monumentalizar pressupõe não apenas ações cotidianas, mas especialmente escolhas. Qual estrutura monumentalizar? Onde? Qual a orientação da estrutura *monumentalizada* na paisagem? Como o objeto *monumentalizado* se articula com o seu entorno, dentro de uma malha urbana inserido na paisagem natural? Como mobilizar recursos materiais e mão-de-obra para executar? Todos estes aspectos envolvem uma agenda. Quem faz as escolhas? Qual o impacto de um programa de monumentalização na paisagem das pessoas que habitam, que visitam, que afrontam?

Na prática arqueológica estamos habituados a lidar com os resultados da monumentalização - os monumentos ou ruínas destes - e com os resultados do *habitar*. Arranjos urbanos são identificados, registrados visualmente por meio de plantas, fotografias ou reconstituições digitais nos permitindo investigar como os antigos construíam suas casas, como selecionavam locais para depositar seus mortos, onde cultivavam, onde fabricavam, onde comercializavam. Localização e distribuição são conceitos-chave para a interpretação da antropização do meio e construção social do espaço.

Proponho nesta tese identificar os agentes destes processos na materialidade de caráter urbano que eles produziram. Para isto apresento uma primeira hipótese: as cidades não são apenas o resultado das necessidades de grupos humanos de habitar, mas sim de escolhas e implementação de programas de construção que, no caso das apoikias gregas especificamente encerram uma agenda das elites gregas daquele período. E que, no arranjo urbano e disposição de estruturas monumentalizadas estão materializados os ideais de legitimação daquele grupo social.

A questão que imediatamente se coloca é: como identificar e interpretar a agenda de um ideário de classe nos arranjos espaciais e nas formas escolhidas para ocupar o espaço? E quem são estes indivíduos que teriam materializado seus ideários nos arranjos espaciais e nas formas construídas?

As aristocracias gregas descendiam e resultavam de um longo processo de reorganização de forças políticas e emprego de expedientes de legitimação de forte

carga simbólica que se deu após o colapso do sistema palacial[1]. Do estabelecimento do campesinato local e emergiu a posse da terra e a autonomia ou dependência nas relações de trabalho. “Aristocracias dominantes, embora detentoras de terra localmente, eram supralocais. Suas redes de alianças familiares se estendiam por diversas comunidades e as relações de amizade uniam os aristocratas a longa distância” (Guarinello 2013: 78-79).

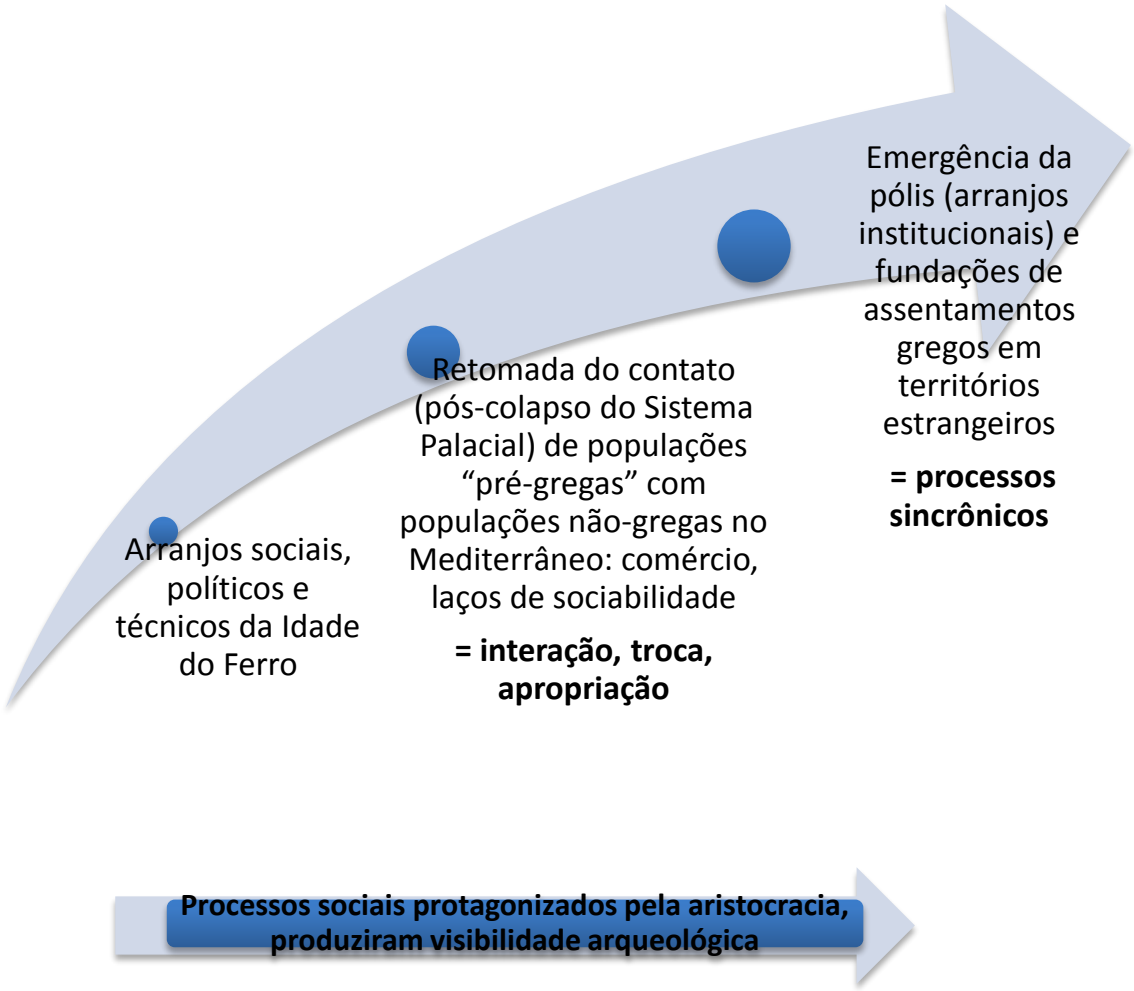



**Fig. 1 - Contexto dos processos que antecederam as fundações de apoikias na Sicília**

---

[1] A discussão sobre a emergência das elites no Egeu da Idade do Bronze e do Ferro é feita no Cap. 2, página 43 e *ss.* Para uma discussão aprofundada sobre o conceito de aristocracia e elites, ver: BOTTOMORE, Tom. *Elites and Society*, Watts, London, 1964. POWIS, Jonathan., *Aristocracy*, New York, 1984.

Optei por analisar as cidades de origem dos *ápoikoi* - colonos - e as cidades por eles fundadas buscando identificar paralelismos e analogias nos arranjos espaciais e, não menos importante, o papel desempenhado pelas relações sociais entre as partes.

Parte-se da premissa que a relação entre cada uma das metrópoles[2] e suas respectivas apoikias partilhavam de elementos identitários e culturais que podem nos oferecer pistas sobre as escolhas e projetos dos grupos sociais que empreenderam as fundações. Desta premissa decorre nossa seleção de cidades, metrópoles e apoikias que compõem o universo de análise deste estudo, conforme segue:

---

[2] Utilizamos metrópoles e apokias como formas que evocam a descrição fornecida pelos gregos nas fontes textuais sobre o processo de fundações e vínculos entre as cidades, como proposto por Irad Malkin, o que acentua o papel do oikista, o arquegueta, na organização dos espaços políticos e religiosos do território (Malkin 1987: 183-186). Nesta acepção, metrópole (s) – do grego μήτηρ, *mḗtēr* que significa mãe e πόλις, pólis, que significa cidade, possui a acepção de cidade-mãe – e apoikia(s) do grego ἀποικία, ας significa a casa longe de casa. As duas entidades partilham vínculos identitários sem qualquer relação de dependência política.

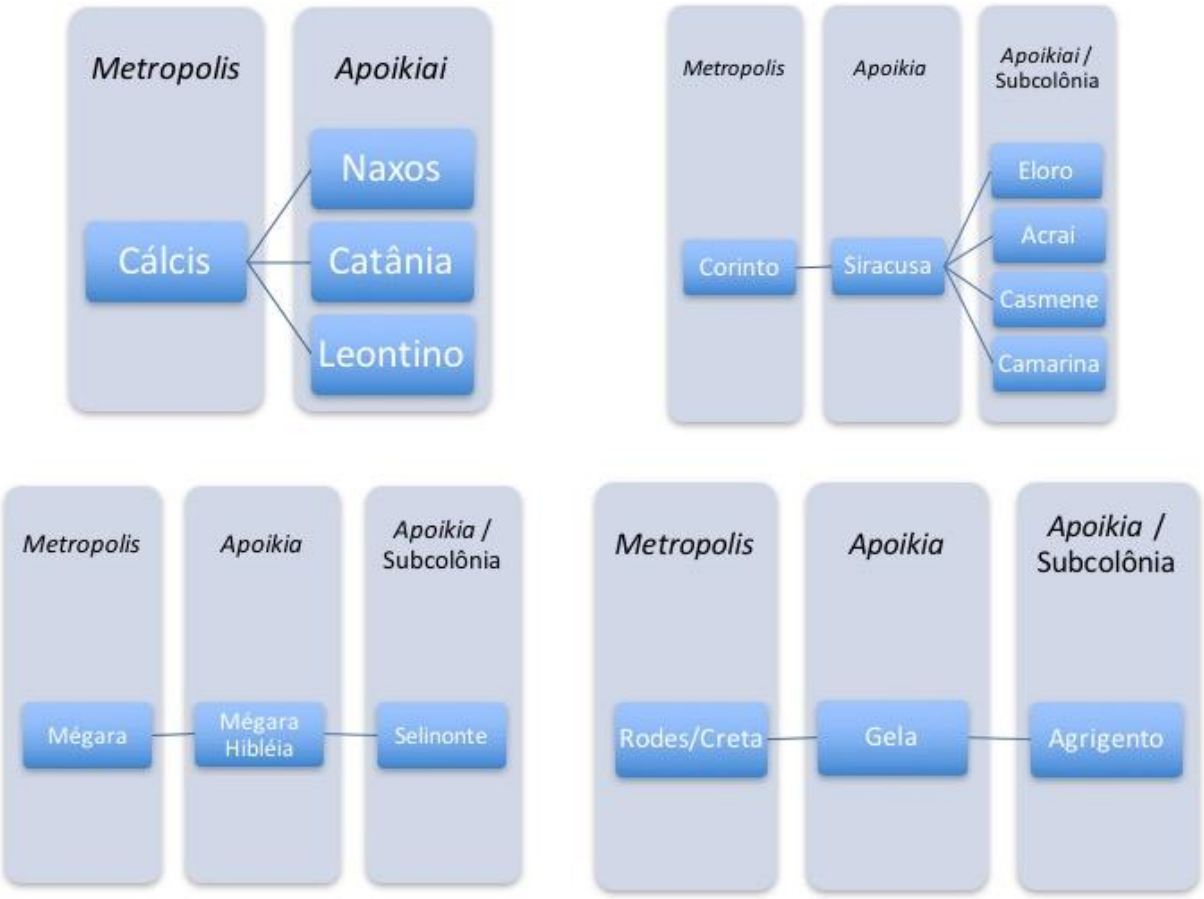



**Fig. 2 - Área de Estudo - fundações analisadas. Fonte: Autoria própria.**

A escolha dos locais para fundar as apoikias não se deu de forma aleatória, tampouco se pautava por vazios de ocupação no espaço geográfico da Sicília, antes o contrário. Como se verá nos capítulos que seguem as localidades escolhidas para fundar as cidades gregas na Sicília registram uma longa história de ocupações; buscamos ressaltar estas continuidades em nossa descrição das cidades.

Tradicionalmente os especialistas atribuem este palimpsesto de ocupações às vantagens estratégicas que as localidades ofereciam: boa ancoragem para embarcações, proximidade com rotas comerciais e amplas possibilidades de incremento da produção agrícola, posto que algumas porções do território da Sicília são particularmente férteis - uma das poucas benesses do vulcanismo na costa Leste - e irrigadas por cursos d'água abundantes o que, comparado à morfologia das

localizações das metrópoles gregas, com características distintas, ampliariam a produção de grãos e outros gêneros agricultáveis, fosse para consumo da população local ou para exportação.

Todas estas questões que buscam explicar o motivo pelo qual os gregos empreenderam a fundação de cidades em territórios estrangeiros estão inseridas em um debate mais amplo no contexto acadêmico: a colonização grega - ou migrações gregas, ou ainda movimentos de expansão dos gregos no Mediterrâneo.

Muito além dos problemas semânticos na nomenclatura deste processo de fundação de cidades que emerge no início do período Arcaico da história grega, especialistas enfrentam a necessidade de conceituar fenômenos e processos sociais do passado à luz de ideias e tendências culturais vivenciados no presente. Soma-se a isto a enorme tradição de traduções das fontes textuais da antiguidade e os vieses ideológicos presentes nos trabalhos de diversas gerações de estudiosos que se dedicaram aos estudos dos gregos da antiguidade.

Todo este quadro se interpõe na interpretação das fontes documentais, sejam elas textuais ou materiais e por vezes nos fazem observá-las imersos em premissas que podem, por vezes, obliterar seus significados e sentidos. E, sabidamente, ninguém pode escapar desta subjetividade.

A história da ciência não é feita apenas das investigações e apresentação de resultados, mas também da incessante busca por modelos teóricos e metodologias que propiciem o avanço do conhecimento a despeito da carga cultural dos investigadores e das subjetividades imanente de todos os indivíduos pesquisadores.

Neste sentido, este trabalho se insere em um contexto onde o debate a respeito dos conceitos e modelos teóricos sobre o processo que se convencionou nomear colonização grega se encontra em estado efervescente. Não seria

exagerado dizer que este é um dos temas mais importantes na área dos estudos clássicos atualmente.

No entanto não é este o objetivo principal deste estudo. Toda a problemática de base tangencia este quadro maior caracterizado pelas fundações gregas em diversas localidades para além da bacia do Egeu, porém focalizamos a investigação dos arranjos espaciais e das cidades que se originaram neste processo. A dispersão das áreas de culto nos territórios é entendida aqui como parte do processo de formação espacial das pólis gregas.

A proposta é investigar a cidade grega como uma coisa, um objeto: efetuar a análise dos espaços especializados por meio da observação do desenvolvimento das malhas urbanas, da disposição de edifícios cívicos, religiosos e monumentos na paisagem, a articulação das vias, a disposição dos quarteirões e o posicionamento de todas estas estruturas no território. Chamamos este processo de infra-estruturação urbanística e territorialização. Todos, articulados e observados em sua diacronia, configuram uma paisagem criada pela sociedade. Estas paisagens serão representadas cartograficamente por meio da obtenção de suas coordenadas geográficas, emprego de dados obtidos via sensoriamento remoto e subsequente análise espacial em softwares de geoprocessamento.

Empreendemos esforços para compor um universo de análise em linguagem cartográfica visando integrar a compreensão dos processos de arranjos da espacialidade em áreas urbanas com os visíveis esforços por obtenção de grandes extensões do território nas regiões adjacentes – a expansão da *khóra* – permitindo-nos problematizar a dissonante monumentalização em áreas da *ásty* e áreas da *khóra*.

Isto nos levou a busca de ferramentas de análise e métodos de interpretação que escapam do domínio cotidiano do arqueólogo – até o momento. O emprego destas ferramentas de análise demandou a realização de uma formação complementar na área de geoprocessamento e, ao longo deste processo, determinados limites da interpretação arqueológica dos espaços distribuídos e georreferenciados em bases cartográficas se evidenciou.

Por um lado, nós arqueólogos da antiguidade não dispomos de um banco de dados georreferenciados de todas as estruturas edificadas das cidades gregas distribuídas na região mediterrânica. Por outro lado, as coordenadas geográficas dos sítios disponibilizadas em trabalhos como "*An Inventory of Archaic and Classical Poleis*" (HANSEN; NIELSEN 2004) ou "*Lo spazio e la dimensione del sacro: santuari greci e território nella Sicilia arcaica*" (VERONESE 2006) não são consistentes em sua totalidade e/ou informam áreas do sítio que não correspondem a ocupação historicizada dos locais.

Dados previamente publicados por Francesca Veronese (2006) no seu levantamento sobre os espaços sagrados foram corrigidos[3] e incorporados nesta pesquisa abrangem a localização das áreas de culto das cidades gregas fundadas na Sicília. No entanto, as áreas de culto e a localização georreferenciada dos assentamentos das populações que habitavam a Sicília quando da chegada dos gregos não está disponível de forma georreferenciada, e apenas incorporar um arquivo de imagem com nomes e disposição dos locais no terreno sem efetuar a correlação exata com as ocupações gregas significa gerar um resultado sem acurácia e qualquer fiabilidade documental.

---

[3] A correção das coordenadas geográficas publicadas por Francesca Veronese foi efetuada com o emprego de ferramentas de sensoriamento remoto, cf. segue.

Para que se possa integrar as localizações exatas de determinados pontos distribuídos no espaço eles precisam ser uniformizados em um mesmo sistemas de coordenadas e padrão de projeção cartográfica. Este é um dos grandes desafios da pesquisa arqueológica nas próximas décadas: oferecer dados que possam ser analisados de forma conjugada sem uma distinção de cultura *a priori,* pois diferentes entidades culturais ocupavam áreas muito abrangentes e o conhecimento das dinâmicas da ocupação de populações diversas é fundamental para que possamos reinterpretar os processos que atuaram na gênese e no desenvovimento de sociedades antigas.

Mesmo diante da inconsistência de dados cartográficos sobre a ocupação grega frente a ocupação das populações anelênicas, persistimos na busca de instrumentos que nos permitissem problematizar a distribuição das cidades fundadas pelos gregos na Sicília cotejando a presença, a mobilidade compulsória dos anelênicos da costa para o interior e os diferentes processos de integração observáveis na dispersão de áreas de culto no território agriculturável. Realizamos a verificação das coordenadas publicadas com a interpretação de imagens satelitais e reconhecimento de determinados marcadores sensíveis a determinadas reflectâncias. É um processo interpretativo sofisticado, que requer certo nível de treinamento especializado no âmbito das disciplinas de monitoramento terrestre via sensores remotos.

Os resultados desta coleta e reclassificação de dados são explorados ao longo dos capítulos, onde são apresentadas as interpretações das localizações das cidades em termos de apropriação do ambiente físico e implicações das seleções das áreas que receberam investimentos de edificação de áreas de culto, sistemas viários, muros e portas e portos.

Do tratamento rigoroso das coordenadas das estruturas edificadas temos por consequência que todas as representações cartográficas apresentam a distribuição das feições de interesse em escala, ora aglutinando muitas feições em uma pequena área de visualização, ora apontando para uma dispersão irregular dos dados no terreno. É preciso reiterar desde aqui que os dados cartográficos produzidos e apresentados neste trabalho não são representações que podem ser ajustadas para uma visualização mais palatável, são dados matemáticos processados em softwares de geoprocessamento que nos permitem visualizar a distribuição das feições tal qual foram identificadas no terreno. A não confiabilidade destes dados impede a incorporação de outras localidades não georreferenciadas no universo de análise dos sítios.

O objetivo principal desta pesquisa é oferecer uma contribuição original sobre as interrelações entre a emergência da aristocracia vinculada às atividades agrícolas e comerciais no início do período Arcaico e a materialização de seus traços, ideias e tradições na infra-estruturação das cidades e práticas sociais empreendidas nestes espaços que atuavam como suportes da auto-representação destas elites na área mediterrânica.

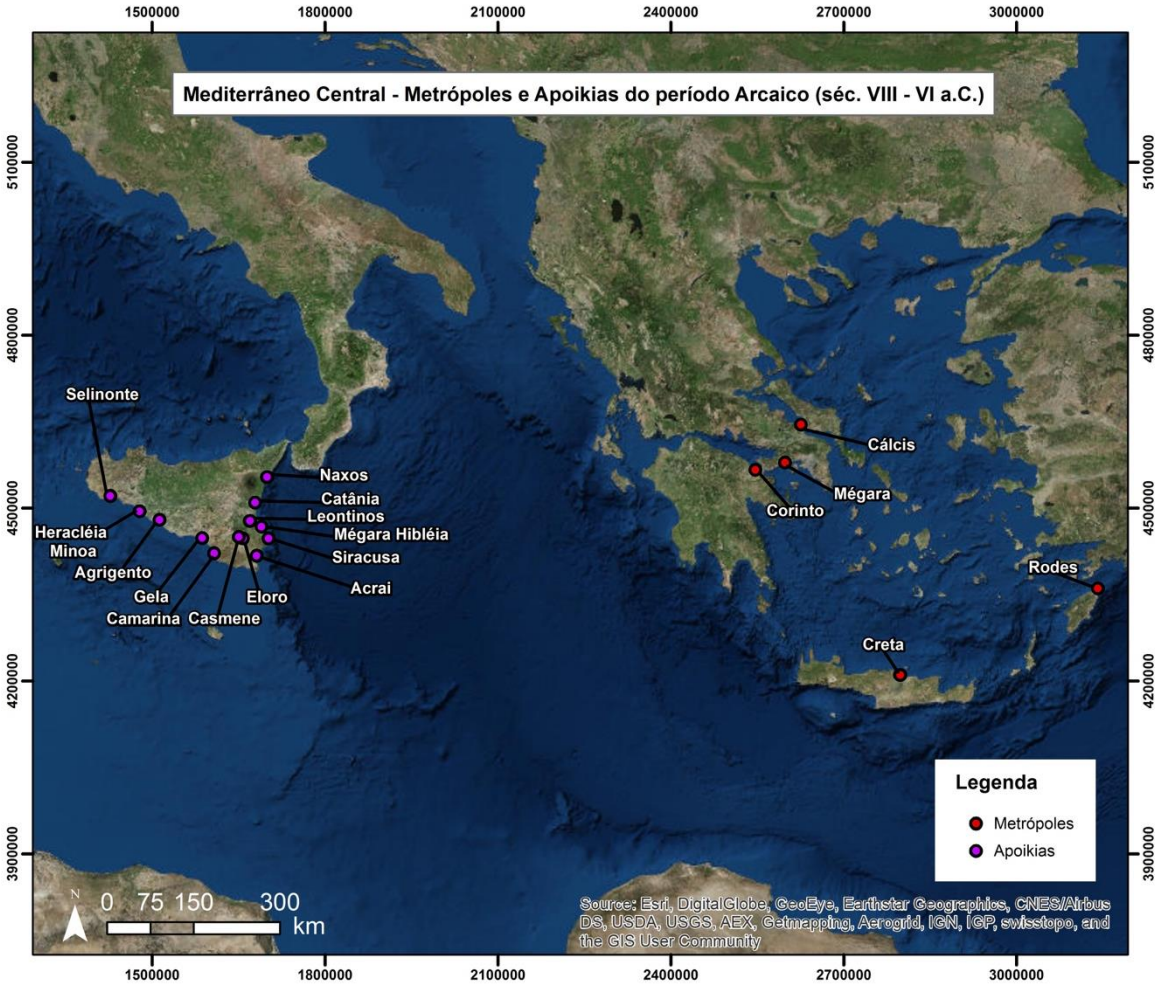
Para tanto, nosso recorte geográfico se restringirá ao Mediterrâneo Ocidental[4], mais especificamente as cidades fundadas na Sicília entre os anos 1000 e 600 a.C. mas, para efeito de observação das transmissões / apropriações de traços (o agenciamento), alcançará também suas respectivas metrópoles.

O recorte geográfico [Sicília] se justifica também porque há ali a pré-existência e pós-existência de identidades da própria ilha (uma geografia própria)

---

[4] Cf. supra, Cap. 1.

acessáveis na documentação textual que a qualifica como um grupo social próprio. Para efeito de interpretação da tese aqui apresentada, infere-se que este grupo possuía variabilidade e idiossincrasias que não podem ser desconsideradas.




**Mapa 1: Área de estudo e sítios analisados. Fonte: Autoria própria.**

Para tanto, o caminho de investigação percorreu a coleta, classificação e exame de traços indicativos da circulação de elites na área de estudo em época anterior e concomitante à formação da pólis, tanto no Egeu quanto nas “franjas” do Mediterrâneo, especialmente a Sicília, onde foram assentadas importantes fundações gregas de tipo apoikia nas primeiras décadas do século VIII a.C., processo simultâneo ao sinecismo de populações na Grécia Balcânica, tidos pelos especialistas como as etapas do processo de emergência da pólis. Assumimos,

portanto, que a experiência políade emergiu concomitantemente na área de origem das populações colonizadoras e nas áreas colonizadas.

Buscamos por meio da análise espacial das cidades e da análise das coisas contidas no plano urbanístico e arquitetônico elaborar uma tipologia dos traços e práticas que são recorrentes em cidades que emergiram em um mesmo processo social e político, que cronologicamente se estende até o final do período Arcaico (século VI a.C.). Tangenciamos uma questão de fundo: por que houve prevalência de sítios que se projetavam arquitetônica e paisagisticamente como cidades gregas?

Aportes teóricos e metodológicos da geografia foram buscados para alicerçar parte da nossa investigação, pois permitem “coisificar” a pólis grega em termos epistemológicos, posto que nos permite empreender um estudo científico de padrões espaciais. Procura-se identificar e explicar a localização e a distribuição de fenômenos físicos e humanos sobre a superfície da terra.

A geografia coloca ênfase na organização e no arranjo dos fenômenos e na extensão em que eles variam de lugar a lugar. Nenhuma outra disciplina tem a localização e a distribuição como seu principal foco de estudo. Parte-se do princípio que existe regularidade e uniformidade básica na localização e ocorrências dos fenômenos e que essa ordem pode ser identificada e explicada pela análise geográfica, pretendendo desenvolver uma compreensão dos princípios gerais que determinam a localização das características físicas e humanas (CLARK 1985: 18).

Partindo-se do princípio de que a sociabilidade é definida por uma determinada condição geográfica, entende-se que quando são operadas mudanças em um arranjo espacial altera-se também a sua sociedade. Assim, teríamos o seguinte esquema norteador deste trabalho: a) comunidade políade (consolidada ou

em processo de formação) > b) geografia produzida socialmente > c) *tópos* / *tópoi*= (lugar, terreno, área, país, território e região) pólis, morfologia urbana própria.

A pólis enquanto coisa material (HODDER, 2012) desconstruída em cada um dos seus entes (coisas que a compõe) permitirá identificar os elementos de sua materialidade distribuída em um arranjo espacial que possuía um atributo de permeabilidade no contexto de consumo das elites mediterrânicas e, por isso, teria sido apropriada em maior incidência por populações não-gregas, deixando como legado uma extensa área geográfica habitada por diversas etnias e culturas, porém marcada pela prevalência física de cidades que apresentam uma geograficidade grega.

No decorrer do seu desenvolvimento, a pólis foi sendo instrumentalizada com instituições – e respectivos aparatos materiais contidos na sua paisagem – mas, no seu princípio, a pólis se perfazia em um local delimitado e um conjunto de pessoas que nela viviam. A questão da participação política emerge da sua evolução e de questões bem circunscritas problematizadas no período Clássico, sobretudo em Atenas. No entanto, a pólis enquanto território e projeção de paisagem já existia no período Arcaico e foi responsável pela construção de um dos sentidos de helenidade, não por oposição ao estrangeiro, mas pela existência de uma geograficidade ôntica que fazia identificar quem eram os gregos por habitarem naqueles específicos arranjos espaciais.

Em nossas investigações foi possível observar que desde suas etapas germinativas, quando se desenrolava o processo de descentralização política do sistema palacial e a fragmentação deste poder nas mãos de lideranças regionais satélites dos palácios, a pólis tinha um forte elemento territorial em sua constituição. Muitas das noções espaciais daquele período de rearranjo sócio-politico foram

agenciadas pela elite e se fazem presentes na cosmologia grega materializada nas pólis.

Do ponto de vista da análise dos arranjos espaciais, nota-se que mesmo nas fundações onde foram documentadas participação de colonos de diferentes metrópoles o arranjo espacial e a seleção das formas construídas privilegia elementos que remetem a uma metrópole apenas, como por exemplo, Gela, fundada por uma coalização de ródios e cretenses, apresenta na sua materialidade elementos ródios, provenientes especialmente da região de Lindos, localidade contida na ilha.

Sorvinou-Inwood aponta que a pólis colocou a religião no centro da sua vida e a identidade da pólis foi forjada através dela, fazendo com que alguns templos se tornassem o símbolo de sua auto-definição, levando estas estruturas à monumentalização (1993: 11). Colocamos a seguinte questão: a pólis tem agência por si mesma, como ente pensante e criativo ou os grupos dominantes daquele tipo de sociedade é que realizavam a produção dos discursos de identidade e auto-definição materializados na cidade?

Acreditamos que a criação da identidade da pólis foi efetuada com a apropriação de elementos da esfera religiosa – que se diluem em múltiplos aspectos físicos do arranjo espacial da cidade – e que isto remete às práticas sociais de dissolução do poder entre diversas famílias que descendiam daqueles grupos que se apropriaram do poder sobre as atividades religiosas quando ocorreu a dissolução do sistema palacial. Arranjos sociais de longa duração permitiram a um grupo de famílias o monopólio sobre os ritos e as terras, elementos dessa cultura de transição se fazem presentes na estruturação institucional e física da pólis, seja no contexto

balcânico, seja no contexto colonial. Para nós, portanto, os sujeitos sociais chave deste processo pertencem a aristocracia grega.

A criação da identidade da pólis - que futuramente se confundirá com a própria ideia de grego antigo (CARTLEDGE, 2009) foi realizada com a apropriação da religião e subsequente monumentalização de templos, arranjos espaciais complexos de procissões, disposição não-aleatória de altares e locais de sacrifícios e oferendas e assim por diante. Tais iniciativas colocaram em marcha uma série de práticas sociais que davam coesão para aquelas sociedades. Tais práticas sociais implicaram na produção de outros elementos materiais que gradualmente comporiam não apenas a morfologia da pólis, mas também a ideia que se tem sobre ela a partir da apreensão da sua geograficidade ôntica (MARTINS 2007; MOREIRA 2013).

Essa geograficidade ôntica, por sua vez, assumiu formas pervasivas e permeáveis, sendo consumida por populações não-gregas em uma ampla rede de continuidades e significações e ressignificações operadas na longa-duração e em vastas áreas geográficas. Entendemos que o grande alcance regional desta forma de organização reside no papel que as aristocracias tiveram no seu desenvolvimento e reprodução em diferentes contextos, fruto da mobilidade deste grupo social.

Não acreditamos ser coincidência que o século VIII a.C. assistiu a emergência da pólis, o surgimento do templo como sua expressão monumental, o aumento da importância das oferendas e sacrifícios na vida cívica e a própria importância que a esfera religiosa assumiu nas atividades da sociedade (SNODGRASS 1980). Tais processos possuem correlação com aqueles observados nas áreas de expansão de populações gregas, com diferenças estratégicas, porém explicáveis diante dos imperativos das trocas culturais com populações não-gregas.

Vallet (1968) já tinha contextualizado a cronologia das construções dos santuários do Ocidente grego e observado sua sincronicidade com os estabelecidos na Grécia balcânica. Nos faltava um quadro que explicasse as variações dentro das recorrências do modelo, variações estas perceptíveis quando se busca observar a dinâmica das práticas sociais e os sujeitos destes processos.

A contribuição de De Polignac (1984) é também significativa aqui. Para além da investigação dos espaços religiosos da pólis, avançou na compreensão dos papéis desempenhados pelos santuários, especialmente aqueles extraurbanos, nos processos de definição de fronteiras da pólis e mecanismos de integração da comunidade cívica por meio dos ritos. Para este autor, o culto e o estabelecimento de santuários foram cruciais no processo de formação da pólis, especialmente no que diz respeito à formação de um sentido de comunidade cidadã. Este trabalho incorpora algumas dessas prerrogativas e verticaliza a observação das práticas sociais enunciadas na materialidade das pólis.

Mais recentemente, Scheid e De Polignac (2010) asseveraram que as noções de espaço e paisagem, como nós entendemos, não tem equivalente direto nas sociedades antigas. Nossas representações é que permitem colocar questões sobre a existência e funcionamento de uma paisagem religiosa. Nem por isso não é fértil nos perguntarmos sobre o papel das paisagens religiosas nos processos de fundação de cidades e colônias (2010: 427).

Os autores perseguem a questão das funções das paisagens religiosas e míticas nos locais onde os gregos estabeleceram fundações. E apontam que, a partir dos anos 1980, conceitos de margem e limites de bipolaridade centro-periferia se generalizaram nos estudos do mundo antigo, embora tenham enveredado por interpretações rígidas dos espaços religiosos (2010: 428).

Para os autores, Vallet não foi o primeiro, mas certamente contribuiu para que as noções de que os locais de culto fossem interpretadas numa relação intramuros e extramuros das cidades, “difundindo um ranking dos santuários em santuários urbanos, suburbanos e extraurbanos” (2010: 429). Contudo, a análise arqueológica – que tem feito grande uso dos padrões de assentamento – pode mover o ângulo de observação das redes regionais de um grande santuário em determinado espaço quando este adquiria o papel de “lugar central”. Depois de muitas décadas tendo sido dominado pelos campos dos arquitetos e historiadores da arte, os santuários como objetos de estudos de historiadores da religião e antropólogos sociais fazem emergir contextos de práticas sociais mais complexas, conectadas e dinâmicas, observáveis “em sua materialidade visível e metaforicamente como o espectro de identidades múltiplas...”. E acrescentam:

> “La notion de paysage religieux naît de la constatation que le culte et les rites n’existent qu’en tant qu’ils sont ancrés dans l’espace, que ce soit de manière stable ou provisoire. Les temples, les sanctuaires, forment l’armature religieuse d’un territoire (de la même manière que les géographes parlent d’armature urbaine). Le paysage religieux procède ainsi d’une lecture symbolique de l’espace qui s’appuie elle-même sur les acquis de trente années de recherches en anthropologie religieuse”. (2010: 431).

Os autores defendem que a paisagem religiosa não deve ser entendida como formas imutáveis. Para além da concepção naturalista de culto – que opera as associações entre locais de cultos com “lugares altos”, picos, cavernas, nascentes... – a maioria dos locais são escolhidos, fundados por um grupo social particular ou por uma autoridade política, motivados por mudanças políticas e culturais e também pelo desejo de induzir o deslocamento de culto (2010: 432 - 433). Destacam, sobretudo,

a necessidade de considerar o fato religioso, a longo prazo, através da categoria de espaço (2010: 434), noção que nos é muito cara para a consecução deste trabalho.

No capítulo 1 - *Modelos teóricos, definição do objeto e metodologia de análise* conjugamos o "estado da arte" sobre os estudos de colonização grega com um debate sobre os possíveis encaminhamentos das pesquisas arqueológicas nesta área e, ao longo do debate enunciamos os modelos que julgamos adequados para desenvolver nossas análises.

No capítulo 2 - *Análise dos dados Intrasítio*, descrevemos os aspectos que julgamos válidos acessar para identificar o histórico de ocupações do assentamento onde os gregos implantaram suas cidades e ainda uma avaliação dos aspectos topográficos que determinaram certas escolhas na apropriação territorial.

No capítulo 3 - *Análise de dados Intersítio*, examinamos as estratégias de territorialização com a infra-estruturação sacra no território.

No capítulo 4 - *As cidades, a aristocracia e a identidade grega*, discute os aspectos visíveis na materialidade que permitem inferir a agência da aristocracia na infraestruturação dos arranjos espaciais da cidade grega.

Nas considerações finais realizamos uma reflexão sobre as principais questões colocadas por este trabalho, resultados e futuros encaminhamentos.

# CAPÍTULO 1 – MODELOS TEÓRICOS, DEFINIÇÃO DO OBJETO E METODOLOGIA DE ANÁLISE

## 1.1 O espaço e os homens

> "A ligação íntima de homem e casa se mostra não somente no fato de que o homem consegue imprimir em seu espaço de habitação o caráter próprio de ser, e vice-versa, aquele retroage sobre este, mas com igual teor uma vez que ele, em sua essência, é determinado por seu espaço circundante, e seu ser se transforma de acordo com a natureza de tal espaço. […] Essa ligação significa não somente que o espaço age modificando o homem, pois isso seguiria sendo uma ação recíproca entre duas coisas antes separadas. **Significa, pois, que somente na unidade com o espaço concreto o homem ganha uma certa essência. Ele não a tem "em si" e separada de algum espaço, mas somente a adquire no espaço concreto.** Isso vale de modo especial se o homem se encontra dentro ou fora da casa […] **a condição para que o homem se funda com o seu espaço, que ele mesmo seja admitido no espaço, por ele compreendido e nele mantido**… as mesmas relações também tem efeito para as diversas outras formas do espaço próprio delimitado, para as quais nós tomamos representativamente a casa apenas como exemplo mais simples. **Em escala ampliada, vale correspondentemente para o espaço da pátria e para o espaço do estrangeiro e as variadas formas, como os maiores (e então mais coletivos) territórios próprios se delimitam contra espaços estranhos**"
> (BOLLNOW 2008: 311-312)

### 1.1.1 *Tópos*. O espaço como recipiente

Uma das primeiras tentativas de estabelecer uma definição para espaço se deu na própria antiguidade grega. Aristoteles, não tendo sido o primeiro, arguiu, não

sem dificuldades como o próprio expressou, sobre o *tópos*[5], tendo concluído que este é: “o limite imóvel mais interno e que imediatamente envolve o que está contido naquele lugar” (*FÍS*., IV, 4, 212 a 215).

Desta feita, o espaço é algo que contém e que não se mistura com os corpos mas se define pela presença de corpos. Não sendo um ente, é um elemento da cognição que permite as relações entre os entes nele contidos. O *topos* se define imediatamente por conter aquilo do que é lugar, não é nada que forme parte do ser contido, não é maior nem menor que ele (*FÍS*., IV, 4, 210 - 220). Logo, o espaço é aquilo que imediatamente contém o ente contido e não faz parte do contido; pode ser deixado pelo que é contido nele e dele é separável.

De modo sucinto, na concepção aristotélica de espaço é essencial que seja oco, cercado por fora e preenchido em si, ou seja, não se concebe um espaço vazio. Este espaço "não alcança para além das coisas que o preenchem" (BOLLNOW 2008: 31).

Evora (2006) em um estudo sobre o papel físico do *tópos* na teoria aristotélica do movimento, adverte que não há um único uso do termo *topos* em todas as obras de Aristóteles e, no entanto, a definição de topos traduzida por espaço e/ou lugar presente no livro IV da Física tornou-se canônica (2006: 288).

Também na antiguidade foi teorizada a concepção de espaço como recipiente que contém os objetos materiais. A concepção, com tênues variações, foi

---

[5] Ao longo da digressão sobre o *tópos* na Física, topos pode ser entendido como *locus* ou *spatium*, local ou campo. Na filosofia ocidental os comentadores assumem este como o espaço. Na física moderna a palavra espaço é dotada de um sentido mais geométrico e abstrato, mais próximo do termo *kenón*, também estudado nos capítulos 6-9 da Física de Aristóteles. Mas é importante destacar que o *tópos* não é tido por Aristóteles como um espaço geral, mas sim um concreto relacional, o que fez com que muitos tradutores optassem por traduzir por ‘lugar’.

compartilhada por Demócrito, Epicuro, Lucrécio Caro e os estoicos, especialmente Zenão (*DIOG. L*, VII, 140).

No Renascimento, esta perspectiva ganhou novo fôlego, com Telésio, com a formulação de que o espaço pode ser o receptáculo de qualquer coisa, estando as coisas dentro dele, acolhendo todas as coisas que se sucedem nele, sendo tão grande quanto as coisas que nele acham lugar; sendo, portanto, infinito e incorpóreo (*De ter. Nat*, I, 25). Perspectiva semelhante se vê em Giordano Bruno, que defendia a infinidade do espaço (*De l'infinito, universo e mondi, I*); perpassou os estudos de Isaac Newton e foi "assumida ou pressuposta" (ABBAGNANO, 2007, p. 361) até Albert Einstein.

Ao longo da história foram formuladas diversas teorizações a respeito do que é e como se caracteriza o espaço. Não é nosso propósito determo-nos nas minúcias deste conceito, entretanto é preciso pontuar que a noção de espaço aristotélico prevaleceu na antiguidade e foi aceita durante o medievo, mesmo pelos adversários de Aristóteles, tendo permanecido no pensamento filosófico posterior, tendo chegado até Heidegger, que a defendeu com "energia e lucidez" (ABBAGNANO 2007: 349).

As definições de espaço-continente são importantes para que possamos ter uma apreensão conjunta das relações entre as coisas, permitindo-nos compreender o fenômeno do lugar e da interioridade.

## 1.2 O espaço matemático, o espaço vivenciado

Quando falamos de espaço de modo irrefletido, costumamos evocar nossa percepção do estado matemático, mensurável, tridimensional. Este espaço

vivenciado no cotidiano, é basicamente o espaço euclidiano no qual são lançados eixos ortogonais; possui homogeneidade e portanto, nenhum ponto se diferencia do outro e não tem um centro natural de coordenadas, pois uma simples mudança de coordenadas define qualquer ponto como centro. É contínuo e uniforme, e assim se estende até o infinito.

Já o espaço vivenciado adquire outras conotações. Imediações e locais são distinguidas qualitativamente, sobre relações construídas e tendo por referencial o local onde o homem vivencia o espaço. As transições não são apenas fluidas, pois nele existem fronteiras, o que faz emergir descontinuidades. Inicialmente é dado como fechado, finito, diferentemente do espaço matemático. E por fim, não é um domínio neutro com respeito a valores. “Por meio de relações vitais, mostra-se para o homem mais um fator estimulante do que repressor. Apoiando como tolhendo, ele é o campo do comportamento da vida humana" (BOLLNOW 2008: 15 - 16).

A denominação espaço vivenciado é entendida como “experiência do espaço”, enquanto espaço vivido "tem preferência quando expressa que não se trata de nada psíquico, mas próprio do espaço, uma vez que o homem nele vive e com ele vive. Trata-se do espaço como meio da vida humana" (idem: 16).

## 1.3 A formação espacial

A formação espacial é um conceito de totalidade que auxilia o investigador em sua tarefa de analisar as formas de organização das sociedades em diferentes épocas históricas. Entende-se por arranjo espacial uma estrutura de objetos espaciais, uma localização-distribuição organizada de objetos espaciais, uma

totalidade de objetos estruturada de forma espacial. Daí seu caráter descritivo e analítico ao mesmo tempo (MOREIRA 2013: 75).

A presença de determinados objetos sociais sugere revelações sobre o grau de desenvolvimento do homem com seu meio físico, porque estas refletem o estágio de desenvolvimento das forças produtivas e da cultura que ali se desenvolve, logo, o significado dos objetos sociais na dinâmica do espaço somente pode ser apreendidos uma vez que sejam distinguidas as relações sociais que originam e comandam a formação social (MOREIRA 2013: 63). Disto decorre que a análise singular destes objetos, destituídos da sua totalidade social, perdem seu significado, portanto o arranjo social pode e deve ser transformado, segundo Moreira (2013) em “uma categoria de análise, de fundamental valor para a análise do espaço" e acrescenta: “O importante é que sempre se tenha em vista a necessária relação entre o arranjo espacial e o contexto social de que faz parte”. (2013: 63).

No estudo dos padrões espaciais, a geografia procura identificar e explicar a localização e a distribuição dos fenômenos físicos e humanos sobre a superfície da Terra. A ênfase é colocada sobre a organização e o arranjo dos fenômenos e sobre a extensão em que eles variam de lugar a lugar. Parte-se do princípio que existe regularidade e uniformidade básica na localização e ocorrência de fenômenos e que essa ordem pode ser identificada pela análise geográfica.

A produção social do espaço se dá no processo de intervenção da natureza pelo homem para obtenção dos recursos que ele necessita. Transformando o meio natural, o homem transforma a si mesmo pois a transformação do meio é uma realização que necessariamente dependente do trabalho social, isto é, depende da ação organizada dos homens em coletividade.

Portanto, o trabalho social é o agente transformador do homem de um ser animal em um ser social (ENGELS 1978). Consequentemente, a formação espacial "deriva de um duplo conjunto de interações que existem de forma necessariamente articulada: a) o conjunto de interações homem-meio; e b) o conjunto de interações homem-homem. Tais interações ocorrem simultânea e articuladamente, sendo, na verdade, duas faces de um mesmo processo" (MOREIRA 2013: 65).

Para realizar a produção de bens para subsistência (ou acumulação), os homens precisam empregar forças produtivas complexas, o que implica em divisão social do trabalho; trabalho social, portanto. Este impõe o travamento de relações entre os homens que se reúnem para produzir, para definir o que produzir e decidir como se dá a distribuição da produção do que é produzido. Resultam destes processos relações sociais, e todas estas relações estão alocadas na base estrutural das formações espaciais que se sucederam no tempo, não apenas no capitalismo. Pensemos por exemplo no consumo conspícuo[6], observável em diversas sociedades caracterizadas pela estratificação social.

---

[6] O conceito de **consumo conspícuo** foi estabelecido pelo economista norte-americano Thorstein Veblen (1857-1929), em sua obra *A Teoria da Classe Ociosa*, publicada em 1899, para referir-se ao *dispêndio feito com a finalidade precípua de demonstração de condição social*. Na esteira da busca do entendimento das interações entre espaço, sociedade, relações de poder, alguns autores, como o arqueólogo Bruce Trigger (1990) defendem o pressuposto de que, nas construções monumentais, ou seja, naquelas que excedem tanto em *escala* quanto em *qualidade de construção* as necessidades funcionais de um edifício, atesta-se o chamado *consumo conspícuo*, um comportamento que integra as estratégias de afirmação do poder em sociedades estratificadas. O principal pressuposto que embasa esta interpretação é a constatação de que, nas sociedades humanas, o controle de energia constitui "a mais fundamental e universalmente reconhecida medida de controle de poder e daí decorre que "o mais básico meio pelo qual o poder pode ser simbolicamente reforçado é através do *consumo conspícuo* de energia" (1990: 128)". Para Trigger, o consumo conspícuo amplia uma perspectiva materialista do comportamento humano ao incorporar "vários aspectos significantes dos componentes ideacionais deste comportamento que aparecem no registro arqueológico" (Idem: 132). Naturalmente, a arquitetura monumental é uma forma de alta visibilidade e durabilidade a comunicar este tipo específico de consumo "extraordinário" associando-o a um governante ou a uma camada hegemônica detentora do poder. São edificações que testemunham como esses detentores do poder conseguem dispor de habilidosos artesãos, uma grande monta de recursos materiais e massivas quantidades de trabalho para realizar estas obras. O princípio do *consumo conspícuo* seria, pois, a contrapartida oposta a outro comportamento muito observado nas sociedades humanas, o princípio do *menor esforço,* ou seja, o recurso a um gasto maior de energia no tempo curto para reduzir o dispêndio de energia no tempo longo.

Por estas razões, a geografia pode ser definida como "a ciência da análise das formas espaciais que transformam as relações homem-meio e homem-homem numa dada formação econômico-social" (MOREIRA 2013: 66).

## 1.4 Arranjos espaciais superestruturais

Sendo a estrutura da formação espacial a própria estrutura da formação econômico-social, é fundamental compreender aquilo que se revela na paisagem dos espaços sociais: a desigualdade e as estruturas de poder nelas materializadas.

Espaços são dotados de caráter regulatório. Lembremos Foucault que adverte: “se quisermos perceber os mecanismos de poder na sua complexidade e nos seus detalhes, não poderemos nos ater unicamente à análise dos aparelhos do Estado" (FOUCAULT 1979: 160).

Tomando por referencial as noções de aparelhos repressivos e aparelhos ideológicos de Estado, podemos depreender arranjos espaciais jurídico-políticos e arranjos espaciais ideológico-culturais em termos de paisagem.

Alguns arranjos espaciais buscam prover extensões territoriais para a finalidade de produção em larga escala e remessa dos produtos para suas metrópoles, como por exemplo nas capitanias hereditárias do período colonial da América Portuguesa ou mesmo o ordenamento espacial dos vice-reinos da América Espanhola, ambos na Época Moderna, constituiriam arranjos jurídico-políticos.

Diferentemente, o arranjo espacial ideológico contém espaços específicos que prescrevem, segundo a ideologia dominante, as noções de mundo e hierarquia. Valores assimilados pela sociedade como a família, a igreja e as prisões

exemplificam este tipo de arranjo. Para Moreira (2013) “Tais noções seguem uma escala de espaço que vai do mais específico ao mais geral, como: o espaço familiar, seguido do espaço do Estado-nação e encimado pelo espaço cósmico […] o arranjo espacial ideológico-cultural se organiza em função da noção de pátria, que, numa hierarquia de discurso ideológico, vai do bairrismo ao nacionalismo" (2013: 14 - 15).

Percebe-se pelo vocabulário e exemplos citados que estes autores estão pensando, sobretudo, nos arranjos espaciais contemporâneos. Todavia, os mesmos arranjos podem ser identificados nas sociedades antigas. Como supracitado, a formação espacial é um conceito de totalidade que pode ajudar o investigador na tarefa de analisar as formas de organização das sociedades em diferentes tempos históricos.

De modo mais circunscrito, temos os contributos teóricos da geografia urbana. É um ramo da geografia que se concentra sobre a localização e os arranjos espaciais das cidades. Objetiva acrescentar uma dimensão espacial à nossa compreensão dos lugares e dos desafios da implantação urbana, buscando identificar e explicar a distribuição de cidades, as semelhanças e contrastes que ocorrem dentro e entre elas, visando analisar padrões urbanos, distribuições e arranjos internos das cidades ao longo do tempo.

De acordo com David Clark (1985) “nessa ótica, a análise geográfica simultaneamente suplementa e complementa os ensinamentos fornecidos pelas disciplinas aliadas das ciências sociais e ambientais que reconhecem a cidade como sendo um objeto específico de estudo”.

Cidades são compostas por múltiplos elementos integrantes de um modo particular de arranjo no espaço. Possuem uma organização interna, espaços de produção, espaços de convívio, regras de circulação, integração e interdição de

pessoas e objetos e, não menos importante, pessoas. Habitantes, independentemente de um estatuto jurídico, imprimem suas necessidades, criatividade, possibilidades, transmitem ideias e comungam de um cosmos[7].

Cidades podem atuar como propiciadoras do ambiente urbano, que na definição de Beaujeu-Garnier "…exerce influência nos seus habitantes, pode transformá-los, pouco a pouco, pelas suas exigências (alimentação, matéria-prima, comércio) desempenhando papel importante nas atividades internas e periféricas pelo seu próprio poder; favorece, difunde ou bloqueia diversos impulsos vindos do exterior. Se o homem utiliza e molda a cidade, a recíproca é igualmente verdadeira (1980: 22).

A morfologia urbana, em seus aspectos de origem e desenvolvimento podem ser analisados por meio de arranjos espaciais, modelos de planificação ou pelas formas dos ambientes construídos, onde diversos níveis de significados estão inscritos (RAPOPORT, 1982; 1990; PARKER PEARSON & RICHARDS, 1994). Tais elementos se encadeiam num processo que tem início na seletividade, a este respeito, Moreira (1997) aponta que:

> A organização espacial da sociedade começa pela seletividade. Espécie de ponte entre a história natural e história social do meio, a seletividade é o processo de eleição do lugar e do (s) respectivo (s) recurso (s) que inicia a montagem da estrutura espacial das sociedades. A seletividade é uma expressão direta e combinada dos princípios de localização e da distribuição. Por meio da localização, elege-se a melhor possibilidade de fixação locacional das espécies de plantas e animais triadas pela seletividade. Por meio da distribuição, elege-se a configuração de lugares que melhor diversifique este

---

[7] (gr. KÓOLIOÇ). O mundo enquanto ordem (cf. PLATÃO, *Górg.*, 508 a; ARISTÓTELES, *Met*, I, 3, 984 b 16). Segundo Diógenes Laércio, os pitagóricos foram os primeiros a chamarem o mundo de Cosmos; mas ele mesmo nota que isso era atribuído a Parmênides por Teofrasto e a Hesíodo por Zenão (DIÓG. L, VIII, 48). Essa palavra é usada indiferentemente em lugar de "mundo" e sua noção constitui uma das interpretações fundamentais da noção de mundo. In: *Dicionário de Filosofia* (ABBAGNANO 2007).

> espaço (2001: 21). [No decurso do processo de seletividade] ‘a sociedade se ambientaliza, se territorializa e assim se enraíza culturalmente’ (MOREIRA 1997 apud Moreira 2001: 21).

No decorrer dos processos que criam os arranjos espaciais ocorrem os recortes de espaço. Ele tem origem na transformação das localizações em extensão pela distribuição no processo de seletividade. Este processo dá origem ao território, definido como o recorde de domínio do espaço dentro de uma extensão.

Na sua origem, o território se funda sob princípios materiais e simbólicos. Possui um sentido de dominação jurídico-política da terra, ao mesmo passo que, para aqueles que ficam alijados desta, há o sentido de dominação por exclusão - aqueles que são impedidos de entrar e/ou usufruir. Por extensão, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território assume sentido positivo e, por conseguinte, de apropriação (CUSTODIO 2012: 12).

Para Lefebvre (1986) o território está intimamente associado à ideia de poder. Não apenas o poder político no sentido concreto de posse, mas também no sentido simbólico, de apropriação. O autor apresenta um quadro conceitual que distingue a apropriação, que atua no nível simbólico, e que possui marcas do “vivido”, do valor de uso, e da dominação, mais concreta, funcional e vinculada ao fator de troca:

> “O uso reaparece em acentuado conflito com a troca no espaço, pois ele implica “apropriação” e não “propriedade”. Ora, a própria apropriação implica tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. Tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos “agentes” que o manipulam tornando-o unifuncional, menos ele se presta à apropriação. Por quê? Porque ele se coloca fora do tempo vivido, aquele dos usuários, tempo diverso e complexo”. (LEFEBVRE 1986: 411- 412).

Segundo Lefebvre, dominação e apropriação deveriam caminhar juntas, ou melhor, a segunda deveria prevalecer sobre a primeira. Para este autor o território é um espaço-processo, um espaço socialmente construído, um "espaço feito território" através dos processos por ele denominados de apropriação (que começa pela apropriação da própria natureza) e dominação (os processos sociais ali desenvolvidos).

Assim, o território e os processos de territorialização devem ser distinguidos através dos sujeitos que efetivamente exercem poder, que controlam os espaços e consequentemente os processos sociais que os compõem; são enfatizadas, portanto, as relações sociais enquanto relações de poder.

Nesta mesma perspectiva o geógrafo Claude Raffestin estabelece a distinção entre espaço e território. Para este autor, o espaço geográfico é um substrato onde o território é criado, o que lhe permite propor uma definição que acentua o caráter político do território:

> "É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator "territorializa" o espaço". (RAFFESTIN 1993: 143).

Assim, o território constitui um espaço que resulta das ações sociais, medido e marcado pela projeção do trabalho humano com suas linhas, limites, fronteiras, construções e modificações do meio. Neste sentido o território é:

> "[...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder (...) o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações

> que envolve, se inscreve num campo de poder" (RAFFESTIN 1993: 144).

Nesta perspectiva, para a compreensão do território faz-se necessário enfatizar o poder exercido por pessoas ou grupos[8]. Poder e território, embora autônomos, terão de ser enfocados conjuntamente para a compreensão do território. Este poder é relacional, pois está arraigado em todas as relações sociais.

São muitas as formas de domínio de território e relações territoriais na história. Ao fixar, inscrever e organizar a circunscrição de domínio, ocorre a formalização do território, onde são injetados conteúdos simbólicos de poder que o incorpora como sistema de domínio e hegemonia sobre um universo de população definido. Por estes motivos, o território é sempre uma dimensão do espaço político (MOREIRA: 1999).

O homem habita o espaço. No entanto, isso não tem um sentido concreto, em primeira instância. O espaço é algo que o homem pode ter ou não ter, independentemente do fato de que, em termos gerais, ele estar contido num espaço. A questão fundamental aqui é a percepção de abrigo. "Este espaço que o homem tem de um modo inicialmente indeterminado é anterior ao espaço que ele ocupa em determinado local, e com ele, somente, chegamos à verdadeira base da espacialidade humana" (BOLLNOW 2008: 300).

O espaço próprio é aquele que não priva o homem de movimento. A permanente ameaça de capacidade de movimento no espaço se dá por perturbações externas, invasão pelos terceiros, e até mesmo pelas intempéries. Isto leva o homem a criar mecanismos de defesa daquilo que ele entende como sendo

---

[8] A explicitação dos grupos sociais que serão objeto de observação neste trabalho será apresentada nas páginas seguintes.

seu espaço. Constrói-se o abrigo, os muros, cercas, de modo que se possa, ao menos no âmbito intencional, interceptar o que não convém. “O espaço aberto torna-se propriedade, delimitado" (BOLLNOW 2008: 301).

Assim, cria-se o espaço que pertence ao homem de modo exclusivo, que ele percebe como concreto, limitado e delimitado, que ele chama de seu. “Diante disso, impõe-se a tarefa de uma “apropriação" i.é. uma referenciação do espaço possuído na vida, e mostra-se o perigo do modo de expressão que tomou esse ter como simples possuir, pois pode ser facilmente tomado num modo assim exteriorizado” (BOLLNOW 2008: 302). Este é o espaço do habitar, melhor observável sob a perspectiva fenomenológica.

## 1.5 Fenomenologia e espaço

Como vimos anteriormente, o espaço, de modo geral, é compreendido inconscientemente de modo cartesiano e material, não como um elemento da cognição. Ele é criado, objetificado e subjetificado. Logo, o espaço criado pelos homens diz muito sobre o homem que o cria. Retomemos estes aspectos.

A fenomenologia é a descrição das coisas que aparecem, ou tem como objetivo essa descrição. Hegel denominava “fenomenologia do espírito" como a história romanceada da consciência que, desde as primeiras aparências sensíveis, consegue aparecer para si mesma em sua verdadeira natureza, como Consciência Infinita ou Universal, identificando, portanto, a fenomenologia como o “devir da ciência ou do saber”.

Também foi denominada como descrição da aparência psíquica, preliminar à explicação dos fatos psíquicos, tendo sido essa acepção dominante na cultura

filosófica alemã da segunda metade do século XIX e nos primeiros anos do século XX.

Foi Husserl, no entanto, em *Investigações Lógicas* que se preocupou em eliminar a confusão entre psicologia e fenomenologia. Propõe que esta é uma ciência de dados de fato, os fenômenos que ela considera são acontecimentos reais que, juntamente com os sujeitos a que pertencem, inserem-se no mundo espaço-temporal. A fenomenologia que ele chama de “pura" é uma ciência e essências, portanto “eidética”, onde os fenômenos psicológicos são expurgados de suas características reais ou empíricas e levados para o plano da generalidade essencial.

Com base na investigação fenomenológica, Nicolai Hartmann fundou seu realismo metafísico, o mesmo foi feito por Scheler para analisar as emoções. Resultam em diversas correntes, como a racionalista de Merleau-Ponty e a empirista de Heidegger:

> “...a palavra fenomenologia significa antes de mais nada um conceito de método. Ela não caracteriza a consciência de fato do objeto da indagação filosófica, mas seu como…Esse termo expressa um problema que poderia ser assim formulado: às coisas mesmas! - Por oposição às construções soltas no ar e aos achados casuais; em oposição à admissão de conceitos apenas aparentemente verificados e aos falsos problemas que se impõem de geração em geração como problemas verdadeiros”. (HEIDEGGER 1988: §7°).

A fenomenologia de Heidegger não se reduz à metodologia, já que serve à compreensão do ele chama de ontologia fundamental: a busca do ser dos entes. Para ele, o fenômeno tem no seu significado originário como o que se revela, que sustenta e fundamenta o anterior significado:

> "O *fenômeno,* mostra-se em si mesmo, significa um modo privilegiado de encontro. *Manifestação,* ao contrário, indica no próprio ente uma remissão referencial, de tal maneira que o referente (o que anuncia) só pode satisfazer a sua possível função de referência se for um "fenômeno", ou seja, caso se

> mostre em si mesmo. Manifestação e aparência se fundam, de maneira diferente, no fenômeno. Essa multiplicidade confusa dos "fenômenos" que se apresenta nas palavras fenômeno, aparência, aparecer, parecer, manifestação, mera manifestação, só pode deixar de nos confundir quando se tiver compreendido, desde de o princípio, o conceito de fenômeno: o que se mostra em si mesmo" (HEIDEGGER 1988: §7°).

A fenomenologia é entendida da mesma maneira por Sartre e Merleau-Ponty. A formulação fenomenológica da filosofia não implica, portanto, em uma redução da existência à aparência. Por outro lado, tampouco implica em eliminação da diferença entre parecer e ser, embora o dualismo seja clarificado.

A questão do espaço vivenciado foi perseguida com afinco na psicologia dos anos 1930, em ligação estreita com as pesquisas simultâneas sobre o tempo e, em grande medida, graças aos impulsos originados pelo trabalho de Heidegger. No entanto, essas abordagens não atingiram o seio da filosofia. “Diante do tempo, que diz respeito ao homem no seu núcleo mais íntimo, o espaço parecia filosoficamente menos frutífero, por aparentemente pertencer apenas às circunstâncias externas de vida do homem" (BOLLNOW 2008: 12).

Somente na segunda metade do século XX é que a questão do espaço vivenciado, o espaço das experiências humanas, passou a ocupar um lugar de maior destaque dentre os estudos das ciências sociais. Em 1954 um grupo de trabalho reuniu em um anuário, “*Situation*[9]" - *Beitrage zur phanomenologischen Psychologie und Psychopathologie*, uma série de trabalhos a respeito da estrutura do espaço concretamente vivenciado, sob a perspectiva fenomenológico-psicólogica. Bachelar, depois de realizar diversos estudos e publicações, desenvolveu uma “poética do

---

[9] “*Situation" - Beitrage zur phanomenologischen Psychologie und Psychopathologie*. Utrecht, Antuérpia, 1954.

espaço" sistemática[10]. Neste ínterim, a questão da constituição espacial da existência humana avança para uma equivalência à do problema da temporalidade, porém com substância e questionamentos próprios. No entanto, os muitos modelos careciam de uma perspectiva sistemática e contextualizada (BOLLNOW 2008: 14).

Se, por um lado, não é suficiente admitirmos o espaço vivenciado no sentido da pura experiência espacial como algo essencialmente psíquico, tampouco pode-se destacá-lo dos sujeitos contidos no espaço. A perspectiva mais sistemática e completa abrange a relação entre os humanos e seu espaço, e estrutura a própria experiência humana, uma vez que esta é determinada por sua relação com o espaço (LEFEBVRE 1986; MARTINS 2007; BOLLNOW 2008; MOREIRA 2013).

Portanto, a vida em si é efetivamente vida só na referência a um espaço. Ela precisa do espaço para nele se desdobrar. Para que um espaço exista é *sine qua non* a existência do homem, uma vez ser este o responsável pela formação desse espaço e nele expandir, isto é, que forma espaço e se expande no espaço. E por estarmos tratando de categorias da experiência e dos sentidos, é possível asseverar que " o homem se move “no” seu espaço, e, consequentemente, o espaço diante do homem é algo fixo, dentro do qual se completam os movimentos humanos. Logo:

> “…A espacialidade da vida humana corresponde ao espaço vivenciado pelo homem e vice-versa, e eis aqui uma forte correlação. A cada afirmação sobre um corresponde uma afirmação sobre o outro. Com isso, o início se dá mais objetivamente na análise do espaço vivenciado para então, deste, levar à estrutura da espacialidade humana" (BOLLNOW 2008: 22).

Estes fenômenos se manifestam na experiência e em um primeiro momento é difícil conceber que este espaço esteja tão intimamente ligado ao homem e que, ao

---

[10] Bachelard, G. *La poétique de l’espace*. Paris, 1958.

mesmo tempo, apareça como meio, quase tangível e palpável, no qual o homem está contido. É nos estudos de caso que poderemos elucidar mais as características desta complexa espacialidade.

## 1.6 O *tópos* e a geografia das pólis gregas

A relação entre o espaço e as sociedades humanas é hoje um tema de destaque na pesquisa arqueológica e vem sendo abordado por estudiosos de várias correntes teóricas "[11]

"Mais do que uma forma de assentamento excepcional, mesmo que em economias de caráter rural, a cidade tornou-se o foco central da atividade econômica e social [...] Nenhuma disciplina pode querer monopolizar o estudo da cidade, pois as questões urbanas fluem através de muitas das divisões tradicionais da investigação acadêmica. De modo semelhante, nenhuma metodologia predomina sozinha na análise urbana, porque há a necessidade de se adotar ampla variedade de abordagens para se analisar as complexidades da vida urbana" (CLARK 1985: 18 *e ss*).

Os habitantes têm relações com partes definidas de uma cidade e a imagem que neles evoca contem lembranças e significações. (LYNCH 1960). Para além de objeto de percepção, é o produto de constantes modificações em sua estrutura. Inexiste, pois, uma forma final de cidade, mas sim uma sucessão de fases. Inseridos

---

[11] Essa tendência teve como precursora a *Spatial Archaeology* nascida na segunda metade do século XX em ambiente acadêmico britânico e, de início, profundamente influenciada pelos estudos da geografia locacional (esfera de estudos voltada para a organização do território em função da alocação dos recursos e de uma racionalidade voltada para o mínimo dispêndio de energia) e da ecologia. Ver: *Estudos sobre o Espaço na Antiguidade* (2011).

em padrões coerentes, as partes de uma cidade tornam-se legíveis, componentes de uma imagem mental:

> “A imageabilidade é a qualidade de um objeto físico que lhe dá uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador. Refere-se à forma, cor ou arranjo que facilitam a formação de imagens mentais do ambiente fortemente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis”.
>
> (LYNCH 1960: 9)

O habitante dos arranjos espaciais identifica e localiza com facilidade componentes diversos na cidade que habita.

Adaptamos o meio ambiente às estruturas perceptivas e aos processos simbólicos que caracterizam o ser humano. A existência de uma qualidade espacial própria, uma textura particular das fachadas, detalhes arquitetônicos ou um modo particular de construção dotam a imagem da cidade de uma continuidade e unidade.

O meio ambiente da percepção é dotado de plasticidade, permitindo que cada indivíduo possa construir sua própria imagem da cidade. Quando se efetua a mudança de região, o homem tende a copiar as formas do local de origem, para conferir à nova paisagem os atributos de familiaridade e proteção; enfim, para que consiga habitar o novo lugar.

A criação da identidade da pólis – que futuramente se confundirá com a própria ideia de grego antigo (CARTLEDGE: 2009) foi realizada com a apropriação da religião e subsequente monumentalização dos templos, permitindo a partir destas pôr em marcha uma série de práticas sociais que davam coesão para aquelas sociedades. Tais praticas sociais implicaram na produção de outros elementos materiais que gradualmente comporiam não apenas a morfologia da pólis, mas a ideia que se tem sobre ela a partir da apreensão da sua geograficidade ôntica (MARTINS 2007; MOREIRA 2013).

Verifica-se que, em meio a heterogeneidade étnica que caracterizava a Sicília, região onde foram fundadas as *apoikiai,* prevaleceu um elemento que, provisoriamente, nomeamos *layout* grego de cidade; este seria revelador de expedientes de uma auto-representação aristocrática que, mesmo que incluísse populações não-gregas, ensejava um discurso tipicamente [e exclusivamente] grego. Isto resultaria de características permeáveis e pervasivas da pólis arcaica e foram consubstanciados nos processos de territorialização em área mediterrânica, dando forma a uma geograficidade particular: a Geografia da pólis era políade, entendendo por políade prerrogativas comunitárias de pertencimento/exclusão a uma determinada ordem [forma]. O ôntico-geográfico está encerrado em um tipo particular [uma forma] de produzir o espaço da cidade: *ásty*, *khóra*, templos monumentais, edifícios que abrigavam as atividades cívicas e religiosas, rotas de procissão que, percorridas repetidamente, reiteravam o discurso de soberania de uma comunidade sobre o território.

Essa interdependência de natureza geográfica está evidenciada na organização espacial, na arquitetura, no conjunto de edifícios que compõem a paisagem e na imagem mental das pólis gregas desde o período Arcaico. A evidência contida no nosso *Corpus Documental* aponta para o fato de que na materialidade estão presentes símbolos e significados do habitar dos gregos em uma cidade que lhes confere identidade social e cultural. Para analisá-los, iremos empregar o aporte metodológico arqueológico, conforme segue nas próximas páginas.

## 1.7 A materialidade na arqueologia. O estudo das coisas

Na obra *Entangled: An Archaeology of the Relationships between Humans and Things*, Ian Hodder (2012) propõe uma abordagem arqueológica que privilegie a compreensão das coisas *per se* em seus aspectos de entidade, em suas relações de interdependência com outras coisas e interdependência com o contexto social, a compreensão dos seus usos – funcionais e não-funcionais –, como as coisas são afetadas pelos seres humanos e como as pessoas são afetadas por elas, suas relações com as diferentes temporalidades, e ainda sua existência como não-coisas, ou seja, quando atuam como 'pano de fundo' para comportamentos; alerta também para o fato de que, ao tomarmos as coisas como concebidas, não reconhecemos que elas não são inertes e que atuam de modo diverso e instável sobre diferentes gerações, uma vez que sua existência pode ser maior do que a experiência humana individual, permitindo que as temporalidades nelas encerradas atuem sobre os grupos humanos. Coisas reúnem fluxos e relações de várias configurações e níveis e possuem fluxos em sua própria 'coisidade' (2012, *passim*). Hodder propõe:

> "We often talk of doing science 'objectively' when we reduce bias and explore the object in a distanced and disinterested way. To do this we have to separate the jug, measure it, categorize it, break it up into its components. It becomes an object of study, isolated and compared. Such analysis is a stage in the exploration of things. *But such a stage of study needs to be situated within a broader approach that connects objects, that explore their existence as things. In this latter sense the focus is on the complex ways in which a thing such as a house gathers humans and non-humans, links together for a moment matter, energy and information in useful ways*" (HODDER 2012: 9 – grifo nosso).

A historicidade dos fluxos transculturais também é o objeto de reflexão do arqueólogo Philipp Stockhammer (2012). Tal como objetos e percepções sobre uma determinada 'coisa' poderiam ser compartilhados e apropriados, também ocorriam transformações na esfera das práticas sociais afetadas por estes processos de compartilhamento, apropriação e ressignificação de objetos e percepções. Como já exposto anteriormente, o uso irrefletido do termo hibridismo e/ou hibridização, embora recorrente em publicações arqueológicas é, a nosso ver, passível de críticas, especialmente devido a suas cargas biológicas e políticas – pós-coloniais[12] –; mesmo quando observa-se no seu uso corrente uma adjetivação, i.e. seu emprego como metáfora para tentar exprimir a ideia de consequências dos contatos culturais.

É preciso, no entanto, lidar com tais obstáculos que esta terminologia impõe. Para tanto, o arqueólogo Phillipe Stockhammer (2012) desenvolve a operacionalização do conceito de "hibridização cultural", originalmente desenvolvido por Homi Bhabha[13] (2007), para então aplicá-lo na arqueologia. Pinçando o conceito que subjaz da definição política de hibridismo de Bhabha, Stockhammer refuta completamente o uso do termo hibridismo em sua dimensão política, bem como as implicações das conotações biológicas do termo, mas ainda assim depara-se com um quadro em que a tradução apolítica do conceito mostra-se questionável. Para

---

[12] Ver: OWEN, 2005, p. 18, OSBORNE 1998; SHEPPERD, 1995; STOCKHAMMER, 2012; TSETSKHLADZE, 2006, p. xvi-xvii, 28.; WHITLEY *Apud* TSETSKHLADZE 2001: 125.

[13] Em "O Local da Cultura" (2007) Homi Bhabha define "hibridização cultural" como "um espaço liminar, entre as designações de identidade, tornando o processo de interação simbólica, a conexão com os construtos o difere entre alto e baixo, preto e branco... o movimento temporal e a passagem provê identidades e também no seu fim, polaridades primordiais. Essa passagem intersticial fixada entre identificações abertas para a possibilidade de uma hibridização cultural possui diferenças entre assumir ou admitir uma hierarquia imposta (Bhabha 2007: 5). Isto significa que a hibridização cultural pode emergir de um espaço liminar, entre duas diferentes identidades, i.e. duas entidades culturais diferentes – sobrepostas neste espaço e livre de hierarquias estruturais de suas entidades. Ao longo do curso deste livro, Bhabha politiza este conceito de hibridismo (Bhabha 2007; Stockhammer 2009). Sua definição política de hibridismo foi fortemente influente nos estudos pós-coloniais.

resolver este impasse, para além da despolitização do termo, o autor opta por propugnar o conceito que denomina *emaranhamento*[14].

O autor argumenta que emaranhamento põe acento na criatividade humana, no potencial criativo dos espaços liminares, nas regiões fronteiriças de entidades que Bhabha chama de identidades ou identificações, o que evoca uma ideia de essencialismo, de pressupostos de pureza cultural. No entanto, Stockhammer crê que os estudos de cultura material não podem existir sem a criação de entidades de uma perspectiva ética[15] para suas abordagens analíticas, mas que devemos considerá-las apenas como "muletas de cognição" e não como estruturas estáticas historicamente existentes. Estes espaços liminares provavelmente nunca foram percebidos pelas sociedades antigas. E o potencial criativo desses espaços liminares pode resultar naquilo que o autor denomina emaranhamento, "um modo de apropriação e de resistência" (BHABHA 2007: 172 *apud* STOCKHAMMER 2012).

---

[14] Em nosso entendimento inexiste a possibilidade de um termo ser despolitizado. Entendemos aqui o esforço de Stockhammer para depurar a carga semântica contida no trabalho de Bhabha e descrevemos como o autor buscou operacioná-la. Contudo, neste esforço já há uma politização.

[15] A oposição ético x êmico tem origem na proposta de Kenneth Pike que em sua obra "Language in relation to a unified theory of the structure of human behaviour" (1954) estabelece uma analogia das categorias linguísticas fonético/fonêmico recuperando principalmente as duas possibilidades de consideração de um fato: a do observador externo, não-participante, que está fora da situação e com ela não se identifica – caso da perspectiva "ética"; e a do observador interno, participante, que se identifica com o sistema e dele extrai sua significação – perspectiva "êmica". A visão ética seria intercultural, na medida em que suas unidades seriam pré-estabelecidas e derivariam da comparação de muitos sistemas; a visão êmica seria monocultural, e suas unidades seriam derivadas das relações funcionais internas que se estabeleceriam dentro do único sistema considerado. A visão ética seria classificatória e tipológica; a visão êmica seria estrutural. Os critérios éticos seriam absolutos e positivos; os critérios êmicos seriam relativos ao lugar que as unidades ocupam nos sistemas particulares e seriam, portanto, contrastivos, observáveis apenas por referência às relações que estabelecem com as outras unidades do sistema (Ver: Pike 1954).

## 1.8 A cidade como coisa. Emaranhamento das coisas

Munidos do escopo que abarca as tendências de estudos que focalizam a área Mediterrânica, a abordagem propugnada por Hodder (2012) e o conceito de emaranhamento de Stockhammer (2012) propomos pensar a cidade grega, aquela materializada sob as transformações vetorizadas pela emergência da pólis e seus atores sociais como uma 'coisa'. E seguindo na proposição de Hodder, pensar essa 'coisa' como sendo integrada por um conjunto de outras 'coisas': os espaços especializados, suas edificações monumentais marcando a paisagem, a infra-estruturação urbanística e arquitetônica que lhe caracterizará gradualmente, a configuração da sua paisagem desde as primeiras etapas de ocupação do território por parte da comunidade até a sua forma 'final' atingida em meados do século VI, início do século V a.C. Pensemos nessas coisas sendo objeto de emaranhamento na área mediterrânica. Vamos à *coisificação* (HODDER 2012) e ao emaranhamento das formas construídas contidas no arranjo espacial.

No século VIII a.C., em um processo de continuidade de arranjos sociais e desenvolvimento material que já vinha ocorrendo na Idade do Ferro, após o colapso do Sistema Palacial Micênico, comunidades lideradas por aristocracias agrárias e comerciais promoveram o sinecismo e colocaram em marcha mecanismos de legitimação de uma ordem social protagonizada por estas elites detentoras de terras e de privilégios; dentre estes expedientes é notório o monopólio que estes grupos exerciam sobre os cultos – em flagrante e arqueologicamente visível processo de continuidade de práticas sociais que vinham sendo desempenhadas na Idade do Ferro (HALL 2007; STOCKHAMMER 2009). A visibilidade material deste período de transformação das práticas sociais, marcadas por continuidades e adaptações é

observável arqueologicamente nos enterramentos, atividades produtivas, comércio – com expressivas quantidades de cerâmica 'grega' (proto-grega) depositadas em enterramentos ou encontradas em cidades mediterrânicas não-gregas, (cf. YNTEMA, 2000; URQUHART, 2010) –, performances de cultos e sacrifícios e infra-estruturação das cidades: os territórios passam a abrigar templos, cujas plantas revelam a apropriação do *layout* do mégaron, espaço nevrálgico do sistema de poder palacial[16].

Os estudos arqueológicos sobre a reestruturação da sociedade no período pós-palacial têm revelado que o intervalo entre o colapso do Sistema palacial e a reorganização subsequente decorreu em um intervalo de tempo menor do que se acreditava há alguns anos.

Foxhall (1995) pontua que apesar da mudança desencadeada pela ausência do poder central na condução dos sistemas agrícolas integrados, do ponto de vista dos indivíduos envolvidos nos processos de produção praticamente não houve ruptura; os grupos tiveram que se adaptar a um novo contexto não mais centralizado na unidade administrativa dos complexos - ditos - palaciais. Contudo, o manejo dos recursos, a continuidade das atividades de pastoreio e possível coordenação com atividades de produção têxtil teriam sofrido pouco impacto porque antes do colapso do sistema algumas das atividades já estavam parcialmente fora do domínio administrativo do palácio. Segundo a autora, parte do que era produzido era destinado para trocas comerciais que estavam fora da alçada palaciana (1995: 239-250).

---

[16] Para maior detalhamento da continuidade arquitetônica e das práticas sociais das áreas de culto: AINIAN 1988; MARINATOS 1993; SOURVINOU-INWOOD 1993: 10; PEDLEY 2005; STOCKHAMMER 2007.

Um quadro com semelhanças é apresentado por Stockhammer (2007). Analisando os contextos pós-palaciais de Micenas e Tirinto, o autor argumenta que a análise tipológica, as técnicas de fabricação e os padrões de qualidade das cerâmicas indicam que os ceramistas que produziam para o palácio de Micenas também produziam para comercialização no mercado; não se excluí a possibilidade de vendas realizadas no mercado local (2007: 259).

Nas páginas seguintes ele argumenta que, por causa dessa duplicidade de fontes de destino para a produção, é possível observar que o artesanato de cerâmica neo-palacial permaneceu sendo praticado por uma oficina que foi transferida de local, todavia o mesmo artesão que outrora produzira para o palácio permanecia realizando a produção. No que diz respeito à qualidade e técnicas houve permanência e o intervalo temporal da reorganização foi muito exíguo, possivelmente porque apesar das perturbações no palácio e arredores, a demanda pelos objetos produzidos permaneceu atuando sobre pessoas que sobreviveram ao período de transição - elas foram a transição - e o comércio de alcance regional criava a demanda que atuou sobre a reorganização dos trabalhadores e suas oficinas (2012: 263- 264)[17].

Mais adiante, um capítulo inteiro é dedicado à análise das mudanças de performance das elites do período neo-palacial, interpretadas a partir da mudança

---

[17] O autor também argumenta que uma mudança perceptível nos objetos do contexto pós-palacial de Tirinto é o aumento da simplicidade da ornamentação dos objetos cerâmicos, indicando a permanência de técnicas de qualidade, porém produzidas sob uma demanda de urgência. Também serão notadas mudanças nos objetos interpretadas como interferência dos mercados consumidores, algo que não ocorria quando o consumo se dava pelo intermédio dos palácios (2007: 264 -266 e notas). Ainda sobre a dinâmica do desenvolvimento de cerâmica neo-palacial, o autor informa que na Argolida, Ática, Locais, Eubéia, Naxos e Rodes as diferentes demandas estavam impactando cada vez mais a produção e a valorização das famílias de oleiros, processos decisivos para a inovação na produção (2007: 267 e notas 907, 908).

estilística dos artefatos cerâmicos empregados nos rituais e banquetes[18]. Também foram observadas mudanças na disposição arquitetônica dos locais de performance ritual, incorrendo em uma nova disposição do arranjo espacial e a transferência dos de ritos para áreas que permitiam a publicização dos participantes e da parafernália, que continha carga simbólica empregada para fins de legitimação desta elite emergente.

O consumo conspícuo evidenciado pelos excedentes de alimentos produzidos e luxo dos objetos são indicativos do valor simbólico destes eventos para a legitimação de uma nova ordem política e legitimação dos participantes (2012: 293 - 298). Os usos - e abusos - do passado, como na célebre expressão empregada por Moses Finley incluíam a retirada de cerâmica e objetos que remetiam ao poder palacial dos túmulos para a publicização de uma ancestralidade - legítima ou inventada - realizada pelos “jovens aristocratas" - expressão do autor - que tinham memória da sociedade dos palácios e mobilizou estes objetos de prestígio para assinalarem seu poder no contexto de reorganização do período pós-palacial[19].

A emergência de novas elites na Idade do Ferro conheceu uma fase arqueologicamente emblemática no sítio de Lefkandi, na Eubéia, interpretado como um modelo dos processos de formação de elites na Idade do Ferro, que aliavam à posse e exploração de terras com as atividades marítimas de exploração de regiões

---

[18] Sobre a permanência dos rituais e banquetes até o Período Arcaico da história grega e evidências de sua realização no Mediterrâneo central ver: SOLEZ, K. *Multicultural banqueting in the development of archaic greek society: an investigation into modes of intercultural contact.* Vancouver: University of British Columbia, 2014.

[19] A interpretação desta performance, que inclui os saques de túmulos para reuso dos objetos como símbolos de prestígio foi possível graças a datação de artefatos cerâmicos encontrados em perfil estratigráfico pós-palacial que não poderiam ter sido produzidos naquela geração. A diferença da cronologia de produção dos objetos - com correlação documentada em outros enterramentos predecessores - encontrados em um mesmo contexto de uso de artefatos cerâmicos mais recentes embasa a interpretação do autor.

para para obtenção de matérias primas e bens de prestígio, percorrendo o Mediterrâneo de Leste para Oeste (HIRATA 2013: 2).

Estes processos de deslocamento com objetivos mercantis ou estabelecimento e manutenção de redes de contato entre povos de diferentes matrizes étnicas era abordado com base na quantificação de artefatos estrangeiros encontrados em contextos intrasítio. Nas duas últimas décadas pesquisas pautadas por premissas teóricas que advogam a aplicabilidade do conceito de globalização na pré-história e antiguidade vem produzindo uma reavaliação dos dados publicados em antigos catálogos de escavação e pesquisas complementares realizadas com o emprego de técnicas de prospecção de superfícies amplas - *surveys* -, métodos de obtenção de dados com instrumentos radiométricos e imageamento satelital. Os resultados publicados exploram a potencialidade da linguagem cartográfica[20] para discutir os múltiplos contextos regionais dos objetos e fluxos de pessoas, o que impacta nossa leitura usual sobre os efeitos dos contatos culturais no desenvolvimento das sociedades.

***Definindo os termos do estudo***

Em outubro de 2010, os principais arqueólogos e historiadores que têm se detido no debate contemporâneo sobre as apoikias gregas do Ocidente se reuniram no Convênio de Estudos sobre a Magna Grécia, paradigmaticamente intitulado: "*Alle origini della Magna Grecia: Mobilità migrazioni fondazioni".* O título do encontro revela muito sobre o atual estado dos estudos sobre o controverso e, acrescento,

---

[20] Exemplos foram disponibilizados na seção de anexos deste trabalho.

fundamental objeto de estudo na área dos estudos clássicos: as fundações gregas realizadas em território estrangeiro no período arcaico, ou, como a historiografia consagrou o processo: a colonização grega.

Uma pesquisa rápida nas atas do convênio desde o início dos encontros revela que este objeto primário das discussões foi durante muito tempo nomeado com a palavra que os manuais de história antiga e as traduções das fontes literárias já haviam consagrado: colônia. E por extensão, colonização.

Contudo, a ingenuidade, ou as certezas assentadas na naturalização de uma nomenclatura que se alicerçou como conceito foram postas abaixo com o advento dos estudos críticos pautados na hermenêutica de cunho pós-colonial. O processo que desencadeou o revisionismo dentro dos estudos históricos e arqueológicos por si só demandaria um estudo monográfico, então vamos nos deter apenas no quadro do estado atual da questão, no qual o nosso trabalho foi concebido e realizado nos últimos anos.

Uma fala proferida por Emanuele Greco neste encontro diz muito sobre o problema que enfrentamos:

> *"*Se vogliamo avviare una discussione conclusiva credo que dobbiamo indicar innanzitutto alcuni dei grandi temi che ci hanno visto impegnati in questi giorni e procedere ad un confronto tra le diverse posizioni che siamo in grado di esprimere. In primo luogo ci siamo chiesti e ci chiediamo: possiamo parlar di fondazioni? Ed entro qual limite, in qual casi com certezza ed in quali non[21]?
>
> (GRECO: 2012: 1185)

---

[21] Fala proferida na mesa redonda do "CINQUANTESIMO CONVEGNO DI STUDI SULLA MAGNA GRECIA" In: *Alle Origini della Magna Grecia: Mobilità, Migrazioni, Fondazioni"* Atti del Cinquantesimo Convegno di Studi Sulla Magna Grecia. Taranto: 2012: 1185.

Tomando por fato que as incertezas sobre as possibilidades de se falar em fundações advêm das dificuldades de conseguir dissociá-las das concepções de colônia, percebemos o impacto das duras críticas da corrente revisionista. Na sequência, os participantes do Convênio reunidos em uma mesa redonda debateram as posições dos colegas e reiteraram aspectos de seus trabalhos que foram distorcidos nas falas de outros participantes. Procedimento padrão.

Chama atenção, contudo, o número de participantes que empregaram as palavras *colônia* e *colonização* em suas falas: apenas quatro: Mario Lombardo, Enzo Lippolis, Valentino Nizzo e Michel Gras.

Neste inicio de século parece que as incertezas sobre o futuro e a consciência da impermanência, tão exploradas por entre os filósofos de grande apelo popular é perceptível também nos muros da academia e foi inconteste no Convênio realizado em 2010, que se propôs abrir a ferida dos problemas teórico-metodológicos que tão profundamente marcam o cenário da produção de conhecimento sobre a história grega no período arcaico.

Entre aqueles que são pró-revisionistas como Robin Osborne, Van Dommelen e alguns que resistem ao apelo das argumentações imersas no relativismo pós-moderno um consenso emerge: somos muitos lidando com um objeto complexo e cada um parece falar a sua própria língua. É basicamente este o resultado exposto na fala dos participantes da mesa redonda[22].

Independentemente do *status* conferido às fontes textuais, seja contendo alguma historicidade ou apenas escritos de tradição com vieses ideológicos que, em abordagens mais extremadas, põem por Terra seu valor documental, todos os

---

[22] Ver: “Alle Origini della Magna Grecia: Mobilità, Migrazioni, Fondazioni” Atti del Cinquantesimo Convegno di Studi Sulla Magna Grecia. Taranto: 2012: 1184 - 1198.

especialistas trabalham com um quadro mental mais amplo, qual seja, de que gregos saíram do Egeu e estabeleceram assentamentos permanentes em regiões diversas do Mediterrâneo, a partir de um determinado período de “perturbações de ordem econômica e social" nas sociedades de origem, buscando prosperidade econômica e vantagens no comércio com outras sociedades.

Este paradigma que nomeio modelo mental contém um arco cronológico, uma percepção geográfica de subordinação entre as partes “de origem" dos colonos e “de destino" - onde eles estabeleceram as novas cidades. O efeito deste modelo mental transcende, a nosso ver, os problemas que os nomes colônia e colonização impõem na pesquisa arqueológica. Como o próprio Mario Lombardo (2012) pontuou, o debate nominalista parece secundário, pois podemos usar os nomes colônia, colonos e colonização desde que explicitando os modelos empregados para reconstituir as experiências dos gregos no estabelecimento de assentamentos no Sul da Itália e na Sicília nos séculos VIII e VIIa.C. (2012: 1190).

Apenas um dos participantes da mesa redonda do Convênio levantou uma questão que, a nosso ver, é primária para recolocar os problemas relativos aos estabelecimentos gregos no Ocidente em um quadro de processos sociais mais complexo. Valentino Nizzo (2012) argumentou sobre a necessidade de se efetuar o recuo cronológico que permita abranger a documentação arqueológica referente à Idade do Ferro e ao Período Geométrico, especialmente nos sítios onde estudos publicados já indicavam relações plausíveis entre as importações e o estabelecimento de contatos de caráter proto-colonial - fase de frequentação (2012: 1195 - 1198).

As questões que são colocadas nesta pesquisa também foram estruturadas em um recorte espaço-temporal divergente - por comparação com as abordagens mais correntes.

Em um artigo intitulado “Elite Mobility in the West[23]” Carla Antonaccio (2007) faz importantes questionamentos sobre os possíveis significados sociais dos conjuntos de objetos votivos de origem itálica e siciliota depositados em importantes santuários pan-helênicos da Grécia, especialmente Olímpia e Delfos, em uma cronologia regressiva do Período Arcaico à Idade do Ferro.

Antonaccio elenca e discute resultados de trabalhos de outros autores concatenando as evidências em uma teia de significações que, no seu entender, remetem para a existência de antigas redes de contato entre elites de populações que habitavam a região do Egeu, península itálica, Sicília e argumenta que as ligações muito remotas entre Itália e Olímpia em particular, mas também Delfos, tornaram estes dois santuários apropriados, mesmo naturais, para as reivindicações coloniais de status e identidade das comunidades gregas sicilianos e italianas, bem como as reivindicações de autenticidade das identidades tirânicas, expressas no contexto - e em termos normativos - em Olímpia e outras vitórias; destacando que a descendência e a insistência na enunciação de identidades locais se sobrepõem, fazendo de Olímpia e Delfos locais privilegiados para a proclamação das identidades ocidentais (2007: 265 - 285).

Morris (2003) critica a abordagem do Mediterrâneo antigo que denomina *Mediterranismo*, presente, por exemplo, na obra *Corrupting Sea* (2000), de Horden e Pourcell e insere no debate o conceito de *Mediterranização*, entendido como um

---

[23] “Elite Mobility in the West” in: Hornblower, S., Morgan, C. (Eds.) *Pindar’s Poetry, Patrons and Festivals: From Archaic Greece to the Roman Empire*. New York: Oxford University Press, 2007.

instrumento analítico mais apropriado para analisar o dinamismo que caracterizou as interações sistemáticas entre as sociedades mediterrânicas em todas as épocas. Nesta mesma linha de análise, o uso de *Mediterrâneo* como um conceito heurístico trouxe, em seu bojo, tanto a crítica do uso de categorias de análise como *centro e periferia* como o estímulo a abordagens que destacam a conectividade, a interação e a troca vez da hierarquização nas relações entre as sociedades mediterrânicas. O conceito de *redes* começa, então, a ser experimentado, constituindo-se em uma perspectiva que acentua o dinamismo característico das relações entre as sociedades do Mediterrâneo antigo (Hodos 2009; Malkin 2003, 2005; Vlassopoulos 2005).

Os resultados de uma miríade de trabalhos e abordagens convergem no sentido de apresentar um quadro que apresenta os diversos grupos sociais de matrizes culturais dinâmicas no Mediterrâneo antigo, explorando os conhecimentos marítimos e rotas terrestres que eram percorridas para encurtar as distâncias entre cidades, especialmente aquelas com certo dinamismo econômico favorecido por uma localização estratégica, como por exemplo, em regiões que favorecem o entroncamento de vias que conectam grupos de assentamentos. A navegação pelo Mediterrâneo fazia circular pessoas e artefatos provenientes do mundo balcânico-Egeu - com destaque para a cerâmica micênica - e documentam contatos sistemáticos e duradouros entre a região oriental e região ocidental do Mediterrâneo (HIRATA, 2013, p. 2).

Portanto, quando os gregos decidiram habitar a costa Leste da Sicília não emergiu um processo de encontro com o novo. O processo deu início a novas circunstâncias sócio-políticas, que viriam determinar o decurso daquelas sociedades a partir de então. Para E. Hirata:

> “o mundo grego-balcânico experimentava, entre os séculos IX e VIII, um processo lento, complexo, profundo, regionalizado de construção das bases do que viria a ser, no futuro, caracterizado como a maneira de viver como grego em sociedade, isto é, viver em uma pólis. O processo em andamento é transportado para as áreas de ocupação pelos migrantes, como apensações e tão somente um **projeto** e lá seguiria uma trajetória própria, sujeita às contingências do encontro com uma paisagem construída pelos homens que viviam naquelas terras. Ao mesmo tempo os recém-chegados buscavam imprimir sua marca no terreno, instalar adequadamente seus deuses, definir os espaços de vida e de morte e as práticas sociais de acordo com as regras da *nomima* de seu grupo. O que mais tarde passou a ser denominado *cultura grega* é, na nossa opinião, a somatória de múltiplas experiências como as que foram descritas acima”. (HIRATA 2013: 3).

Do ponto de vista da infra-estruturação dos espaços da *ásty* e da *khóra*, é válido destacar que as evidências de construções públicas que serviam para funções administrativas – eclesiastério, pritaneu, buleutério – raramente datam de antes dos anos 600 a.C. (HALL 2007: 79, 80). A ágora, cuja existência remete ao início do período arcaico – podendo ser anterior –**,** consistia em um espaço aberto e definido na especialização do território; gradualmente recebia infra-estruturação, na medida em que ocorria o desenvolvimento sócio-político e econômico da comunidade. Mas os templos eram protagonistas e pioneiros na paisagem das cidades em suas primeiras etapas de constituição. Diante da inexistência, no registro arqueológico, de edifícios especializados para a administração pública nas pólis que se desenvolveram no século VIII e VII a.C., presume-se que estas funções eram realizadas na casa do líder da comunidade (HALL, 2007, p. 80). Nós podemos assumir também que qualquer espaço aberto servia de locação para encontros políticos da comunidade, ainda que, em certo sentido, o termo ágora designe um espaço para este propósito (idem: 80).

Por extensão, também podemos admitir que, neste processo de emergência da pólis, a principal construção agenciada pelas lideranças aristocráticas das comunidades políticas era o templo. Coisas dentro de coisas, como apontou Hodder (idem: supra). Observamos o agenciamento da paisagem projetada da cidade ao examinarmos a planta do mégaron[24] transformada em templo, a atividade de monumentalização de edifícios religiosos no século VIII a.C., a disposição destes edifícios no território de modo intencional e salvaguardando interesses pontuais em cada uma das áreas onde empreendiam as construções. Estes processos permitem entrever uma agenda dos grupos sociais agro-comerciantes daquelas comunidades.

Nesta complexa trama de relações que abarca toda a área mediterrânica houve um intenso processo de contato, de trocas, negociações marcadas muito mais pelo consumo de traços e tradições do que por imposição assimétrica, fosse esta militar ou ideológica. A história daquilo que irrefletidamente, na maioria das vezes, é denominado colonização grega de época arcaica não se limita apenas aos gregos, também não se limita a imposição da cultura helênica sobre populações “inferiores” e tampouco os gregos podem ser vistos de forma essencialista. A idéia clássica e estereotipada que divisava colônias comerciais e colônias agrárias também não se sustenta diante da complexidade cultural, cronológica e geográfica obtida nos trabalhos arqueológicos recentes. As pesquisas atuais indagam sobretudo os motivos da dispersão de populações e seus reflexos no registro arqueológico. T. Hodos (2009) aplica a Teoria da Globalização (FEATHERSTONE 1995: 81) em sua análise de populações gregas e fenícias para enfatizar as articulações entre colonos e colonizados, suas identidades e variabilidades. Buscando equalizar os constructos

---

[24] Ver discussão sobre a transformação das performances das elites e reorganização das estruturas arquitetônicas na página 26.

culturais entre os grupos que atuavam no Mediterrâneo antigo, seu trabalho revela um quadro de contatos interculturais de sociedades que expressavam identidades locais e enfatizavam o não-isolamento como elemento importante da sua identidade cultural (2009: 223), observa ainda o impacto das misturas culturais e das mútuas influências que exerciam entre si (HODOS 2009, 233- 233; HORDEN & PURCELL, 2000).

A autora aponta que muitos trabalhos têm investigado as semelhanças tipológicas existentes entre fundações gregas e fenícias; a própria adoção do alfabeto fenício pelos gregos é um indicio da consistência dos contatos não-excludentes e trocas entre esses grupos sociais (HODOS, 2009, p. 234). O paradoxo que este aporte da Teoria da Globalização evidencia é que coexistem, paradoxalmente, elementos locais e elementos regionais/globais, portanto, a heterogeneidade cultural destas sociedades. Os estudos de caso não podem ser perdidos de vista para que não se incorra em uma série de generalizações e neste sentido nossa pesquisa de mestrado já apontava para a variabilidade cultural dentro do contexto das cidades gregas evocando a observação verticalizada dos contextos regionais, micro-regionais e suas relações com o entorno; mas é preciso também realizar estudos centrados na historicidade da fluidez dos contatos e trocas realizadas pelas sociedades que habitavam o Mediterrâneo, fomentando estudos regionais não-centrados em “entidades” culturais para que possamos superar algumas perspectivas que, embora equivocadas ou datadas, são ainda muito arraigadas nas publicações e debates entre especialistas.

Defendemos o posicionamento que busca traduzir as possíveis negociações engendradas nos discursos e práticas de consumo das sociedades antigas, acreditamos que podemos fazê-lo ao buscar as recorrências dos traços

aristocráticos associadas aos contextos geográficos, sociais e cronológicos de forma integrada. Acreditamos que a relação entre os espaços habitados e as distâncias percorridas que, não sendo neutros, atuaram de modo diferente em contextos local, regional e ideológico. Acreditamos que o emaranhamento das práticas entre os grupos aristocráticos agrários e comerciais implicava na adoção deliberada de traços que sinalizavam o poder destes grupos para os demais elementos das suas respectivas sociedades e para os grupos aristocráticos estrangeiros, e argumentamos que o sinecismo e emergência de novos arranjos políticos entre os grupos aristocráticos, a ocupação da Sicília por meio de fundações, compõem um complexo jogo de poderes, alianças e rivalidades que marcaram as sociedades que edificaram e habitaram cidades na ilha.

A perspectiva adotada neste estudo permitirá problematizar o caráter das fundações em Sicília que são categorizadas como sendo frutos de um fenômeno de colonização por oposição à perspectiva que defende a existência de mera dispersão de populações. Apoikias são fundadas em territórios *estrangeiros* e, de partida, são engendradas relações entre gregos e *outros* habitantes. Compreendemos tais relações nos contextos de encontros entre fundadores e população local como sendo caracterizadas por imediata *assimetria*, independentemente da existência de dados que apontem para o uso da força nos processos de aquisição. A princípio pode soar generalizante diante da variabilidade de situações dos encontros entre populações descritos acima.

Todavia, a variabilidade dos casos não pode ser tomada como escusa para que não continuemos perseguindo as razões destes processos que, por diferentes caminhos, incidiram na formação e desenvolvimento da pólis, definidora do modo de coexistência helênico – não exclusivo, mas o mais característico daquela civilização

(CARTLEDGE 2009: 3). É lícito que historiadores e arqueólogos da antiguidade, na consecução do seu ofício, exponham quais seriam os possíveis fatores, ou antecedentes, relativos ao desenrolar de certos acontecimentos ou processos históricos promovendo uma "hierarquia de causas que fixaria suas relações recíprocas e talvez decid[am] que causa, ou categoria de causas, deveria ser vista como [...] a causa fundamental" (CARR 1982: 77).

Segundo Perry Anderson, estamos vivendo uma tendência de "celebrar o *crossover*, o híbrido, o pot-pourri" (ANDERSON 1998). Enquanto sujeitos da globalização contemporânea é natural que temas relacionados a hibridização estejam na ordem do dia e como consequência, que tenha surgido um grupo de teóricos do hibridismo "eles mesmos, muitas vezes, de identidade cultural dupla ou mista" (BURKE 2003: 15). Especialistas de diversas disciplinas estão dando cada vez mais atenção aos processos de encontro, de contato, de interação, troca e hibridização cultural.

Nosso trabalho não se aloca na esteira daqueles que buscam louvar as trocas culturais ou o hibridismo cultural. Nosso objetivo é analisar estes fenômenos no contexto mediterrânico, entre populações gregas e não-gregas – ou gregas de diferentes matizes étnicas e geográficas – não com entusiasmo, mas sim com rigor epistemológico.

De nossa parte, não assumimos a troca cultural como um simples enriquecimento, haja vista que muitas vezes estas trocas ocorrem em detrimento de algumas partes partícipes do encontro "o preço da hibridização [...] incluí a perda de tradições regionais e raízes locais" (BURKE 2003: 18). O aporte da teoria pós-colonial chama atenção para o fato de que os contatos entre as culturas não transformam apenas uma das partes do encontro, mas que ambas as partes

“colonizador” e “colonizados” são modificadas, incorrendo em uma transformação profunda das sociedades “colonizadoras”.

A mobilidade da sociedade grega, os contatos culturais, a sociomorfogênese das cidades, a projeção de paisagens de poder e as interações políticas em sistemas de redes foram os conceitos aplicados na realização deste trabalho.

## 1.9 Materiais e Métodos

O termo sistemas de informação geográfica (SIG) é aplicado para sistemas que realizam o tratamento computacional de dados geográficos e armazenam a geometria e os atributos dos dados que estão georreferenciados, isto é, localizados na superfície terrestre e representados numa projeção cartográfica.

Os SIG’s tornaram-se parte integrante do processo de coleta, armazenamento, análise e representação de dados do registro arqueológico nas últimas décadas (McCOY 2009: 264; WHEATLEY 2004: 2). Seu uso foi intensificado na medida em que os softwares de processamento de dados foram adquirindo interfaces mais acessíveis com o passar dos anos, algo positivo porque estes tipos de análises têm muito a oferecer para a investigação arqueológica. Seja de forma enunciada ou não, a espacialização da evidência arqueológica destaca-se gradualmente em diversos projetos de investigação. Avanços tecnológicos na área computacional dirigidos aos estudos dos ambientes em larga escala motivaram os arqueólogos a olhar com maior atenção para o potencial destas ferramentas e metodologias de análise para o estudo do passado. Sobretudo as áreas de

arqueologia da paisagem e gestão do patrimônio foram beneficiadas pela incorporação dos SIG's[25].

Os sistemas de informação geográfica (SIG's) são cada vez mais empregados para observar como as pessoas do passado experimentavam seu mundo. Estudos de visibilidade – que buscam pontuar marcadores naturais e monumentais na paisagem, por exemplo – e estudos de avaliação de disponibilidade de recursos regionais tem sido dominante na tentativa de auxiliar os arqueólogos a compreender dinâmicas sócio-ambientais no passado.

Para além de identificar padrões de assentamentos, busca-se compreender as atividades humanas e experiências passadas dentro de uma região. Porém, ao mesmo passo em que tem havido um aumento dramático na utilização de ferramentas estatísticas e de visualização, incluindo os Sistemas de Informação Geográfica, ocorre um crescente debate sobre como podemos utilizar pressupostos teóricos da antropologia, etnografia e geografia humana para fazer sentido ou questionar nossos dados arqueológicos (ATTEMA 2002: 18 - 27).

As aplicações da tecnologia espacial na arqueologia podem ser classificadas em três categorias: visualização, gerenciamento de dados e análise espacial.

---

[25] Existe um debate entre especialistas sobre se os SIG's são apenas em ferramentas analíticas ou se consubstancia em uma "ciência" por direito próprio (WRIGHT et. al. 1997; CURRY 1998; WHEATLEY 1993). A questão é importante porque, se tido apenas como uma ferramenta, seu uso pode ser considerado como teoricamente neutro, adequado para estudos das ciências naturais e das ciências humanas. Contudo se for uma ciência, seu uso traz consigo perspectivas teóricas particulares, que podem ou não dialogar interdisciplinarmente com as proposições teóricas da arqueologia. Para os críticos, os SIG's são "inextricavelmente ligados ao modelo das ciências naturais" (CONNOLY, LAKE, 2006: 6). Especialmente os arqueólogos pós-processualistas rejeitam a noção de que os métodos das ciências naturais são apropriados para o estudo da vida social, argumentando que a ação humana só pode ser compreendida se a perspectiva dos envolvidos for recuperada (HODDER 1986). Tilley (1994) acentua: "o espaço não pode existir à parte dos eventos e das atividades em que está implicado". Ver: *A Phenomenology of Landscape: Paths, Places and Monuments* (1994: 10). De nossa parte, acreditamos na possibilidade de conjugar as ferramentas e modelos teóricos em análises que não desconsideram as estruturas cognitivas dos processos de formação espacial e respectivos processos sócio-culturais.

A visualização busca não apenas expor os dados em mídia visual, mas descobrir novas informações por meio da observação de padrões e relações entre entidades representadas. Podem ser produzidas em duas ou três dimensões e permite aos arqueólogos uma analise exploratória dos dados de uma forma sem precedentes na disciplina (CLARK 1982; GOOGDCHILD e JANELLE 2004 apud McCOY 2009: 265).

A visualização também abrange a construção de mapas dos sítios, reconstruções de lugares e objetos; beneficiando a interpolação de dados e um aprofundamento das interpretações dos dados. Embora a visualização representativa possa ser indevidamente marginalizada como atividade pseudocientífica, o crescente interesse pela arqueologia digital está contribuindo para mudar este tipo de percepção, mostrando o valor destas técnicas para o conhecimento do passado e preservação do patrimônio (EVANS e DALY 2006; McCOY 2009).

No âmbito do gerenciamento de dados, os Sistemas de Informação Geográfica tornaram-se nevrálgicos no processo de criação, armazenamento e gerenciamento de dados coletados em campo e dados obtidos por sensoriamento remoto (*supra*). A capacidade de fusão das informações classificadas como distintos atributos, interpolação e visualização conjunta chamou a atenção de importantes instituições para o potencial dos SIG's como plataforma de massivos bancos de dados com informações catalogadas a partir da sua localização. Dentre as vantagens oferecidas, a possibilidade de permitir análises não destrutivas e o compartilhamento dos dados com inúmeros pesquisadores, aumentando a velocidade de divulgação de novos resultados no âmbito da pesquisa científica. A normatização dos dados, contudo, ainda é um entrave neste campo.

O campo da análise espacial é precedido pelas etapas de prospecção[1] e modelagem. A prospecção de sítios representa a vanguarda na aplicação de tecnologia espacial em arqueologia (McCOY 2009: 268).

O sensoriamento remoto por satélite busca obter dados de visualização do nosso mundo circundante em diferentes escalas e resoluções, capturando e armazenando dados obtidos por reflectância para além da parte visível do espectro magnético[2] (infravermelho, térmico, microondas), podendo analisar informações antropogênicas em uma paisagem que não são visíveis a olho nu ou nos surveys - prospecções de superfícies amplas. Assim, permite a reconstituição de paisagens do passado e uma melhor compreensão das características da ocupação humana das regiões.

Tais técnicas permitem descobertas de sítios arqueológicos sob florestas tropicais, desertos e remanescentes de cidades modernas (Parcak, 2009: 3-4). Estas técnicas também auxiliam na detecção de áreas e orientação das equipes que efetuam a prospecção no solo e quando combinadas fornecem uma melhor compreensão dos efeitos antropogênicas sobre as paisagens do passado. A utilização de dados geofísicos e imageamento satelital de alta resolução não é regular em todo o planeta. E a interpretação destes dados pelos arqueólogos requer alto nível de conhecimento, porém, sem dúvida, representam um paradigma da arqueologia neste século.

A etapa subsequente da análise espacial é a modelagem, onde técnicas preditivas e inserção dos conjuntos de dados obtidos nas etapas anteriores nos softwares de informação geográfica permitem análises mais robustas e aplicação de modelos matemáticos preditivos. Estudos sobre padrões de ocupação, de migração e extensões dos assentamentos, de intervisibilidade entre áreas construídas,

perturbações pós-deposicionais do registro arqueológico, clima e manejo do meio físico para cultivo são algumas das possibilidades de aplicação destas ferramentas.

Neste trabalho, as análises geográficas foram processadas no software *ArcGis*, (Esri) versão 10.3. Adotamos o sistema de coordenadas WGS84, que permite maior generalização quando a área de estudo abrange diversos fusos, como é o caso do nosso recorte geográfico, que compreende a área do Mediterrâneo central, focalizando os processos de mobilidade e, nos contextos dos sítios, a região da Eubéia, Grécia Central, Peloponeso, Rodes, Creta e Sicília.

## 1.10 Dados e metodologia de análise

Os dados disponíveis foram obtidos em relatórios de escavação, pesquisa bibliográfica, imagens de satélite SRTM, produção de classificação de imagens satelitais, mapas topográficos e fotografias aéreas e consulta em base de dados cartográfica militar do governo italiano.

As metodologias utilizadas incluem construção de mosaico das imagens de satélite e classificações supervisionadas das imagens de satélites. No software *ArcGIS*, as imagens de satélites foram processadas para obter as curvas de nível, o modelo digital do terreno, mapas de declividade e hidrografia. Para efeito de contexto e controle, são utilizados mapas do Instituto Cartográfico Militar Italiano.

As tecnologias de sensoriamento remoto[26] fornecem a oportunidade de alcançar uma visão sinóptica de todo o sistema de cidades, a articulação entre a topografia e a morfologia dos assentamentos, hidrologia, posicionamento da costa marítima e demais recursos associados.

A análise espacial e a investigação das feições do terreno da região são realizadas com imagens multiespectrais LANDSAT-8 e dados de altimetria estereoscópica capturados por sensores ASTER e SRTM, disponibilizados pelo serviço Earth Explorer da NASA. A fiabilidade destes dados, previamente padronizados e de alto rigor matemático, nos permitiu analisar o sistema de territórios com abrangência e confrontar inconsistências em publicações arqueológicas prévias, que não dispunham de informações com a mesma acurácia.

Imagens de satélite utilizadas neste trabalho foram processadas por meio da composição de bandas de dados multiespectrais e processamento digital de imagens NDVI.

---

[26] Para detalhes sobre as técnicas de obtenção de dados dos sensores remotos há uma ampla bibliografia, além de informações disponibilizadas por agências do governo que colocam satélites em órbita para coleta destes tipos de dados, p. ex.: earthexplorer.usgs.gov. Contudo a arqueóloga mais influente neste campo é Sarah Parcak, egiptóloga e fundadora do Laboratório para Observação Global sediado na University of Alabama, Birmingham. Seu livro, *Satellite Remote Sensing for Archaeology* aborda com riqueza de detalhes o funcionamento dos sensores e o potencial das aplicações destes dados para a arqueologia. Ver, especialmente o capítulo 3, “Satellite image types”. Parcak também proferiu palestras no Ted Talks. Tendo sido vencedora do “Ted Prize 2016” obteve recursos para financiar a criação da plataforma GlobalXplorer, que busca incentivar a participação da sociedade civil na busca por sítios arqueológicos ainda desconhecidos e proteção do patrimônio das áreas arqueológicas mais vulneráveis via sensoriamento remoto. Ver: Parcak, Sarah H. *Satellite remote sensing for archaeology*. Routledge, 2009; https://www.ted.com/talks/sarah_parcak_archeology_from_space#t-15646 e https://www.ted.com/talks/sarah_parcak_hunting_for_peru_s_lost_civilizations_with_satellites#t-40350.

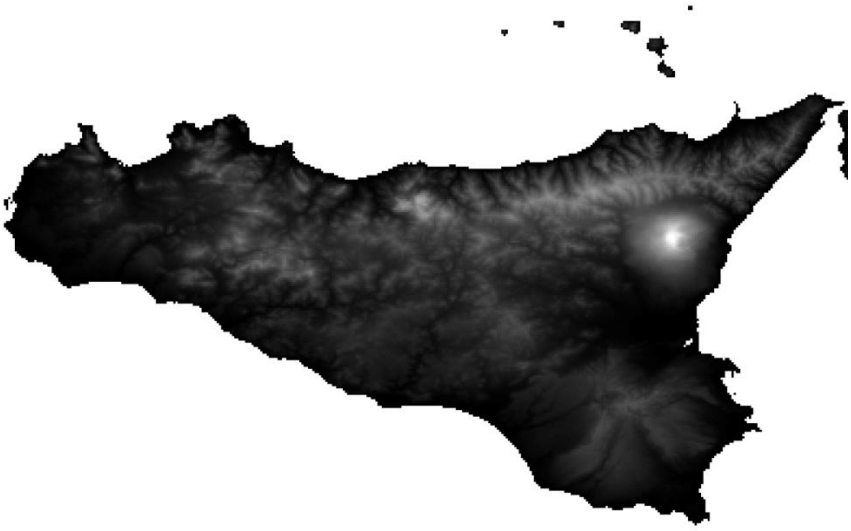


**Fig. 3.: Altimetria esterooscópia - SRTM/NASA. Visualização do dado bruto disponibilizado pelos servidores da agência espacial norte-americana.**

Os dados satelitais foram processados no software *ArcGIS*, para a construção do mosaico de imagens falsa cor, mosaico dos arquivos raster de altimetria. Inseridos no ambiente computacional, as análises matemáticas permitem a produção dos resultados que nos permitem interpretar o terreno: curvas de nível, hidrografia, mapas de declividade, etc. A modelagem dos dados é necessária para a produção dos produtos cartográficos, i.é. os mapas que apresentamos nos capítulos seguintes.

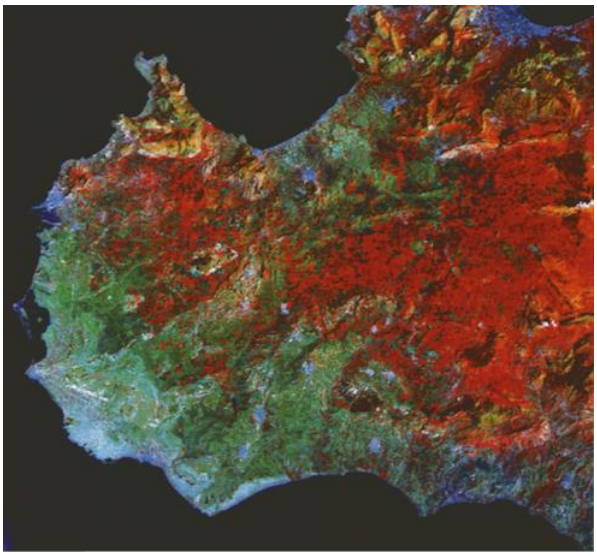


**Fig. 4 - Composição de bandas. Fonte: NASA/LANDSAT 8**

Inserimos as coordenadas geográficas das cidades, das áreas de culto da *ásty* e da *khóra* e construímos um banco de dados georreferenciado.

Este banco de dados nos permitiu elaborar as análises que avaliam o posicionamento das feições no terreno, a densidade de edificações atribuídas aos gregos e a cronologia das mesmas. Este conjunto de informações é interpretado nos capítulos de interpretação dos dados em contexto intra sítio e intersítio.

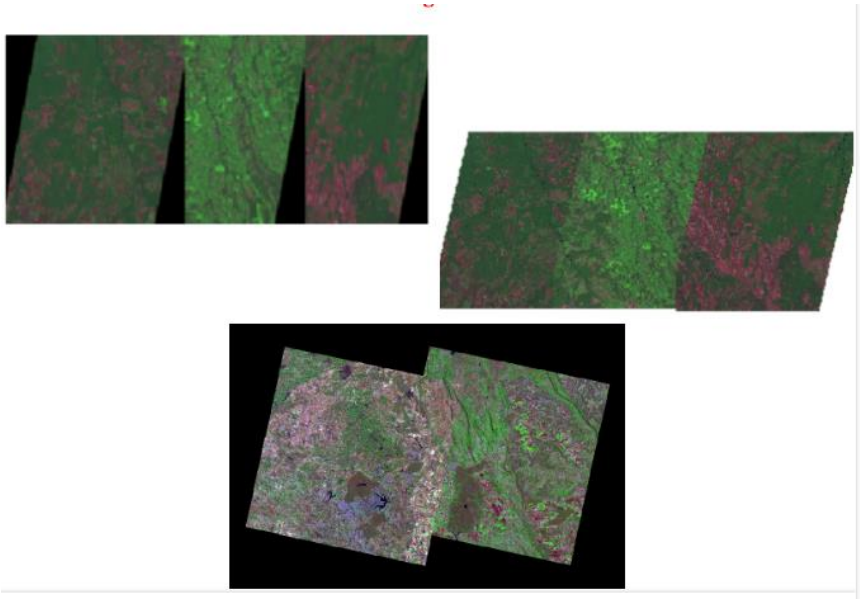


**Fig. 5 - Mosaicagem e composição de imagem satelital em falsa cor para seleção de polígonos de interesse. Fonte: NASA/LANDSAT 8**

Elegemos esta metodologia porque as tecnologias de sensoriamento remoto permitem alcançar uma visão sinóptica de todo o sistema de cidades, avaliar a articulação entre a topografia e a morfologia dos assentamentos, hidrologia e apropriação antrópica do meio, implicações do posicionamento das feições urbanas em área de costa marítima e impacto do relevo nas possibilidades de usufruto da *khóra*.

A aplicação de dados de sensoriamento remoto nos permitiu obter uma visão sistêmica do meio ambiente onde ocorreu os processos de fundação de assentamentos gregos em época arcaica, iluminando aspectos relacionados à conectividade entre os sítios e os fatores de atração dos terrenos por motivos estratégicos. A combinação de imagens de satélite com mapas digitais criou uma superfície texturizada da região. Já a combinação de faixas multi-espectrais de dados de alta resolução espacial nos permite recuperar elementos da paisagem hidrográfica que se perderam com o passar do tempo, devido a processos naturais e desertificação, desvio de canais para fins de agricultura extensiva e mudanças climáticas.

### 1.10.1 Análise quantitativa e espacial dos dados

Os dados arqueológicos mobilizados em uma análise espacial georreferenciada podem nos informar sobre as estratégias de territorialização e os sentidos das formas construídas dispersas nos territórios. Contudo, devemos ter atenção na aplicação de modelos teóricos que buscam 'interpretar paisagens de poder'. A evidência documental coletada nos permite estabelecer algumas críticas ou, no mínimo, chamar atenção para a necessidade de ajustes nos modelos de interpretação sobre as paisagens de poder das cidades gregas siciliotas.

A variabilidade identificada na documentação arqueológica em seus respectivos contextos pode ser transformada em informações generalizantes se os cuidados necessários não forem tomados.

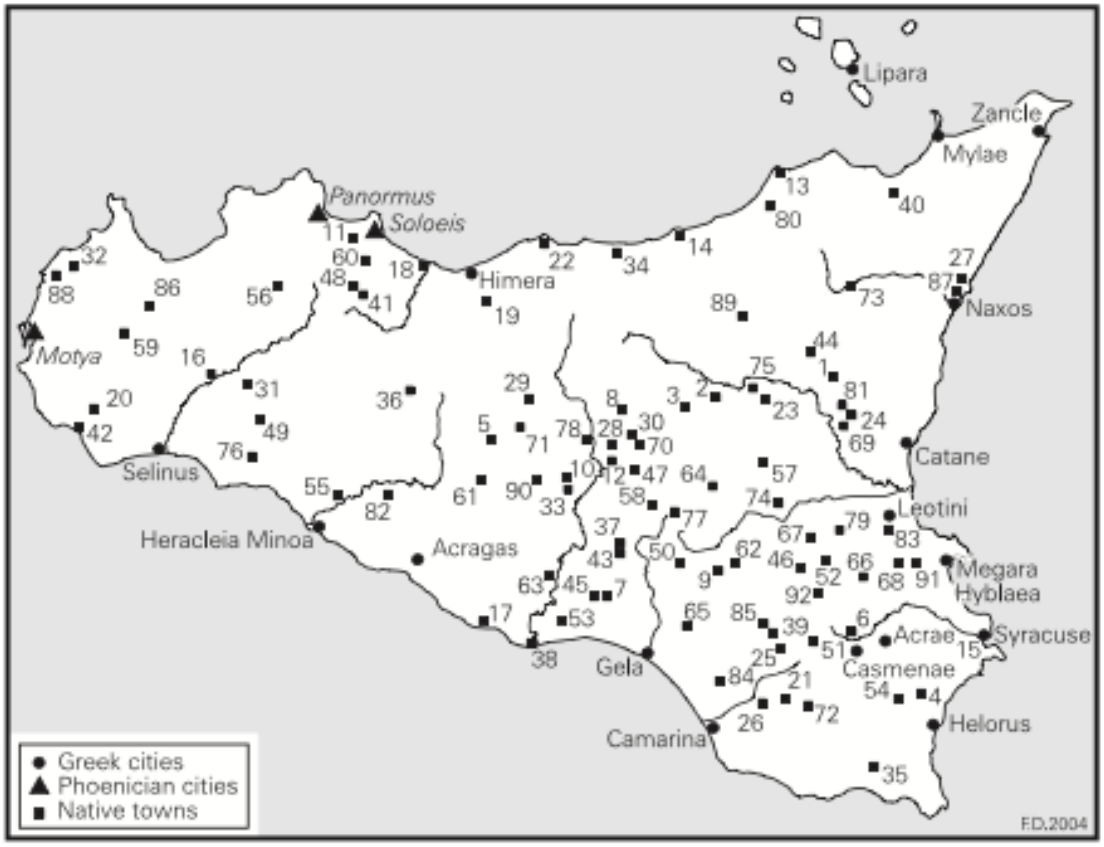
Por exemplo: afirmar que os santuários de Deméter e Koré tem alguma correlação com a topografia por causa da incidência de diversos santuários extraurbanos em altitudes mais elevadas do que santuários que são implantados nas áste (VERONESE 2006).

A interpretação é problemática, pois não considerou a dinâmica de territorialização dos gregos na Sicília. As cidades são fundadas predominantemente na costa e o alargamento da *khóra* se dá para o interior da ilha. Sua formação vulcânica lhe confere um relevo que invariavelmente será mais plano nas proximidades do mar e, gradualmente, mais elevado e irregular em direção ao centro da ilha.

Portanto, não há correlação do culto de Deméter e Koré com as altitudes - que são muito variadas para constituir qualquer tipo de padrão classificatório. O que aconteceu foi uma interpretação improcedente porque ignorava um conjunto maior - e necessário - de dados para a leitura do fenômeno observado, especialmente o contexto geomorfológico das áreas onde as pólis empreenderam o alargamento dos seus domínios territoriais.

Francesca Veronese (2006) efetuou a recolha e descrição de um volume monumental de informações sobre as estruturas que classificou como áreas de culto. Elaborou uma fórmula para quantificar as classes de grandeza dos respectivos conjuntos de artefatos e intervenções no meio. Reiterou em cada página possível que as áreas de culto em territórios “indígenas” (sic) confirmavam a helenização dos povos da ilha. No capítulo final, inseriu todos os dados em um Software SIG e, da totalização de todas as evidências recolhidas, expôs um mapa das áreas de influência das matrizes étnicas gregas.

O problema: Polígonos de Thyssen vêm sendo empregados em diversos estudos sobre a emergência de sociedades segmentadas e etapas germinativas da pólis há décadas, mesmo antes do avanço dos recursos computacionais experimentados no final do século XX de nossa era. Os resultados mais bem conhecidos entre os estudiosos da sociedade grega antiga são aqueles publicados por J. Bintliff[27]. Nos contextos aplicados por este autor, as entidades "de entrada" no software para a produção dos resultados poligonais da presença e vizinhança de entidades pares.




**Mapa 2: Variabilidade étnica que caracteriza a ocupação da Sicília, desconsiderada por F. Veronese na sua interpretação de macroáreas de poder. Fonte: DOMINGUEZ 2006: 255.**

---

[27] BINTLIFF, J.L. "Territorial behaviour and the natural history of the Greek polis", in: Olshausen, E., Sonnabend, H. (eds.), *Stuttgarter Kolloquium zur Historichen Geographie des Altertums,* 4. Amsterdam, 1994, 207 - 249;_____,. The origins and nature of the Greek city-state and its significance for world settlement History. In: RUBY, P. (dir.). *Les princes de la Protohistoire el l'émergence de l'État*. Actes de la table ronde international de Naples (1994). Naples: École Française de Rome, 1999, p. 43-56

O mesmo método não poderia ser adotado para estabelecer as áreas de influência grega na Sicília porque Veronese não introduz nos dados as variáveis que também compõem a ocupação do território da ilha: os sículos, sicanos, elímios e fenícios. Sem dados do conjunto de entidades que compõem o contexto de referência, o resultado se transforma em uma imagem, mas não um dado.

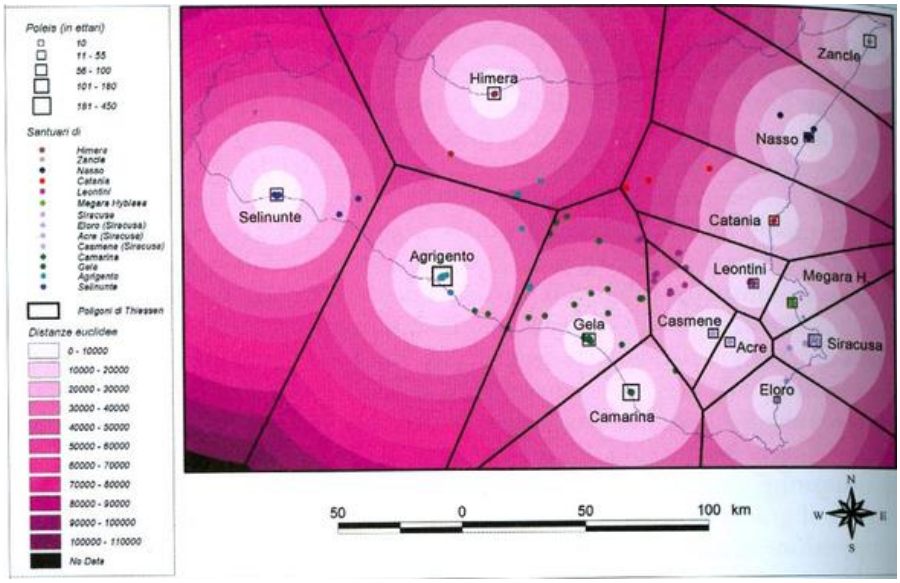



**Fig. 6: Divisão do território da Sicília em polígonos de Thiessen. Fonte: VERONESE 2006: 568.**

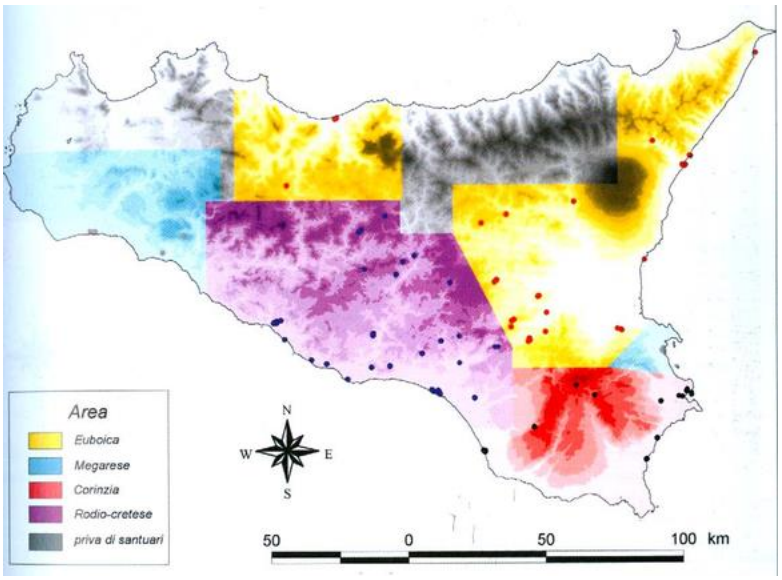
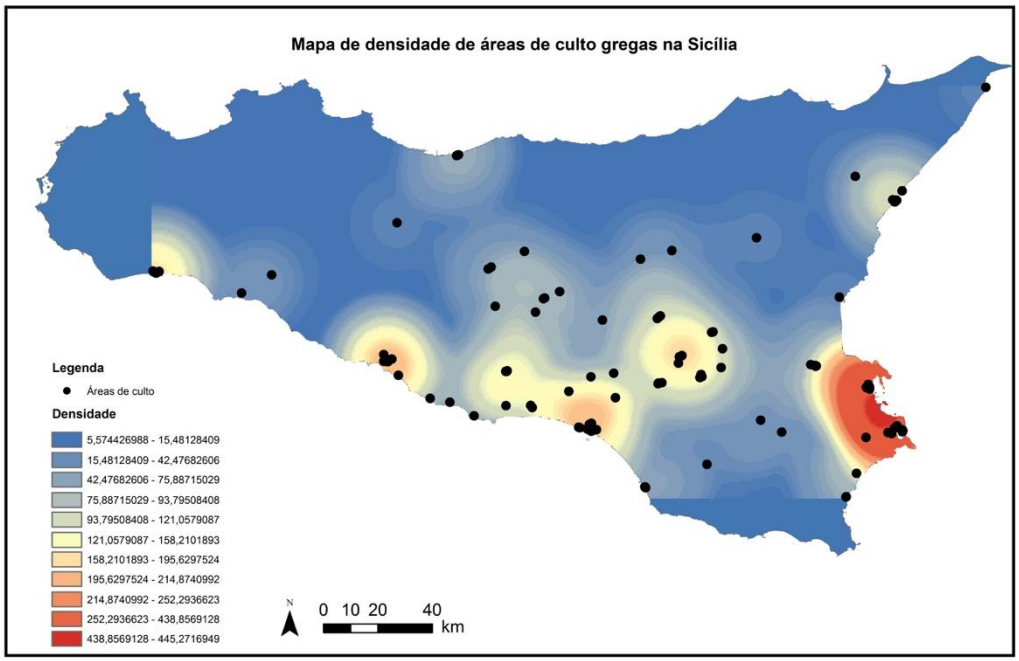



**Fig. 7: Interpretação das macroáreas de poder de F. Veronese, que ignora a presença dos sítios anelênicos na Sicília. Um *overlay* com estes dados e os dados de Domínguez modifica radicalmente a interpretação dos processos de ocupação da Sicília.**

Optamos por apresentar a totalidade das áreas de culto estabelecidas na Sicília em um mapa de densidade de Kernel. No contexto das geotecnologias o mapa de Kernel faz referencia a um método estatístico de estimação de curvas de densidades, onde cada uma das entidades de observação é ponderada pela distancia em relação a um valor central, o núcleo.

O método é uma alternativa para a análise geográfica do comportamento de padrões, onde no mapa se vê plotado, por meio de métodos de interpolação, a intensidade pontual de determinado fenômeno em toda a área de estudo. Neste mapa poderemos observar a intensidade do processo de territorialização grega na Sicília tendo por unidade de análise a presença de áreas de culto dispersas nas *áste* e respectivas *khóra*. Este método independe do *input* das entidades que denotariam a presença de assentamentos ou áreas de culto anelênicas pois não propõe a inferência de fronteiras, mas da baixa ou alta intensidade da presença grega no território.




**Mapa 3: Densidade de áreas de culto das pólis gregas na Sicília, cf. dados disponibilizados em VERONESE: 2006. Fonte (imagem): Autoria própria.**

# CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DOS DADOS INTRASÍTIO

## Introdução

Neste capítulo iremos caracterizar topograficamente as regiões onde se localizam as cidades, metrópoles e apoikias que compõem o universo de análise deste estudo. Na primeira parte será feita a caracterização geográfica da Grécia e da Sicília, com o propósito de contextualizar ambientalmente e espacialmente as regiões onde as cidades se desenvolveram. Na segunda parte as apoikias serão elencadas de modo agrupado tendo por elemento norteador sua metrópole grega. Cada uma delas será descrita e serão enfatizados os aspectos que nos informam sobre sua localização, aspectos ambientais e topográficos. Por fim observações mais detalhadas sobre o desenvolvimento dos arranjos espaciais das pólis no território.

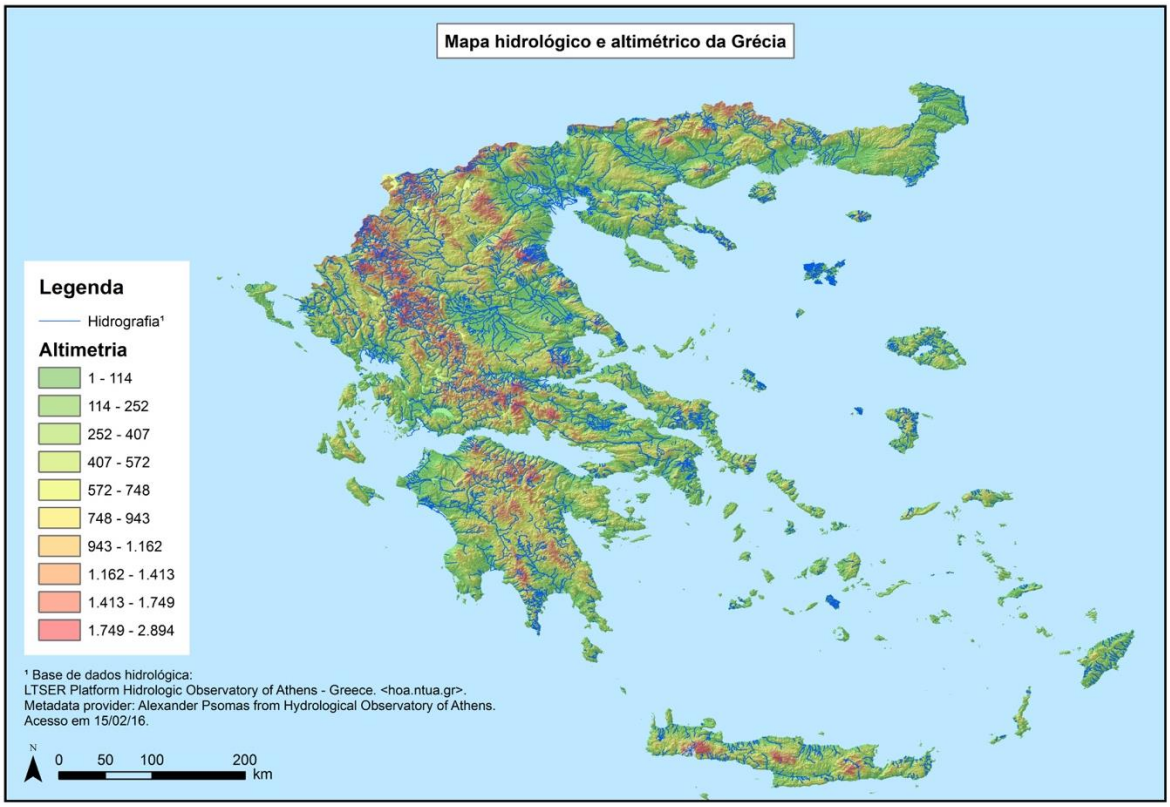
## 2.1 Grécia: ambiente físico

A Grécia fica na base da Península Balcânica no Sul da Europa. Projeta-se para o Sul no Mar Mediterrâneo entre o Adriático no seu Oeste e do Egeu no seu Leste. Possuí topografia acidentada, configurando um território montanhoso.

A natureza montanhosa do país também significa que as planícies férteis são poucas; porém intensamente cultivadas. As montanhas também marcam o litoral que, devido à robustez e irregularidade da terra, tem milhares de enseadas e golfos. O maior deles é o Golfo de Corinto, que, juntamente com o Golfo Sarônico, quase divide a Grécia em duas partes.

A porção territorial entre os dois golfos, o Peloponeso, está ligada apenas por um estreito istmo ao resto da Grécia. Esse istmo tinha importância tanto para o

tráfego terrestre como marítimo. Todas as viagens terrestres entre o Peloponeso e o resto da Grécia tiveram de passar por ele. Ao mesmo tempo, era mais fácil e rápido na antiguidade para aqueles que transportavam mercadorias de Oeste para Leste, por mar, descarregar as mercadorias no Istmo, transportá-las através dele e depois recarregá-las do outro lado. O Istmo, então, funcionou também como um importante ponto de conexão para viagens marítimas, incidindo decisivamente nos rumos das comunidades que habitavam na região, especialmente Mégara e Corinto.




**Mapa 4: Mapa hidrológico e altimétrico da Grécia. Fonte: Autoria própria.**

A topografia irregular era um incentivo para as viagens marítimas. E o mar geralmente ajudava a unir, em vez de dividir a Grécia. Isto foi especialmente verdadeiro para o Mar Egeu. Ilhas pontilham o mar de tal forma que quando navegam da Grécia continental para a Ásia Menor nunca se perde de vista a terra - de qualquer ilha, a próxima é sempre visível. Com efeito, as ilhas funcionam como estações em uma estrada através da água.

À medida em que se avança para o Leste através do mar Egeu, chega-se finalmente ao continente da Ásia Menor. Os gregos alcançaram a costa do Norte do Mar Egeu por mar também, um pouco mais tarde, já no oitavo século; e quando a expansão no interior aqui ocorreu, os habitantes tendiam a olhar para a Grécia continental com a qual eram conectados pelo Mar Egeu. Em todos os aspectos, o Egeu uniu os gregos; e a região ao redor do mar Egeu sempre compôs o território central da civilização grega. Saindo do Peloponeso por meio do Istmo, chega-se primeiro a Megara, ladeado horizontalmente por dois poderosos vizinhos, Corinto e Atenas. Ao Norte de Megara se encontra a Grécia central, dominada no continente por Atenas ao Leste e Beócia a Oeste. A grande ilha de Eubéia também pertence, em termos regionais, à Grécia central.

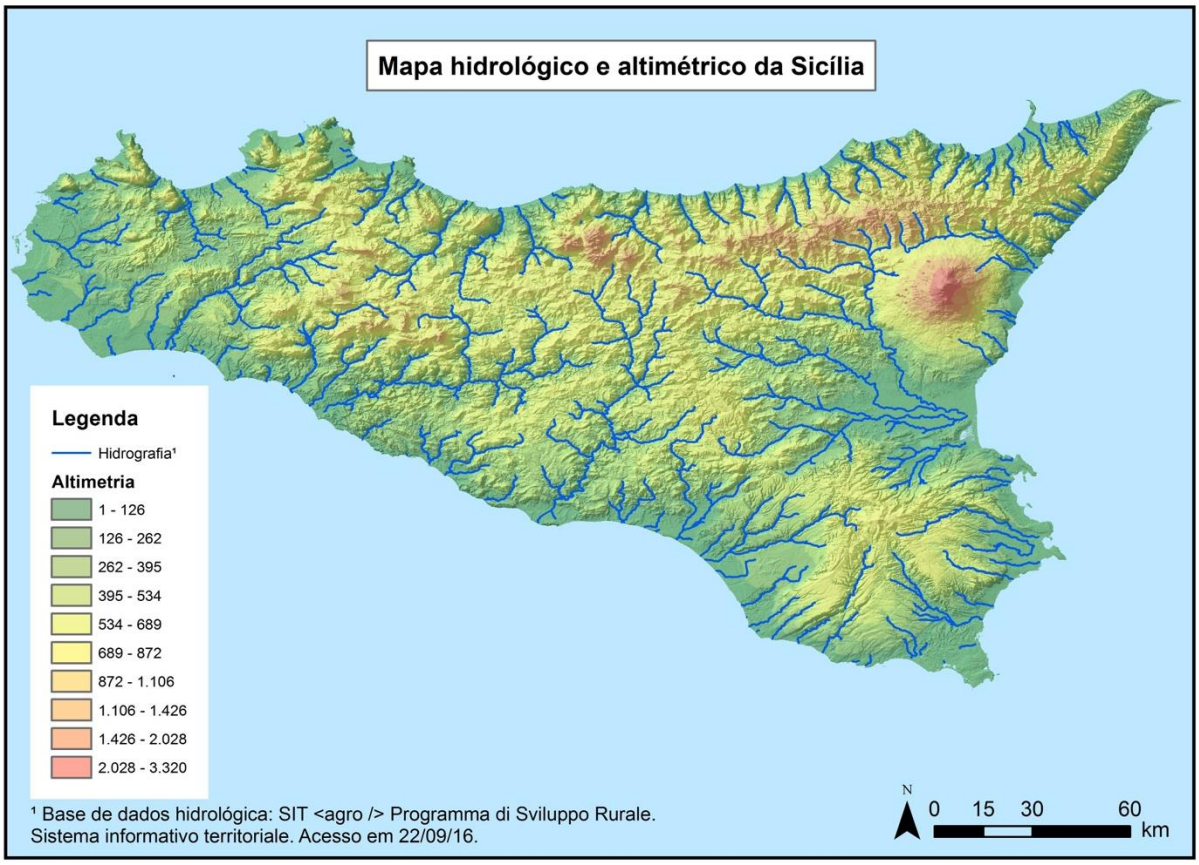
A Grécia encontra-se perto de onde se encontram as placas tectónicas eurasianas e africanas, e há muita atividade sísmica. Terremotos e tsunamis são comuns e ocasionalmente devastadores.

### 2.2 Sicília: ambiente físico

A Sicília abrange uma área de 25,707 km² sendo a maior ilha italiana. Posicionada no centro do Mar Mediterrâneo, separa-se da península italiana na área do Estreito de Messina, cujo canal tem comprimento mínimo de 3,4 km. Separa-se do continente africano com uma distância mínima de 140 km.

Possui forma triangular, e sua topografia mostra claros contrastes entre a parcela Norte, representada pelas cadeias montanhosas de Peloritani, Nebrodi e Madonie, pelas montanhas de Trabia, Monte Palermo e Monte de Trapani; já na região Centro-Sul e Sudoeste a paisagem difere, sendo caracterizada por pequenas

montanhas, exceto na serra de Monte Sicani. O Sudoeste apresenta morfologia de planalto, no setor Leste o vulcão Etna se destaca na topografia.




**Mapa 5: Mapa hidrológico e altimétrico da Sicília. Fonte: Autoria própria.**

No que diz respeito à totalidade do território da ilha, as áreas de colina representam 62% do território, montanhas 24% e planícies 14%. Sua área de costa se estende por 1039 km de comprimento.

A história geológica da Sicília é muito complexa, tanto pela sua localização em uma parte do Mediterrâneo caracterizada por extrema mobilidade, tanto pelas alternâncias sedimentares e eventos tectônicos que ocorreram do Paleozóico ao Quaternário, destacamos: 1) os fluxos vulcânicos do Etna e Iblei, 2) complexo evaporítico, que inclui todos os tipos de rochas de formação gessoso-solfífero do Mioceno superior, como a terra de diatomáceas, o calcário solfífero, gesso e seus sais, 3) arenito geral e argilo-calcários, 4) complexo de carbonato, que inclui todas

as formações de calcário, dolomita e dolomítico com idade entre o Mesozóico e Terciário. Estes elementos têm importância no desenvolvimento das aglomerações urbanas e nas mudanças de relevo que ocorreram da antiguidade até o presente, como será detalhado adiante.

Nas várias eras geológicas, inúmeras fases tectônicas têm modificado gradualmente o solo e o relevo da ilha.

A atual morfologia é resultado de um processo que ainda está em evolução, o neotectônico; um caráter conciliador com levantamento associado nas altitudes superiores a 1000 metros acima do nível do mar que tem por consequência um aprofundamento dos vales dos rios.

Os decursos das várias fases tectônicas são determinantes para a atual conformação física do território siciliano. Áreas facilmente erodíveis e áreas montanhosas com formas amolecidas são entrecortadas por picos, torres e pináculos mais resistentes à erosão. A sequência de evaporíticos cujo tipo litológico mais comum consiste em gesso se caracterizam por alta solubilidade e são afetados por fenômenos cársticos generalizados.

Processos erosivos intensos, formação de cavernas e condutos alteram com significativa velocidade o relevo da região, ocasionando decréscimo de cursos d'água. Soma-se a isto os efeitos mecânicos e térmicos do vulcão Etna, as intensas atividades do antropoceno e a agricultura extensiva praticada em diversas áreas da ilha, que resultam em um intenso processo de desertificação, observado atentamente pelos órgãos competentes do governo. No que diz respeito ao nosso estudo, é importante conhecer as mudanças macro ambientais que transformaram a paisagem onde foram fundadas as pólis gregas na paisagem atual onde são realizados os trabalhos de escavação arqueológica, *surveys* e coleta de dados via

sensoriamento remoto para que se possa avaliar atentamente os fatores dissemelhantes nos conjuntos de dados.

A faixa costeira é um resultado de tipos de rochas que a compõe, diversamente articuladas com trechos de areia ou cascalho variadamente estendidos a uma altitude acima do nível do mar, às vezes na frente das antigas falésias inativas, e seções onde os penhascos sobre o mar contribuem ativamente para uma evolução morfológica contínua.

A rede hidrográfica é também muito complexa. As bacias são pequenas, tem inúmeros córregos e diversos canais de curto desenvolvimento. Os vales dos rios são estreitos e profundos em áreas montanhosas com perfis ocos dependendo das rochas que atravessam. A hidrografia das áreas centrais é caracterizada pela presença da bacia do rio Belice, cuja seção terminal tem uma morfologia característica de terraços fluviais. Um pouco mais a Leste a ilha é atravessada por alguns dos principais rios da Sicília, incluindo o Platani e o Imera. Este último flui para o grande golfo de Gela, uma vasta planície costeira de aluvião limitada por extensos campos de dunas que, nalguns pontos, dão origem a zonas úmidas costeiras.

A Planície de Catânia foi formada durante o Quaternário e os depósitos aluviais do Simeto, o rio com maior área de influência da Sicília, e de seus atuais afluentes. Na segunda metade do século XX a planície de Catânia tem sofrido uma modificação antrópica marcante, resultado da limpeza do Lago de Lentini (topônimo moderno), a maior zona úmida da Sicília. A canalização de rios na região e o desvio de alguns canais fluviais alterou significativamente a morfologia da região. Regiões de drenagem dos rios também foram provocadas pelo vulcanismo da ilha.

O clima da Sicília é vagamente definido como “Mediterrânico”, considerado muito leve. A localização geográfica da ilha, no centro do Mediterrâneo, faz com que esteja exposta às influênc ias das massas de ar continentais africana e europeia (DE AGNESI et alli, 1998).

### 2.2.1 A presença grega na Sicília

Previamente habitada por populações conhecidas como sicanos, sículos e elímios, a Sicília foi alvo do interesse para ocupação por parte de gregos e fenícios, que já frequentavam a região desde períodos muito recuados (Ver Introdução e Capítulo 1). Sua posição geográfica no centro do Mar Mediterrâneo é estratégica do ponto de vista dos contatos marítimos e deve ter sido um dos fatores determinantes para que diversos grupos sociais tenham se desenvolvido em seu território.

A natureza das relações sociais entre as diferentes sociedades não é conhecida em profundidade. Uma quantidade significativa de informações das quais dispomos é oriunda da tradição literária greco-romana, cujo ponto focal de interesse não consiste numa descrição analítica e detalhadas dos grupos sociais e formas de interação. Todo este quadro conceitual que emerge de questões colocadas pela investigação acadêmica contemporânea não fazia parte das intenções de registro dos antigos.

Para responder tais questões, especialistas de diversas áreas do conhecimento analisam documentos de natureza diversa e buscam preencher as lacunas de informação com o emprego de ferramentas analíticas complexas. O processo de produção de conhecimento sobre as muitas culturas e populações que habitavam a Sicília não é recente no âmbito da academia europeia, e despertou o

interesse de estudiosos de diversos centros de produção de conhecimento no mundo, sob a égide da importância dos “Estudos Clássicos” na tradição intelectual do Ocidente. Disto resulta que muitos esforços e recursos são destinados para a produção de conhecimento mais refinadas sobre as sociedades antigas. No contexto destas iniciativas, a presença de populações gregas na Sicília e o processo nomeado “colonização grega" tem grande destaque. A colonização grega por si é um dos objetos de estudo que mais tem se destacado na produção de conhecimento científico nas últimas décadas, dentre os grandes temas investigados pelos especialistas da antiguidade.

Nossa pesquisa focaliza o processo de fundação e extensão territorial das cidades gregas fundadas na Sicília que emergiram no processo de colonização grega, ocorrido no período Arcaico (séculos VIII - VI a.C.) e nomeadas pelos próprios gregos apoikias - casa longe de casa. Suas metrópoles estão localizadas na Grécia e são descritas em outro tópico deste trabalho. O conjunto de cidades gregas situadas na Sicília, que será analisado nesta parte do trabalho, está agrupado de acordo com suas respectivas *metropolis* e é composto pelas seguintes pólis: 1) Naxos, Catânia, Leontinos; 2) Siracusa, Eloro, Acrai, Casmene e Camarina; 3) Mégara Hibléia, Selinonte, Heracléia Minoa, 4) Gela, Agrigento.

Para fins de contextualização, podemos tecer algumas considerações geográficas sobre o processo de fundações de apoikias na Sicília. Inicialmente foram escolhidas as regiões costeiras, independentemente da presença ou ausência de assentamentos de populações anelênicas. E embora existam certos padrões geomorfológicos entre as regiões onde as apoikias foram fundadas, agrupá-las em torno do seu caráter agrícola ou mercantil não pode ser feito às expensas de alguma

dose de generalização e com margem para asserções equivocadas (a este respeito, ver Cap. 1).

Já do ponto de vista da implantação urbana, os traços pré-existentes dos assentamentos anelênicos não determinaram o desenvolvimento da especialização dos espaços dos colonos gregos nos casos de sobreposição de áreas de habitação, ao menos nas áreas urbanas - onde foram alocadas as *ásty*. À revelia dos espaços vazios ou ocupados, a intencionalidade de sobreposição da cidade grega sobre locais de habitação anelênica são verificados no registro arqueológico, o que torna difícil negar a intenção de demarcar o poderio de uma nova ordem social sobre àquela outra preexistente.

A natureza do contato entre gregos e anelênicos que se pode depreender da documentação textual é bastante diversa. Por vezes foram relatados episódios de conflitos, outras vezes negociação entre as partes. Cada um deles será aprofundado nos estudos das cidades em particular.

Quanto às datações das fundações, são poucas as dissemelhanças entre as informações obtidas nas fontes textuais e as datações obtidas na análise do registro arqueológico. Menos consensual entre os especialistas é a cronologia dos períodos de frequentação de povos gregos nas regiões onde as colônias viriam a ser fundadas e o início do período de habitação dos colonos de fato.

Verifica-se no registro arqueológico um padrão de aumento de artefatos oriundos da Grécia em períodos imediatamente anteriores ao processo de territorialização nos assentamentos. Como se verá adiante, é notório o volume de artefatos contextuais aos locais de culto serem localizados onde, em etapas posteriores, se desenvolvem os espaços especializados, especialmente da esfera sacra. Para um grupo de especialistas este processo é indicativo da intencionalidade

de territorialização e de realização de incursões de caráter exploratório do território. Já para os seus críticos, tais objetos poderiam ter chegado naqueles locais por causa do comércio e do contato pré-existente entre as sociedades, sem que isto caracterize uma agenda de proto-colonização. Mais uma vez, a variabilidade que se verifica no registro arqueológico é determinante e, devido a suas especificidades, tais aspectos também serão pormenorizados nos tópicos referentes a cada uma das cidades.

## 2.3 Cálcis e suas apoikias

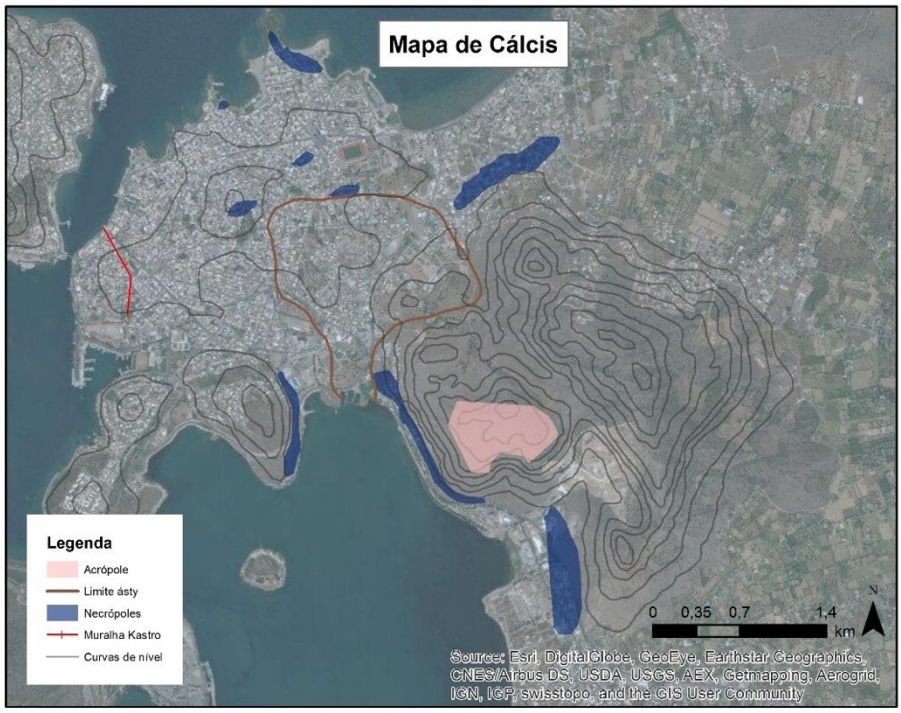
**Vista aérea de Cálcis. Fonte: Google Earth, Digital Globe.**

### 2.3.1 Cálcis

**Localização:** Latitude: 4260310.00 m N,

Longitude: 726025.00 m E

**Região:** Eubéia




**Mapa 6: Mapa de Cálcis com reconstituição da topografia e arranjo espacial. Fonte: Sakellaraki 1995: 18 (modificado).**

**Caracterização da pólis:** Cálcis é tida como a principal cidade da Eubéia, a grande ilha posicionada no flanco oriental do continente grego. Nardo (2006, p. 90), ao discutir a relevância histórica desta pólis, aponta que “evidências sugerem que Cálcis foi uma das primeiras cidades da Grécia a retomar o comércio exterior na sequência do colapso da cultura micênica no final da idade do bronze”.

As informações arqueológicas que permitiriam um melhor conhecimento do arranjo urbano são completamente obliteradas em virtude da ocupação da cidade moderna se sobrepor à área da cidade antiga (ANDREIOMENOU 1998: 153).

Remanescentes do período Geométrico foram encontrados na cidade moderna (ANDREIOMENOU 1981: 192 apud ANDREIOMENOU 1998: 155). A pólis desempenhou um importante papel na história da Grécia no período Geométrico e período Arcaico, sendo ativa no comércio de cerâmica e metalurgia (ANDREIOMENOU 1981: 101-111 apud ANDREIOMENOU 1998: 155) e no empreendimento de fundações na Sicília, Itália, Calcídica, Trácia, Ilhas do Egeu e possivelmente a Síria (SMITH 1854; NARDO 2006: 91).

Da reconstituição que foi possível empreender, Cálcis foi uma cidade murada com uma ágora. Estrabão (10.1.8) menciona um monumento funerário na ágora de Kleomachos de Pharsalos. A acrópole era localizada sobre o monte Vathrovoúnia, no setor Sudoeste da cidade. A *ásty* e a acrópole da cidade foram protegidos por um muro, fechando uma área de (c. 12,5 ha.). Seu território chegou a cobrir uma área e (c. 825 km²) (REBER, HANSEN e DUCREY 2004: 648). Uma ponte que conectava Cálcis com o continente foi construída em 411. A região é formada por diversos ancoradouros naturais, mas não foram encontrados registros arqueológicos de portos na cidade. A cidade esteve envolvida na fundação das apoikias de Naxos, Zancle, Cumas, Neápolis, Pitecusa e Régio.

Estrabão informa que no século VIII, Cálcis e Erétria estavam envolvidas em conflitos por terras e poder, o que levou a uma guerra que disputava a planície lelantina (*GEOGRAFIA* 10.1.9). O vencedor do conflito é desconhecido, porém, há indícios de que Cálcis fez usufruto da planície no século VII.

**Evidências de culto:** cultos atestados na pólis: Zeus Olímpios e Atena (REBER, HANSEN, DUCREY 2004: 649).

**Fundação de sub-apoikias e/ou postos avançados:** fundou Naxos, Catânia, Leontinos, Himera e Zancle.

### 2.3.2 Naxos

**Vista aérea de Naxos. Fonte: Google Earth, Digital Globe.**

**Metrópole:** Cálcis

**Localização:** Latitude: 4185828.00 m N, Longitude: 523707.00 m E

**Região:** Costa Leste da Sicília

**Datação fontes textuais:** 734 a.C.

**Datação fontes arqueológicas:** 740 – 730 a.C.

**Histórico do assentamento – ocupação (ões) anterior (es) a fundação da apoikia:** A área do Cabo Schisò possuí registros de ocupação que remontam ao Neolítico e Idade do Bronze, quase que continuamente até a chegada dos colonos calcídicos. Cerâmicas identificadas como tendo origem em Thapsos são

interpretadas como evidências do contato dos habitantes da região com populações micênicas, além de traços de frequentação do sítio em períodos mais recentes, o que é informado pela presença de fragmentos de cerâmica de Cassibile, datadas dos séculos X e IX (JANNELE e LONGO 2004: 15; SCALISI 2010: 248). Quando da chegada dos *ápoikoi* gregos a região era habitada por sículos, que foram expulsos do local. Contudo, Diodoro narra que posteriormente estas populações vieram a ter relações amistosas com a população da apoikia.

**Descrição topográfica:** a cidade está situada a cerca de 50 km do Estreito de Messina, na península de Schisò, de formação geológica vulcânica. Ocupa uma área de formato retangular, próxima da costa e poucos metros acima do mar. Embora o terreno onde a cidade está assentada seja atualmente plano, na época da fundação era mais irregular. Porém, as constantes inundações e atividades antrópicas alteraram a morfologia da região.

**Mapa 7: Distribuição de áreas de culto Naxos. Fonte: Autoria própria.**

A área possui comprimento máximo de 700 metros e largura de cerca de 560 metros, com aproximadamente 40 hectares (VERONESE 2006: 154-155; SCALISI 2010: 248).

A Nordeste localiza-se a baía, mais profunda no passado do que atualmente (em virtude de processos de aluvião) e para Sudeste a torrente de Santa Venera, poucos metros distantes dos muros da cidade. A Oeste, por volta de 1 km, esta torrente se converte no rio Alcântara, que flui do relevo montanhoso da *khóra*.

A elevação que se sobressai na paisagem da cidade é a colina de Larunchi com 20m de altura, e que foi envolvida pelos muros da cidade, embora não tenham sido encontrados vestígios de habitações nela.

**Malha urbana:** A malha urbana implementada em Naxos pelos gregos era ortogonal, sentido aproximado N-S e L-O. Escavações arqueológicas demonstram que duas plantas com discretas dissemelhanças nas orientações se sobrepõem no sítio. Uma estrada com orientação N - O / S - L com 5 metros de largura atravessa a cidade longitudinalmente, conectando a *ásty* com os quarteirões localizados próximos da costa.

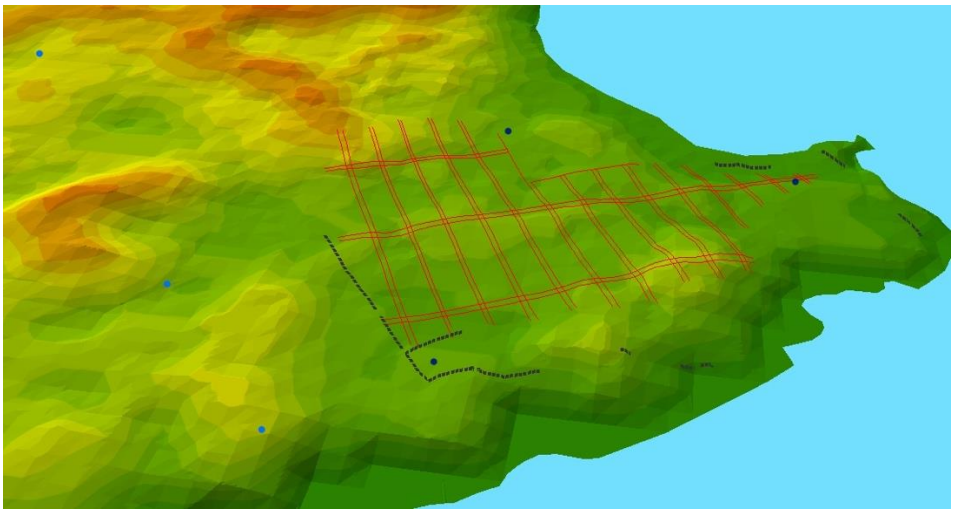


**Fig. 8: Naxos. Modelo digital do terreno, a partir de curvas de nível extraídas de altimetria do satélite ASTER. Fonte: Autoria própria.**

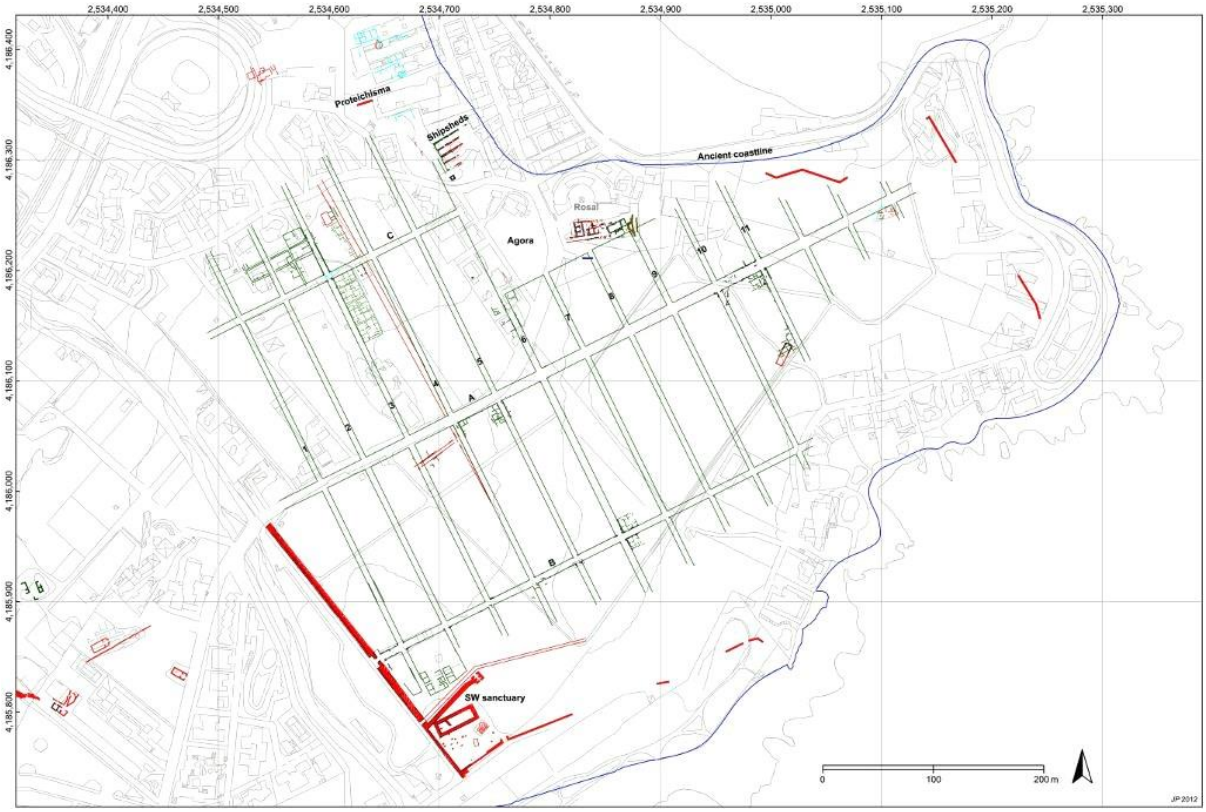



**Fig. 9: Planta de Naxos com os dois sistemas de orientação da malha viária. Fonte: http://www.parconaxostaormina.it/sites/default/files/images/naxos/V/1.jpg**

As sobreposições identificadas na malha e nas escavações dos quarteirões residenciais permitem divisar diferentes etapas da história urbana de Naxos.

Na primeira fase de ocupação da apoikia, no século VIII, a população ficou mais concentrada em torno do Cabo Shisò e estima-se que não tenha sido ocupado mais do que 10 hectares da área. No decorrer do século VII a urbanização é perceptível quase que na totalidade da península.

Caracterizam as formas da cidade já no período Clássico a reordenação da malha com quarteirões regulares controladas com a marcação efetuada com grandes bases quadrangulares nas esquinas, repetidas a cada quarteirão. A função destas marcações ainda é objeto de discussão entre os arqueólogos e, sem dúvidas, sua elucidação traria importantes consequências para a compreensão sobre o

processo de construção da cidade. Válido destacar que ainda não foram encontradas recorrências deste procedimento no mundo grego.

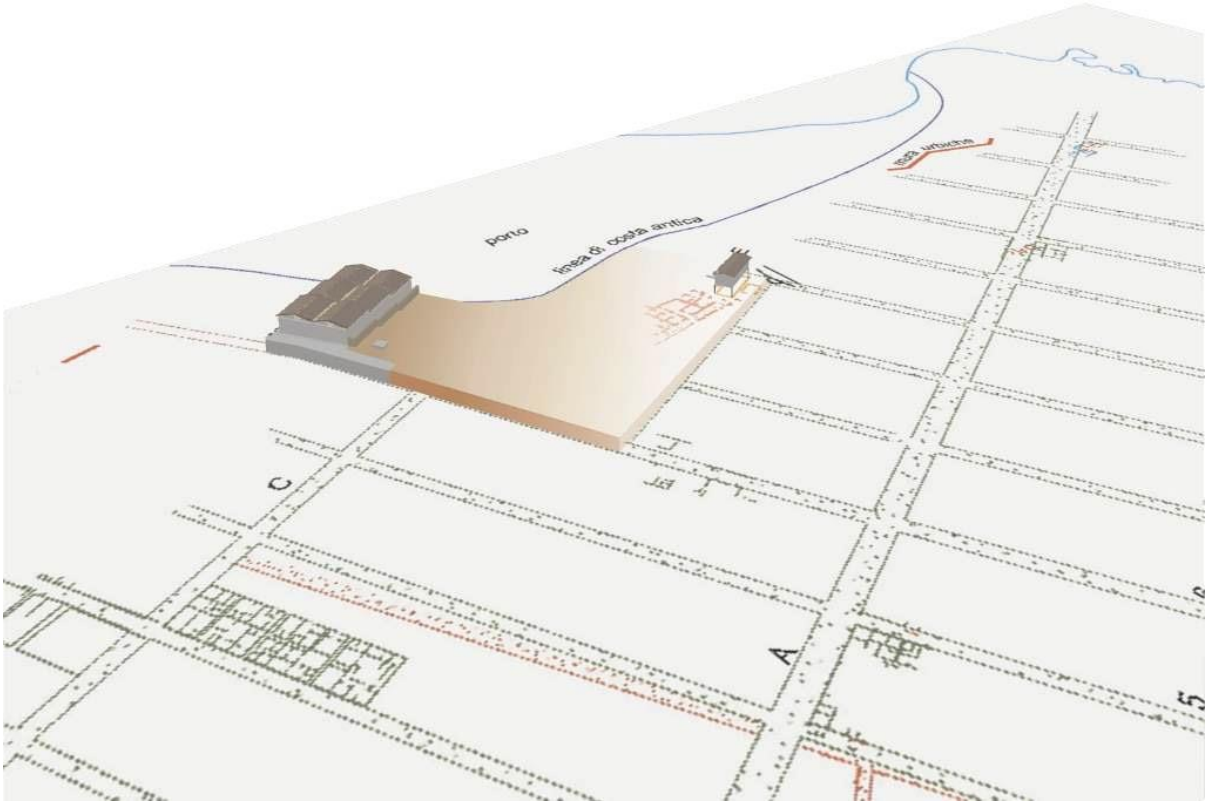
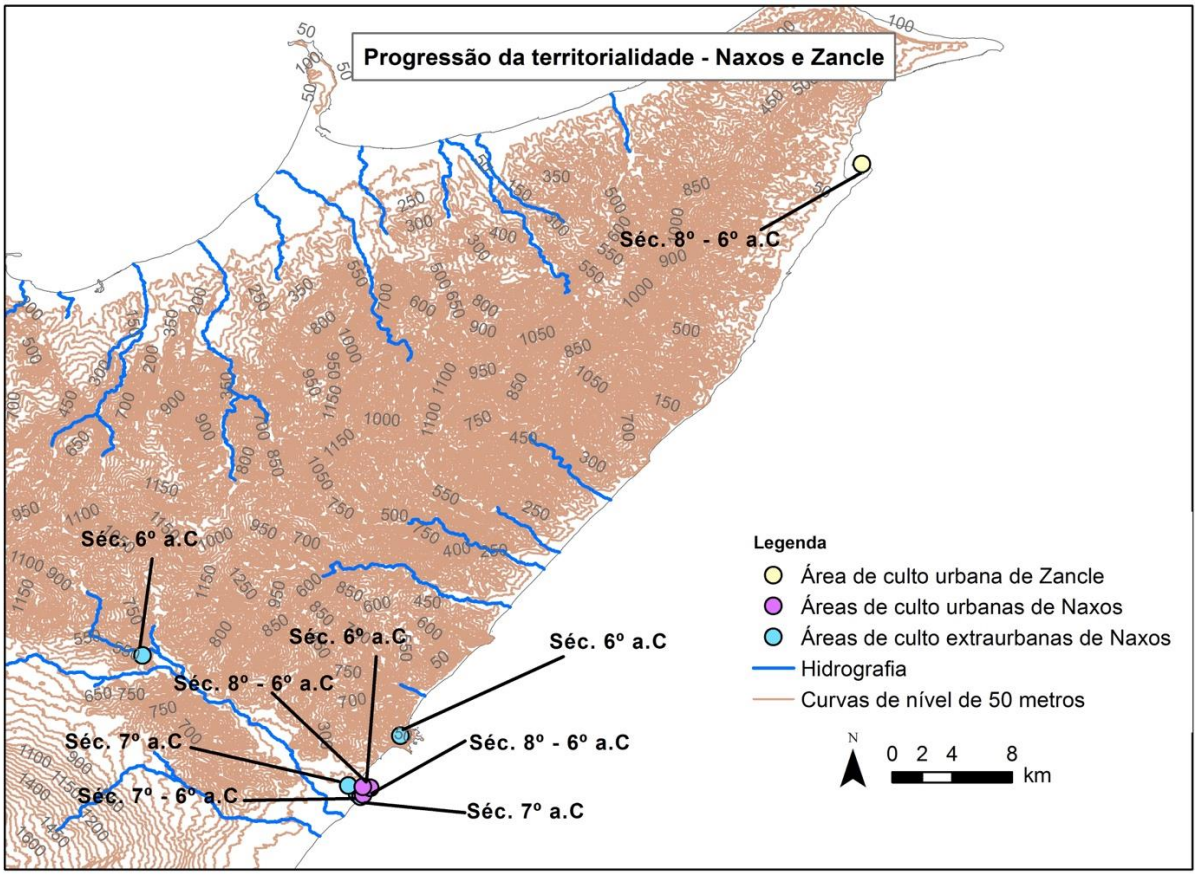



**Fig. 10: Naxos. Área de reestruturação da ágora e do porto. Fonte: http://www.parconaxostaormina.it/sites/default/files/images/naxos/agora/3.jpg**

**Datação templos:** De acordo com a tradição, ao chegar a algum lugar os gregos construíam um altar dedicado ao patrono dos colonos, Apolo Archegueta. No entanto, não há evidência arqueológica desta edificação no sítio.

A construção do principal santuário da cidade é datada do período Arcaico, onde também foram identificados fornos para a produção de objetos relacionados aos cultos e terracota arquitetônica. Estas estruturas de fabricação foram submersas por uma inundação na segunda metade do século VI, que dotou o solo de uma espessa camada de cascalho e alterou a guarnição das edificações e os níveis do solo da área. (LENTINI 2000; VERONESE 2006). O templo C é datado do período Arcaico, localizado no setor Leste da cidade, em posição central na península.

Escavações recuperaram remanescentes de santuários em diferentes pontos da *ásty,* um santuário a Sudoeste, onde se localizam os templos A e E, um altar e dois fornos. Indicações de outros santuários são interpretadas a partir de grupos de terracotas do período Arcaico localizados em diferentes pontos da cidade.




**Mapa 8: Naxos. Progressão da territorialização com dispersão de áreas de culto. Fonte: Autoria própria.**

O témeno, posicionado na área Sul da cidade tem seus limites encerrados no encontro com a muralha, e possuía duas portas de acesso: uma porta monumental ao Norte - o propileu - e outra porta simples ao Sul. Observa-se uma relação desse témeno com uma terceira porta que permitia o acesso ao rio Santa Venera e para as porções do território desprovidas de muros, o que seria um indicativo da intenção de propiciar conexão com os santuários extraurbanos, localizados na outra margem do rio.

**Datação muros:** no final do século VI a cidade recebe a construção dos muros, que não a cercavam em sua totalidade (SCALISI 2010: 251). Tal descontinuidade suscita indagações. Ainda não foi possível identificar a continuidade do traçado em direção à *khóra* ou outros pontos da *ásty*, como por exemplo, a área do porto. Levantamentos geofísicos concluídos em 1979 mostraram que o litoral era bastante recuado em relação ao contorno costeiro atual. Os muros da cidade, além de oferecerem a função defensiva também constituíam barreiras – nem sempre suficientes – contra inundações do rio, que até hoje são muito frequentes. Os muros foram concluídos no final do século IV, em antecipação ao ataque de Hipócrates de Gela (SCALISI 2010: 251).

Existem três portas identificadas no lado Leste do arranjo urbano e duas na parte Sul, e indícios de uma entrada para Nordeste do trecho que corre ao longo da baía. Em média as medidas das portas tem 2,50 metros e estão posicionadas em alinhamento com as vias da época arcaica e com as vias da época clássica[28]. Naxos teve seus muros erigidos desde o período Arcaico, associados às portas que conectavam sua *ásty* ao interior do território - *khóra*. Ao invés de se isolar, a articulação das suas vias - plateias e estenopos - com as portas mostram que a malha urbana estava bem conectada com sua *khóra*.

Os muros foram erigidos com a técnica poligonal, muito difundida na Grécia insular, tida como muito refinada no contexto das construções erigidas na Sicília no período Arcaico (SCALISI 2010: 251 - 252). O traçado foi erigido no período que abrange o final do século VII e primeira metade do século VI.

---

[28] A porta 7 não tem elementos comprovados.

**Fundação de sub-apoikias e / ou postos avançados:** no decurso do seu desenvolvimento, Naxos fundou duas apoikias na Sicília: Leontinos e Catânia (cf. *infra*), o que sugere que esta pólis alcançou um bom nível de prosperidade no decurso de poucas décadas. Este quadro é confirmado nas escavações arqueológicas, que recuperaram dados de uma complexa malha urbana, grande número de residências, complexos de fabrico de artefatos, etc. Inicialmente os colonos ocuparam uma pequena península que fechava uma baía. Do ponto de vista topográfico a posição era extremamente favorável para ancoragem e remete às intenções comerciais dos calcídicos.

**Áreas de culto no território: Naxos e Zancle**

| Nome | Apoikia | Metrópole | Datação | Divindade | Posição no território | Fichamento Veronese | Tipo de estrutura |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Área de culto 01 | Zancle | Naxos / Cálcis | Séc. 8º - 6º | ? | Urbana | 06 | Santuário pequeno |
| Área de culto 01 | Naxos | Cálcis | Séc. 7º | Hera? Afrodite? | Urbana | 07 | Santuário com templo monumental |
| Área de culto 02 | Naxos | Cálcis | Séc. 8º - 6º | - | Urbana | 08 | *Sacello* C |
| Área de culto 03 | Naxos | Cálcis | Séc. 6º | - | Urbana | 09 | *Sacello* E |
| Área de culto 04 | Naxos | Cálcis | Séc. 7º | Enyò | Extraurbana | 10 | Santuário |
| Área de culto 05 | Naxos | Cálcis | Séc. 7º - 6º | - | Extraurbana | 11 | Santuário |
| Área de culto 06 | Naxos | Cálcis | Séc. 8º - 6º | Afrodite? | Extraurbana | 12 | Depósito votivo |
| Área de culto 07 | Naxos | Cálcis | Séc. 6º | - | Extraurbana | 13 | Templo pequeno |
| Área de culto 08 | Naxos | Cálcis | Séc. 6º | Deméter e Koré / Afrodite? | Extraurbana | 14 | Santuário |

Naxos representou um importante avanço no projeto de expansão calcídica na Sicília. Se considerarmos o posicionamento de Zancle em conjunto com Naxos, perceberemos as vantagens obtidas na proximidade com o Estreito - de Messina - e as possibilidades de ganhos com as atividades comerciais. Note-se que a estrutura portuária que seria desenvolvida posteriormente chama atenção pelo seu grande porte e capacidade de alocar intensas atividades comerciais, podendo este ter sido

um fator que incentivou os calcídicos a empreenderem esforços por aquisições territoriais na região. “A posição geográfica da pequena península de Capo Schisò e a facilidade de ancoragem que a caracteriza representaram – sem dúvida – variáveis congruentes para os intentos comerciais dos calcídicos” (VERONESE 2006: 152-153).

Os expedientes de territorialização de Naxos podem ser interpretados à luz do melhor conhecimento das áreas sacras dispersas na sua *khóra*, em conjunto com a avaliação do impacto das fundações de Leontinos e Catânia. As proporções territoriais são imensas. Realizamos a demarcação dos pontos onde são atestados vestígios de áreas de culto na *khóra* e, a partir destes, podemos estabelecer projeções das suas respectivas áreas de influência.

A tabela 1, que elenca as áreas de culto identificadas no território de Naxos e Zancle apontam para uma baixa atividade de territorialização dos entornos da cidade com o expediente de fundações de áreas de culto extra-urbanas. Este dado isolado, no entanto, não pode dar a dimensão do esforço calcídico para aquisição de grandes domínios territoriais na Sicília se considerarmos as fundações das sub-apoikias Leontinos e Catânia, Himera e Zancle. O processo diverge daquele que se observará em Gela e Agrigento, por exemplo, onde é identificado um número exponencialmente maior de áreas de culto extraurbanas consignadas as duas pólis; mas vistos em totalidade, os calcídicos obtiveram considerável êxito nos seus esforços por alargamento territorial.

Não obstante, temos de cogitar os aspectos pós-deposicionais e as transformações geomorfológicas que a região de Naxos e suas imediações sofreram nos últimos séculos, tornando possível a destruição de áreas de culto ou

aumentando consideravelmente a dificuldade da recuperação dos seus vestígios mateiriais em prospecções arqueológicas.

### 2.3.3 Catânia

**Vista aérea de Catânia. Fonte: Google Earth, Digital Globe.**

**Metrópole:** Cálcis

**Localização:** Latitude: 4150665.00 m N, Longitude: 507332.00 m E

**Região:** Costa Leste da Sicília

**Datação fontes textuais:** 729 a.C.

**Datação fontes arqueológicas:** 730 – 720 a.C.

**Histórico do assentamento – ocupação (ões) anterior (es) a fundação da apoikia:** o local onde a apoikia foi implantada já havia abrigado um vasto assentamento do período Neolítico, identificado pela recuperação de artefatos de pedra, túmulos e cerâmica (NICOLETTI 2015: 33 e *ss*). A região também foi habitada na Idade do Bronze – com indícios de conexão com as populações que ocuparam Thapsos no mesmo período – (PROCELLI 1992: 75 Apud NICOLETTI 2015: 93-94); PRIVITERA 2015; TANASI 2015). A área também foi ocupada na Idade do Ferro, porém os processos sociais deste período são menos conhecidos

por causa do estágio das pesquisas. Entretanto, indícios robustos apontam para uma ocupação do local sem hiatos até a chegada dos gregos[29].

**Descrição topográfica:** A cidade foi construída sobre a esplanada irregular de um fluxo de lava – Colina de Montevergine – cerca de 50 metros acima do nível do mar, margeada por um vale aluvial. Sua costa é dotada de ancoradouro natural e suas planícies de solo fértil e bem irrigadas pela bacia hidrográfica da região propiciaram o cultivo extensivo de suas terras.

Para além dos fatores que favoreciam o cultivo agrícola, o posicionamento da cidade na costa Sul da Sicília fazia com que ocupasse papel estratégico no tráfego comercial da região. Seu porto era um ancoradouro natural e a *ásty* foi construída na colina a Oeste do porto – e do centro da cidade moderna.

Quando da chegada dos gregos a região abrigava uma cidade sícula, *Inessa* ou *Inessum*. A apokia passou a exercer influência sobre os assentamentos sículos de Mendolito, Agirion e Assoro. Considerando a localização das áreas de culto atribuídas a esta apoikia, a extensão de sua área de influência alcançava um raio de 30 km.

**Malha urbana:** o conhecimento dos arranjos espaciais na área urbana de Catânia é muito prejudicado devido à escassez de informações no registro

---

[29] Sobre a longa duração das ocupações em Catânia, recomendamos a leitura da obra NICOLETTI, Fabrizio. (Org.) *Catania Antica:* Nuove prospettive di ricerca. Palermo: Regione Siciliana, Assessorato dei beni culturali e dell' identità siciliana, Dipartimento dei beni culturali e dell'identità siciliana, 2015. O volume reúne uma avaliação abrangente do estágio da pesquisa arqueológica para todos os níveis estratigráficos e culturas que habitaram a região e uma avaliação detalhada dos impasses para a recuperação dos estratos referentes à ocupação de época grega devido ao massivo volume de edificações de época romana e sobreposição da cidade moderna. Contém avaliação geológica da região e suas implicações para o urbanismo da região, uma das mais detalhadas dentre as publicações de viés arqueológico sobre as cidades gregas na Sicília, ver especialmente: CHIAVETTA, A.F. "Aspetti geologici, morfologici e idrogeologici dell'area del teatro antico di Catania" in: op. cit.)

arqueológico. Erupções vulcânicas, ações antrópicas decorrentes das sucessivas ocupações na região prejudicam substancialmente uma investigação mais aprofundada da sua configuração no período Arcaico (NICOLETTI 2015: 14-16).

Sabe-se, no entanto, que a apoikia constituiu importante função no projeto de expansão territorial calcídica na Sicília, e as motivações comerciais e agrícolas se sobrepõem. Não há publicação de nenhuma planimetria do arranjo urbano da cidade correspondente à ocupação do período arcaico.

**Datação templos:** a dispersão de áreas de culto na região de Catânia é atestada em um raio de 30 km, sendo o ponto mais distante da sua *ásty* localizado a 60 km.

**Mapa 9: Catânia: distribuição das áreas de culto no território. Fonte: Autoria própria.**

**Áreas de culto no território: Catânia**

| Nome | Apoikia | Metrópole | Datação | Divindade | Posição no território | Fichamento Veronese | Tipo de estrutura |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Área de culto 01 | Catânia | Naxos / Cálcis | Séc. 6º | Zeus / Hera > Deméter e Koré | Urbana | 34 | Depósito votivo |
| Área de culto 02 | Catânia | Naxos / Cálcis | ~ 550 | Dioniso? Deméter e Koré? | Extraurbana | 35 | Santuário pequeno |
| Área de culto 03 | Catânia | Naxos / Cálcis | Período Arcaico | - | Extraurbana | 36 | Templo |
| Área de culto 04 | Catânia | Naxos / Cálcis | Período Arcaico? | - | Extraurbana | 37 | Templo |

Catânia ocupou um extenso território e a infraestruturação sacra da khóra sofreu monumentalização com a edificação de dois importantes templos que podem indicar os limites da cidade. Escavações não recuperaram um grande número de depósitos votivos ou áreas de culto de pequeno porte, como pequenos santuários e naiskós dispersos no interior da *khóra,* dado que não pode ser extrapolado sem considerar o contexto de intensas reocupações e atividades geomorfológicas que podem ter inviabilizado a recuperação de outros vestígios de época arcaica de locais de culto desta pólis.

### 2.3.4 Leontinos

**Vista aérea de Leontinos. Fonte: Google Earth, Digital Globe.**

**Metrópole:** Cálcis

**Localização:** Latitude: 4125552.00 m N, Longitude: 500339.00 m E

**Região:** Costa Leste da Sicília

**Datação fontes textuais:** fundada em 729 por calcídicos oriundos de Naxos, mesmo ano da fundação de Catânia localiza-se entre as apoikias de Siracusa e

Catânia, cerca de 12,5 km distante do litoral, portanto, a única apoikia da primeira fase da colonização da Sicília situada n o interior do território (HANSEN 2004: 209).

**Datação fontes arqueológicas:** 730 – 720 a.C.

**Histórico do assentamento – ocupação (ões) anterior (es) à fundação da apoikia:** a região também foi previamente habitada por sículos, que foram expulsos, permitindo o desenvolvimento de uma apoikia essencialmente grega (SMITH 1854). Sobre a colina San Mauro foram identificados vestígios materiais geométricos proto coríntios e também de origem eubóico-cicládica, caracterizando o contato dos anelênicos da região com populações do Egeu (RIZZA 1962 apud SCALISI 2010: 205). Tendo alcançado prosperidade, certo nível de poder e autonomia, os colonos se espalharam para as áreas ao redor ainda habitadas por anelênicos forçando sua retirada para regiões mais remotas da ilha (SCALISI 2010: 205).

**Descrição topográfica:** localizada entre as colinas Monte San Mauro (216m) e Colina Metapiccola (214m) caracterizadas por penhascos íngremes e separadas por um vale, era banhada por um riacho no seu lado Oeste, configuravam cidadelas naturais. A fertilidade do seu território é comentada por muitos autores antigos.

A topografia da cidade é objeto de diversas discussões, muito embora o historiador grego Políbio (VII, 6) tenha realizado uma descrição pormenorizada do arranjo espacial da cidade, afirmando que a cidade com todas as suas encostas é voltada para o Norte. No meio havia um vale plano onde foram erigidas as instalações dos tribunais e, em geral, a *ágora*. Os topos das colinas eram marcados por suas habitações e templos.

**Mapa 10: Leontinos: distribuição das áreas de culto no território. Fonte: Autoria própria.**

Considerando o relato de Políbio e realizando uma analogia com o posicionamento da ágora de Heracléia Minoa, presume-se que a *ágora* de Leontinos estivesse localizada no vale entre as duas colinas, em posição de articulação das demais áreas especializadas da cidade. O grande problema para a interpretação arqueológica é identificar a localização destas estruturas no território.

**Malha urbana:** o traçado urbano de Leontinos é presumido pela descrição de Políbio, complementado com as informações obtidas por campanhas de escavação lideradas por Orsi e Pizza. O arranjo identificado localiza a *ágora* no vale central, a presença de casas e templos nas colinas e a existência de portas nas duas extremidades da cidade. A cidade possuía duas portas, uma delas levando em direção à Siracusa e a outra à *khóra* da cidade e subsequentemente, à Catânia. Embora a descrição do autor se refira ao período Helenístico, as escavações têm demonstrado que ela corresponde ao arranjo dos séculos anteriores, especialmente às ruínas de uma fortaleza datadas do século VI que facilmente se identifica como a porta que se destinava ao porto de Siracusa.

Numa campanha subsequente, Adamesteanu localizou habitações esculpidas em rochas com utilização de sistemas mistos de construção, escavação em rocha e alvenaria. Este tipo de técnicas de construção mostra que os colonos conseguiram tirar proveito das características naturais do meio para otimizar as construções e a ocupação da área (ADAMESTEANU 1956 apud SCALISI 2010: 207).

Não há uma malha urbana de Leontinos, pois o posicionamento das suas estruturas não é conhecido com exatidão. As estruturas mais bem preservadas no

sítio são as fortificações (FISHER-HANSEN, NIELSEN, AMPOLO, 2004: 210; SCALISI 2010: 205 e *ss*).

**Datação templos:** durante as escavações realizadas na década de 1959, foram descobertas evidências de terracotas arquitetônicas, especialmente na colina San Mauro, atestando a presença de edifícios sagrados e áreas de culto que abrangem os séculos VIII ao VI (ORSI 1930, RIZZA 1949; 1954 apud SCALISI 2010).

Já na colina Metapiccola foram identificadas fundações e numerosos fragmentos de terracota arquitetônica pertencente a um templo grego do século VI. De acordo com Pizza o templo não tinha persistais, mas foi feito a partir de uma célula cujo comprimento era de cerca de três vezes sua largura; as dimensões exteriores são: 32 x 10,60. Planta e dimensões são idênticas às do templo de Agrigento localizado na Villa Aurea, também do século VI; analogias foram observadas nos materiais de construção, cerâmica, fragmentos de terracota e estatuetas (RIZZA 1984 apud SCALISI 2010: 208).

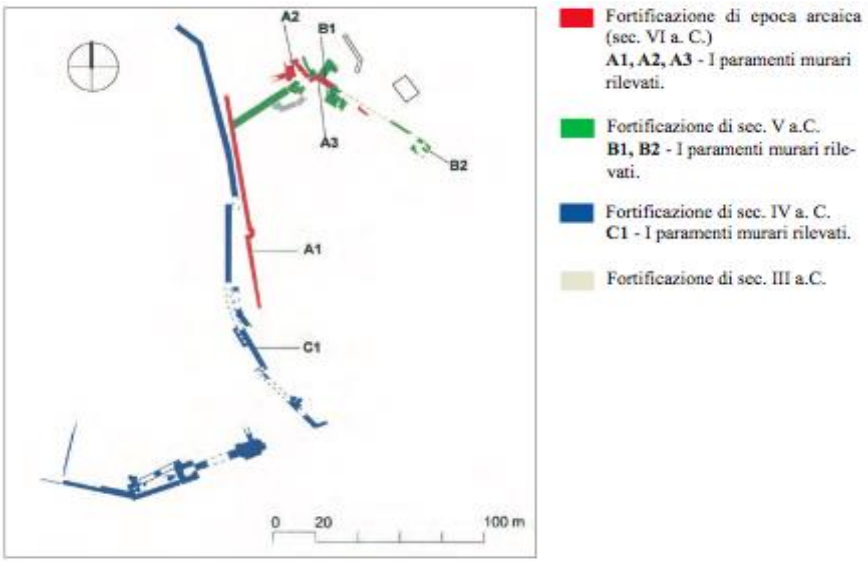



**Fig. 11: Fortificações do território de Leontinos**

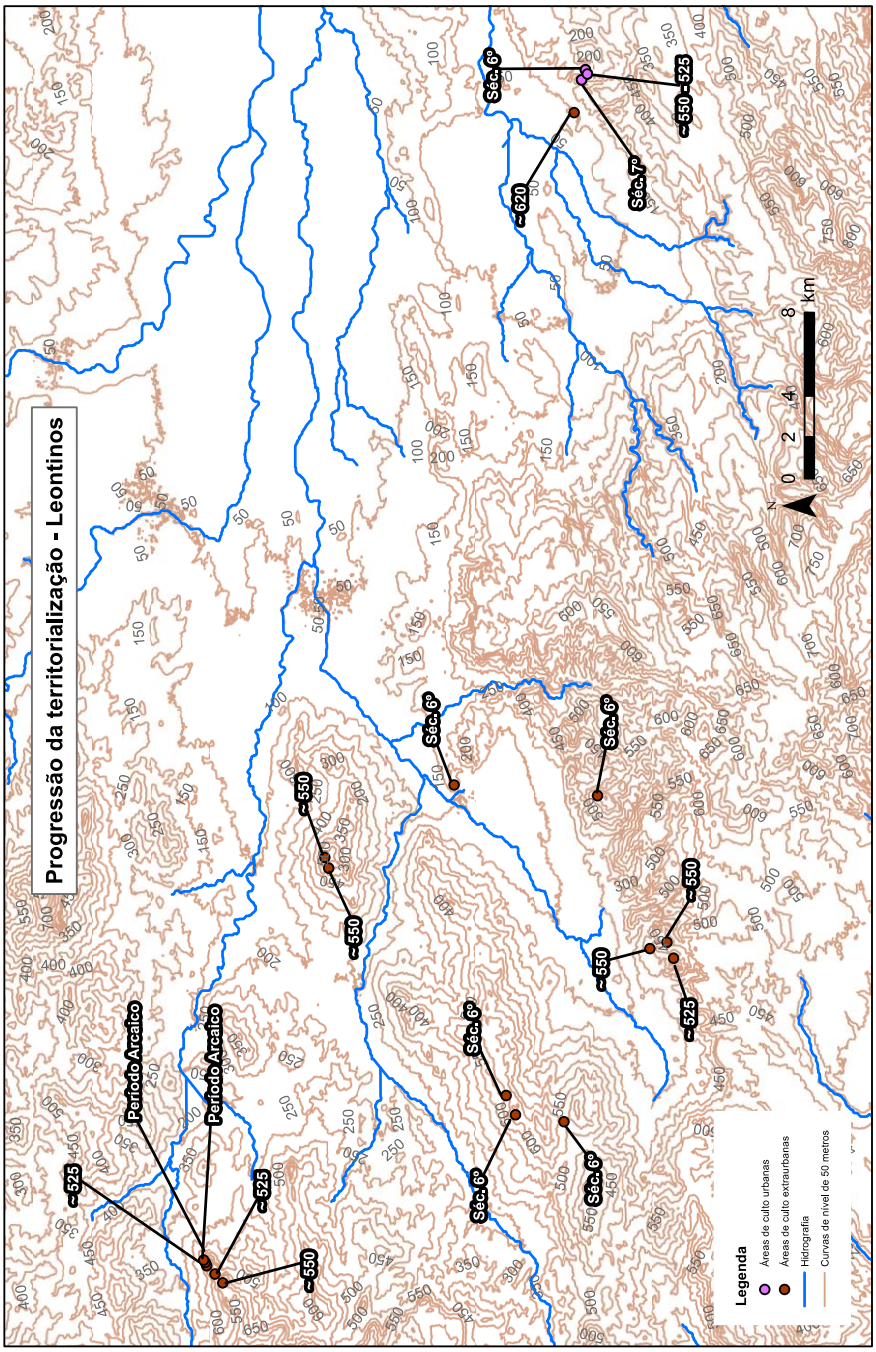
**Datação muros:** as escavações também evidenciaram que no início do século VI Leontinos foi dotada com muros que a circundavam, cuja extensão estimada varia de 4 km a 5 km, abrangendo uma área de 60 hectares.

A Tabela 3 elenca as áreas de culto atribuídas ao território de Leontinos. Destaca-se o grande número de áreas de culto extraurbanas que margeavam a formação íngreme onde a cidade foi assentada. Muitas delas são áreas de culto de pequeno porte (três depósitos votivos) e pequenos santuários que não apresentam indícios de monumentalização, evidentes, por exemplo, nas áreas de culto 01 e 02, situadas na *ásty.*

**Áreas de culto no território: Leontinos**

| Nome | Apoikia | Metrópole | Datação | Divindade | Posição no território | Fichamento Veronese | Tipo de estrutura |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Área de culto 01 | Leontinos | Naxos / Cálcis | Séc. 7º | - | Urbana | 15 | Santuário com templo monumental |
| Área de culto 02 | Leontinos | Naxos / Cálcis | Séc. 6º | - | Urbana | 16 | Templo |
| Área de culto 03 | Leontinos | Naxos / Cálcis | ~ 550 - 525 | Deméter e Koré | Urbana | 17 | Depósito votivo |
| Área de culto 04 | Leontinos | Naxos / Cálcis | ~ 620 | Dióscoros | Extraurbana | 18 | Depósito votivo |
| Área de culto 05 | Leontinos | Naxos / Cálcis | ~ 550 | - | Extraurbana | 19 | Naiskos + Muros |
| Área de culto 06 | Leontinos | Naxos / Cálcis | ~ 550 | Deméter e Koré | Extraurbana | 20 | Santuário |
| Área de culto 07 | Leontinos | Naxos / Cálcis | ~ 525 | Olímpicas | Extraurbana | 21 | Naiskos |
| Área de culto 08 | Leontinos | Naxos / Cálcis | Período Arcaico | Ctônias? | Extraurbana | 22 | Naiskos |
| Área de culto 09 | Leontinos | Naxos / Cálcis | Período Arcaico | Ctônias | Extraurbana | 23 | Bothros - Santuário? |
| Área de culto 10 | Leontinos | Naxos / Cálcis | ~ 525 | Ctônias | Extraurbana | 24 | Naiskos |
| Área de culto 11 | Leontinos | Naxos / Cálcis | ~ 550 | Deméter e Koré | Extraurbana | 25 | Cluster de sacelli |
| Área de culto 12 | Leontinos | Naxos / Cálcis | Séc. 6º | Palici | Extraurbana | 26 | Santuário |
| Área de culto 13 | Leontinos | Naxos / Cálcis | Séc. 6º | - | Extraurbana | 27 | Depósito votivo |
| Área de culto 14 | Leontinos | Naxos / Cálcis | Séc. 6º | Ctônias | Extraurbana | 28 | Santuário pequeno |
| Área de culto 15 | Leontinos | Naxos / Cálcis | Séc. 6º | - | Extraurbana | 29 | Santuário |
| Área de culto 16 | Leontinos | Naxos / Cálcis | Séc. 6º | - | Extraurbana | 30 | Naikos ? |
| Área de culto 17 | Leontinos | Naxos / Cálcis | ~ 550 | Ctônias | Extraurbana | 31 | Santuário |
| Área de culto 18 | Leontinos | Naxos / Cálcis | ~ 550 | - | Extraurbana | 32 | Santuário |
| Área de culto 19 | Leontinos | Naxos / Cálcis | ~ 525 | - | Extraurbana | 33 | Santuário |

A plotagem da localização destas estruturas no mapa reitera a tendência observada nas demais cidades fundadas na costa: a monumentalização prevalece na área urbana e tende a ser menos efetiva na *khóra*. É importante que tenhamos a verdadeira dimensão dos locais que sofreram monumentalização no processo de desenvolvimento dos arranjos espaciais da pólis em suas áreas especializadas.




**Mapa 11: Leontinos: distribuição das áreas de culto no território. Fonte: Autoria própria.**

## 2.4 Corinto e suas apoikias

### 2.4.1 Corinto

**Vista aérea de Corinto. Fonte: Google Earth, Digital Globe.**

**Localização:** Latitude: 4197031.00 m N, Longitude: 665179.00 m E

**Região:** Peloponeso

**Caracterização da pólis:**

A cidade se desenvolveu sobre dois terraços, um de 60 metros e outro de 90 metros acima do nível do mar, ao Norte de Acrocorinto e cerca de 3km distante da costa do Golfo de Corinto. A região possuí diversas nascentes de água doce. Sua planície a Oeste é fértil, bem irrigada.

Além de características geológicas favoráveis, o território dispunha de materiais básicos para a construção da cidade, especialmente os calcários, e abundantes áreas para obtenção de argila, matéria prima dos vasos que tornaram a cidade célebre no comércio mediterrânico.

A pólis possuía quatro portos, dois deles serviam para ancoragem nas extremidades do *diolkos*, uma estrada pavimentada construída ao longo da largura do istmo, no século VI. Os outros dois portos estavam posicionados na costa do Golfo de Corinto - Lechaion - e do golfo Sarônico - Kenchreai; dentre todos os portos, o mais importante da cidade era o Lechaion. Somadas, estas estruturas nos dão indícios o grande volume de atividades comerciais desta pólis. E como na economia moderna, a localização pode ter influenciado fortemente o sucesso econômico da sua elite.

Corinto era comercialmente ativa no Mediterrâneo Ocidental (especialmente Pithecussas e Cumas) desde os anos 800 a.C., meio século antes da fundação das colônias de Siracusa na Sicília e Córcira no Mar Jônio. Para E. Will, a tese da escassez de terras e do aumento populacional no decorrer do século VIII a.C. é consistente como causa que teria impulsionado a fundação de colônias (WILL 1955: 322).

O período de fundação de Siracusa e suas sub-apoikias ocorre quando da ascensão dos Baquíadas ao poder, caracterizado em Corínto pela realização do sinecismo, fomento ao comércio, visível aumento da produção de cerâmica e transferência de oleiros e pintores para o centro da cidade (MOSSÉ 1989: 126; LIMA 2010: 26-27). Somando-se o controle de Perachora e a edificação do Heraion e o controle sobre a movimentação no Ístmo podemos entrever uma fase de expansão das atividades mercantis-agrícolas que poderiam ter sido motivadas pela dinamização do comércio com as cidades coríntias na Sicília e consequentes trocas comerciais com as populações anelênicas que habitavam a região.

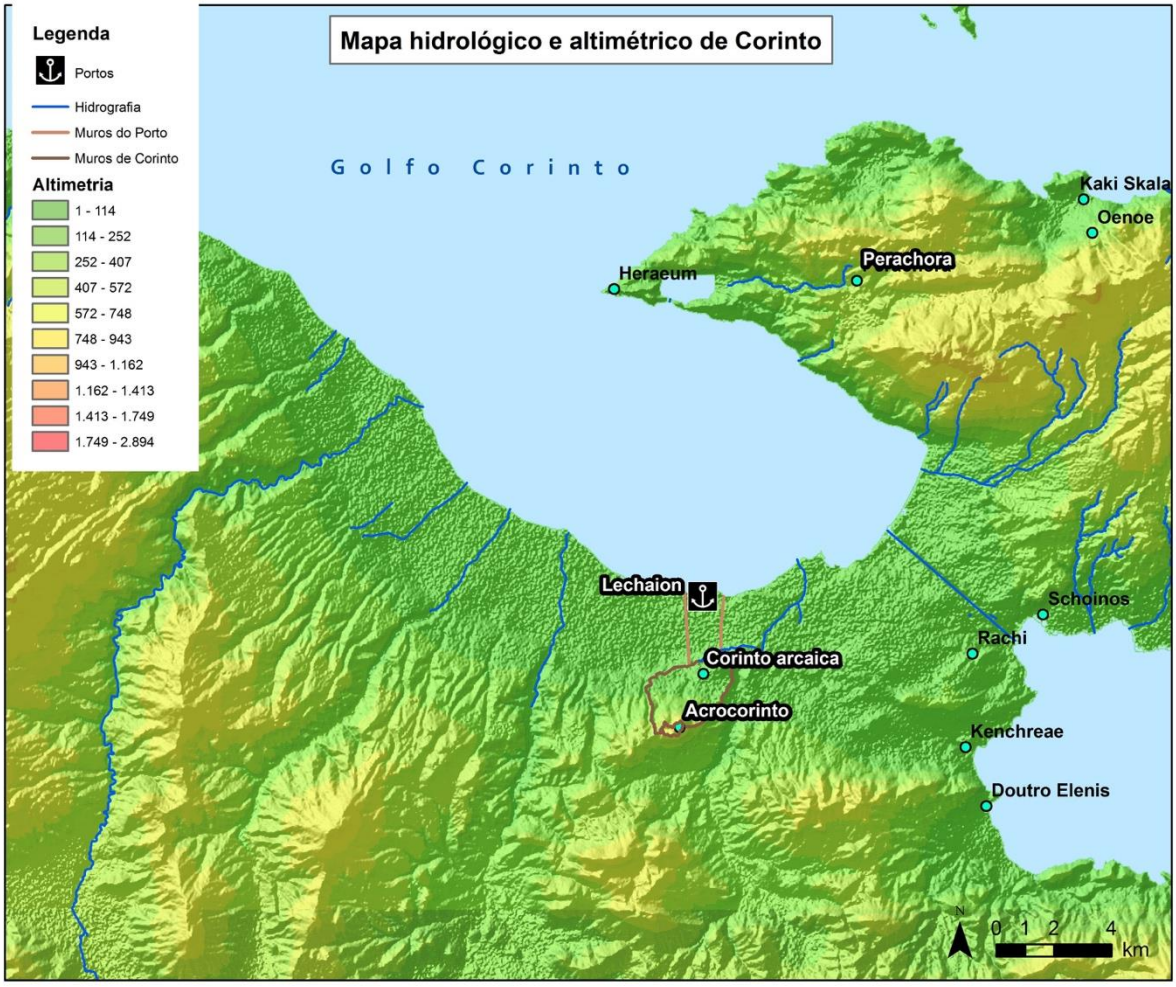
Mais tarde, durante a tirania dos Cypsélidas, a cidade foi beneficiada com um amplo programa de obras públicas que a embelezaram e concomitantemente operacionaram mudanças na esfera religiosa, marcadamente com a promoção de cultos com grande apelo popular, especialmente Dionisos e Deméter e Koré[30].

Embora o território de Corinto seja bem conhecido em linhas gerais, pouco se sabe sobre um ordenamento viário urbano, especialmente do período arcaico.

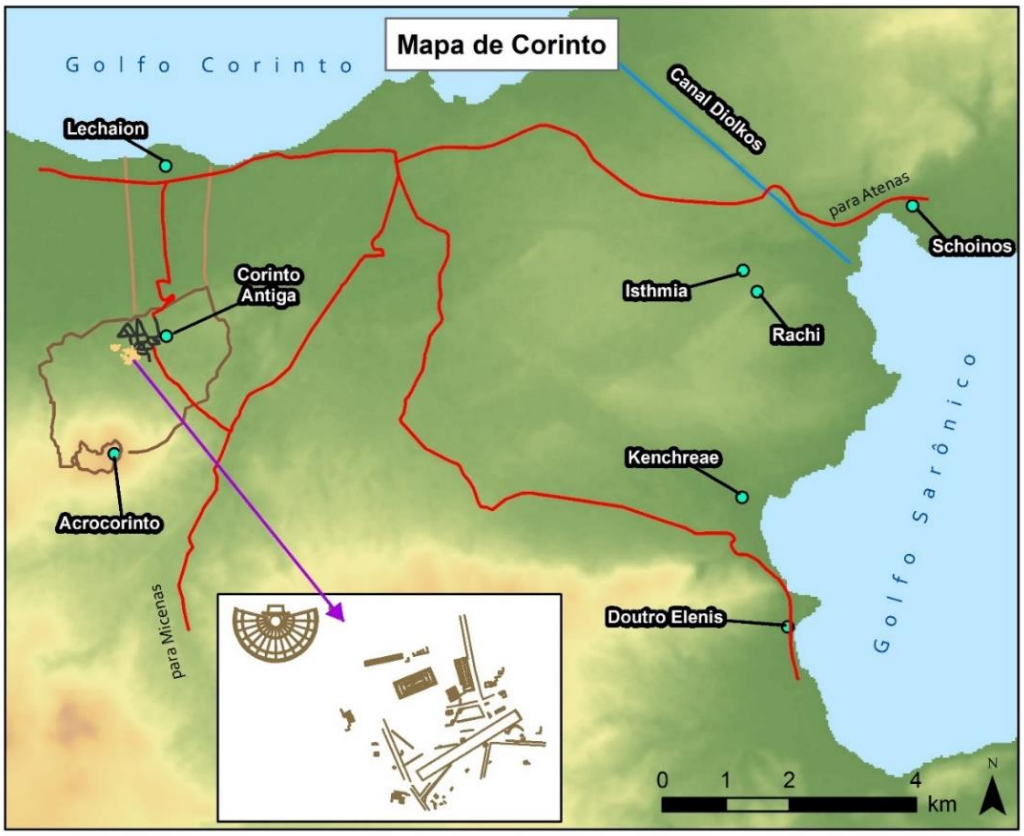
---

[30] Processo semelhante é observado na ascensão da tirania Pisistrátida em Atenas. Ver: CUSTODIO, C.T., **Atenas, uma cidade em exame. Urbanismo, políticas públicas e desenvolvimento políade: os empreendimentos pisistrátida e pericleanos**. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – Unesp – Campus de Franca. (2004). Orientadora: Maria Celeste Fachin.

Evidências apontam para uma ocupação de longa data na região, recuando até os períodos Neolítico e Sub-micênico. Evidências arqueológicas de Corinto no período Geométrico são escassas. Contudo, a partir do século VIII, identifica-se a existencia de uma especialização dos espaços com separação das áreas de habitação das áreas de enterramentos, bem como surgem os primeiros traços de canalização de cursos d'água, possivelmente para prover com eficiência o abastecimento para um número maior de habitantes.




**Mapa 12: Corinto: mapa hidrológico e altimétrico. Fonte: Autoria própria.**




**Mapa 13: Corinto: estruturas edificadas. Fonte: Autoria própria.**

A precedente ocupação micênica em Acrocorinto pode ter motivado sua escolha para abrigar um santuário em períodos posteriores. Atividades votivas no local se intensificam em período concomitante com o sinecismo da pólis. Mais tarde, no século VII, o local viria abrigar estruturas monumentalizadas e o significativo culto de Deméter e Koré, que não apenas dialoga com a promoção de cultos cívicos beneficiados pela tirania Cipsélida, mas também figura com notável protagonismo nas áreas de culto das apoikias siciliotas.

**Evidências de culto:**

Afrodite, Hera, Medeia, Atena, Belerofonte, Apolo, Poseidon, Ártemis, Dionisos, Hermes, Zeus, Deméter, Koré, Isis, Asclépio (Legon 2004: 468)

### 2.4.2 Siracusa

**Vista aérea de Siracusa. Fonte: Google Earth, Digital Globe.**

**Metrópole:** Corinto

**Localização:** Latitude: 4101526.00 m N, Longitude: 526109.00 m E

**Região:** Costa Leste da Sicília

**Datação fontes textuais:** 734 – 733 a. C.

**Datação fontes arqueológicas:** 750 – 725 a.C,

**Histórico do assentamento – ocupação (ões) anterior (es) à fundação da apoikia:** os achados arqueológicos em Ortígia apontam para a atividade cultual em espaço simples para sacrifícios. Evidências de cerâmica proto-coríntia datam do início do século VIII. A área era frequentada ativamente no final do século VIII e início do VII.

**Descrição topográfica:** a ocupação da apoikia começou em Ortígia e se estendeu gradualmente até a Epípole, no planalto. Ortígia é formada por um terraço de pedra calcária de largura e forma aproximadamente triangular, cuja extremidade ocidental consiste na localidade nomeada Eurialos, geograficamente muito fraco para a defesa militar, onde posteriormente foi edificada uma fortificação monumental.

**Malha urbana:** do início da fundação a área mais bem conhecida arqueologicamente é Ortígia onde o traçado de ruas e quarteirões é originário do século VIII.

Grande artéria Norte-Sul, atravessada por uma série de ruas no sentido Leste-Oeste; paralelas transversais e blocos de habitação. Largura da avenida

(plateia): 5,50. Extensão: 296 metros. Largura das ruas (estenopos): 2,50 a 3,00. Extensão: 297 metros.

**Mapa 14: Siracusa e postos avançados. Fonte: Autoria própria.**

A reconstrução da grade é restringida por devido à ocupação contemporânea.

As dimensões da grade – tamanho das quadras – são análogas às de Mégara Hibléia, as das casas também. Medida das casas: 4 x 4 metros. Blocos (lotes) acomodam 3 habitações lado a lado (largura total 12 metros).

O arranjo dos templos na malha sugere uma unidade arquitetônica que circunda e encerra a área residencial da fase arcaica da cidade. Visualmente associados, podem ter incidido nas escolhas dos ornamentos e na substituição da ordem dórica para jônica quando da reconstrução do templo de Atena após a

batalha de Himera em 480, o que reforça a associação visual entre os dois santuários tornando o traçado urbano ainda mais coeso.

Fig. 12: Siracusa. Área de edificação da ágora e do porto. Fonte: MERTENS 2006: 301

**Datação templos:** o templo de Apolo foi uma das primeiras construções monumentais de Siracusa e o primeiro templo períptero na Sicília ocidental (Mertens

1996 p.332; Veronese 2006 p. 293). A ênfase no frontão é característica dos templos da Grécia do ocidente (Mertens, 1990 p.380). Reichert-Sudbeck. Nota-se que há similaridades entre este templo e o templo de Apolo em Corinto, incluindo o tamanho do estilóbato e outras dimensões arquitetônicas, embora o templo com estas configurações não seja um achado típico da metrópole (Reichert-Sudbeck, 2000 pp. 214-215). A maior diferença entre os dois templos supracitados é identificada no uso das terracotas arquitetônicas que são características do estilo siciliota; tais elementos permitem a datação do edifício no início do século VI. Os primeiros locais para atividade cultual eram simples espaços para sacrifícios que depois abrigavam o crescimento do santuário incluindo um altar permanente e muros do témenos (Polignac, 1995 p. 19). Os achados arqueológicos em Ortígia apontam para esse tipo de processo, atividade cultual como cerâmica proto-coríntia é datada do início do século VIII (Pelagatti, 1973); indícios apontam para atividade de culto a Apolo nos períodos iniciais da apoikia. A área era frequentada ativamente no final do século VIII e início do século VII (Veronese, 2006 p. 304). A monumentalização do templo de Apolo data do primeiro quartel do século VI (Marconi, 2007 p. 42) informando que os remanescentes das duas paredes localizadas ao Norte do templo pertenciam a um templo de Apolo antecessor.

O edifício sagrado mais antigo de Siracusa foi construído no século VIII, localizado na *ágora*, na atual Piazza del Duomo; um templo jônico a Oeste do templo de Atena. É posicionado no alinhamento Leste-Oeste; mede 6,00 x 9,20 metros.

Templo 2 (oikos 2): Construído no século VII para VI a.C. arqueologicamente se revela um contexto de sobreposições no témeno da ágora, também alinhado as ruas Leste-Oeste de Ortígia, mede 10,50 x 16,20 metros.

Templo de Apolo: data de 580, posicionado ao longo da artéria Norte-Sul, nas proximidades da conexão entre Ortígia com o continente e também alinhado com as ruas Leste-Oeste de Ortígia.

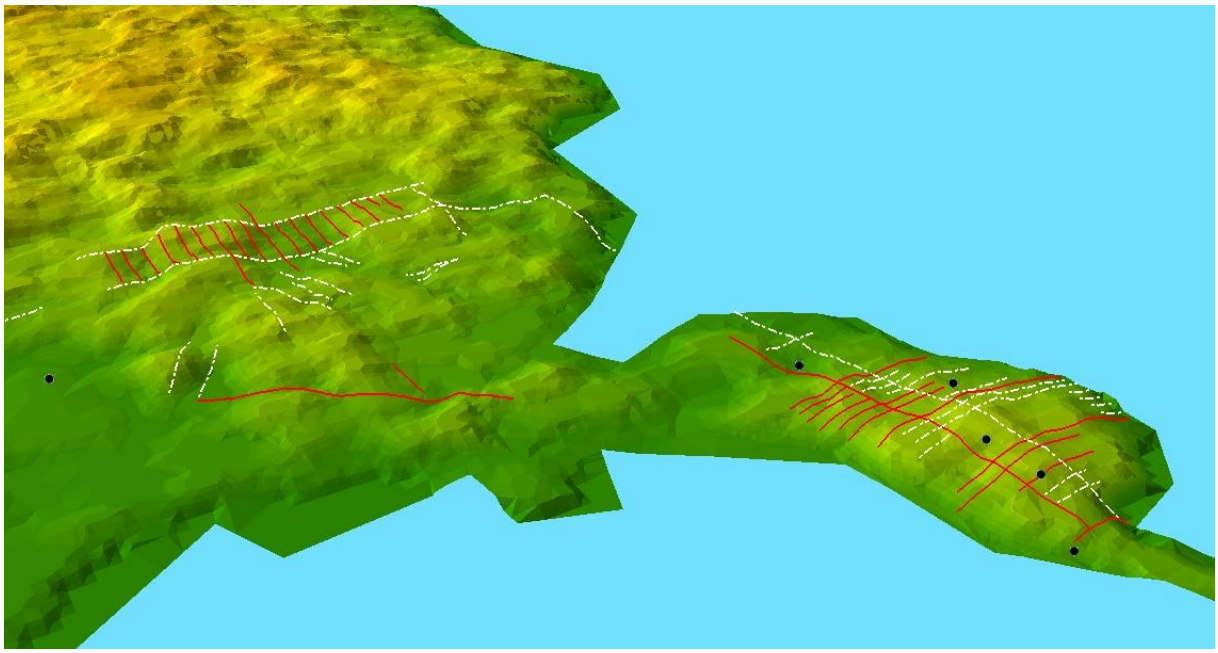


**Fig. 13: Siracusa. Modelo Digital do Terreno. Fonte: Autoria própria.**

Em Siracusa, o templo de Apolo e de Atena em Ortígia estão posicionados de modo que sugerem um alinhamento indicando a intencionalidade da dupla veneração destes deuses; as escavações de Paolo Orsi no *Athenaion* encontraram terracotas arquiteturais arcaicas e depósito votivo, incluindo cerâmica e *protomae* protomos. Do final do século VII e início do VI, o que indicaria a presença de um antigo templo (Orsi 1918, cols. 563-567, 614-616). Esse dado pode indicar que o culto de Atena também foi estabelecido no início do desenvolvimento da apoikia (Polignac 1995: 99; Voza, 1999: 79). Mertens também endossa essa interpretação após sublinhar que o templo de Apolo e o templo jônico do século VI compartilham o mesmo alinhamento, o que implica que estas áreas de culto existiram ou ao menos

foram planejadas de forma conjunta antes da construção dos templos (Mertens 1996: 238).

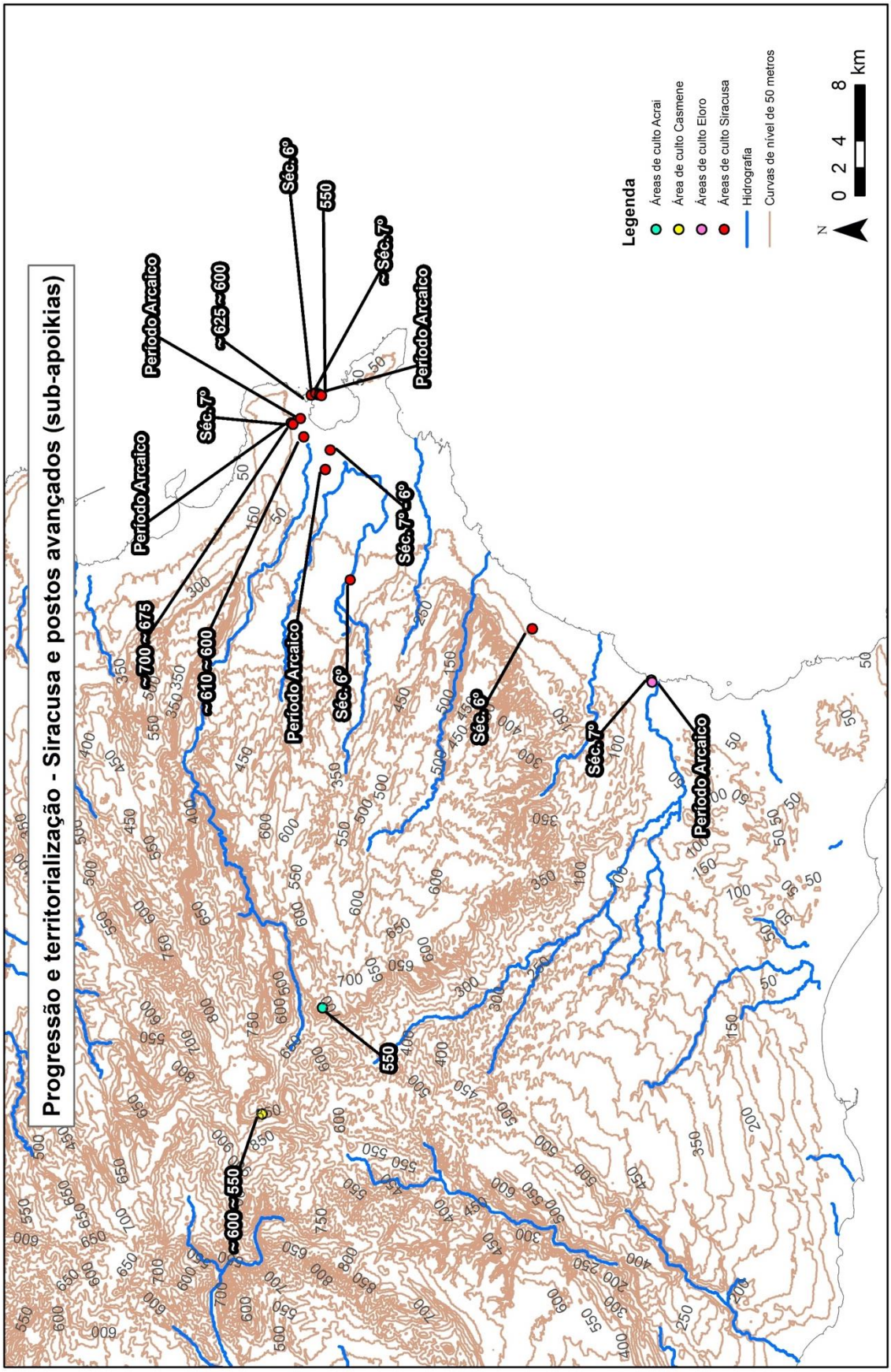
**Datação muros:** Século VI a.C.

**Fundação de sub-apoikias e/ou postos avançados:** Fundou Eloro, Acrai, Casmene e Camarina.

Estas apoikias – com exceção de Camarina, uma pólis independente – são interpretadas como postos avançados de Siracusa em um projeto de consolidação de sua expansão territorial na Sicília.

**Áreas de culto no território: Siracusa**

| Nome | Apoikia | Metrópole | Datação | Divindade | Posição no território | Fichamento Veronese | Tipo de estrutura |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Área de Culto 01 | Siracusa | Corinto | ~ 625 ~ 600 | Apolo | Urbana | 56 | Templo + Santuário |
| Área de Culto 02 | Siracusa | Corinto | 550 | Atena | Urbana | 57 | Templo |
| Área de Culto 03 | Siracusa | Corinto | Séc. 6º | Ártemis? | Urbana | 58 | Templo |
| Área de Culto 04 | Siracusa | Corinto | ~ Séc. 7º | - | Urbana | 59 | Santuário |
| Área de Culto 05 | Siracusa | Corinto | Período arcaico | Aretusa? Ártemis? | Suburbana | 60 | Fonte Aretusa |
| Área de Culto 06 | Siracusa | Corinto | Séc. 7º | Apolo? | Suburbana | 61 | Santuário |
| Área de Culto 07 | Siracusa | Corinto | Período arcaico | Deméter e Koré | Suburbana | 62 | Santuário |
| Área de Culto 08 | Siracusa | Corinto | ~ 700 ~ 675 | Ctônias | Suburbana | 63 | Santuário |
| Área de Culto 09 | Siracusa | Corinto | ~ 610 ~ 600 | Deméter e Koré | Suburbana | 64 | Santuário |
| Área de Culto 10 | Siracusa | Corinto | Período arcaico | - | Suburbana | 65 | Depósito votivo - Pequeno edifício sacro? |
| Área de Culto 11 | Siracusa | Corinto | Séc. 7º - 6º | Zeus Olímpio | Extraurbana | 66 | Templo + Santuário |
| Área de Culto 12 | Siracusa | Corinto | Período arcaico | Ciane? Deméter e Koré? | Extraurbana | 67 | Santuário |
| Área de Culto 13 | Siracusa | Corinto | Séc. 6º | Deméter e Koré - Héracles? | Extraurbana | 68 | Depósito votivo |
| Área de culto 16 | Siracusa | Corinto | Séc. 6º | Deméter e Koré | Extraurbana | 71 | Área sacra em gruta natural |




**Mapa 15: Siracusa e postos avançados. Fonte: Autoria própria.**

### 2.4.3 Eloro

**Vista aérea de Eloro. Fonte: Google Earth, Digital Globe.**

**Metrópole:** Siracusa

**Localização:** Latitude: 4077268.00 m N, Longitude: 509490.00 m E

**Região:** Sul da costa Leste da Sicília

**Datação fontes textuais:** S/D

**Datação fontes arqueológicas:** final do século VIII e início do VII (VOZA 1973a: 117, 119-121; FISCHER-HANSEN, NIELSEN e AMPOLO, 2004b: 195)

**Descrição topográfica:** a apoikia foi fundada em uma colina baixa cerca de 20 metros acima do nível do mar e distante cerca de 400 metros ao Norte da foz do rio Tellaro. No setor Norte, uma entrada separa a *ásty* a partir de uma cadeia de colinas, ao Sul de estende uma praia que representa o fim do vale do rio Tellaro; ambos os setores eram afetados por pedreiras extensas que serviram de fonte de matéria prima para a construção das edificações.

**Malha urbana:** A cidade mostra uma adaptação da malha urbana ao terreno e politicamente atuava como posto avançado de Siracusa e também visava o cultivo da extensa e rica planície que se estende ao Sul da sua metrópole. A *ásty* é atravessada por uma via principal orientada no sentido Norte-Sul, que constitui o eixo principal da cidade. As áreas de habitação são irregulares na planta. No Sudeste da colina, o setor mais explorado, foram identificadas três outras ruas orientadas no sentido Noroeste-Sudeste de forma completamente divergente do eixo

da via principal; escavações revelaram algumas casas quadradas construídas com calcário que remontam ao século VIII, e cujo planejamento revela similaridades com àqueles de Siracusa e Mégara Hibléia. Sob esta ótica tais evidências apontam que os habitantes de Eloro junto com os habitantes de Mégara Hibléia e Siracusa foram os primeiros *ápoikos* estabelecidos em solo siciliano (SCALISI, 2010, p. 173). De particular interesse são as camadas estratigráficas identificadas dentro destas edificações de época arcaica, pois documentam de forma concreta sem qualquer indicação das fontes textuais, a presença grega em Eloro desde o final do século VIII, principalmente por causa do consistente conjunto de artigos cerâmicos recuperados

A precoce presença grega detectada em Eloro nos mostra que antes de voltar sua política expansionista para o interior da Sicília com a fundação de Acrai e Casmene, Siracusa buscava imediatamente consolidar sua posição na costa do mar jônico, especialmente se considerarmos o quão estratégica é a localidade da foz do rio Tellaro. A incomum disposição da via principal que corta a *ásty* oferece a vantagem de demarcar a territorialização mesmo que dispondo de poucos habitantes em fase inicial da ocupação, o que seria consistente com investimento simultâneo realizado em Ortígia, que já sendo previamente ocupada exigia maiores esforços para efetivar a aquisição territorial e permitir o desenvolvimento da comunidade).

**Datação templos:** século 7º e período Arcaico a.C.

**Datação muros:** A cidade cobre uma área de apenas 10 ha. É rodeada por uma fortificação com 1400 metros de comprimento, a primeira que remonta ao

século VI na Sicília (SCALISI, 2010, p. 175). Duas sólidas portas foram edificadas nas extremidades da via principal, nomeada Ellorina e cuja rota foi construída no fundo rochosa natural, uma a Noroeste, em direção a Siracusa e outra ao Sul, em direção ao rio Tellaro.

**Áreas de culto no território: Sub-apoikia de Siracusa - Eloro**

| Nome | Apoikia | Metrópole | Datação | Divindade | Posição no território | Fichamento Veronese | Tipo de estrutura |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Área de Culto 01 | Eloro | Siracusa | Séc. 7º | Deméter e Koré (Koreion) | Suburbana | 69 | Santuário |
| Área de Culto 02 | Eloro | Siracusa | Período arcaico | Deméter e Koré | Suburbana | 70 | Santuário |

Do traçado das muralhas de época arcaica somente foram identificados os vestígios ao longo da margem Norte-Ocidental da *ásty*; construída com blocos de pedra calcário e com espessura total de 2,80 metros. Existiram fases de reconstrução especialmente no século IV com evidência de reuso do material das paredes arcaicas.

### 2.4.4 Acrai

**Fig. 14 - Vista aérea de Acrai. Fonte: Google Earth, Digital Globe.**

**Metrópole:** Siracusa

**Localização:** Latitude: 4101230.53 m N, Longitude: 490615.43 m E

**Região:** Sudeste da Sicília

**Datação fontes textuais:** 664-663 (Tucídides VI.5.2) a.C.

**Datação fontes arqueológicas:** 640-625 a.C. (DUNBABIN 1948: 100; BOARDMAN 1980: 185)

**Descrição topográfica:** Apoikia foi fundada a cerca de 32 km de Siracusa, situada no planalto de uma colina elevada cuja topografia provê defesas naturais graças às encostas íngremes nas faces Norte, Oeste e Sul da cidade; a área é delimitada ao Norte pelo rio Anapo e ao Sul pelo rio Tellaro (SMITH 1854; CERCHIAI, JANELLI e LONGO 2004: 76).

Escavações identificaram evidências de assentamentos nucleados e fazendolas na sua hinterlândia (CURCIO 1979: .87-88 apud HANSEN e NIELSEN, 2004: 189); entretanto, as dimensões totais do seu território são incertas e, sob qualquer perspectiva interpretativa, estão contidas a área de domínio siracusano.

**Malha urbana:** a *ásty* ocupava o centro do planalto cobrindo cerca de 35 ha (BREA, 1956 apud HANSEN e NIELSEN, 2004, p. 189). Na planimetria geral da cidade observa-se a área sacra situada nas cotas mais altas da cidade. Na década de 1960, extensas escavações foram realizadas por Giuseppe Voza, que estava interessado sobretudo no planejamento da cidade. Apesar da longa história de pesquisa no assentamento, não foi possível identificar a extensão exata da cidade no período grego.

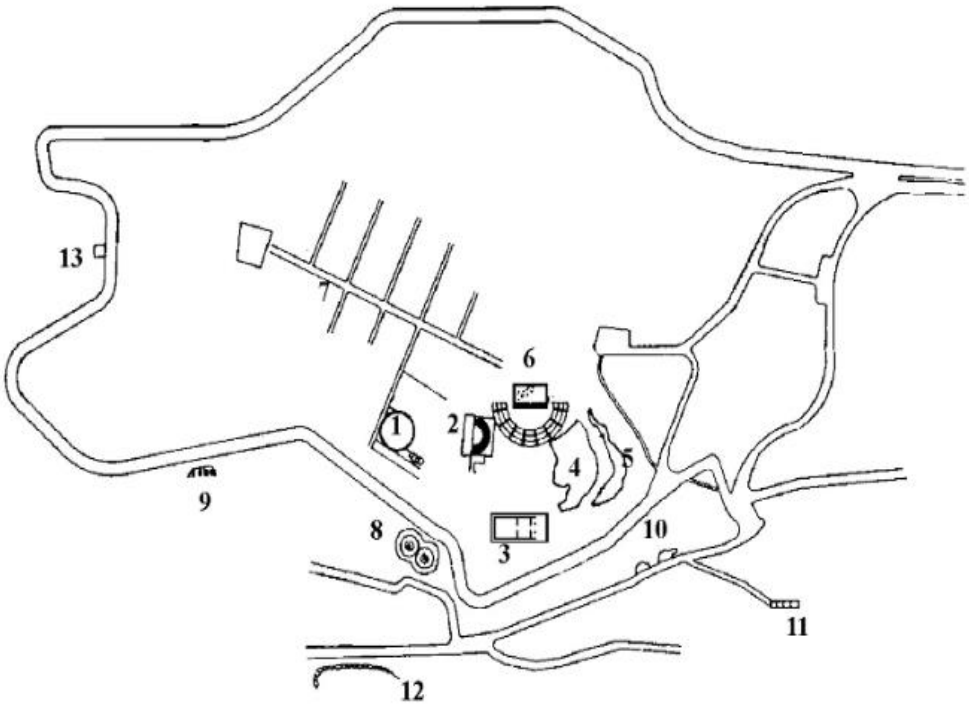



**Fig. 15: Área arqueológica de Acrai (Scirpo 2004, fig. 6)**

**Áreas de culto no território: Sub-apoikia de Siracusa - Acrai**

| Nome | Apoikia | Metrópole | Datação | Divindade | Posição no território | Fichamento Veronese | Tipo de estrutura |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Área de culto 01 | Acrai | Siracusa | 550 | Afrodite | Urbana | 72 | Templo |

A principal plateia da malha urbana atravessa a *ásty* em sentido Leste-Oeste ligando a porta para Selinonte à porta para Siracusa, com uma distância de 250 metros e largura de 4 metros; o calçamento preservado no sítio é datado de época helenística. No final do setor ocidental a plateia flui para a *ágora*, limitada a Norte por edifícios monumentais. Na extremidade oposta a via tangencia cerca de 25 metros do teatro. Foram identificados 5 estenopos no lado Norte e 2 estenopos do lado Sul

com cerca de 3 metros de largura; os estenopos não atravessam a plateia em ângulos retos, mas são orientados no sentido Norte-Noroeste e Sul-Sudoeste[31]

**Datação templos:** o santuário de Afrodite estava situado sobre o ponto mais alto do Acremonte, com vista para as rochas, para o teatro e o buletério. Tal como o *Apolonion* e Olympieîon de Siracusa, a edificação também é datada da primeira metade do século VI entretanto, estudos mais recentes realizados no sítio recuam a datação do *Afrodision* para a segunda metade do século VI.

**Fig. 16: Vista aérea de Acrai com ênfase para o relevo que propiciava defesas naturais para o assentamento, em destaque o traçado dos muros a partir de estruturas visíveis no terreno.**

[31] As escavações ainda estão em andamento, porém este quadro de dados revela um esquema original e até então não documentado na Sicília e na Magna Grécia. O tamanho dos blocos e lotes da malha urbana referentes ao período Arcaico ainda não são conhecidos. No ponto mais elevado da cidade ao Sul do teatro acredita-se que estava instalado o templo de Afrodite, configurando o provável epicentro sacro da *ásty*.

### 2.4.5 Casmene

**Vista aérea de Casmene. Fonte: Google Earth, Digital Globe.**

**Metrópole:** Siracusa

**Localização:** Latitude: 4103361.00 m N, Longitude: 484622.00 m E

**Região:** Sudoeste da Sicília

**Datação fontes textuais:** 644-643 a.C,

**Datação fontes arqueológicas:** final do século VII a.C. (DI VITA 1961: 71-72;

**Descrição topográfica:** implantada em um planalto de origem vulcânica localizado a 850 metros acima do nível do mar e a 12 km a Oeste de Acrai, a cidade é cercada por escarpas íngremes e sem acesso direto à hinterlândia.

**Malha urbana:** o traçado urbano resulta de um planejamento ortogonal estabelecido desde sua fundação no século VII, ocupando todo o planalto, uma área cerca de 70 ha. que posteriormente foi cercada de muralhas. É composto por 38 ruas com 3,50 metros de largura e 25 metros de comprimento, paralelas e orientadas no sentido Sudoeste-Noroeste. Os blocos habitacionais, embora não haja cruzamento de vias ainda identificados, possuem dimensões conhecidas que são semelhantes àquelas da sua metrópole Siracusa e também de Mégara Hibléia. O comprimento do bloco é de 25 metros e a largura é de 3,10 – 3,50 metros (BOLLATI, 1999, p. 22); cada quarteirão era dividido em terrenos de 25 metros quadrados cada um contendo casas com 12,50 metros quadrados. O templo arcaico está localizado

entre duas ruas do setor Noroeste da *ásty* e posicionado de modo perpendicular as vias. A grade remonta ao período de sua fundação. A acrópole possivelmente era localizada em uma elevação do lado Oeste da *ásty*.

**Datação templos:**

**Áreas de culto no território: Sub-apoikia de Siracusa - Casmene**

| Nome | Apoikia | Metrópole | Datação | Divindade | Posição no território | Fichamento Veronese | Tipo de estrutura |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Área de culto 01 | Casmene | Siracusa | ~ 600 ~ 550 | Atena Promachos? Hera? | Urbana | 73 | Templo |

### 2.4.6 Camarina

**Metrópole:** Siracusa

**Localização:** Latitude: 4081073.00 m N, Longitude: 450341.00 m E

**Região:** Costa Sul da Sicília

**Datação fontes textuais:** 599-598 a.C.

**Fig. 17 - Vista aérea de Camarina. Fonte: Google Earth, Digital Globe.**

**Datação fontes arqueológicas:** século VII a.C.

**Histórico do assentamento – ocupação (ões) anteriores a fundação da apoikia:** os achados da necrópole arcaica de Camarina, incluindo as ânforas e grafites, datam do século VII indicando a ocupação da área antes da fundação indicada nas fontes textuais (DOMÍNGUEZ, 1989, p. 230). Na época da fundação a colina era desabitada.

**Descrição topográfica:** o local escolhido pelos gregos para implantar a cidade corresponde a um promontório, a colina Cammarana que se eleva 60 metros

acima do nível do mar possuindo um topo plano e encostas com declive acentuado para o Norte e para o Sul. A cidade ocupou um relevo composto por três colinas com topos relativamente planos e cotas de 60 metros acima do nível do mar. Limitada ao Norte pelo rio Hyparis e ao Sul pelo rio Oanis, sua *ásty* se estendia em uma linha que tangenciava a costa e no setor Nordeste era marcada por uma grande área pantanosa. O porto da cidade foi construído na foz do rio Hyparis entre o mar e o pântano. Em virtude destas características geográficas a região era altamente fértil e propícia para o cultivo (CERCHIAI, JANNELLI e LONGO 2004: 231).

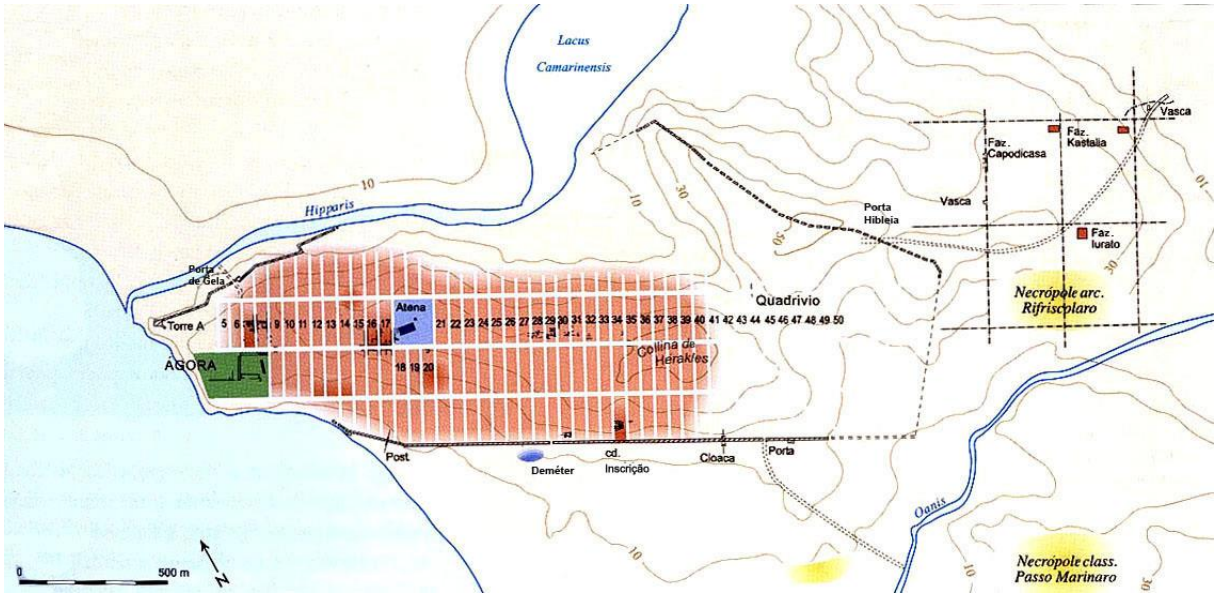



**Fig. 18 – Malha urbana de Camarina – Mertens, 2006, p. 351.**

**Malha urbana:** após a escolha da colina alongada perpendicular à costa, a malha urbana foi implementada com estreita relação com a topografia local. As orientações das vias remontam à época da fundação, e suas áreas sagradas, reduzidas em tamanho, tinham sido reservadas desde a organização primitiva da cidade nos primeiros anos do século VI a.C..

A necrópole inicialmente ocupou a parte ocidental da cidade em uma área que fica entre o templo de Atena e o mar. A parede do recinto do témeno de Atena foi bastante degradada pela construção de uma entrada monumental da qual restam apenas vestígios da fundação. Uma das áreas mais bem exploradas

arqueologicamente fica no setor Nordeste da *ásty* que se estende nas encostas da colina Casa Lauretta, nas imediações do muro da cidade e em proximidade com a *khóra*. Os blocos medem cerca de 34,50 x 135 metros. Cada habitação consiste de 3 a 4 ambientes alinhados para o Norte que se abrem para um pátio ocupando, por vezes, todo o lado Sul da casa. A autora Scalisi (2010) argumenta que este tipo de planta residencial denota as necessidades de uma população rural, residente longe das áreas de cultivo que preferia habitar na periferia da cidade e não em fazendas isoladas (2010, p. 151). A autora argumenta ainda que este tipo de planejamento faz com que a apoikia se assemelhe a Selinonte, configurando uma realidade que retrata as colônias secundárias cuja malha urbana é precedida por um exame cuidadoso do local que viria a receber o assentamento; não menos importante é o processo de demarcação de uma extensa área, de no mínimo 150 ha. para abrigar a apoikia, tal como se vê nas colônias secundárias de Selinonte, Himera e Agrigento (SCALISI 2010: 152).

**Áreas de culto no território: Camarina**

| Nome | Apoikia | Metrópole | Datação | Divindade | Posição no território | Fichamento Veronese | Tipo de estrutura |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Área de culto 01 | Camarina | Siracusa | Período arcaico | Atena | Urbana | 74 | Santuário com templo monumental |
| Área de culto 02 | Camarina | Siracusa | Período arcaico | - | Urbana | 75 | Santuário |
| Área de culto 03 | Camarina | Siracusa | Séc. 6º | Deméter e Koré | Suburbana | 76 | Santuário |
| Área de culto 04 | Camarina | Siracusa | Período arcaico | - | Extraurbana | 77 | Santuário |

**Datação muros:** os muros da cidade são datados de 553 e consistem em uma parede de pedra rebocada. No setor Norte o sistema de defesa é mais complexo devido à natureza e inclinação do terreno particularmente sensível nesta área: uma segunda parede de 1,50 metros de largura paralela à primeira e cerca de

1 metro de distância provê reforço para a estrutura (SCALISI, 2010, p. 153). Foram identificadas três portas no perímetro dos muros na extremidade Noroeste, na boca do rio Hyparis, protegido no lado oriental por uma torre ligada ao sistema defensivo e datada do século V. A segunda porta está localizada no setor Leste e era uma das principais vias de comunicação com a *khóra* e dista cerca de 1 km de um denso grupo de túmulos. A terceira porta, com 3,10 metros de largura, é localizada em correspondência com uma das estradas Norte-Sul e remonta à primeira fase da reconstrução do muro, porém foi abolida e fechada. Os remanescentes arqueológicos das muralhas da cidade indicam sucessivas reformas e mudanças por causa dos processos políticos e militares no decorrer dos séculos[32].

## 2.5 Mégara e suas apoikias

### 2.5.1 Mégara

**Localização:** Latitude: 4207913.00 m N, Longitude: 705777.00 m E

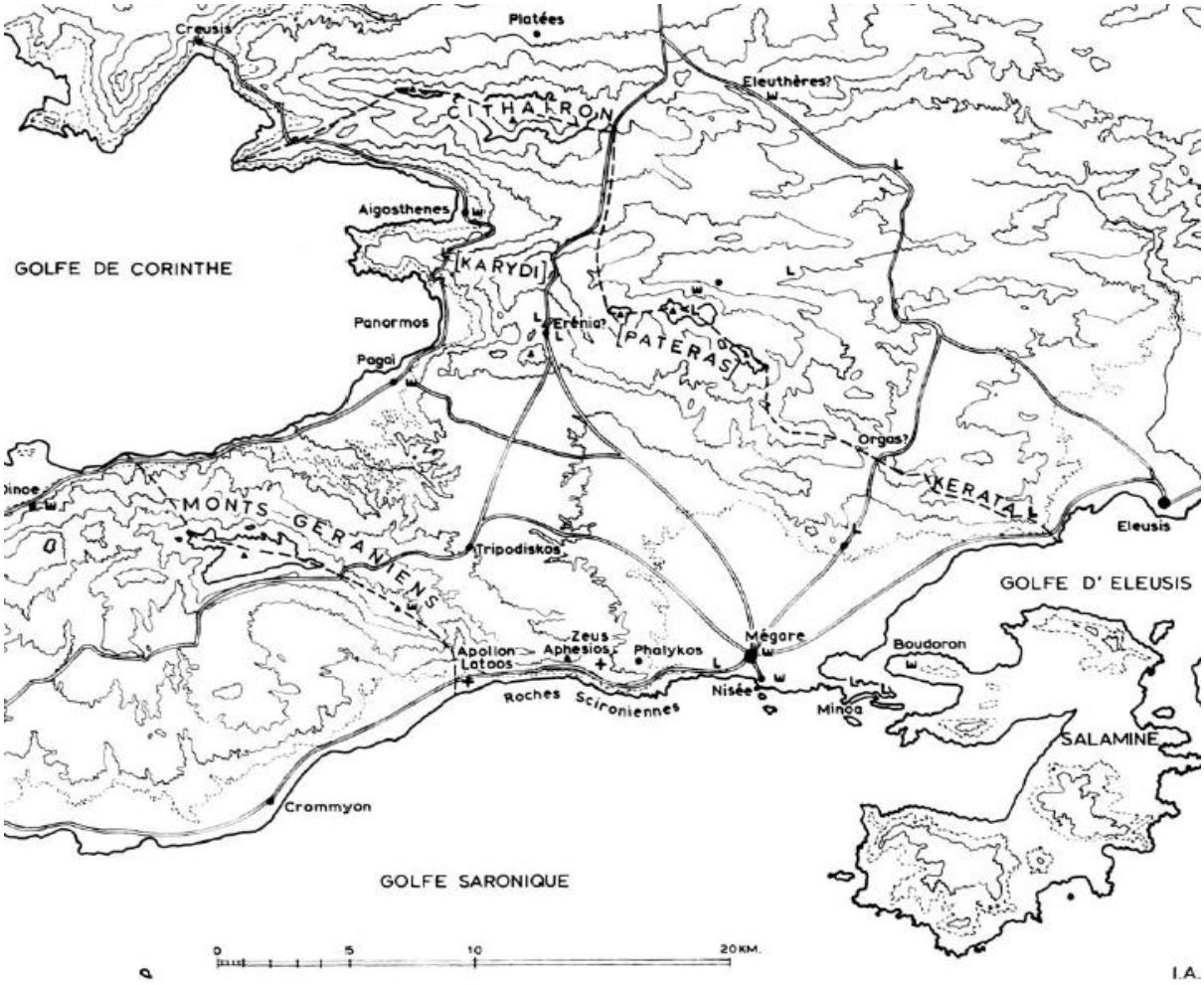
**Região:** Megarida.

**Vista aérea de Mégara. Fonte: Google Earth, Digital Globe.**

**Descrição topográfica:** situada a Leste do istmo de Corinto e Oeste da Ática e da Beócia. Era delimitada pelos Montes Kithairon, Pateras e Kerata a Leste – os quais separam a Megárida do território da Ática e da Beócia - e o Monte Gerania a

[32] Para mais detalhes sobre os projetos de fortificações desta cidade do período Clássico até o romano, ver: SCALISI, F. *Le strutture difensive dele colonie greche di Sicilia*: Storia, tipologia, materiali. Offset Studio, 2010.

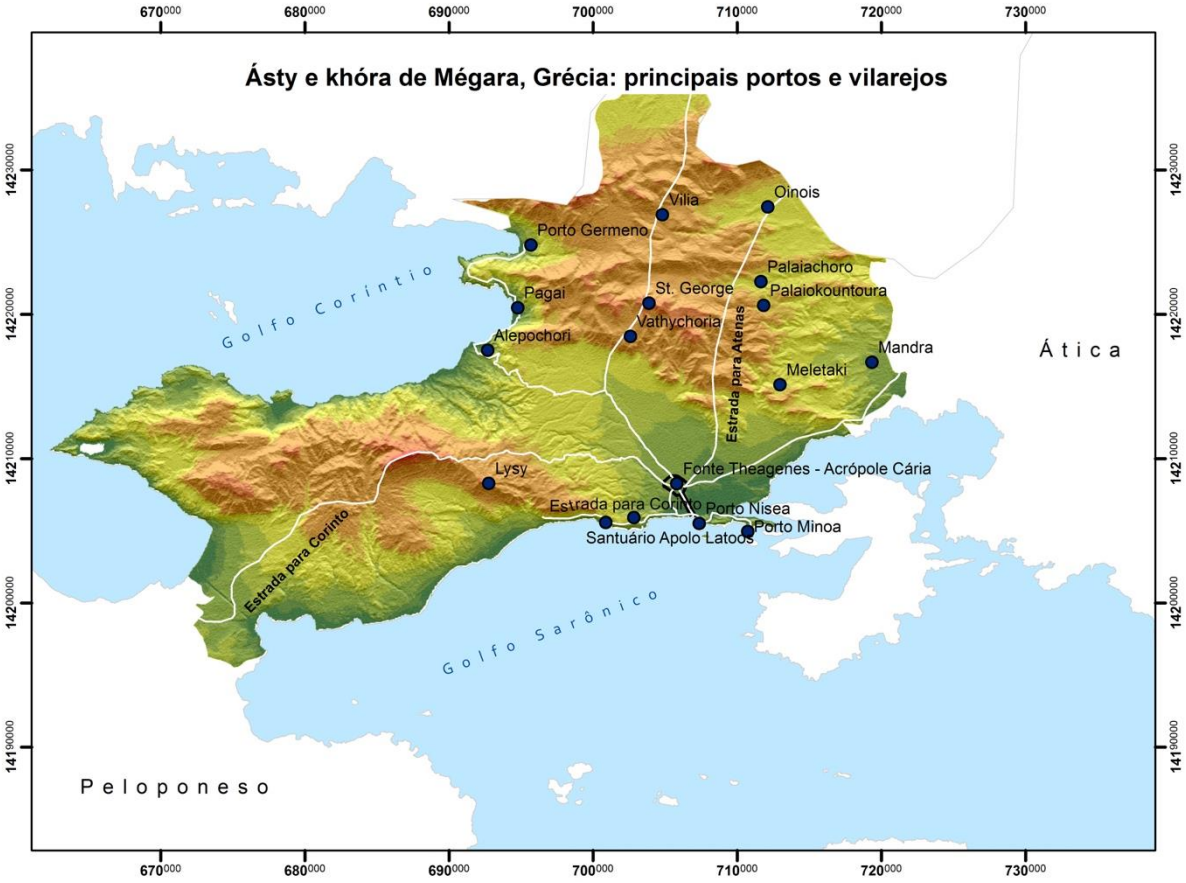
Oeste (LEGON, 2005, p. 463). Ao norte é banhada pelo Golfo de Corinto e ao Sul pelo Golfo Sarônico. No período Geométrico diversas comunidades estavam dispersas no território, porém os adensamentos mais importantes se localizavam nas duas costas do território: em Nisea (fig. N.) e Pagai (fig. N.). (MULLER, 1982, p. 381-386). Após o sinecismo, a cidade foi transferida de Nisea para a região das acrópoles Alcatoo e Cária e do vale Sul das colinas, por onde atravessava uma




plateia que conectava este setor com o porto de Nisea e que passou a abrigar a ágora, diversos *herôa* e outras áreas de culto.

**Fig. 19 – Megarida – principais assentamentos da *khóra* e vias que conectam o Peloponeso com a Beócia e Ática (MULLER, A. Megarika XII-XIV. In: Bulletin de correspondance hellénique. Volume 108, livraison 1, 1984. pp. 249-266.**

A *khóra* de Mégara é extensa e foi ocupada de modo esparso até o período Clássico. Contudo foi intensamente percorrida, pois abriga importantes vias que conectam horizontalmente o Peloponeso com a Grécia Central (Beócia, Tebas, Ática) e verticalmente os portos de Pagai e Nisea.




**Mapa 16: Mégara: ásty e khóra, com destaque para principais vias de comunicação. Fonte: Autoria própria.**

**Malha urbana:** a transferência supracitada permitiu que a comunidade tivesse uma experiência precoce de planejamento urbano que esboçava uma ortogonalidade em período que antecedeu a fundação de suas apoikias (DANNER 1997; ROBU 2014).

A topografia de Mégara antiga - pós sinecismo - é relativamente bem conhecida em suas linhas gerais, graças a descrição de Pausânias (Livro 1.39,4 - 1.44.2).

Sobre as duas colinas, são identificados os primeiros elementos da organização planejada da cidade, onde se percebe elementos que formaram um arranjo organizacional dividindo a cidade no sentido Leste-Oeste com artérias imponentes e uma divisão Norte-Sul que tem as colinas como elemento marcante na divisão destes dois polos, funcionando como marcadores naturais na paisagem. No meio da depressão entre as duas colinas e em uma localização central, tendo por referência a plateia que ligava a acrópole ao porto de Nisea, foi posicionada a *ágora* cuja reconstituição após campanhas de escavação e descoberta da sua *stoá* é representada nas plantas com formato trapezoidal, mais estreita na parte superior do que na parte inferior.

Mais tarde, Arthur Muller publicou a reconstituição pormenorizada da *ásty* de Mégara e de toda a extensão de sua *khóra* megarida no início dos anos 80, também com base no itinerário de Pausânias somado aos resultados de escavações arqueológicas empreendidas na região.

Em linhas gerais, a reconstituição localiza o perímetro dos muros que cercavam a cidade e sua via de acesso ao porto de Nisea, as portas que davam acesso para a costa megarida no Golfo de Corinto – porta Pagai – e a porta que dava acesso para o setor Noroeste da sua *khóra* – porta Tripodiskos – uma porta que conduzia para Eleusis e Atenas e por fim, uma porta que conduzia para Corinto (MULLER 1981: 204).

Posteriormente Muller explorou a localização de assentamentos na *khóra,* e refinou a descrição topográfica de Mégara sugerindo a localização aproximada de todas as edificações e estruturas mencionadas por Pausânias na sua descrição desta pólis. Para o leitor das teorias sobre a arqueologia da paisagem, é inevitável

reconhecer na metodologia empregada por Muller certa semelhança, apesar do óbvio anacronismo.

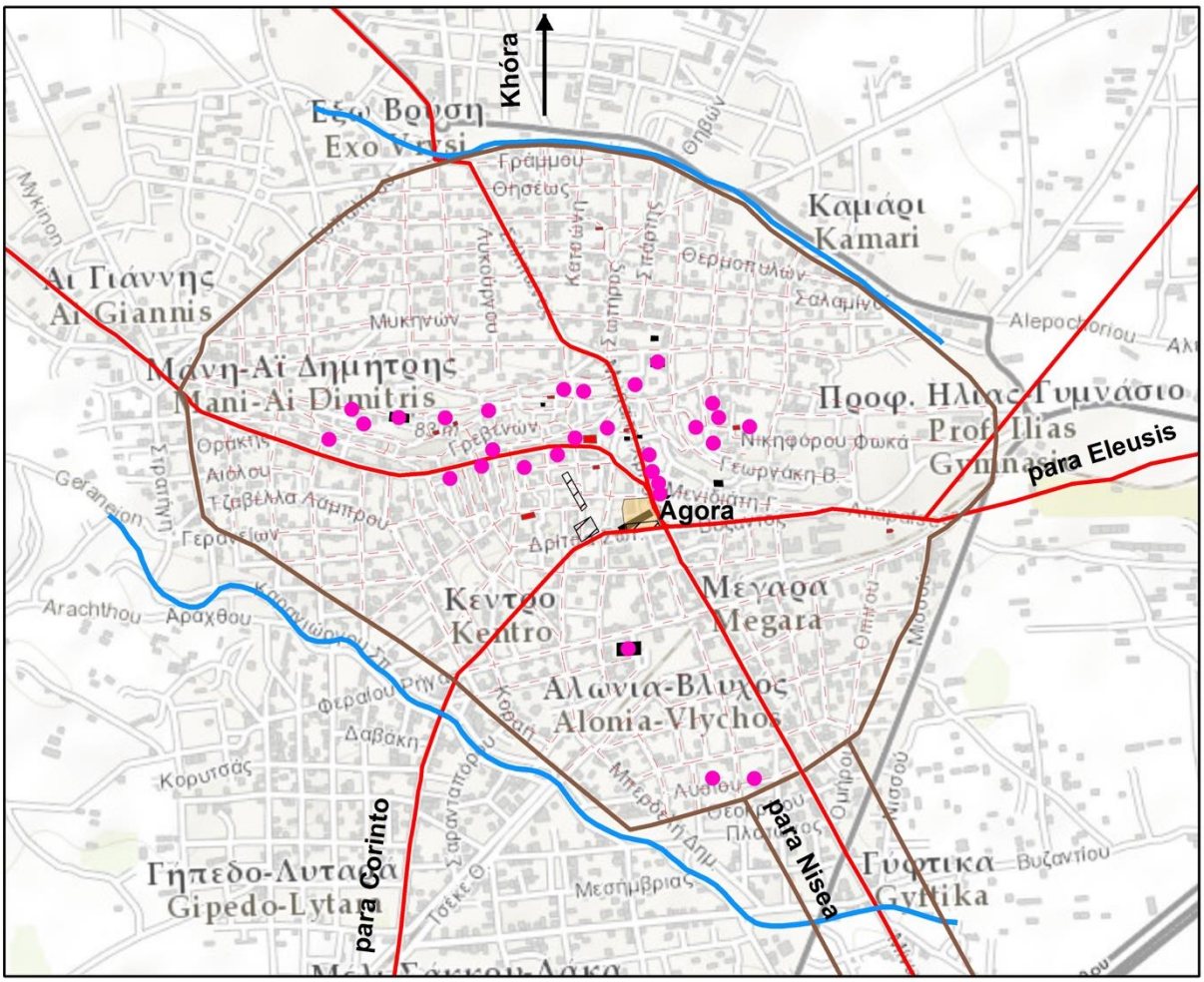



**Fig. 20 – Reconstituição topográfica de Mégara com inserção de dados cartográficos e emprego de técnicas de reconhecimento de sensoriamento remoto. *Depois de* MULLER, 1984, p. 264.**

Do resultado deste estudo publicado no *Bulletin de correspondance hellénique* (1984: 249-266) e da confirmação arqueológica da localização de algumas das estruturas, apesar da sobreposição da cidade moderna no local, realizamos a reprodução da planta da cidade na base cartográfica de Mégara – algo que não vimos em qualquer publicação até o momento – e buscamos ajustar as feições identificadas com as características do relevo e rigoroso exame do arranjo da malha urbana contemporânea.

Efetuamos o ajuste do posicionamento da cinta murária tendo por base a extensão das ruas e blocos que se estendem do Norte da cidade até o setor meridional Sul que envolvia a antiga *ásty.* Observamos que a reconstituição de Muller, quando sobreposta à base cartográfica apresentava inconsistências com o terreno e com o arranjo viário contemporâneo. No entanto, ajustando uma feição de polilinha aos pontos extremos das vias deste setor da cidade, obtivemos um traçado mais orgânico e similar àquele que margeia os setores Norte e Leste da cidade.

O mesmo tipo de procedimento foi adotado no setor Sudeste do traçado da hipotética malha, e embora o traçado das vias modernas tenha uma configuração menos regular do que no lado oposto, também realizamos ajustes que nos parecem pertinentes para corrigir as feições propostas pelos autores anteriores. Para nossa surpresa, apesar de transcorrido séculos desde o início da ocupação da cidade, o sistema viário das quadras que margeiam as duas colinas parece ter se mantido com dimensões pouco alteradas. O adensamento de construções modernas parece não ter se dado por sobreposição ao sistema viário da antiguidade.

Em seguida, inserimos os pontos referentes as feições edificadas que foram identificadas por Muller e pelas escavações arqueológicas realizadas em alguns setores da cidade. A disposição destas estruturas inseridas na base cartográfica, nos permitiu analisar com maior nível de detalhes o sistema viário de plateias que atravessariam a cidade no sentido Norte-Sul e Leste-Oeste tangenciando as duas acrópoles e a *ágora*.

**Fig. 21 – Detalhe da reconstituição das artérias do sistema viário e sobreposição da ágora na cidade moderna.**

Tendo por resultado positivo a reconstituição realizada por Arthur Muller (1984) e munidos de uma base cartográfica oficial contemporânea que nos dá indícios sobre a organização espacial da cidade na antiguidade, as possibilidades de interpretação comparada do arranjo espacial da metrópole com o arranjo espacial das apoikias é muito promissor. Esta análise será feita no capítulo seguinte.

**Evidências de culto:** conjugando as informações extraídas de Pausânias (1.42.1-1.44.19) e as escavações arqueológicas, foram identificados quatorze *herôa* e as seguintes áreas de culto:

Artémision, Olympieîon, templo de Afrodite, templo de Zeus Konios, santuário de Asclépio, mégaron de Deméter, templo de Isis, templo de Apolo e Ártemis, templo de Atena, templo de Atena Niké, templo de Atena Aiantis, templo de Apolo, santuário de Deméter, Artémision, Dionysion, Aphrodision, santuário de Tyché e templo de Apolo Prostaterios (MULLER 1984:  265).

### 2.5.2. Mégara Hibléia

**Vista aérea de Mégara Hibléia. Fonte: Google Earth, Digital Globe.**

**Metrópole:** Mégara

**Localização:** Latitude: 4117478.00 m N, Longitude: 516108.00 m E

**Região:** Costa Leste da Sicília

**Datação fontes textuais:** século VIII a.C.

**Datação fontes arqueológicas:** século VIII a.C.

**Histórico do assentamento – ocupação (ões) anteriores a fundação da apoikia:** Mégara não tem até agora evidência concreta sobre ocupação do sítio anterior à chegada dos gregos, a não ser a presença grega atestada em um sítio nativo perto de Villasmundo no vale do rio Marcellino, 8 km a Noroeste da apoikia. Cerâmica de importação é datada da primeira metade do século VIII, e apesar dos dados terem sido apenas parcialmente publicados, parece consenso entre vários pesquisadores que essa é a localidade que melhor corresponde com Hybla (a capital do rei Hyblon)[33]. Persiste a dúvida se os resultados de Villasmundo interpretados por Voza possuem relação direta com a fundação de Mégara[34]. A Robu informa que em escavações recentes no setor Nordeste da *ásty* de Mégara Hibléia foram encontrados os níveis estratigráficos da idade do bronze. Portanto o local era

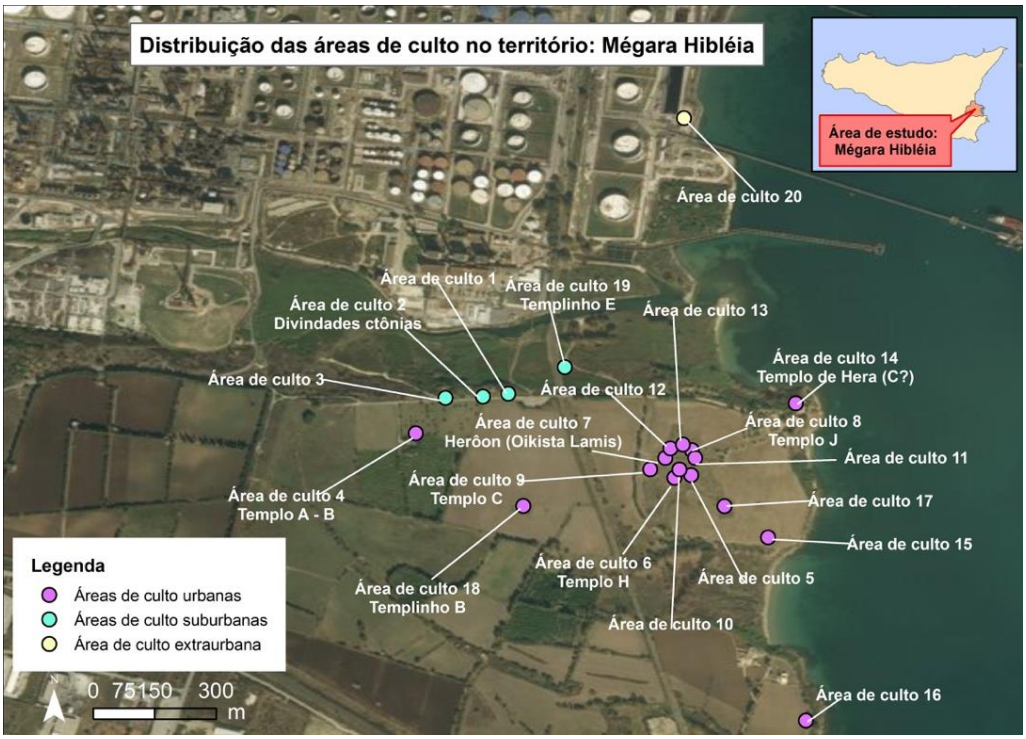
---

[33] G. Voza "Villasmundo-Necropoli in contrada Fossa", in: *Archeologia nella Sicilia Sud-Orientale*, P. Pelagatti e G. Voza (eds.), Napoli 1973, p. 57-63; *idem*, La Necropoli della valle del Marcellino presso Villasmundo, in Rizza (ed.), *Insendiamenti colon gr.*, p. 104-110; ROBU, Adrian. *Mégare et les établissements mégariens de Sicile, de la Propontide et du Pont-Euxin*. Histoire et Institutions. PETER LANG LTD International Academic Publishers, 2014.

[34] DANNER, P. *Megara*, p. 30-32; DE ANGELIS, *Megara Hyblaia and Selinous,* p. 10-11

ocupado antes da chegada dos gregos. Tem ocupação neolítica, idade do bronze e idade do ferro[35].

**Descrição topográfica:** a apoikia foi instalada em um planalto no atual Golfo de Augusta cerca de 10 metros acima do nível do mar. Ao Norte é delimitada pelo rio Cantar e a Sul por uma torrente do rio San Cusmano. A cidade se desenvolveu em dois planaltos: o planalto Norte com aproximadamente 400 metros de largura e o planalto Sul com 230 metros de largura; entre estas duas áreas há uma depressão de cerca de 200 metros. A área habitada parece absolutamente plana, portanto a cidade era desprovida de uma acrópole. O território se estendia para o Norte e para o Leste.




**Mapa 17: Mégara Hibléia, distribuição das áreas de culto na *ásty* e imediações. Fonte: Autoria própria.**

---

[35] : ver “Grecs indigènes aux origines de Mégara Hyblaea”, p. 24 e mapa fig. 2; TRÉZINY, H. “Chronique, Mégara Hyblaea”, MEFRA 120, 1, 2008, p. 256-260. ROBU, Adrian. *Mégare et les établissements mégariens de Sicile, de la Propontide et du Pont-Euxin*. Histoire et Institutions. PETER LANG LTD International Academic Publishers, 2014, p. 148.

**Malha urbana:** a região da *ágora* que corresponde à primeira fase de ocupação foi organizada de acordo com as vias principais (plateias). Os lotes estão alinhados nas ruas, sendo a parte mais bem conhecida a que se encontra próxima da *ágora*. As vias Leste-Oeste têm a mesma largura (tem 3 metros), e o mesmo se aplica aos blocos (cerca de 25 metros), este último é dividido por um eixo médio. Vias e lotes dispostos em quatro linhas principais formam o *layout* da cidade. Embora não seja ortogonal, o sistema se baseia em uma dupla rede de ruas paralelas com intersecções de inclinações diferentes. O elemento central deste arranjo consistia numa *ágora* de formato trapezoidal. A Leste-Oeste as plateias A e B conectam o planalto Norte com a *ágora* no setor Nordeste. Uma via ainda hipoteticamente interpretada pelos arqueólogos conectava o santuário da região Noroeste em direção as necrópoles a Oeste e possivelmente ao portão Oeste da cidade. A plateia C1 sentido Norte-Sul parece ter conectado a *ágora* com a porta posicionada na confluência do rio Cantera e baía no Norte da cidade; também hipotética, a via C1 se prolongaria até o planalto Sul atravessando a depressão da cidade.

As vias delimitam blocos com uma largura constante. As primeiras casas obedeciam às orientações das ruas, porém foram construídas deixando grandes espaços vazios que, no entanto, foram urbanizados rapidamente de acordo com Gras e Tréziny (2005), uma imagem que contrasta significativamente com os resultados publicados por Vallet e Villard nos anos 50 e 60.

Os arqueólogos Vallet, Villard e Auberson mostraram que a unidade de medida que os *ápoikos* utilizaram para dividir a área da cidade foi o lote com dimensões de 12 metros; enfatizando que desde a primeira fase da territorialização,

o planejamento das ruas e o tamanho dos lotes presidiam a separação dos espaços públicos, privados e a ocupação futura pelos *époikos*. No entanto Gras e Tréziny (2005) advertem que a existência de lotes urbanos iguais não pode ser interpretada em termos de igualdade social pois "é provável que os lotes fossem realmente agrupados em entidades maiores, refletindo assim a realidade social"[36].

Os dados arqueológicos reinterpretados à luz de resultados de escavações posteriores compõem um quadro muito consistente no que diz respeito à intencionalidade de ocupação de diversos setores da área urbana em curto espaço de tempo após a fundação da cidade; os arqueólogos enfatizam que do VIII para o VI século, a mudança observável no registro arqueológico não diz respeito à extensão da cidade, mas sim à densidade de povoamento. Neste sentido Vallet [37] estava certo ao interpretar os espaços vazios entre as casas construídas nos lotes dos primeiros anos da fundação, pois esta parece ser uma característica comum das apoikias fundadas na Sicília; o refinamento das informações apenas recuou o crescimento populacional, e por conseguinte, de construções em algumas décadas[38]. O que é interpretado como indicativo da consistência do movimento megárico de colonização, a despeito das erráticas narrativas nas fontes textuais que induzem uma leitura que diminui a importância de Mégara no apoikismo da Sicília por contraste com os empreendimentos calcídicos e coríntios[39].

---

[36] GRAS, M., TRÉZINY, H., in *Mégara 5*, p. 546 apud ROBU, Adrian. *Mégare et les établissements mégariens de Sicile, de la Propontide et du Pont-Euxin*. Histoire et Institutions. PETER LANG LTD International Academic Publishers, 2014, p. 152.
[37] VALLET, G., "Topographie historique de Mégara Hyblaea et problèmes d'urbanisme colonial", MAFRA 95, 2, 1983, p. 643)
[38] GRAS, M., TRÉZINY, H., in *Mégara 5*, p. 569-576 apud ROBU, Adrian. *Mégare et les établissements mégariens de Sicile, de la Propontide et du Pont-Euxin*. Histoire et Institutions. PETER LANG LTD International Academic Publishers, 2014, p. 153.
[39] VALLET, 1980, P.81

As escavações também mostraram que a ocupação da área Sul da *ásty* remonta ao século VIII, contemporânea com a ocupação do planalto Norte[40]. Da mesma forma fragmentos de cerâmica arcaica foram encontrados no setor Noroeste da *ásty*, tais elementos sugerem uma disposição de elementos que traçavam a extensão da ocupação da área urbana tão logo a cidade foi fundada (ROBU 2014, p. 151).

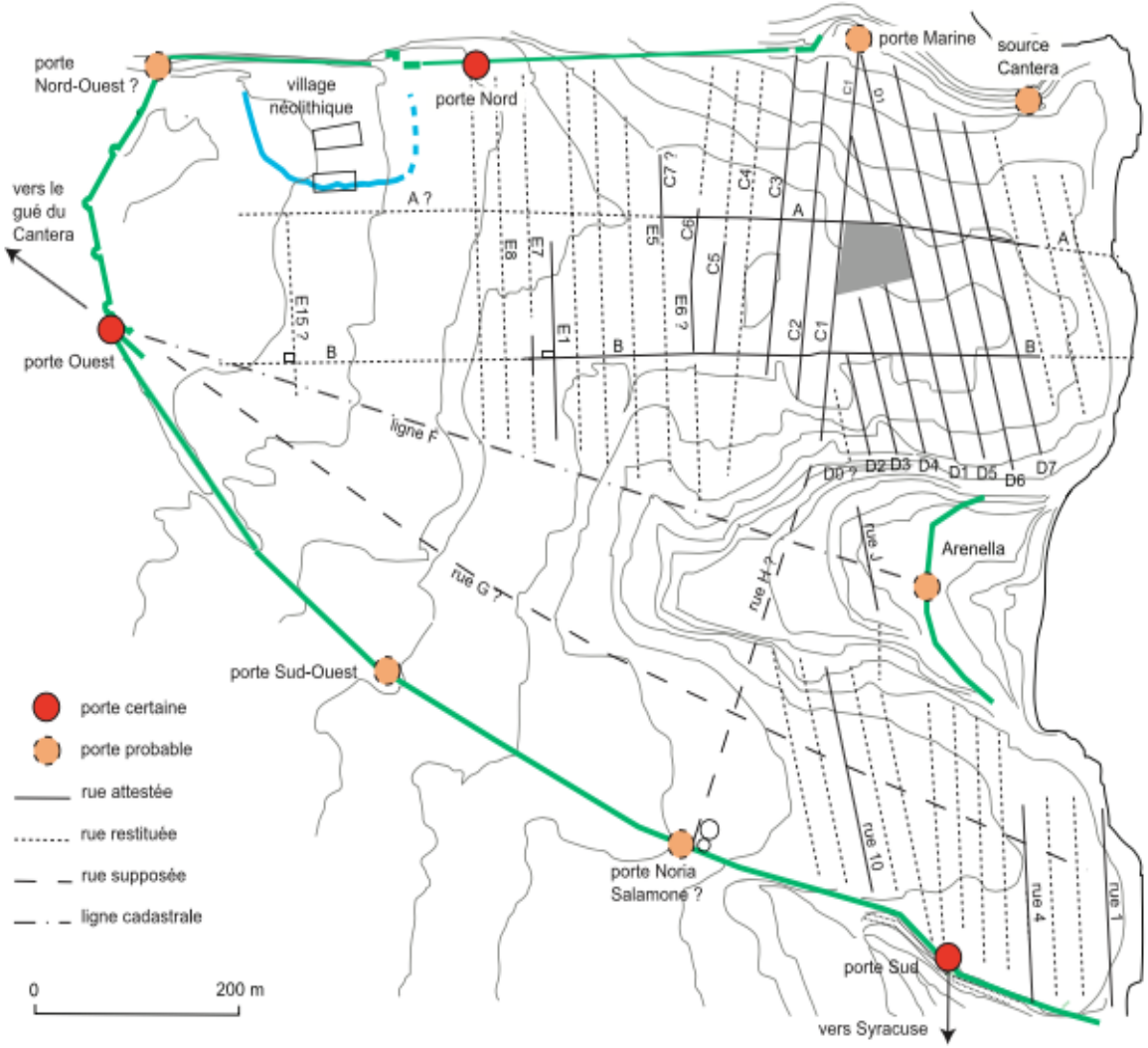



**Fig. 22: Planta de Mégara Hibléia. Fonte: GRAS, M. TREZINY. H. Mégara Hyblaea. 5, La ville archaïque: l'espace urbain d'une cité grecque de Sicile Orientale, 2004.**

[40] GRAS, M. *Mégara 5*, p. 59-64, 86-88, 151-152 in ROBU, Adrian. *Mégare et les établissements mégariens de Sicile, de la Propontide et du Pont-Euxin*. Histoire et Institutions. PETER LANG LTD International Academic Publishers, 2014, p. 151.

A visão que se tinha do assentamento quando das escavações realizadas por Villard e Vallet foram substancialmente modificadas nas publicações mais recentes especialmente após as publicações de Gras e Tréziny de 2004. A grande fase de expansão começa em meados do século VII.

**Datação templos:**

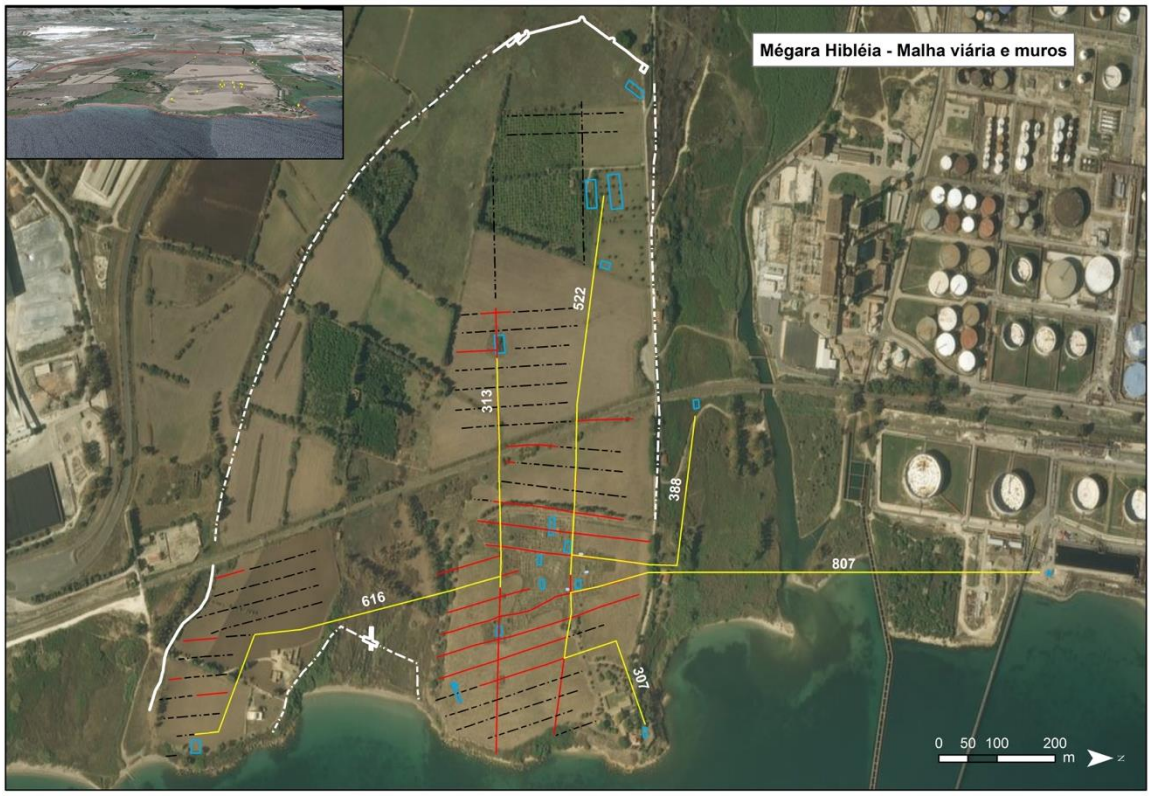
Santuário de Hera – área sacra C localizado no Nordeste no canto mais extremo da zona urbana.

Santuário – área sacra F. localizado no Sudeste também num dos cantos da zona urbana.

Santuário – área sacra E. localizado em posição central porem fora da muralha da cidade na área Norte.

Santuário – área sacra A e D. Localizado no Noroeste do planalto Norte.

Possível santuário ao longo do rio Cantera.




**Mapa 18: Megara Hibléia. Malha viária e muros. Fonte: Autoria própria.**

As disposições destas áreas de culto permitiram delimitar os limites da área urbana, cercando os núcleos habitacionais no início da fundação. Estes santuários se localizam próximos das principais artérias, o primeiro santuário do Noroeste do planalto Norte tangenciava pelo Norte a avenida (plateia) A, e foi monumentalizado com dois templos grandiosos (A e B) além disso, numerosos templos e outros edifícios sacros estão localizados dentro e ao redor da *ágora* e esta é ladeada em todas as faces por artérias importantes da *ásty.*

O pequeno templo (edifício J – 650-625) está localizado no Norte da cidade e é delimitado no lado Sul e Leste-Oeste pela avenida A.

O templo I – cerca de 650-600 está localizado no canto Nordeste e é delimitado a Norte pela avenida B que é sentido Leste-Oeste.

O templo Oeste (edifício C – cerca de 600) é perpendicular à rua Norte-Sul C2.

O *herôon* (edifício D – cerca de 630) é localizado no canto Nordeste do bloco 6 e posicionado paralelo à avenida. A delimitação deste bloco no Norte e perpendicular à avenida C1 Norte-Sul delimita este bloco.

Na própria *ágora*, o edifício G (templo do Sul cerca 650-625) com a colunata central na face Sul e o edifício H (cerca de 625-600) correm perpendicularmente à via de Noroeste-Sudeste.

A *stoá* oriental (edifício F – cerca de 650-600) corre paralela à rua D1.

A malha urbana de Mégara Hibléia também pode ter encorajado algum grau de regularização do espaço cívico-sagrado da ágora; mesmo a malha não sendo completamente ortogonal, todas as ruas Norte-Sul são paralelas umas às outras e são perpendiculares as vias Leste-Oeste. As avenidas A e C1 se intersectam

praticamente em ângulos retos resultando que os limites setentrionais e ocidentais da *ágora* são perpendiculares uns aos outros.

Os edifícios da *ágora* também não indicam um posicionamento ao acaso; as *stoaí* Norte e Leste são adjacentes aos limites Norte e Leste da *ágora*; desta forma, o templo do Sul com colunata central está praticamente no mesmo eixo.

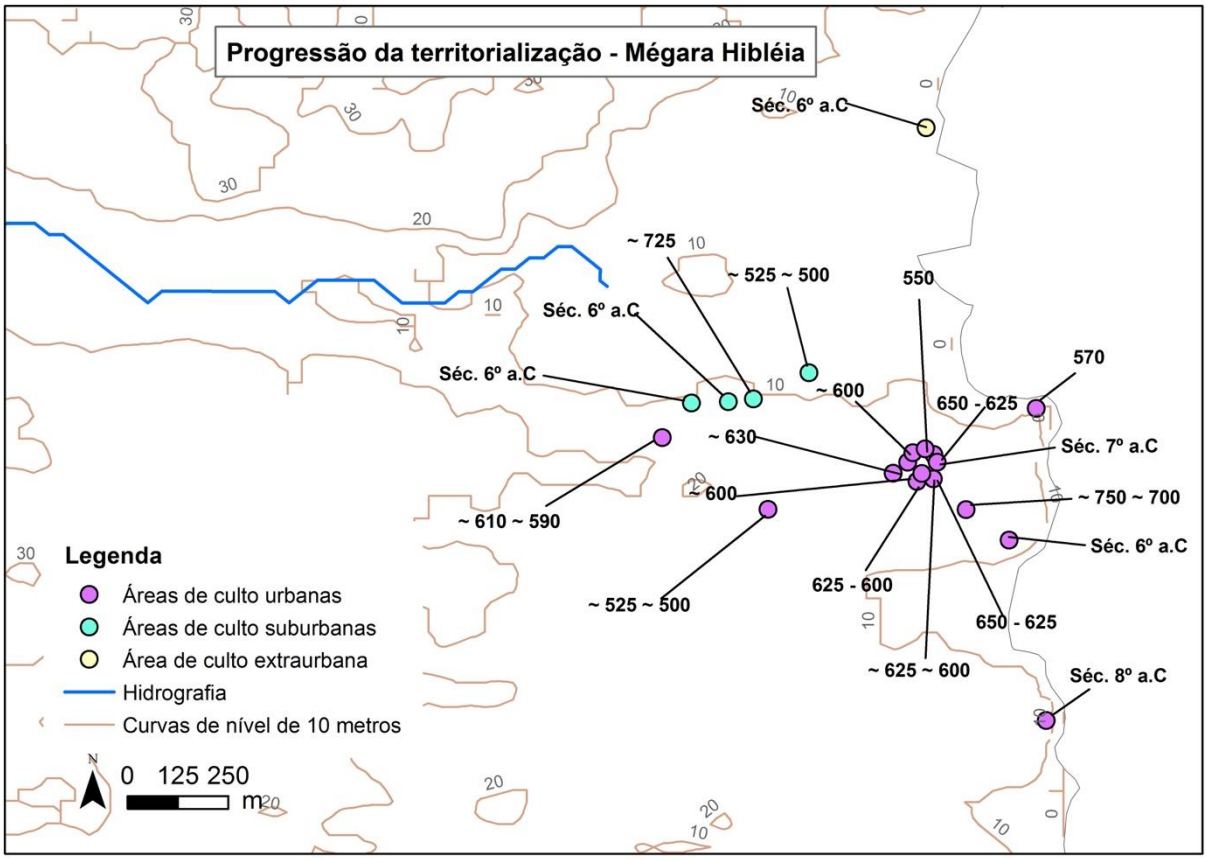
Os locais de outros templos de Mégara Hibléia no que diz respeito ao traçado urbano também podem ter influenciado as tipologias arquitetônicas.

**Datação muros:** século VI a.C.

**Fundação de sub-apoikias e/ou postos avançados:** fundou Selinonte no setor Ocidental da Sicília, Costa Sul.

**Áreas de culto no território: Mégara Hibléia**

| Nome | Apoikia | Metrópole | Datação | Divindade | Posição no território | Fichamento Veronese | Tipo de estrutura |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Área de culto 01 | Mégara Hibléia | Mégara | ~ 725 | - | Suburbana | - | Depósito votivo |
| Área de culto 02 | Mégara Hibléia | Mégara | Séc. 6º | Ctônias | Suburbana | 38 | Depósito votivo |
| Área de culto 03 | Mégara Hibléia | Mégara | Séc. 6º | Ctônias | Suburbana | 39 | Depósito votivo |
| Área de culto 04 | Mégara Hibléia | Mégara | ~ 610 ~ 590 | - | Urbana | 40 | Templo A |
| Área de culto 05 | Mégara Hibléia | Mégara | 650 - 625 | - | Urbana | 41 | Templo G |
| Área de culto 06 | Mégara Hibléia | Mégara | 625 - 600 | - | Urbana | 42 | Templo H |
| Área de culto 07 | Mégara Hibléia | Mégara | ~ 630 | Lamis - Oikista | Urbana | 43 | Heroon |
| Área de culto 08 | Mégara Hibléia | Mégara | 650 - 625 | - | Urbana | 44 | Edifício J |
| Área de culto 09 | Mégara Hibléia | Mégara | ~ 600 | - | Urbana | 45 | Edifício C |
| Área de culto 10 | Mégara Hibléia | Mégara | ~ 625 ~ 600 | - | Urbana | - | Recinto circular |
| Área de culto 11 | Mégara Hibléia | Mégara | Séc. 7º | - | Urbana | 46 | Pequeno recinto sacro + poço |
| Área de culto 12 | Mégara Hibléia | Mégara | ~ 600 | - | Urbana | 47 | Altar |
| Área de culto 13 | Mégara Hibléia | Mégara | 550 | - | Urbana | 48 | Altar |
| Área de culto 14 | Mégara Hibléia | Mégara | 570 | Hera | Urbana | 49 | Templo C + Santuário |
| Área de culto 15 | Mégara Hibléia | Mégara | Séc. 6º | - | Urbana | 50 | Cluster de sacelli |
| Área de culto 16 | Mégara Hibléia | Mégara | Séc. 8º | - | Urbana | 51 | Santuário |
| Área de culto 17 | Mégara Hibléia | Mégara | ~ 750 ~ 700 | - | Urbana | 52 | Templo L |
| Área de culto 18 | Mégara Hibléia | Mégara | ~ 525 ~ 500 | - | Urbana | 53 | Pequeno templo B |
| Área de culto 19 | Mégara Hibléia | Mégara | ~ 525 ~ 500 | - | Suburbana | 54 | Pequeno templo E |
| Área de culto 20 | Mégara Hibléia | Mégara | Séc. 6º | Deméter? | Extraurbana | 55 | Santuário |




**Mapa 19: Megara Hibléia. Progressão da territorialização. Fonte: Autoria própria.**

A prevalência de áreas de culto na área intramuros da cidade denota a importância do projeto de construção da geograficidade nos limites da ásty. A mesma tendência será observada em Selinonte, sua apoikia, no processo de territorialização no extremo Ocidente da Ilha.

### 2.5.3 Selinonte

**Metrópole:** Mégara Hibléia

**Localização:** Latitude: 4161793.00 m N, Longitude: 307979.00 m E

**Vista aérea de Selinonte. Fonte: Google Earth, Digital Globe.**

**Região:** Sudoeste da Sicília.

**Datação fontes textuais:** 651 – 628 a.C.

**Datação fontes arqueológicas:** 650 a.C.

**Histórico do assentamento – ocupação (ões) anterior (es) a fundação da apoikia:** No momento da chegada dos gregos o local já era ocupado por sicanos, como prova a existência de uma vila sicana na planície de Mannuzza (JANNELLI E LONGO 2004: 120).

**Descrição topográfica:** A pólis surge na costa Sudoeste da ilha, ocupando três terraços calcáreos baixos separados pelo curso dos rios Modione (o antigo Selinos) a Oeste e o Cotone a Leste, na foz dos quais se abriam amplas enseadas que serviam como ancoradouro. Entre a atual configuração do relevo e a paisagem da antiguidade há muitas diferenças. A foz dos rios Modione e Cotone era mais abundante em volume de água e o principal porto da cidade era fluvial (SCALISI 2010: 235). O curso das águas ladeando a acrópole configuravam uma situação de proeminência paisagística, sobrevalorizada quando a pólis empreendeu a construção do terraço da acrópole e erigiu os muros na face oriental da cidade.

**Malha urbana:** o arranjo espacial da malha foi definido na primeira fase de territorialização, e a ocupação das áreas vazias demarcadas se deu gradualmente, em compasso com um programa de obras públicas que realizou a monumentalização de um grande número de áreas sacras em curto espaço de tempo.

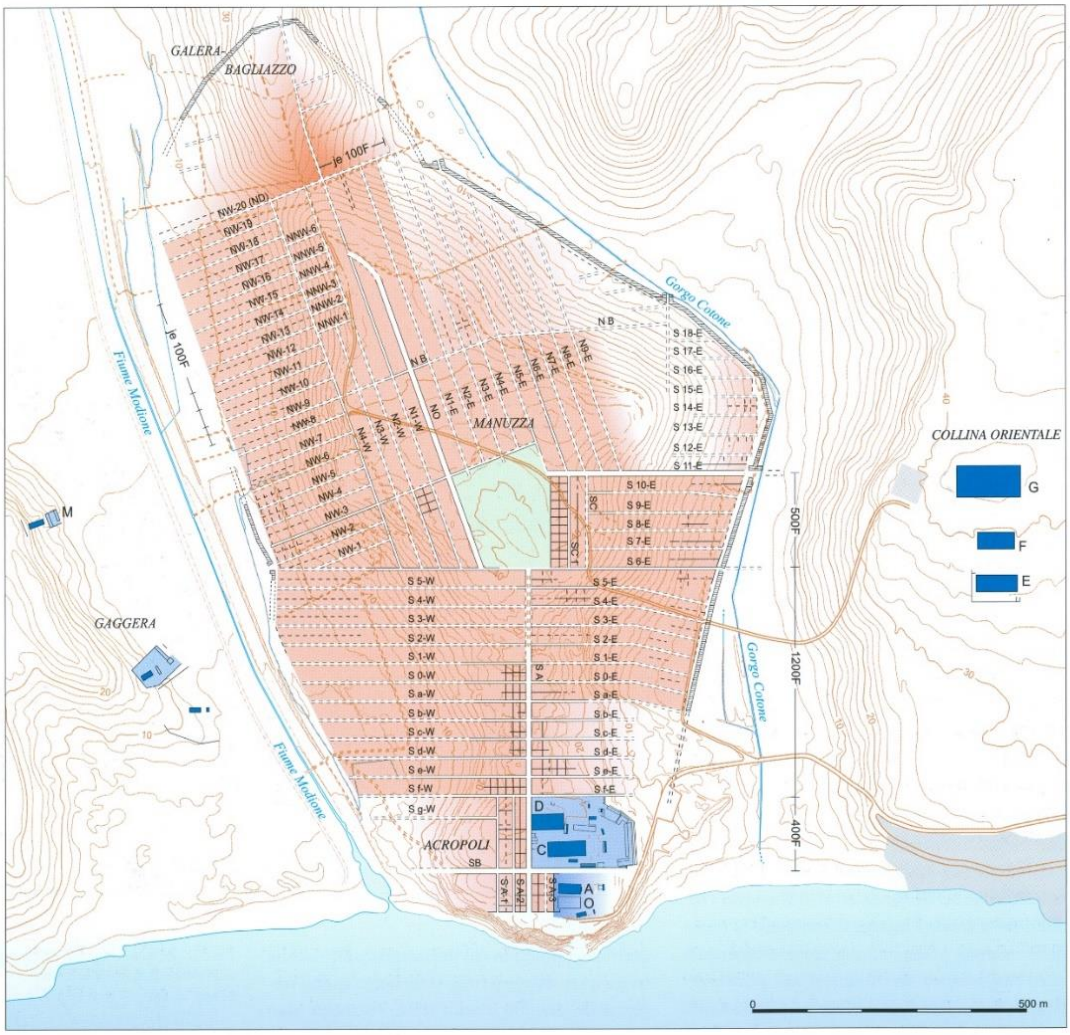


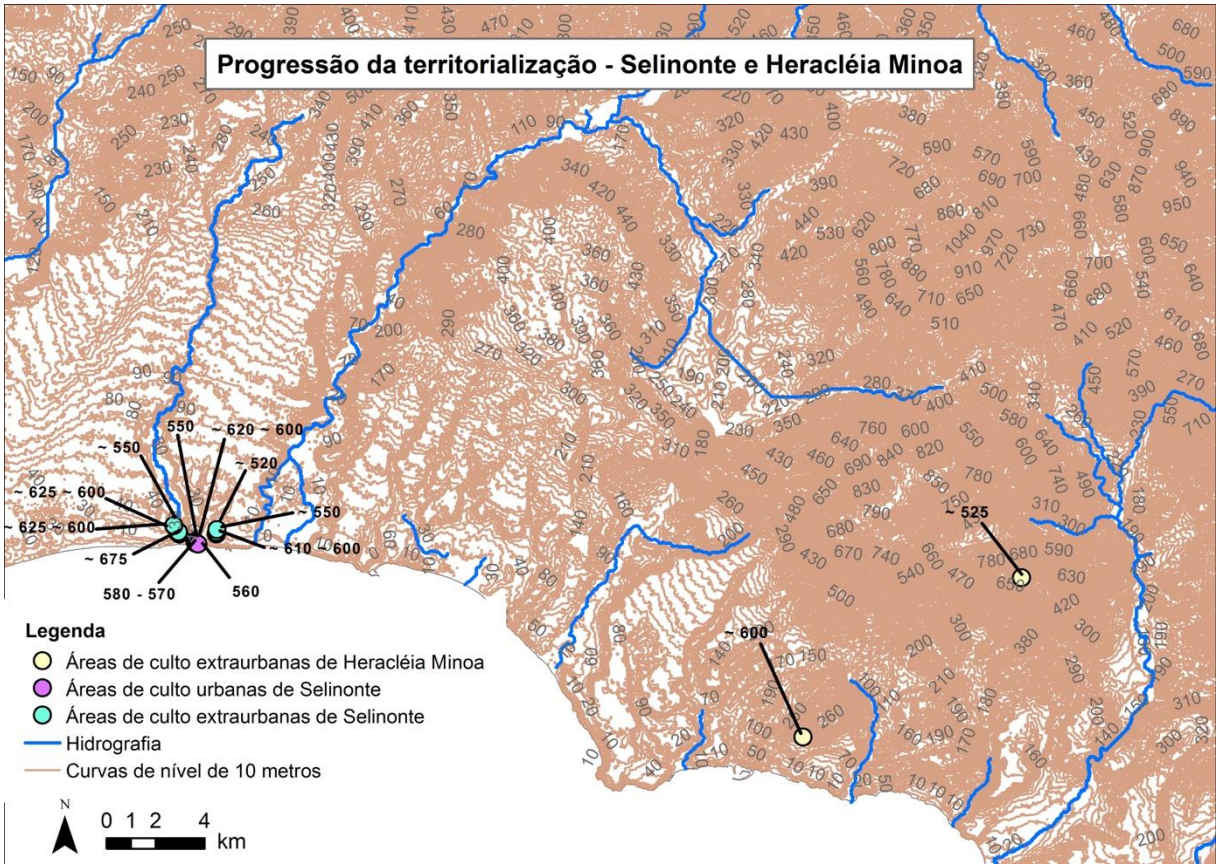

**Fig. 23 - Planta de Selinonte in MERTENS, 2 006, p. 174**

**Datação templos:** Na colina de Marinella, a Leste (colina Oriental) e naquela ocidental da Gaggera, por outro lado, foram instaladas áreas sacras que cercavam a cidade como um tipo de “coroa sagrada”, a maioria das áreas foi edificada no século VI (JANNELLI e LONGO 2004: 117; 120).

**Datação muros:** os muros erigidos no período arcaico (580 – 570) cercavam apenas a acrópole e o planalto de Manuzza. A infra-estruturação sacra da cidade privilegiou os limites urbanos da cidade e foi almejada a correlação entre os muros, portas e vias que conectavam as áreas sacras (SCALISI 2010: 265 – 266).

**Áreas de culto no território: Selinonte**

| Nome | Apoikia | Metrópole | Datação | Divindade | Posição no território | Fichamento Veronese | Tipo de estrutura |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Área de culto 01 | Selinonte | Mégara Hibléia | ~ 610 ~ 600 | Hera / Afrodite? | Extraurbana | 129 | Templo E (1, 2 e 3) |
| Área de culto 02 | Selinonte | Mégara Hibléia | ~ 550 | Dioniso? | Extraurbana | 130 | Templo F |
| Área de culto 03 | Selinonte | Mégara Hibléia | ~ 520 | Zeus Olímpio | Extraurbana | 131 | Templo G |
| Área de culto 04 | Selinonte | Mégara Hibléia | ~ 620 ~ 600 | Ártemis? | Urbana | 132 | Tempieto pequena Métopa |
| Área de culto 04 | Selinonte | Mégara Hibléia | 580 - 570 | Deméter Thesmophoros | Urbana | 132 | Megaron |
| Área de culto 04 | Selinonte | Mégara Hibléia | 560 | Apolo | Urbana | 132 | Templo C |
| Área de culto 04 | Selinonte | Mégara Hibléia | 550 | Atena? | Urbana | 132 | Templo D |
| Área de culto 05 | Selinonte | Mégara Hibléia | ~ 675 | Hera | Extraurbana | 133 | Santuário |
| Área de culto 06 | Selinonte | Mégara Hibléia | ~ 625 ~ 600 | Deméter Malophoros | Extraurbana | 134 | Santuário |
| Área de culto 07 | Selinonte | Mégara Hibléia | ~ 625 ~ 600 | Zeus Meilichios | Extraurbana | 135 | Santuário |
| Área de culto 08 | Selinonte | Mégara Hibléia | ~ 550 | - | Extraurbana | 136 | Templo M |
| Área de culto 01 | Heracléia Minoa | Selinonte | ~ 525 | - | Extraurbana | 137 | Santuário + Templo |
| Área de culto 02 | Heracléia Minoa | Selinonte | ~ 600 | Cronos? Héracles? Deméter? | Extraurbana | 138 | Área sacra em gruta natural |

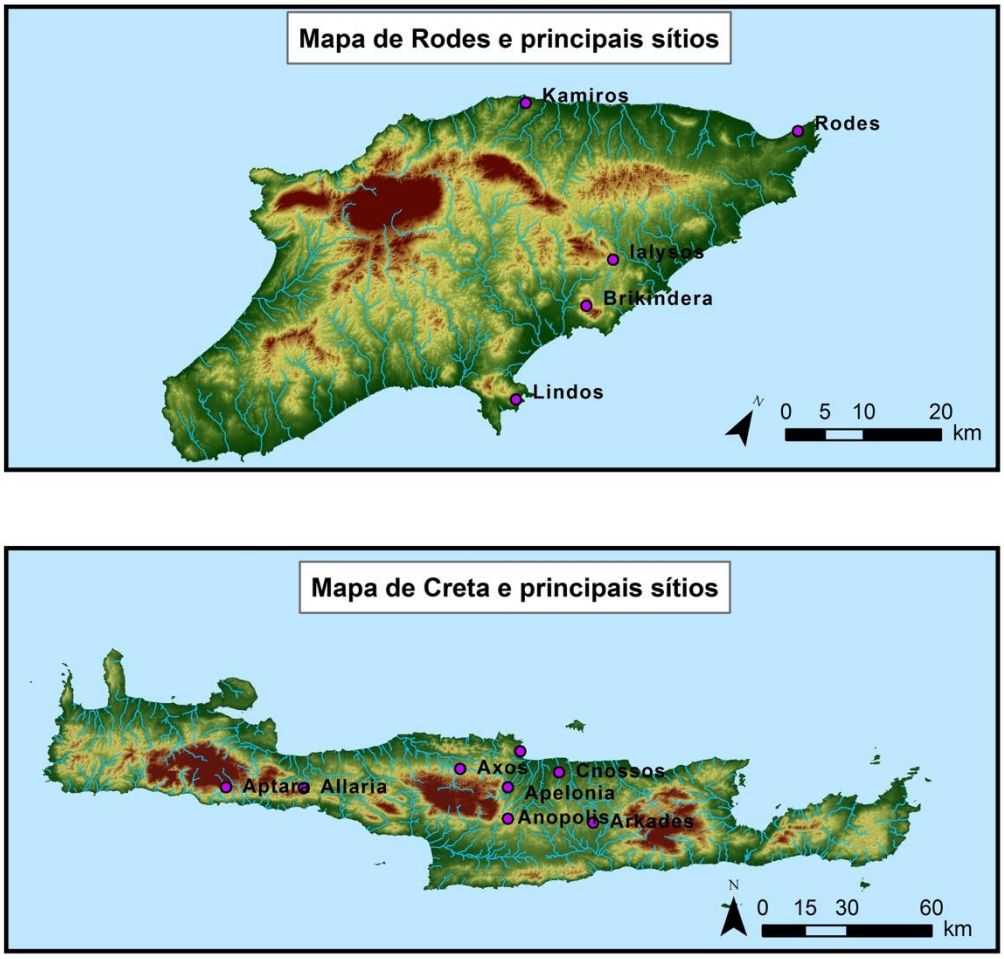



**Mapa 20: Selinonte e Heracléia Minoa,. Progressão da territorialização. Fonte: Autoria própria.**

## 2.6 Rodes, Creta e suas apoikias

### 2.6.1. Rodes e Creta

**Localizações: Rodes:** Latitude: 4032734.00 m N, Longitude: 609032.00 m E
**Creta:** Latitude: 3912233.00 m N, Longitude: 330759.00 m E.




**Mapa 21: Rodes e Creta. Fonte: Autoria própria.**

Rodes foi uma das maiores ilhas gregas situadas ao largo da costa Sudoeste da Ásia Menor e uma das principais potências navais da Grécia e do mundo mediterrânico na transição da Idade do Ferro para o período Arcaico. Suas principais cidades foram Lindos, Camiros e Ialysus. De Lindos, de acordo com os autores, provêm as maiores referências do papel da cultura metropolitana nas suas apoikias

siciliotas, Gela e Agrigento, observáveis na cultura material, enterramentos e técnicas construtivas. Contudo, para os propósitos deste trabalho, Rodes não oferece elementos para estabelecermos paralelismos no tocante a organização espacial da pólis. Não foram encontrados indícios de influência significativa de Creta na organização espacial das colônias Gela e Agrigento.

### 2.6.2 Gela

**Vista aérea de Gela. Fonte: Google Earth, Digital Globe.**

**Metrópole:** Lindos - Rodes e Creta

**Localização:** Latitude: 4102120.00 m N, Longitude: 434067.00 m E

**Região:** Costa Sul da Sicília

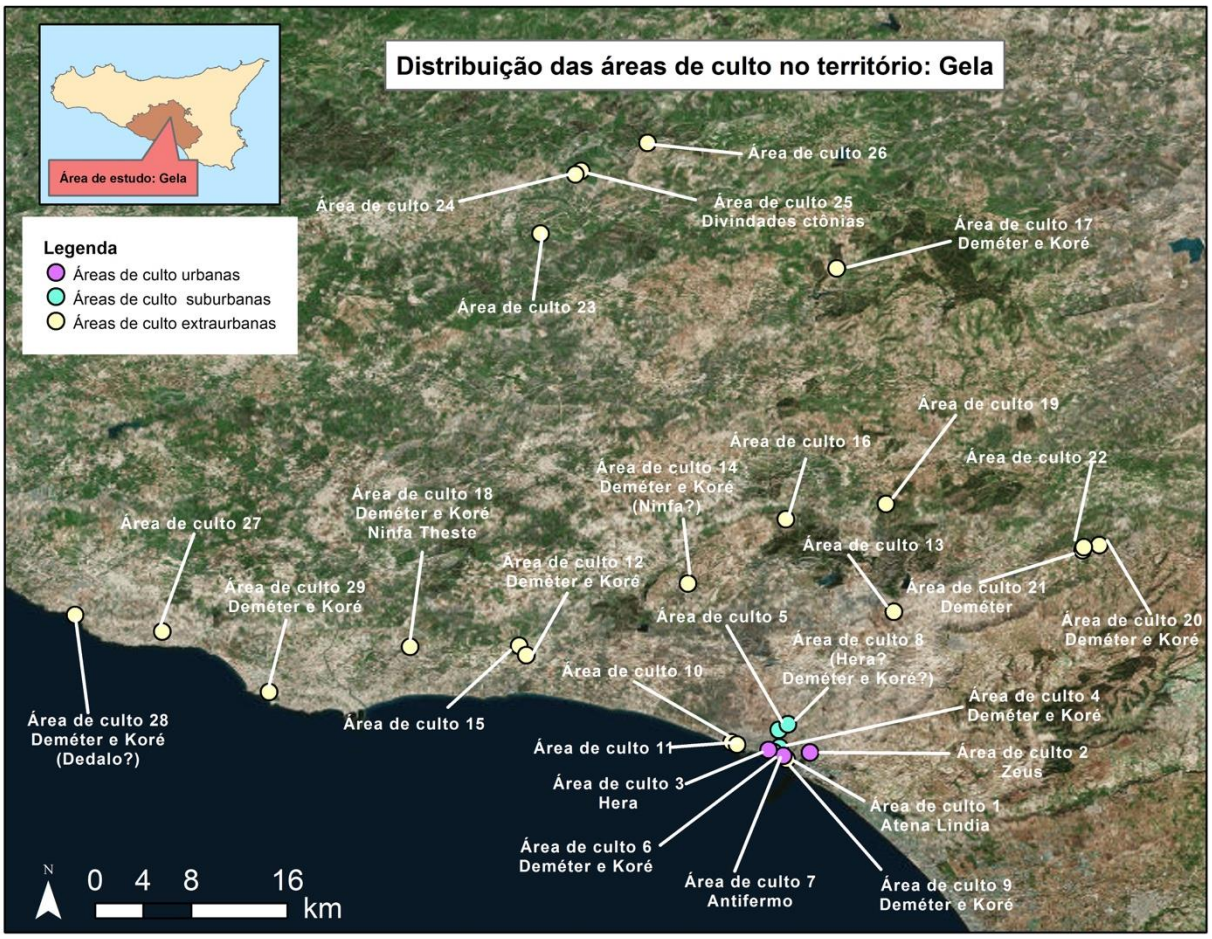
**Datação fontes textuais:** 689 – 688 a.C.

**Datação fontes arqueológicas:** última década do século VIII.

Cerâmica proto-coríntia foi encontrada na acrópole de Gela – Molino a vento – o que indica uma data de frequentação grega, porém não exclusivamente ródio-cretense em período anterior a data fornecida pela tradição literária (FISCHER-HANSEN 2004: 173)

**Histórico do assentamento – ocupação (ões) anterior (es) a fundação da apoikia:** A evidência arqueológica atesta a existência de um assentamento desde o século VIII. Cerâmica do final do período Geométrico e cerâmica proto-coríntia, encontrada na acrópole de Gela (ORLANDINI 1968: 50-55). Os especialistas

consideram consensualmente que antes da fundação oficial de Gela havia um assentamento na região (DE MIRO, FIORENTINI, 1983, p. 55-64 apud DOMÍNGUEZ, 2006, p. 276). A evidência arqueológica sugere uma fase de pré-ocupação na área de Contrada Spina Santa, a necrópole gelense revelou cerâmica datada de 700.




**Mapa 22: Gela. Fonte: Autoria própria.**

**Descrição topográfica:** a cidade de Gela foi implantada sobre uma longa colina paralela à costa. Os *ápoikos* estabeleceram-se no lado oriental do cume e ocuparam progressivamente o lado Oeste até que no século IV atingiram o promontório de Capo Soprano (SCALISI 2010: 191). A colina é caracterizada por uma depressão natural (Vale do Pasqualelo) no seu centro que delimita o limite

ocidental da área urbana, estando as necrópoles para Oeste da depressão. A abundância da bacia hidrográfica da região foi atrativa para inúmeras ocupações e os *ápoikos* tiveram que empreender uma dinâmica própria para desenvolver a sua pólis que, conforme se estendia no território, encontrava um conjunto significativo de assentamentos indígenas.

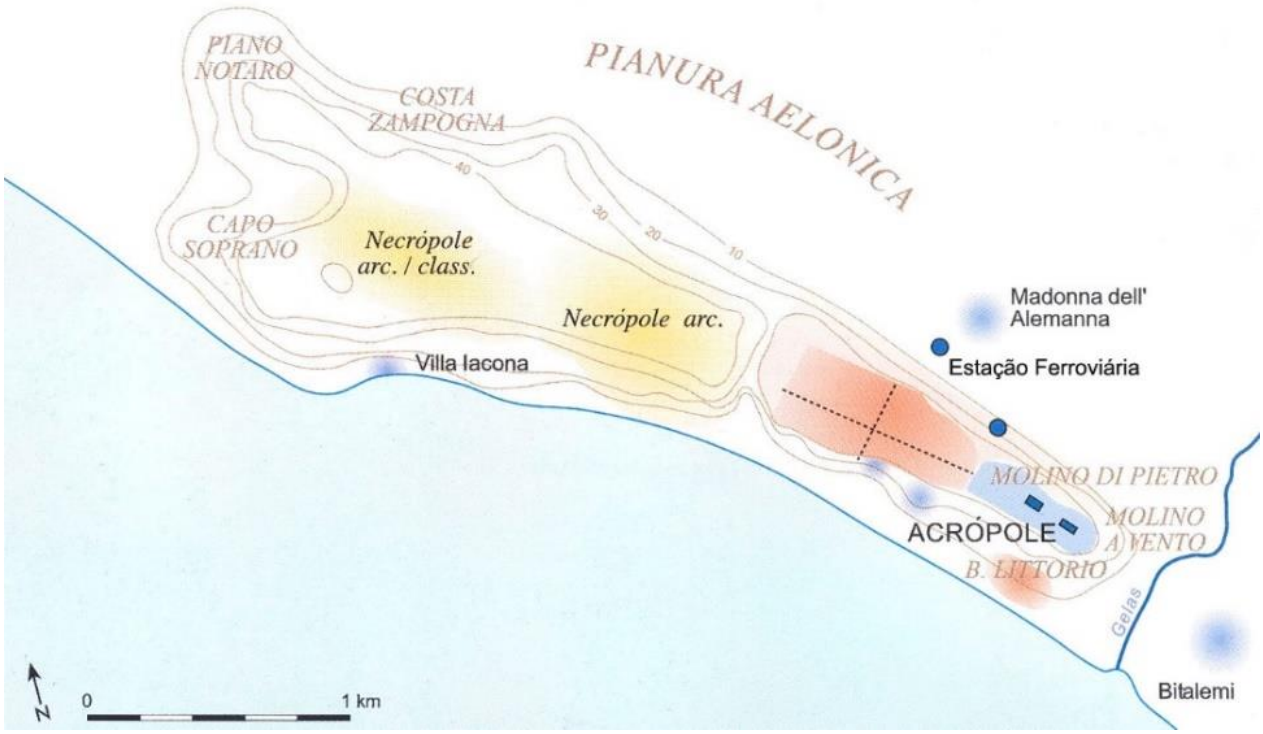



**Fig. 24 - Gela - planimetria da *ásty***

O topo da acrópole dominava paisagisticamente o mar e a foz do rio Gelas permitindo visualizar o *Termofórion de Bitalemi,* a área de culto de Deméter *Tesmofóros* edificada na margem oposta do rio, configurando os limites imediatos da *ásty* gelense.

**Malha urbana:** o arranjo da malha urbana parece datar do século VII, mas a ocupação e preenchimento das áreas previamente demarcadas ocorreu gradualmente. Este aspecto do urbanismo gelense é interpretado como um exemplo

de precoce organização do espaço vital (FISHER-HANSEN 1996; MERTENS 2006: 79). As pesquisas sobre a organização espacial da *ásty* implantada no período Arcaico são dificultadas pela sobreposição da cidade moderna. O *layout* básico da malha é formado por uma artéria Leste-Oeste – plateia – e seis ruas transversais de orientação Norte-Sul, onde foram posicionados os blocos habitacionais. Estes blocos foram divididos longitudinalmente em duas fileiras de lotes separados por canais de drenagem. A largura dos estenopos varia entre 3,28 e 4 metros.

As escavações permitiram divisar um quadro esquemático e incompleto da malha urbana implantada pelos *ápoikos*. No setor oriental foram localizados seis blocos habitacionais delimitados por seis ruas (ruas I até VI – vide planta, fig. N.) orientadas no sentido Norte-Sul e perpendicular à artéria Leste-Oeste posicionada no centro da grade e que se estende ao longo do eixo longitudinal do monte, provendo acesso entre a acrópole no Leste, a área habitacional no centro e as necrópoles a Oeste. Também saía da acrópole uma via que conduzia para o interior da *khóra* atravessando os muros por uma porta e flanqueando um santuário localizado em Via Fiume que se interpunha de modo monumental entre as populações que caminhavam da *khóra* em direção à *ásty.*

O santuário de Atena Lindia na acrópole ladeia o lado Sul da artéria Leste-Oeste Central, os templos B e C monumentalizaram este setor da cidade. A malha urbana está totalmente alinhada com a orientação dos edifícios de culto localizados nos blocos de habitação da acrópole. Estes edifícios estão alinhados com as ruas Norte-Sul, sendo a orientação destes Leste-Oeste. O mesmo é observável nas orientações dos templos B e C no santuário de Atenas Lindia na acrópole, onde os templos ladeiam o lado Sul da artéria Leste-Oeste da grade, provavelmente tanto

dentro quanto fora da área urbana; os templos podem ter servido não apenas como pontos de referência que indicavam a localização para o viajante do mar, mas também regularizavam a disposição da *ásty*.

Obedecendo esta progressão a acrópole foi instalada na parte oriental da cidade e abrigava o santuário de Atena Lindia datado do século VII além de outros dois templos e pequenas áreas de culto (DOMÍNGUEZ 2006: 281). Também na acrópole foi identificado um depósito votivo e elementos que indicam a atividade de culto a céu aberto datados do final do século VIII; sobre este local posteriormente foi efetuada a construção do edifício I.

O porto da cidade, localizado a Leste da colina na foz do rio Gelas, comportava muitos barcos atracados (ASHERI 1970b: 158). Na outra extremidade da colina, localizava-se a necrópole e entre as duas, os quarteirões habitacionais (ASHERI, 1970b: 158; DOMÍNGUEZ 2006: 283).

Arqueologicamente são identificados elementos de Creta e Rodes em Gela. Enterramentos infantis em *pithoi* durante o século VII e manufatura grega atestam a presença cretense (ORLANDINI 1968: 52; GRAHAM 1964: 19; MALKIN 1987: 53).

Tucídides (6.4.3) menciona que antes da fundação de Gela, havia no local uma cidadela chamada *Lindioi.* Este primeiro assentamento teria sido instalado sobre Capo Soprano onde, após a fundação de Gela, permaneceu como uma fortificação que controlava a circulação na foz do rio Gelas do qual a nova cidade acabou tomando o nome. Contudo Graham e Malkin destacam que a presença ródia constituiu-se mais proeminente na apoikia de Gela (GRAHAM 1971: 20; MALKIN, 1987: 53).

A presença do culto de Atena Lindia, culto de Rodes é atestada com evidência arqueológica; foi encontrada também uma grande quantidade de cerâmica

ródia, imitações de mercadorias ródia e métodos similares de enterramentos datados do final do século VII a.C. e início do século VI a.C. (GRAHAM 1964: 20).

**Datação muros:** a cinta de muros do período Arcaico começou a ser construída no final do século VI e início do V, na mesma época que os tiranos Hipócrates e de Gélon empreenderam um amplo programa de obras públicas que incluía a construção do templo dórico *Athenaion* – templo C – e a monumentalização de diversos orifícios sacros. Para Francesca Scalisi (2010) as fortificações desta pólis representam uma obra de arquitetura militar única, um exemplo no emprego de técnicas mistas – estruturas de alvenarias e blocos de pedras.

No trecho da parede em Capo Soprano foram identificadas três fases cronológicas, a primeira correspondente ao poder do Timoleonte e a última datada do período de Agathocles. A cronologia de edificação dos muros e o perímetro das mesmas podem ser observados na imagem que segue. Destacamos, contudo que embora as fortificações das pólis gregas da Sicília tenham sido associadas a beligerância entre os vizinhos gregos e enfrentamentos com a população indígena; segundo Francesca Scalisi (2010) o histórico de aparatos murários no mundo grego corresponde ao século VI e está profundamente associado com o avanço persa sobre a Grécia.

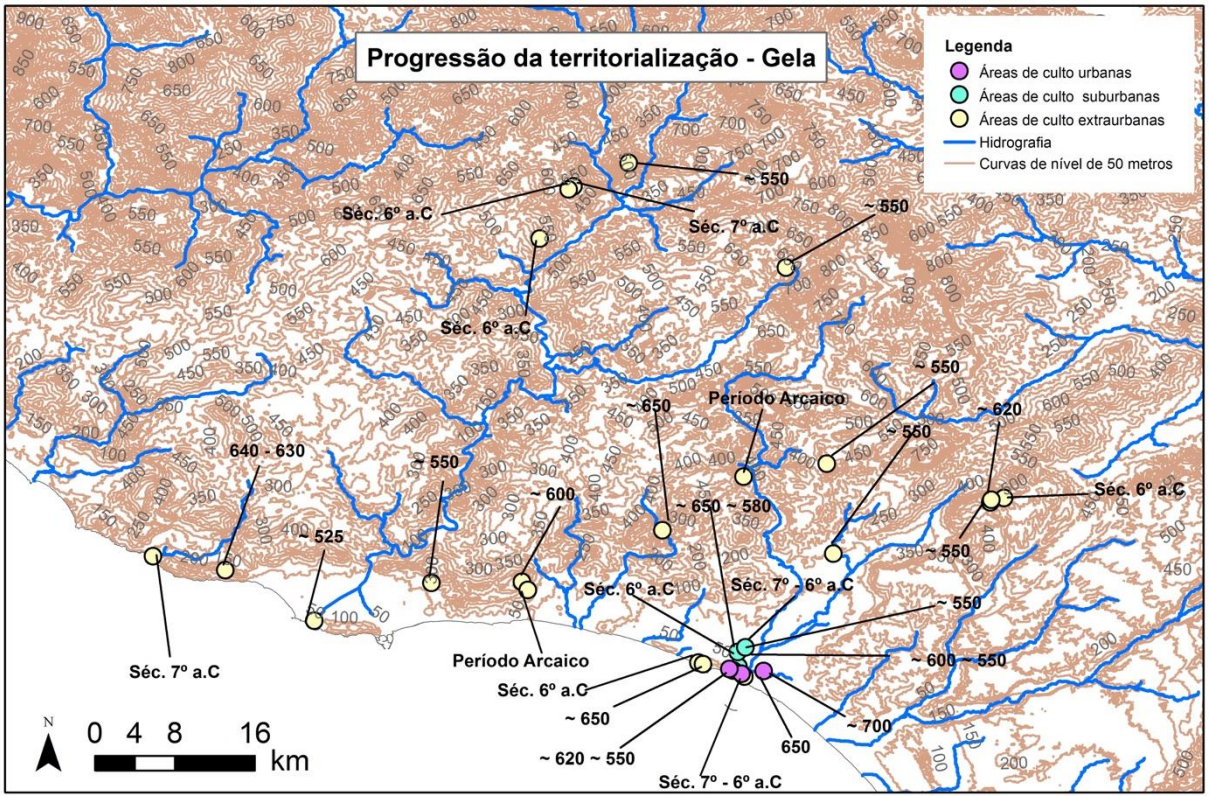
**Datação templos:** As áreas de culto estabelecidas no período de fundação da cidade (primeira metade do século VII) incluem o santuário de Atena Lindia, o santuário de Zeus Atabírios, o santuário de Hera e o *herôon* de Antifemos, um dos oikistas de Gela.

**Áreas de culto no território: Gela**

| Nome | Apoikia | Metrópole | Datação | Divindade | Posição no território | Fichamento Veronese | Tipo de estrutura |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Área de culto 01 | Gela | Rodes / Creta | ~ 700 | Atena | Urbana | 78 | Templos C, D + Santuário |
| Área de culto 02 | Gela | Rodes / Creta | ~ 600 ~ 550 | Zeus? | Urbana | 79 | Templo + Santuário |
| Área de culto 03 | Gela | Rodes / Creta | ~ 650 | Hera | Urbana | 80 | Templo + Santuário |
| Área de culto 04 | Gela | Rodes / Creta | ~ 550 | Ctônias? Deméter e Koré? Atena Promachos? | Suburbana | 81 | Santuário |
| Área de culto 05 | Gela | Rodes / Creta | ~ 650 ~ 580 | Deméter e Koré? | Suburbana | 82 | Santuário |
| Área de culto 06 | Gela | Rodes / Creta | ~ 620 ~ 550 | Deméter e Koré | Suburbana | 83 | Santuário |
| Área de culto 07 | Gela | Rodes / Creta | Séc. 7º - 6º | Antífemo | Suburbana | 84 | Heroon |
| Área de culto 08 | Gela | Rodes / Creta | Séc. 7º - 6º | Hera? Deméter e Koré? | Suburbana | 85 | Templo + Santuário |
| Área de culto 09 | Gela | Rodes / Creta | 650 | Deméter e Koré | Extraurbana | 86 | Santuário |
| Área de culto 10 | Gela | Rodes / Creta | Séc. 6º | - | Extraurbana | 87 | Santuário |
| Área de culto 11 | Gela | Rodes / Creta | Séc. 6º | Culto aos mortos | Extraurbana | 88 | Área sacra |
| Área de culto 12 | Gela | Rodes / Creta | ~ 600 | Deméter e Koré? | Extraurbana | 89 | Pequeno santuário |
| Área de culto 13 | Gela | Rodes / Creta | ~ 550 | - | Extraurbana | 90 | Santuário |
| Área de culto 14 | Gela | Rodes / Creta | ~ 650 | Deméter e Koré? Ninfa? | Extraurbana | 91 | Santuário |
| Área de culto 15 | Gela | Rodes / Creta | Período arcaico | - | Extraurbana | 92 | Santuário |
| Área de culto 16 | Gela | Rodes / Creta | Período arcaico | - | Extraurbana | 93 | Santuário |
| Área de culto 17 | Gela | Rodes / Creta | ~ 550 | Deméter e Koré | Extraurbana | 94 | Depósito votivo |
| Área de culto 18 | Gela | Rodes / Creta | ~ 550 | Deméter e Koré? Ninfa Theste? | Extraurbana | 95 | Santuário |
| Área de culto 19 | Gela | Rodes / Creta | ~ 550 | - | Extraurbana | 96 | Santuário |
| Área de culto 20 | Gela | Rodes / Creta | Séc. 6º | Deméter e Koré | Extraurbana | 97 | Santuário |
| Área de culto 21 | Gela | Rodes / Creta | ~ 550 | Deméter (Koré?) | Extraurbana | 98 | Santuário |
| Área de culto 22 | Gela | Rodes / Creta | ~ 620 | - | Extraurbana | 99 | Bothroi |
| Área de culto 23 | Gela | Rodes / Creta | Séc. 6º | - | Extraurbana | 100 | Pequeno santuário |
| Área de culto 24 | Gela | Rodes / Creta | Séc. 6º | - | Extraurbana | 101 | Santuário |
| Área de culto 25 | Gela | Rodes / Creta | Séc. 7º | Ctônias | Extraurbana | 102 | Santuário |
| Área de culto 26 | Gela | Rodes / Creta | ~ 550 | - | Extraurbana | 103 | Santuário |
| Área de culto 27 | Gela | Rodes / Creta | 640 - 630 | - | Extraurbana | 104 | Depósito votivo |
| Área de culto 28 | Gela | Rodes / Creta | Séc. 7º | Deméter e Koré? Dédalo? | Extraurbana | 105 | Santuário |
| Área de culto 29 | Gela | Rodes / Creta | ~ 525 | Deméter e Koré | Extraurbana | 106 | Depósito votivo |

**Tabela - 1 - Áreas de culto de Gela**

O expressivo número de áreas de culto extraurbanas de Gela remete à uma característica ródio-cretense na Sicília: a territorialização de grandes extensões de terras em áreas de considerável coabitação anelênica. Deméter e Koré se destacam nas estruturas de culto, do que podemos inferir a estreita relação destes aparatos com áreas de intenso cultivo agrícola.




**Mapa 23: Gela. Fonte: Autoria própria.**

### 2.5.3. Agrigento

**Vista aérea de Agrigento. Fonte: Google Earth, Digital Globe.**

**Metrópole:** Gela

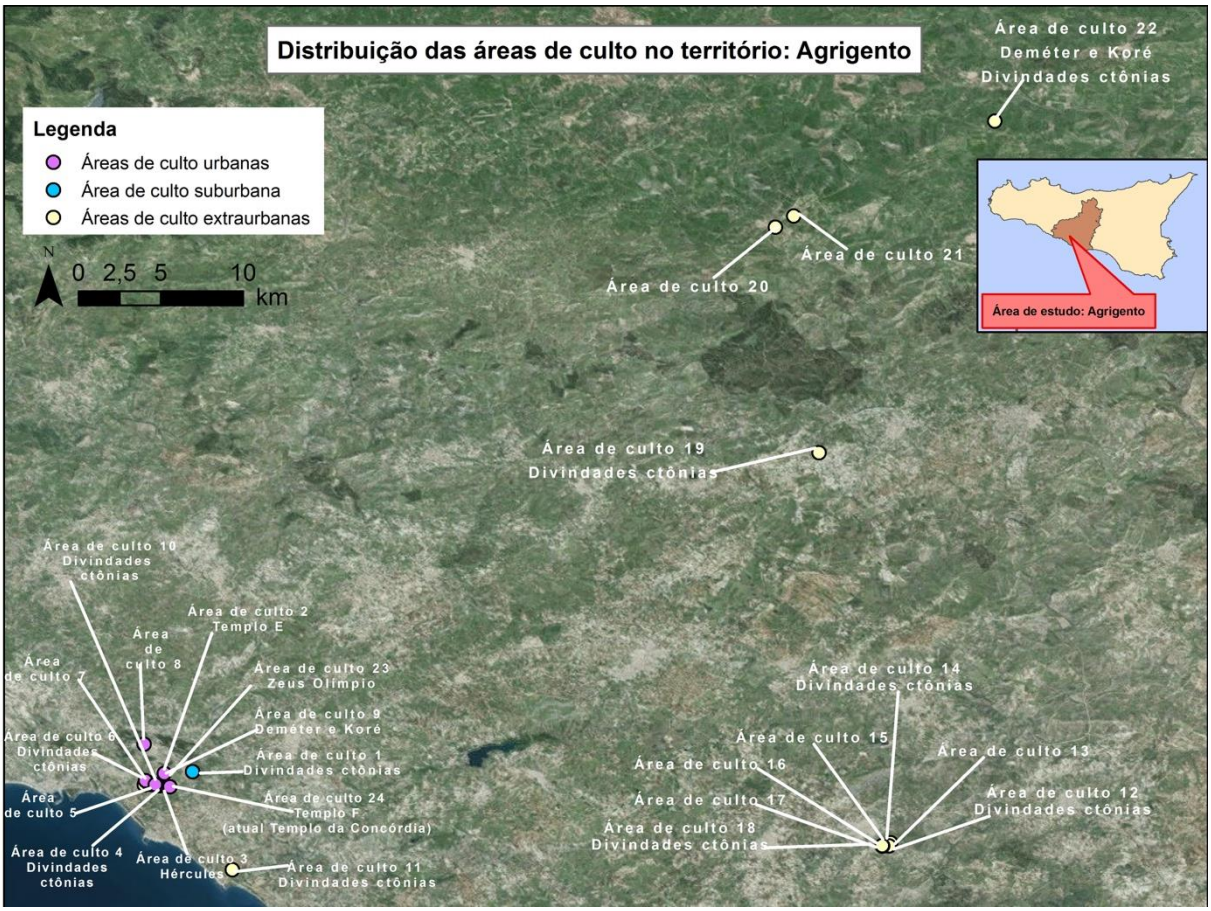
**Localização:** Latitude: 4127936.00 m N, Longitude: 375177.00 m E

**Região:** costa Sul da Sicília

**Datação fontes textuais:** fundação em 582 a.C.

**Datação fontes arqueológicas:** A cidade de Akragas foi fundada em 580 colonos de Rodes de Gela, ecisti Aristonoo e pistilo. Data arqueológica - evidências de frequentação grega anterior.

**Histórico do assentamento – ocupação (ões) anterior (es) a fundação da apoikia:** O local do assentamento ficava a 3 km do mar entre dois montes: o Girgenti a Oeste e a Rupe Atenea a Leste ligados por uma passagem estreita e uma planície que se estendia para o Sul terminando em uma encosta íngreme coberta por templos.




**Mapa 24: Agrigento. Áreas de culto no território. Fonte: Autoria própria.**

**Descrição topográfica:** Esta pólis se estabeleceu no cume (a cerca de 300-350 metros sobre o nível do mar) de duas colinas estreitas e longas, dispostas grosseiramente no sentido Leste-Oeste, a colina de Girgenti a Oeste e a Rupe Atenea a Leste, ligadas por um estreito istmo; com a sua costa terminando em precipício ao Sul (a colina dos Templos) e um amplo vale central quase plano (o Vale dos Templos), estava disponível um amplo espaço destinado ao desenvolvimento urbano regular. O vale ao Norte das duas colinas é atravessado por dois rios, o Akragas (atual S. Biagio) a Norte e a Leste e o Hypsas (atual S. Anna) a Oeste, que se juntam próximo à cidade, para desembocarem no mar como um único curso d'água (atual S. Leone), em cuja foz foi estabelecido o porto antigo de Agrigento. Pela necessidade de abarcar todo o sistema de alturas – a Rupe Atenea e as colinas de Girgenti e dos Templos – e a fim de se criar um complexo de fácil defesa, a superfície da pólis abrange uma enorme extensão de território, de cerca de 450 hectares. A área habitada se estabeleceu no chamado Vale dos Templos e no centro, entre as três colinas (Fig. 22). Sua implantação é datada da metade do século VI a.C. e obedece em linhas gerais ao traçado "hipodâmico" (Coarelli e Torelli, 1988, p. 129).

**Malha urbana:** O desenvolvimento urbano de Agrigento foi marcado prematuramente pelas obras dos tiranos. Por volta de 570 a.C., dez anos após a sua fundação, impõe-se o tirano Fálaris (Hirata 2010: 92-94; Veronese 2006: 437-438). Durante esse período de tirania foram construídos provavelmente a muralha que cerca a cidade, abraçando a Rupe Atenea e o perímetro da Colina dos Templos, da qual ainda restam muitos traços, e os primeiros edifícios sacros, edificados sobre antigos santuários indígenas que os precederam, dedicados desde o seu surgimento ao culto das divindades ctônias. Ainda com Fálaris foi construído o primeiro templo

dedicado a Zeus na Acrópole, provavelmente no local onde hoje se encontra a catedral, e do qual não resta mais nada.

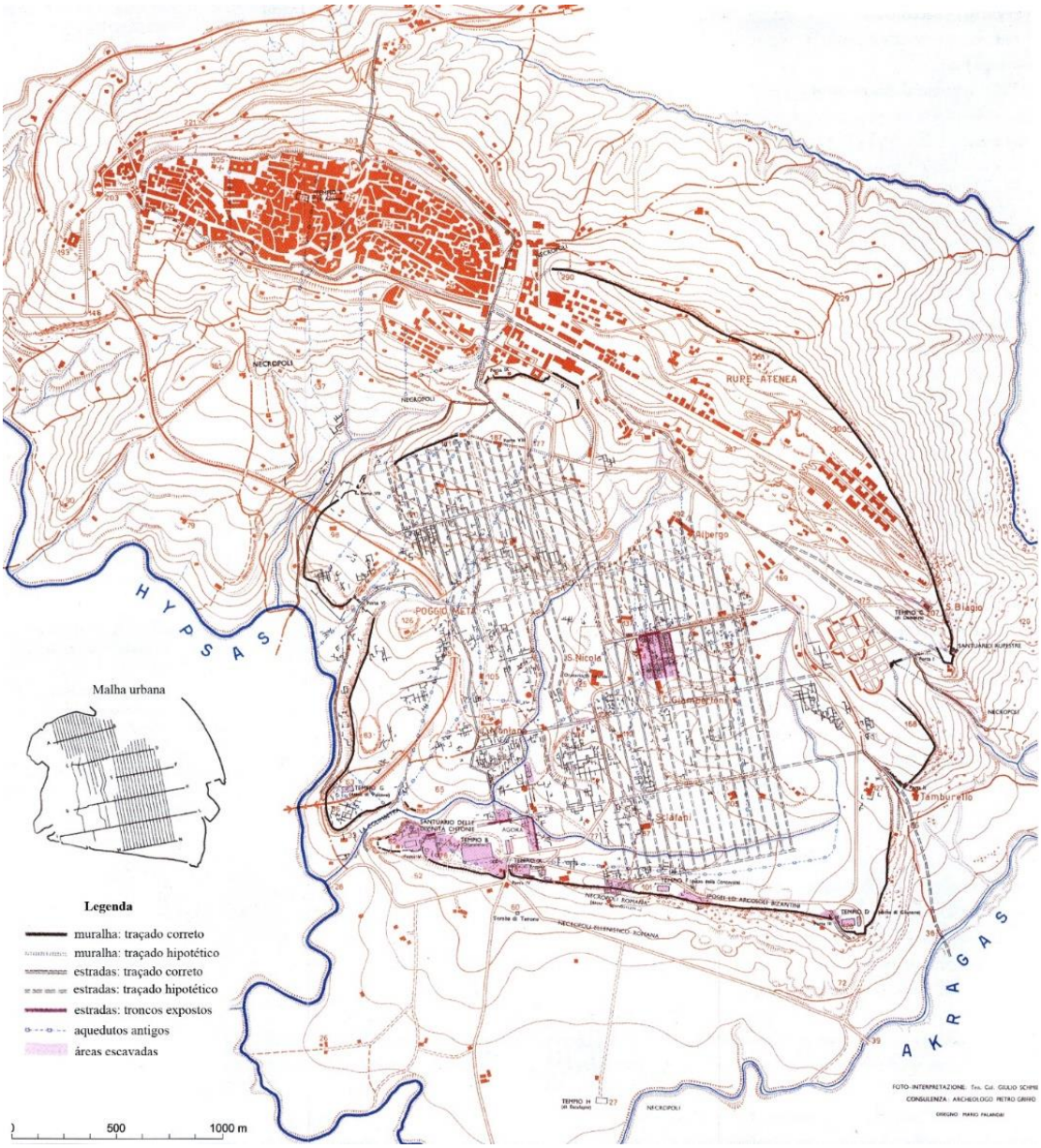


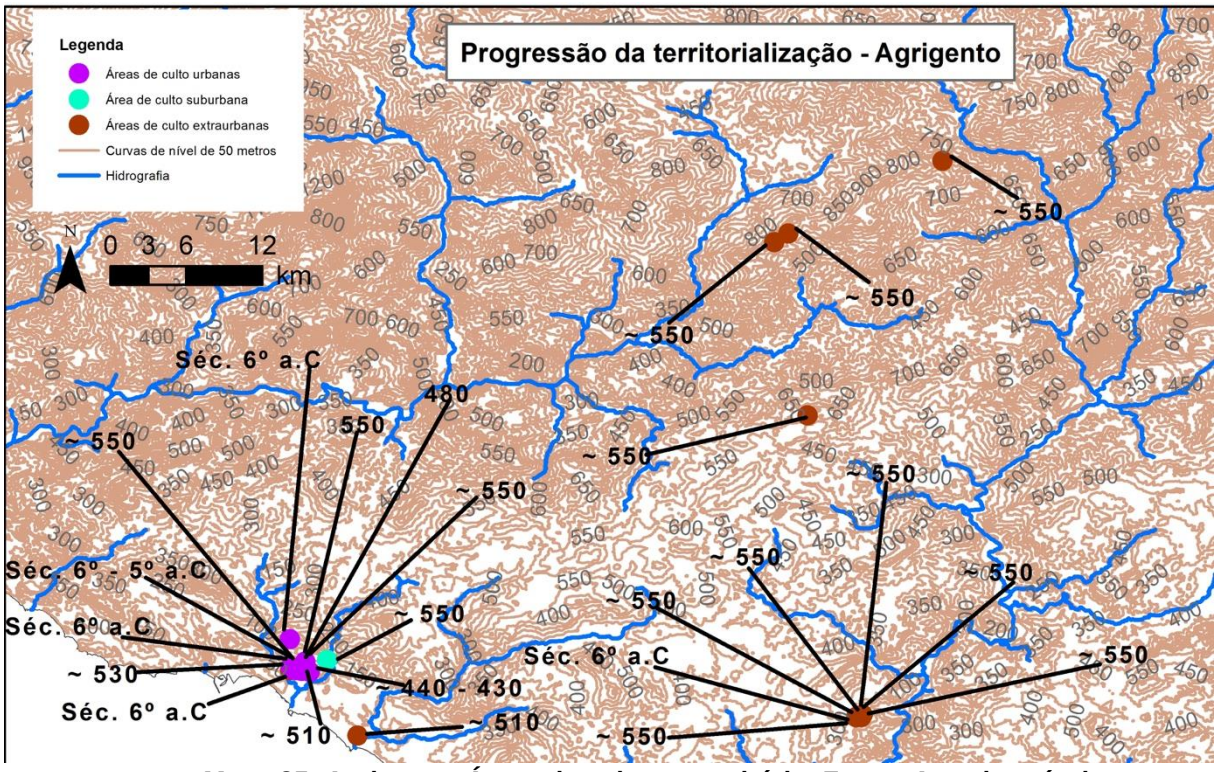

**Fig. 25 - Malha urbana de Agrigento, cartografia e prospecção geofísica**

**Datação templos:** Nas alturas com vista para a cidade para o Norte e Nordeste, subiu outra linha de santuários; um santuário que poderia ser um templo dedicado a Zeus e Atena Atabyrios (cuja existência foi relatada por Políbio) foi reconhecido. Outros lugares de culto no Rupe Atenea e San Biagio atestam a

importância deste anel sagrado que cercado protegia cidade. De qualquer forma, tanto para Agrigento como para Gela, a importância das divindades infernais. O número e o caráter espetacular dos monumentos religiosos contrastam com a escassez de dados sobre a arquitetura monumental do profano. Sabemos apenas que há um eklesiasterion em destaque na Igreja de São Nicolau.

Os cemitérios foram estendidos para o Oeste da cidade. Nas redondezas, houveram alguns monumentos importantes, como o Templo de Asclepius, das divindades infernais santuário de St. Anne e o grande complexo de helenístico Villaseta. A verdadeira necrópole não foram objecto de uma investigação sistemática.

**Datação muros:** século IV.




**Mapa 25: Agrigento. Áreas de culto no território. Fonte: Autoria própria.**

**Áreas de culto no território: Agrigento**

| Nome | Apoikia | Metrópole | Datação | Divindade | Posição no território | Fichamento Veronese | Tipo de estrutura |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Área de culto 01 | Agrigento | Gela | ~ 550 | Culto indígena | Suburbana | 107 | Santuário rupestre |
| Área de culto 02 | Agrigento | Gela | 550 | - | Urbana | 108 | Templo |
| Área de culto 03 | Agrigento | Gela | ~ 510 | - | Urbana | 109 | Templo de Hércules |
| Área de culto 04 | Agrigento | Gela | Séc. 6º | Ctônias | Urbana | 110 | Santuário |
| Área de culto 05 | Agrigento | Gela | ~ 530 | - | Urbana | 111 | Santuário |
| Área de culto 06 | Agrigento | Gela | Séc. 6º | Ctônias | Urbana | 112 | Santuário |
| Área de culto 07 | Agrigento | Gela | Séc. 6º - 5º | - | Urbana | 113 | Templo + Santuário |
| Área de culto 08 | Agrigento | Gela | Séc. 6º | - | Urbana | 114 | Templo |
| Área de culto 09 | Agrigento | Gela | ~ 550 | Deméter e Koré | Urbana | 115 | Templo + Santuário |
| Área de culto 10 | Agrigento | Gela | ~ 550 | Ctônias | Extraurbana | 116 | Templo + Depósito votivo |
| Área de culto 11 | Agrigento | Gela | ~ 510 | Ctônias | Extraurbana | 117 | Depósito votivo |
| Área de culto 12 | Agrigento | Gela | ~ 550 | Ctônias | Extraurbana | 118 | Santuário |
| Área de culto 13 | Agrigento | Gela | ~ 550 | - | Extraurbana | 119 | Santuário |
| Área de culto 14 | Agrigento | Gela | ~ 550 | Ctônias | Extraurbana | 120 | Templo + Depósito votivo |
| Área de culto 15 | Agrigento | Gela | ~ 550 | - | Extraurbana | 121 | Templo |
| Área de culto 16 | Agrigento | Gela | ~ 550 | - | Extraurbana | 122 | Hestiatorion |
| Área de culto 17 | Agrigento | Gela | Séc. 6º | - | Extraurbana | 123 | Templo |
| Área de culto 18 | Agrigento | Gela | ~ 550 | Ctônias | Extraurbana | 124 | Santuário |
| Área de culto 19 | Agrigento | Gela | ~ 550 | Ctônias | Extraurbana | 125 | Templo + Santuário |
| Área de culto 20 | Agrigento | Gela | ~ 550 | - | Extraurbana | 126 | Templo + Santuário |
| Área de culto 21 | Agrigento | Gela | ~ 550 | - | Extraurbana | 127 | Templo |
| Área de culto 22 | Agrigento | Gela | ~ 530 | Ctônias / Koré | Extraurbana | 128 | Depósito votivo |
| Área de culto 23 | Agrigento | Gela | 480 | Zeus Olímpio | Urbana | SN | Templo |
| Área de culto 24 | Agrigento | Gela | ~ 440 - 430 | - | Urbana | SN | Templo |

## CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS INTERSÍTIO

Neste capítulo serão analisados os dados das cidades em conjunto, buscando uma análise comparativa dos arranjos urbanos das cidades e dos processos de territorialização da *khóra.*

Analisando todas as cidades que compõem a área de estudo na Sicília, podemos afirmar que a implantação de malhas urbanas ortogonais – ou com algum sistema similar que adota ângulos retos entre plateias e estenopos - é um processo adotado para a territorialização e organização primária dos espaços da *ásty*, exclusivamente. Não identificamos indícios de extensão deste tipo de organização espacial na *khóra*, com exceção das vilas nativas absorvidas pela expansão de Gela, porém o nível de complexidade do arranjo e os investimentos em monumentalização e disposição de estruturas cívicas que compõem a paisagem dos arranjos urbanos localiza-se, exclusivamente, nas áreas escolhidas para implantação do centro urbano das apoikias.

Realizando a inserção das coordenadas geográficas correspondentes aos templos construídos e identificados no registro arqueológico, pudemos extrair uma série de elementos sobre a territorialização das apoikias na Sicília.

Em primeiro lugar, é patente os diferentes padrões de dispersão de áreas de culto das apoikias de diferentes matrizes étnicas. Se, por um lado, estes padrões revelam interesses distintos no que concerne a exploração econômica do interior do território, também é preciso considerar as características naturais que favoreciam ou bloqueavam a expansão, tanto quanto os processos sócio-políticos dos apoikos no contexto regional – Mediterrânico - um aspecto muito repetido pela historiografia da colonização grega, por exemplo, é a situação desfavorável de Mégara Hibléia,

comprimida pelas áreas potências expansionista regional – Naxos e Siracusa. Porém outros fatores podem explicar este padrão, como, por exemplo, a intensa atividade dos megarenses na região do Mar Negro e Propôntida, regiões que assistiram uma explosão de apoikias megarenses a partir do século VIII. Portanto, é preciso que tenhamos em mente aquele quadro teórico exposto no início do trabalho e pensar nos movimentos de pessoas e *projetos* que transcendiam atividades no território sículo. Vejamos as intepretações das regiões caso a caso.

### 3.1 Territorialização Calcídica na Costa Leste: Naxos, Catânia e Leontinos

As áreas de culto da pólis de Naxos chama atenção por um motivo diverso das suas apoikias secundárias: a característica do relevo da cidade se destaca por um amplo vale fluvial que se estende com poucas irregularidades em direção Noroeste. No entanto, a pólis se caracteriza por uma concentração de áreas de culto na *ásty* e subúrbios.

Não muito depois da sua fundação, serão implantadas as sub-colônias Catânia e Leontinos – com participação de epoikos da metrópole, Cálcis, a lógica de territorialização será inversa, especialmente no que diz respeito a Leontinos que tem um número elevado de áreas de culto dispersas no território, embora não se conheça bem o arranjo urbano da cidade.

Se considerarmos a perspectiva adotada por Veronese (2006), qual seja, de que amplitude da *khóra* expressa a riqueza de uma política de uma apoikia (2006: 17) teremos que admitir que Leontinos foi uma pólis extremamente importante e poderosa e Naxos um assentamento modesto.

Entretanto, as ruínas de Naxos, apesar de muito prejudicadas por processos pós-deposicionais nos permitem inferir seu poder de modo muito mais contundente do que Leontinos. Características do relevo à parte, sabemos por diversas fontes documentais da importância de Naxos na história política grega do período arcaico e clássico.

Isto nos leva para a seguinte interpretação: apesar da bem conhecida autonomia política entre metrópoles e apoikias, elas poderiam articular projetos em conjunto em prol do benefício coletivo dos apoikos e epoikos das diferentes cidades, podendo, inclusive, incorporar uma agenda que também beneficiasse interesses da sua metrópole grega.

Vistas em conjunto, as áreas de culto das três cidades configuram uma ampla rede de penetração no interior da Sicília, o que poderia implicar em estabelecimento de redes de contato mais estreitas com as populações sículas da região. E Naxos, a metrópole siciliota, investia na infra-estruturação da sua *ásty* reforçando os elementos simbólicos e identitários da helenidade daquelas sociedades.

As datações das áreas de culto de Leontinos sugerem uma penetração gradual da costa para o interior do território sículo. Do ponto de vista ritual, esta evidência poderia sugerir o fluxo de trocas culturais entre as diferentes culturas. O estudo das práticas rituais na região poderia ser frutífero para testar esta hipótese.

## 3.2 Territorialização Coríntia na Costa Leste: Siracusa, Eloro, Acrai, Casmene e Camarina

Os dados obtidos nos municiam para interpretar a territorialização corintía como um processo consciente de reconhecimento regional por prospecção, seleção das áreas favoráveis para cultivo e posicionamento das apoikias estratégico. A

dispersão dos pontos referentes às áreas de culto de Siracusa e Apoikias de época arcaica é regular do ponto de vista de preenchimento da costa no setor que liga Ortígia à Eloro. Subindo para a área de Acrai e depois catânia, forma se uma área que facilmente se divide em planícies cultiváveis e áreas de relevo impróprias para as atvidades de cultivo - ver, especialmente a prancha: Distribuição das áreas de culto no território: Siracusa e sub-apoikias.

Em termos de expansão, e no fato de que empregando os métodos de obtenção de densidade em uma área, a região obtida por Siracusa fosse relativamente menor do que aquela formada por outras apoikias.

Contudo, nenhuma outra apoikia efetou a territorialização o sobre uma área tão favorável para a prática das atividades agrícolas em caráter extensivo.

Disto resulta que os mesmos conjuntos de dados que, interpretados por viés metodológico diverso poderia indicar apenas a territorialização de amplas extensões territoriais, neste trabalho que valoriza a variável localização e as características topográficas permite uma leitura mais complexa das intenções coríntias quando escolheram estabelecer assentamentos permanentes na Sicília. Os mesmos dados permitem estabelecer diferenciações mais rigorosas com as demais apoikias gregas de época arcaica. Notemos, por exemplo, que as escolhas - que denotam os projetos - dos coríntios diferem radicalmente das escolhas e procedimentos adotados pelos megarenses, por exemplo.

Os dados validam, portanto, as posições teóricas que ressaltam a variabilidade de processos como o recurso mais acertado para a interpretação dos processos de aquisição territorial no período Arcaico.

### 3.3 Territorialização Megarense na Costa Leste e Sul: Mégara Hibléia e Selinonte

Dentre todos os conjuntos de cidades, este é o que melhor revelou um nível profundo de relações entre as metrópoles e apoikias.

Comecemos com a analise dos dados sobre a localização das áreas de culto. A planta de Megara Nisae revela uma concentração de templos, santuários e hêroa. O mesmo tipo de arranjo que “concentra" feições nos arredores do centro cívico da cidade é perceptível em Megara Hibléia.

Neste sentido, Selinonte pode parecer, à primeira vista, destoar das anteriores. Mas é preciso considerar as diferentes escalas das áreas territorializadas, o arranjo entre as estruturas e a apropriação da topografia que impõe adequações aos projetos de construção da paisagem.

No arranjo urbano pudemos identificar semelhanças formais na disposição da *ágora*, embora este dado tenha suscitado interpretações de diversos autores. Na ênfase dada ao projeto de monumentalização das áreas urbanas também se evidencia consistências. E por fim, as replicações de cultos praticados na metrópole Megara Nisea são identificadas em Selinonte e, por associação contextual, em Mégara Hibléia.

As cidades megarenses empregam uma noção de “crescer para dentro e para cima”. Dos arranjos entre os espaços especializados e da harmonização entre a apropriação do meio e a consistência sobre os domínios territoriais ambicionados pensamos existir uma consistência muito significativa e ela perpassaria pelo controle de poucos indivíduos no processo de concepção destes projetos.

### 3.4 Territorialização Ródio Cretense na Costa Sul: Gela e Agrigento

Sobre a localização das áreas de culto de Gela e Agrigento, destaca-se a quantidade significativa que foi posicionada para cercar os limites da *àsty*, e o fato de existirem semelhanças na adoção deste tipo de arranjo entre as duas cidades.

Quanto a Agrigento, nota-se também a articulação de áreas de culto monumentalizadas com as portas da cidade. Interpretamos este dado como resultado da proximidade cronológica da fundação com o período de proliferação de aparatos murários no mundo grego, o século VI (SCALISI 2010: 9).

Francesca Veronese interpreta o grande numero de áreas de culto ródio-crentenses como resultado de uma forte helenização da região. No entanto, recuperamos o dado ulterior ao empreendimento territorialista ródio: a regiãoo possui uma riquíssima bacia hidrográfica e muitas das áreas de culto estão associadas aos elementos naturais da região, portanto, uma forma alternativa de compreender o fenômeno é buscar entender porque os ródio-cretenses escolheram fundar seus assentamentos em uma área de tão expressiva densidade populacional e em que medida a pratica ritual engendrava diálogos e mediações entre os grupos sociais.

A analise dos dados das metrópoles e apoikiai permitiu verificar a existência de cultos realizados em ambas as cidades.

## CAPÍTULO 4 – AS CIDADES, A ARISTOCRACIA E A IDENTIDADE GREGA

No processo de infra-estruturação do território de uma cidade diferentes projetos são colocados em marcha. Podemos divisar duas frentes bastante distintas: a criação da malha na *ásty* e os investimentos maciços na monumentalização de templos inseridos no layout da *ásty*.

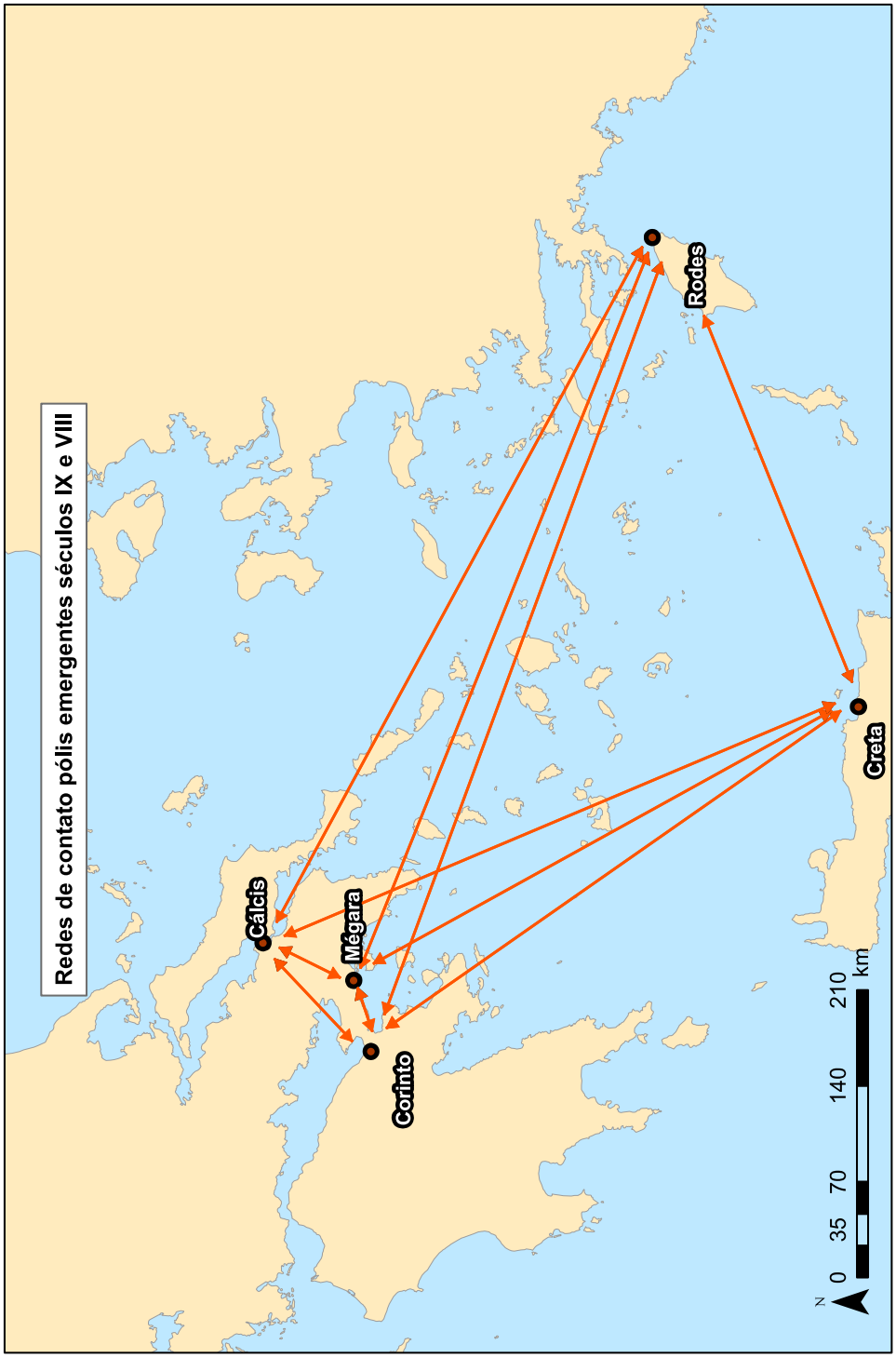
Em termos de mobilização de recursos é gritante o abismo entre os investimentos nas duas áreas. O mapa de densidade Kernel mostra o volume de investimentos em construções no território e nos permite interpretar certas premissas muito arraigadas na pesquisa arqueológica, como por exemplo, a noção de que os santuários construídos na khóra atuavam como marcadores de fronteiras e atuavam na projeção de paisagem de poder no território.

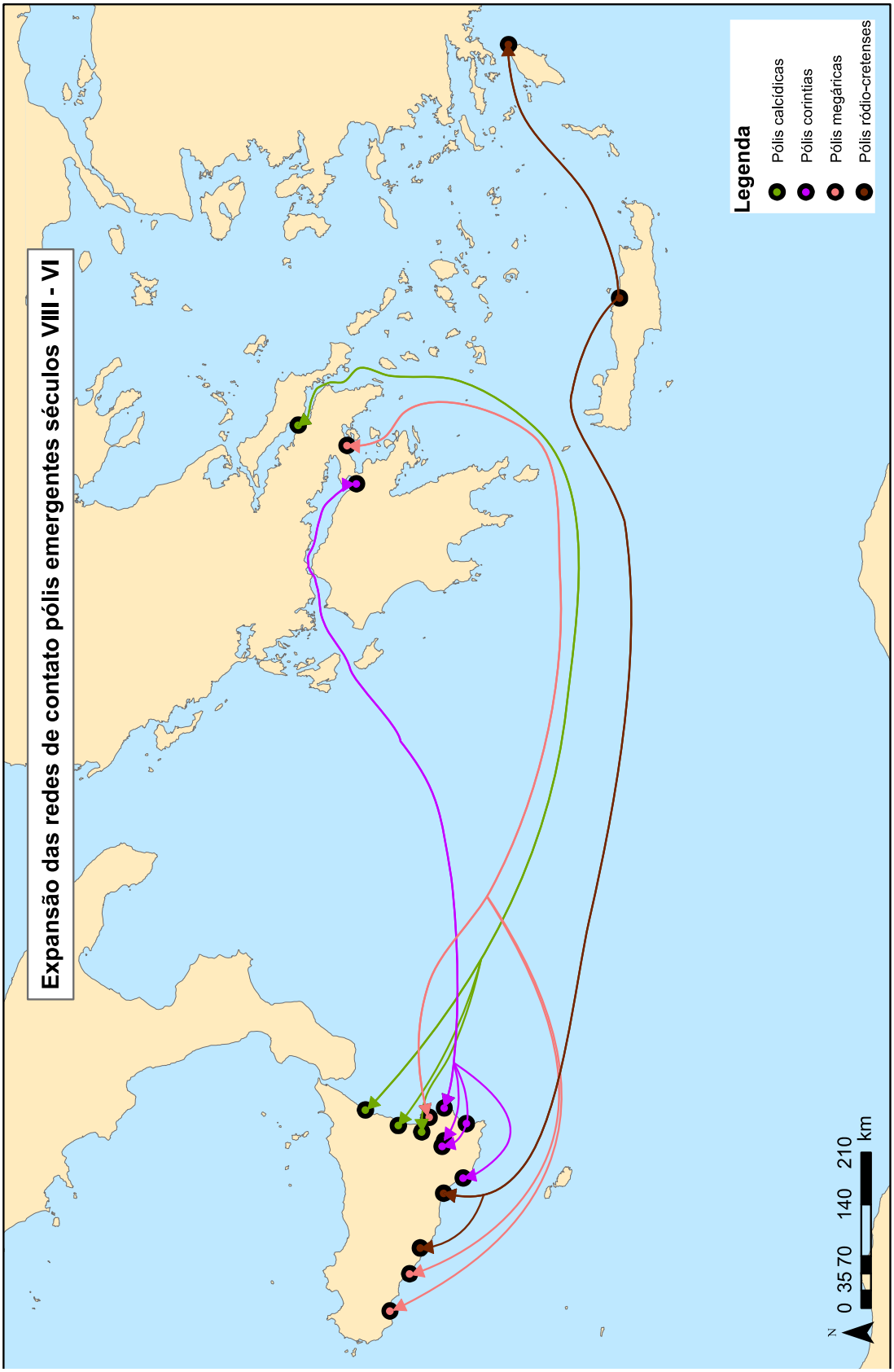
Se o papel dos santuários, especialmente aqueles que receberam investimentos em monumentalização, era o de definir os limites do território porque quantitativamente os maiores investimentos neste tipo de “fronteira" estão localizados no interior das *áste*?

Segundo Lepore (1973), não é possível compreender a *khóra* das pólis do Ocidente sem assumir que ela é parte fundamental do próprio movimento expansionista grego. Esse autor afirma que a *khóra* influenciava as estruturas e instituições da pólis. Quando ela assume o sentido de fronteira ou quando ela se integra à organização espacial da área urbana, manifesta-se seu sentido político de existência e ordenamento (Lepore 1973).

Não questionamos o papel dos santuários de fronteira interpretados por De Polignac (1984, 1995) no contexto balcânico. Porém, o modelo aplicado ao contexto siciliota revela problemas pois, de imediato, a agenda dos apoikoi na infra-

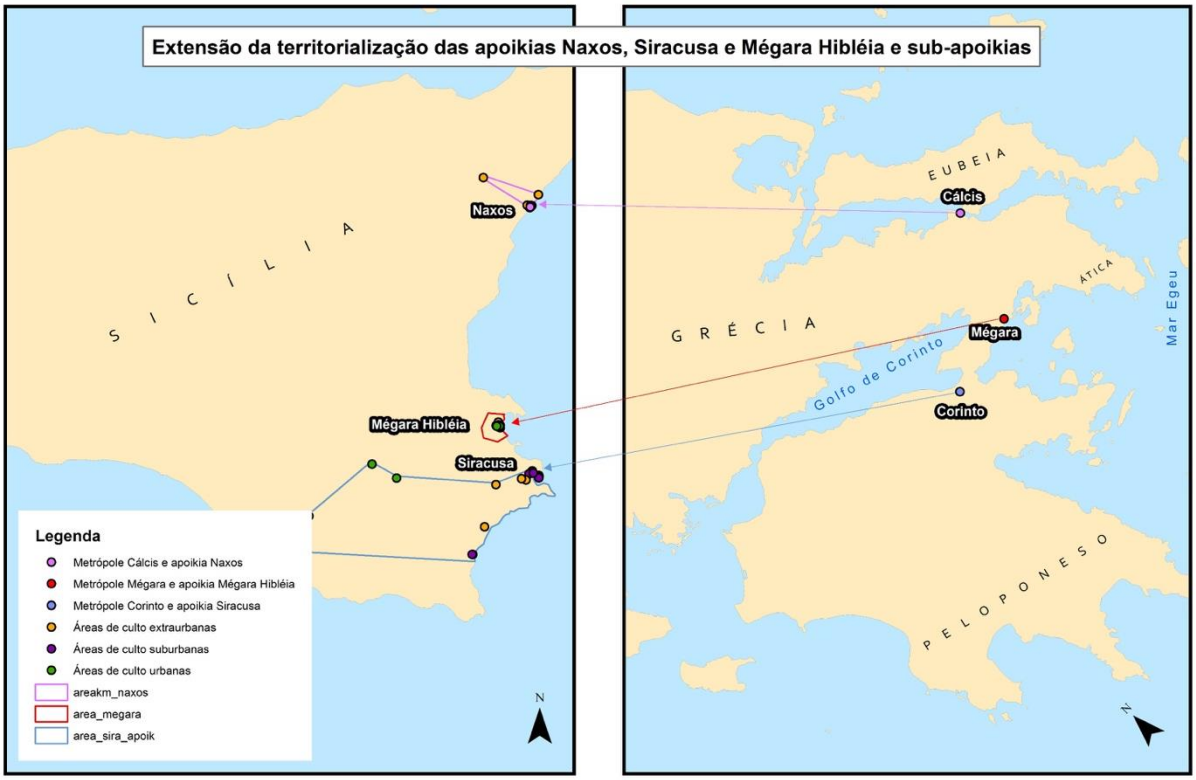
estruturação das *áste* nos parece priorizar uma apropriação do meio que lhes permita construir um arranjo espacial onde possam ser inseridos edifícios que, em etapa posterior, irão compor uma paisagem “programada" pelos grupos sociais que imprimem tal agenda nos programas de construções.




Expansão das redes de contato pólis emergentes séculos VIII - VI
Legenda
Pólis calcídicas
Pólis corintias
Pólis megáricas
Pólis ródio-cretenses
N
0 35 70 140 210
km

*Apoikias da Fase 1*

Exemplifiquemos: Naxos pontuou seu conjunto de quadras com edificações que cercavam a paisagem da península de Schìso com edificações de caráter ritual e cívico, mas não foram encontrados elementos que caracterizem uma expansão (nos termos gelenses o para o interior com a instalação de áreas de culto na *khóra*, que entendemos estar sob sua esfera de influência considerando a extensão das suas subcolônias).




**Mapa 26: Extensão de processos de territorialização de cidades gregas na Sicília. Hipótese interpretativa. Fonte: Autoria própria.**

Na colônia instalada subsequentemente ao sul da costa leste, Megara Hibléia, a mesma situação se apresenta: um investimento notável na implementação de uma malha urbana que articula os diversos setores do assentamento em um arranjo que aproveita da melhor forma possível os espaços disponíveis na planície do vizinha do

rio Cantera. Posteriormente, este arranjo foi preenchido por um número elevado de construções de caráter cívico e religioso.

Ao dispormos as estruturas na espacialidade, temos a composição de uma paisagem que se articula entre as partes e comunica-se com o interior do arranjo urbano e seus habitantes, como se desse as costas para o território sículo.

Siracusa empreenderá apropriação semelhante em Ortígia. Os edifícios que foram monumentalizados criavam uma espécie de invólucro helênico frente ao meio circunvizinho que, não muito tempo depois, tornou-se inquestionavelmente domínio siracusano.

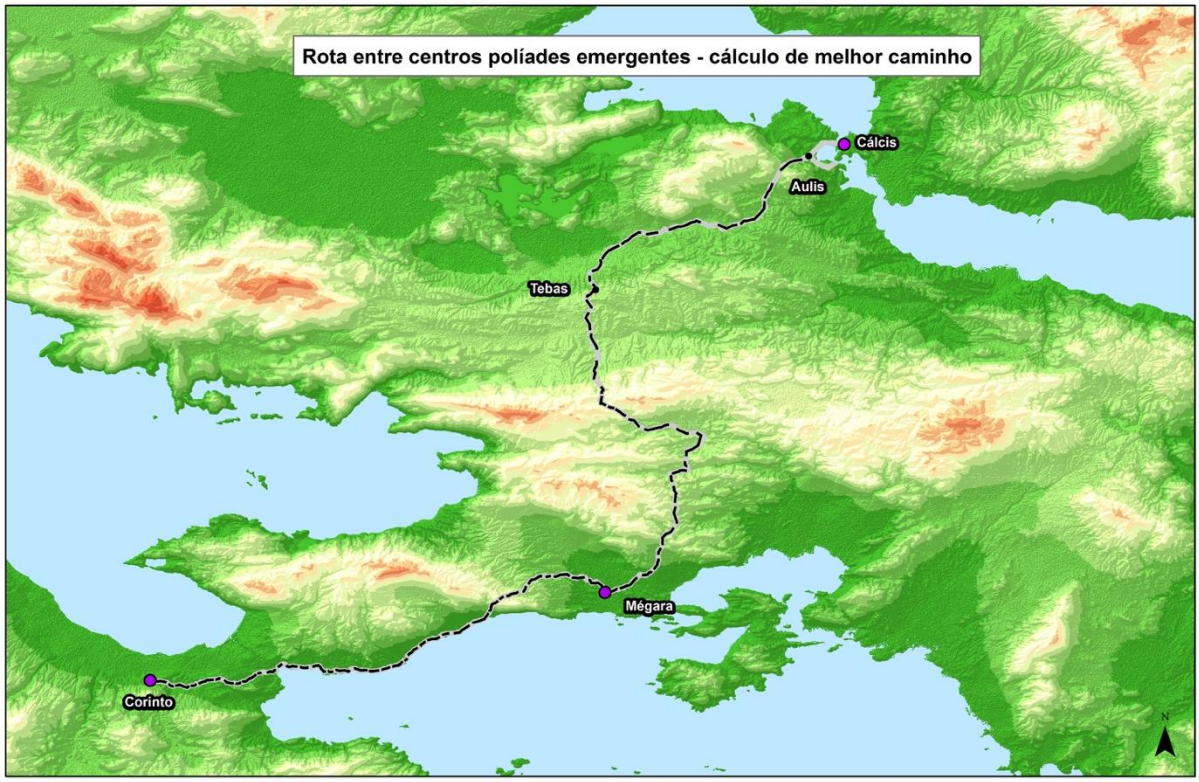
As três cidades foram fundadas em um intervalo de tempo minimamente distante; se desconsideramos a fiabilidade histórica e precisão da cronologia proposta pelos textos antigos, as três cidades podem ser consideradas fundações simultâneas, especialmente considerando as datações arqueológicas propostas para cada um dos sítios.

Outro fator que conjuga as três cidades como se partícipes de uma empreitada coletiva é o tamanho dos lotes consignados na primeira subdivisão de terras dos apoikos. Como visto no capitulo 2, Naxos, Megara Hibléia e Siracusa possuem o mesmo sistema de divisão de lotes, o que remete a algum tipo de parceria e/ou colaboracionismo das lideranças envolvidas nas fundações.

Este quadro de analogias nos remete ao conceito de redes, à constatação de existência de alianças de indivíduos e grupos sociais que, envolvidos nas atividades mercantes e agrícolas, atravessavam o Mediterrâneo de leste a oeste buscando oportunidades de desenvolvimento. E também nos remeteu à configuração espacial das cidades metropolitanas na Grécia, conectadas não apenas pelas viagens

marítimas que contornavam as porções de terras distantes, mas também por vias terrestres.

O software GIS possui ferramentas que permitem realizar o cálculo do melhor caminho (aquele com menos obstáculos no relevo) de um ponto a outro. Inserimos os dados de localização de Cálcis na Eubéia, Mégara em Megarida e Corinto no Peloponeso, e por pertinência com o conhecimento historiográfico, utilizamos a cidade de Tebas como ponto de passagem no centro da Beócia. A feição resultante do cálculo segue no mapa abaixo:




**Mapa 27: Low cost surface. Rota de melhor caminho entre centros políticos emergentes: possíveis alianças regionais podem ter precedido o movimento em direção à Sicília com vistas às fundações e territorialização em área estrangeira. Fonte: Autoria própria.**

Este resultado nos permite colocar mais uma hipótese interpretativa: no contexto de emergência das elites transcorrido entre o período Pós-Palacial e final da Idade do Ferro, não apenas alianças regionais, como aquelas interpretadas por Antonaccio (2007) se desenvolveram, mas também redes regionais, que poderiam

congregar indivíduos com interesses comuns, como por exemplo, o comércio e o compartilhamento de embarcações para transporte de cargas. O papel do diolkos de Corinto ilustra muito bem este tipo de relacionamento entre sociedades. Não devemos permitir que todo o cenário bem conhecido de disputas territoriais entre os povos gregos nos afaste de uma interpretação que dá indícios de alianças de outra natureza que não política, mas de ajuda mútua para fins de desenvolvimento das atividades de troca e expansão do alcance dos produtos comercializados e das fontes de matérias prima obtidas.

Considerando válidas as proposições acima, produzimos uma representação cartográfica que poderia nos dar indícios a respeito das semelhanças nos processos de implantação primária das apoikias da costa leste da Sicília.

Que fique bem claro que esta representação cartográfica não é pautada em uma afirmação, ela reflete um exercício interpretativo que considera a espacialidade, a localização e a distribuição dos entes não aleatória, posto que territórios e arranjos espaciais são produções sociais[41]. Não existe acaso no espaço geográfico!

Conjugando as informações do descritivo das cidades que constam no capítulo anterior com as possibilidades abertas pelo exercício de proposição de redes de contato entre os gregos, interpretamos as três apoikias fundadas no século VIII na costa leste da Sicília como resultados de negociações e empreitada coletiva de grupos sociais que se destacaram das suas cidades de origem. Se houve ou não participação de caráter político das cidades não podemos acessar tal informação. Esta interpretação está assentada no pré-requisito de ocupação sícula nos locais onde os gregos escolheram para implantar as cidades; no conhecimento de que as

---

[41] Ver discussão no capítulo 1

elites do Egeu mantinham contatos contínuos com as elites da sículas, especialmente aquelas cujos assentamentos eram localizados na Costa da ilha e, por fim, na analogia da disposição das metrópoles na Grécia com a localização das apoikias em ordem regular, que nos ofereceria indícios de negociação entre as partes e de um acordo tido como satisfatório para todos os envolvidos.

Esta hipótese interpretativa enfrenta resistência se o teor das fontes literárias for alçado à condição de contra-prova. No entanto, as mesmas fontes deixam entrever a participação de colonos de uma apoikia na fundação da apoikia vizinha, em processos não muito bem descritos e com aspectos de discordâncias realçados.

Voltemos à *khóra* das três apoikias da costa leste da Sicília, que nomeamos daqui em diante como pertencentes a Fase 1.

Nos três casos, como se observará nos respectivos mapas de distribuição de áreas de culto e nas plantas das cidades, a infra-estruturação das cidades tem como ênfase a construção de uma paisagem para os habitantes da àsty. A profusão de áreas de culto, especialmente em Mégara Hibléia, nos dá indícios de que os ápoikoi previam o crescimento populacional dentro dos limites que nós classificamos como urbano, sem qualquer indicativo de expansão para o interior.

Já Naxos e Siracusa fundaram ainda no século VIII sub-apoikias que preparavam os expedientes para a interiorização da ocupação do território sículo. Foi a partir de Eloro que Siracusa começou a desenhar os contornos das áreas que ambicionava conquistar para expansão das áreas de cultivo - e por que não expandir o relacionamento com elites sículas que habitavam os assentamentos mais interiorizados da ilha?

No mesmo século, os megarenses estavam empreendendo a expansão das suas apoikias na região do Mar Negro. A retração, ou melhor, a inatividade de

Mégara em termos de expansão no interior da Sicília pode ter como fator suas atividades noutra região geográfica e não uma constrição provocada pelos vizinhos calcídicos e coríntios.

Note-se ainda que quando os megarenses retomaram as atividades de territorialização na Sicília foi para implantar a colossal apoikia de Selinonte que, do ponto de vista estratégico regional, bloqueava o avanço fenício na ilha e garantia a proximidade de um porto grego com regiões mais distantes do Egeu a oeste.

E no que concerne ao arranjo das estruturas urbanas, Selinonte também não enfatizou a territorialização com o expediente de posicionamento de santuários extra- urbanos em áreas muito distantes da ásty.

Seu arranjo espacial foi concebido logo após a seleção do terreno e demarcação das áreas de culto a céu aberto pré-existentes. Nos mesmos locais foram erigidos os santuários que ficavam no entorno dos quarteirões habitacionais - Marinella, Gaggera e Santuário da Acrópole. Mesmo conscientes da terminologia de classificação dos santuários desta pólis, a nosso ver toda a região que envolve as três colinas adjacentes aos rios Gorgo Cotone e Marinella foram concebidas com uma grande - monumental - àsty, tal qual a sua metrópole Mégara Hibléia e de forma que remete ao arranjo urbano de Mégara Nisea, que aglomerava um número exponencial de áreas de culto (templos, santuários e herôa em grande quantidade) nas acrópoles Alcatoo e Cária e nos arredores da *ágora*. Prospecções não identificam ruínas de templos de caráter extra-urbano no território de Mégara, com exceção do Santuário de Zeus Aphésios, cujos indícios datam suas primeiras atividades ainda no Período Geométrico, quando a cidade ainda estava assentada nas bordas do Golfo Sarônico.

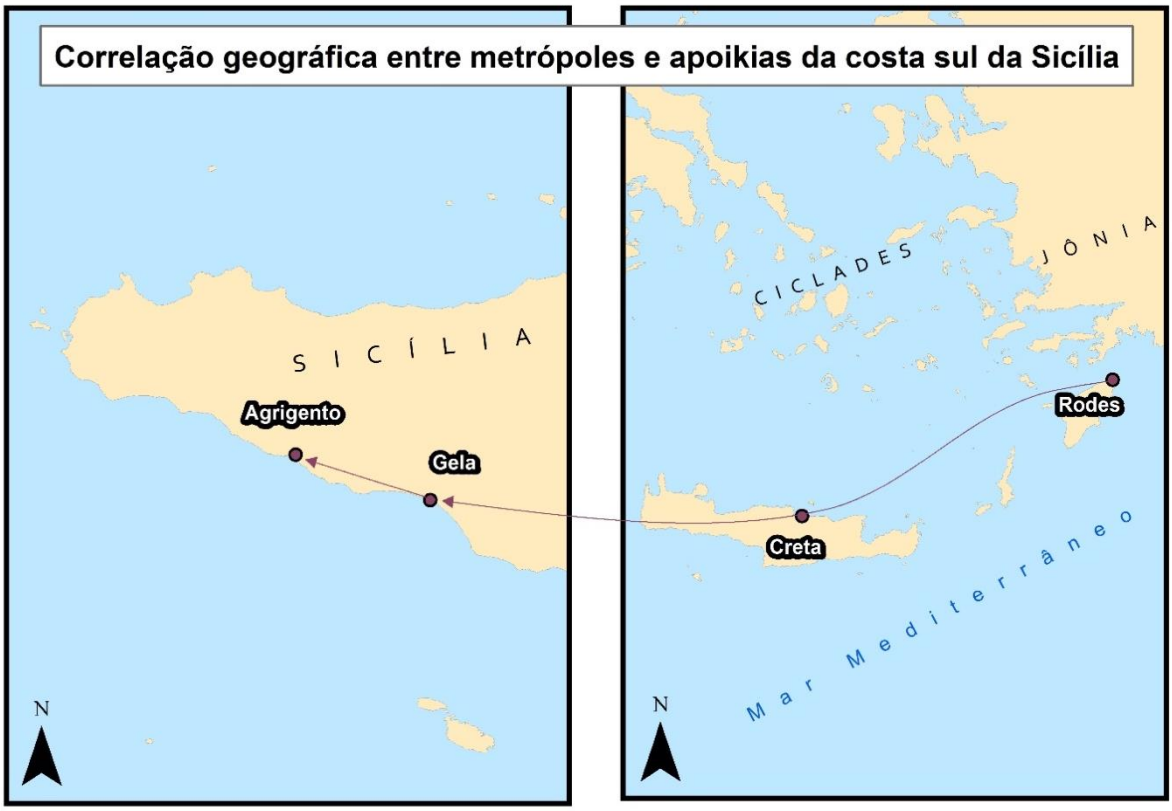
*Apoikias de Fase 2*

Estas apoikias foram fundadas por Siracusa e Naxos e buscavam interiorizar a presença grega no território sículo. Para além de expansão de áreas de culto e processos de integração cultural, a presença de uma entidade material grega por entre territórios habitados por populações sículas alterava o equilíbrio das relações existentes até então. Processos de expulsão compulsória e subjugação de pessoas para trabalho escravo introduzem uma dinâmica que só pode ser apreendida com o emprego dos modelos teóricos que não negam a colonização, posto que eles municiam a interpretação de relações assimétricas resultantes dos encontros desta natureza.

Aqui também podemos inserir Gela. A região documenta presença de artefatos de origem coríntia e ródia desde o século VIII, indicando um relacionamento entre as elites sicânas e gregos de longa data. No entanto, quando os ródios decidem ocupar o território, o fazem caracterizando um indubitável processo de sobreposição de forças políticas. Áreas de culto a céu aberto foram incorporadas ao conjunto de espaços especializados de caráter sacro e mais tarde sofreram monumentalização. O ingresso para o interior da *khóra* é rápido e tangencia a bacia hidrográfica da região, que já possui inúmeras áreas de culto anelênicos em atividades que sofrerão mudança na orientação dos ritos, indicando processos de colonialismo cultural.

*Apoikias de Fase 3*

Configuram a consolidação dos interesses de aquisição territorial prefigurados na Fase 2. Agrigento dá continuidade aos processos iniciados por Gela e logo no inicio da seleção e demarcação das áreas limítrofes da àsty optou por assinalar a presença da apoikia em uma área extensa para os padrões das apoikias fundadas até aquele momento. A expansão da khóra se deu nos mesmos moldes de Gela. Importante relembrar que a documentação aponta para o protagonismo ródio nas duas fundações e, dada as semelhanças dos processos de territorialização, tal como se observa nas fundações de Mégara. Portanto, não devemos deixar o quadro de relações contidas nas dinâmicas do Mediterrâneo Central escamoteado das possíveis motivações para a implantação das duas apoikias ródias em território sicâno.



E, por fim, Selinonte que apresenta semelhanças no arranjo urbano com Mégara Hibléia, fundada 100 anos antes. E nas dimensões hiperbólicas e posicionamento regional na Sicília, apresenta semelhanças com Agrigento. Foi uma das pólis mais prósperas economicamente e uma das que teve um período de existência mais exíguo, o que se deve, em grande medida, à sua localização, vizinhança com elímios e fenícios e alianças dúbias do ponto de vista político.

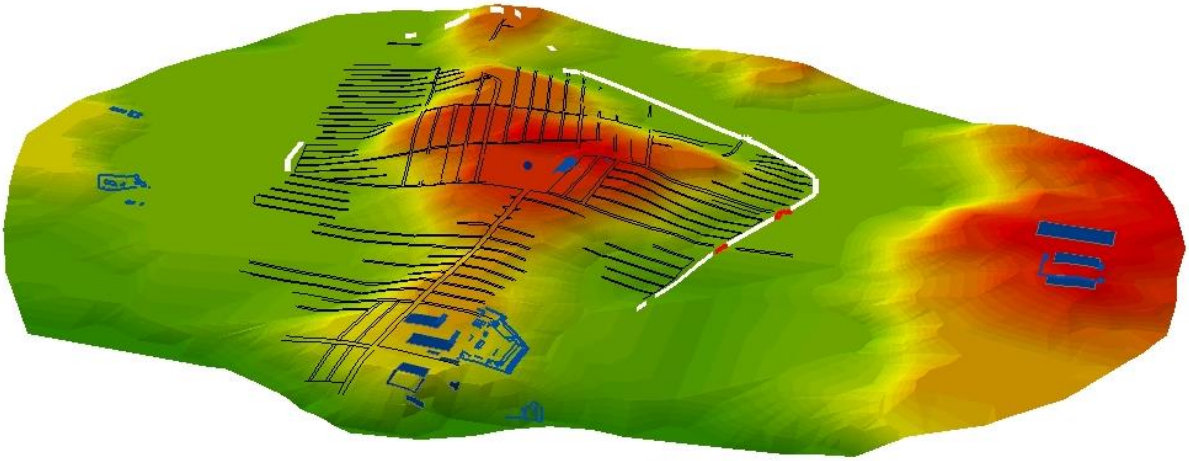
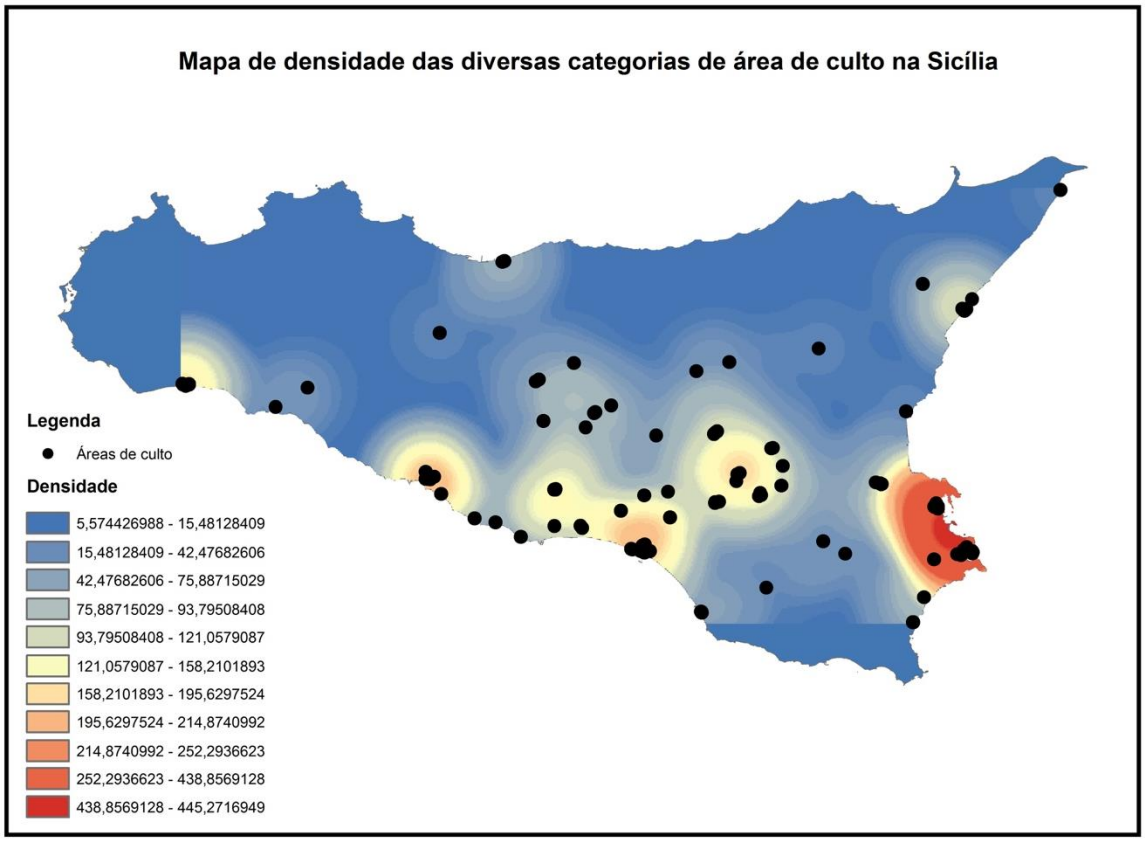


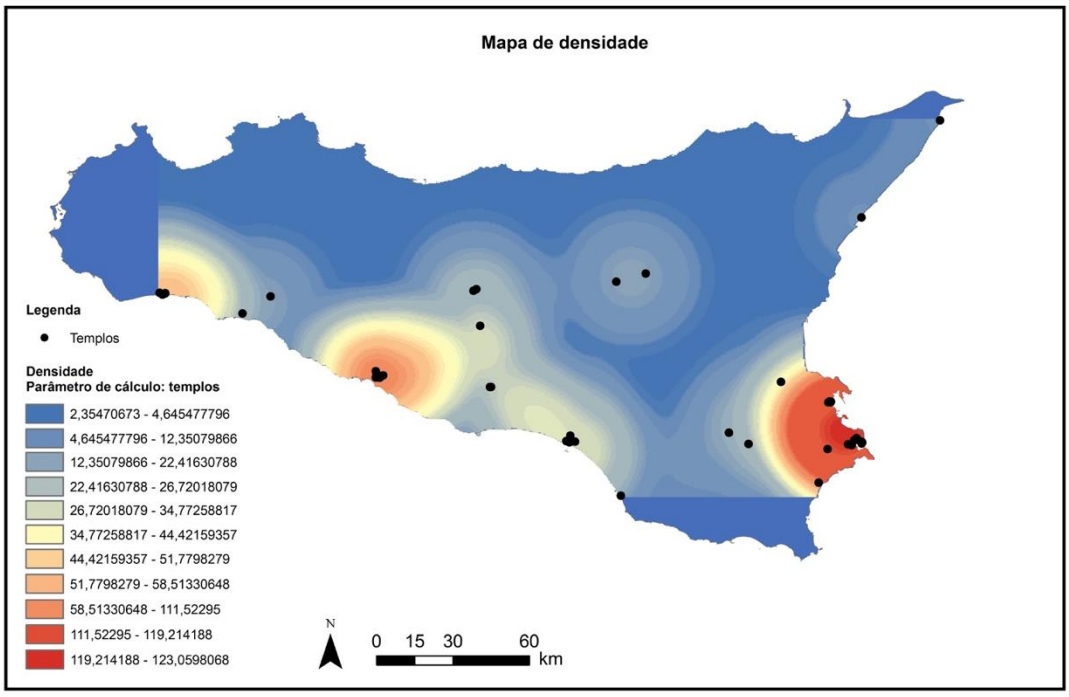
**Fig. 26: Modelo digital de terreno - Selinonte - *ásty* monumental sem grandes investimentos em área extraurbana. Fonte: Autoria própria.**

Contudo, toda a documentação material que atesta sua monumentalidade remete à construção de uma paisagem grega. Nossa hipótese sobre a interdependência entre metrópolis e apoikias ser mais determinante do que “laços afetivos ou identitários” se confirma diante da interpretação dos dados apresentados.

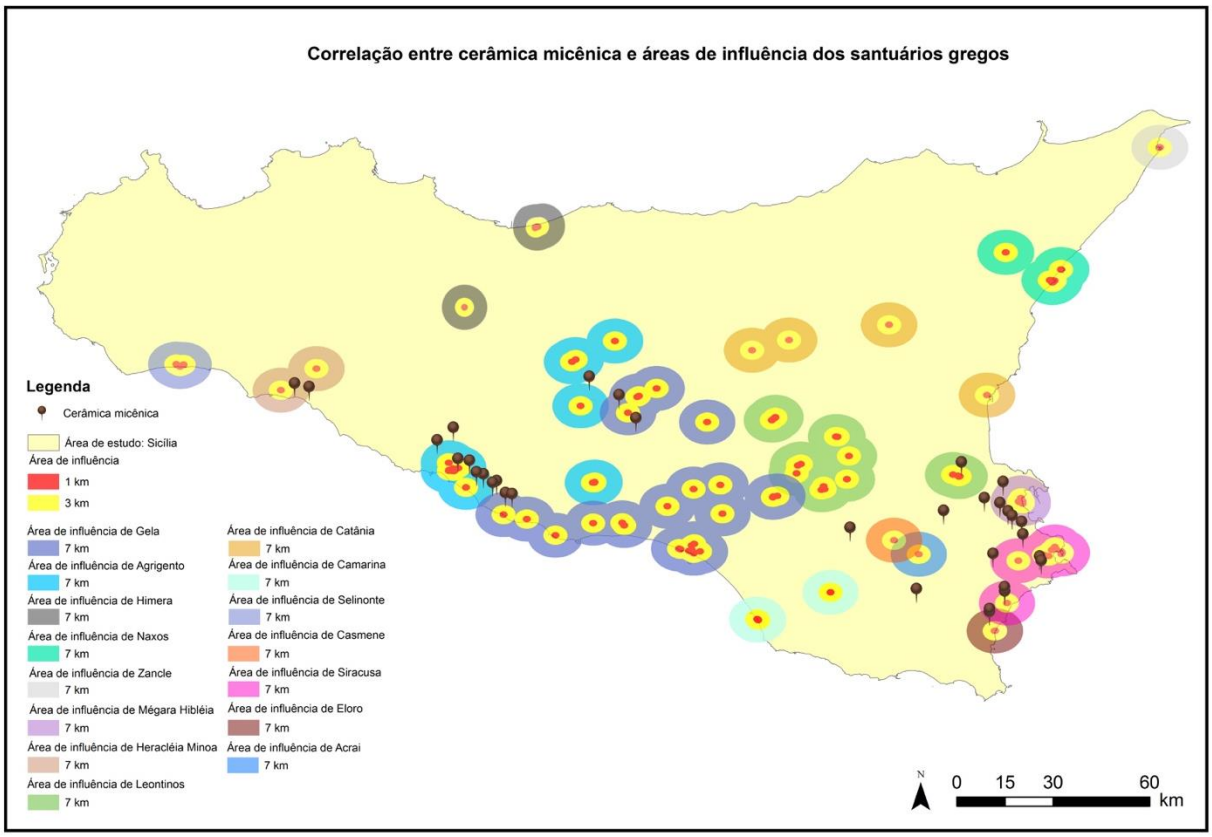
O mapa de densidade de Kernel permite visualizar o impacto da presença de áreas de culto gregas na Sicília em duas distintas dimensões. No primeiro mapa, temos plotado o conjunto de pontos que sinalizam as diversas áreas de culto gregas (santuários, depósitos votivos, altares):




Neste tipo de interpretação, percebe-se áreas de culto possuem concentração nas áste, e na área ródio-cretense há maior dispersão deste tipo de registro na khóra.



Já no segundo mapa de Kernel, observa-se o padrão de dispersão de templos, exclusivamente. O mesmo deixa autoevidente a prevalência de monumentalização empreendida nas áreas das áste e a baixa incidência de estruturas monumentalizadas na khóra. Tais elementos nos permitem inferir que a monumentalidade está profundamente associada com a criação de uma paisagem ôntica dos gregos para os gregos na cidade, consubstanciando em uma geograficidade que incide sobre o Ser (MARTINS 2007). Na *khóra*, os aspectos rituais e a religiosidade popular aumentam a variabilidade de expressões materiais de culto, tanto quanto opera em diferentes escalas de edificações e estruturas.




Por fim, não podemos desconsiderar que no *overlay* de feições que marcam a presença de cerâmica micênica na Sicília e feições que pontuam as áreas de culto

gregas das pólis arcaicas observa-se uma consistente sobreposição, especialmente nas áreas de ocupação megarenses, coríntias e ródio-cretenses. E mais: o processo de expansão da territorialização adquire os contornos da precedente presença micênica. Não devemos ignorar, portanto, a intima relação entre o comércio, as elites mercantis, a retomada dos contatos comerciais no início do século VIII a.C. e a agenda de fundações de assentamentos permanentes em territórios estrangeiros, com agenciamento do aparato urbano para fins de legitimação de um projeto sócio-político das elites gregas do período arcaico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre metrópoles e apoikias é nevrálgica no processo de construção social do espaço. Mais do que conquistar territórios e empreender conquistas econômicas, os ápoikos estavam imbuídos em reproduzir elementos de sua geograficidade de origem nas novas cidades. A apropriação do terreno e da paisagem, as divisões dos espaços, a escolha dos materiais e das estruturas que seriam erigidas para construir a paisagem da "nova casa" longe de casa não implicavam, meramente, na construção de habitat para fins meramente funcionais.

E as escolhas de como organizar, o que edificar e como publicizar poderiam conter discursos de inteligibilidade diferente para gregos e não gregos. As ferramentas teórico-metodológicas para interpretar estas nuances ainda precisam ser calibradas e testadas em estudos de caso, porém, reconhecer o potencial das informações contidas na paisagem e na materialidade das cidades é um primeiro passo para que futuros trabalhos desenvolvam modelos mais afinados com o objeto para a interpretação destas importantes questões.

Foi desafiante congregar instrumentos teóricos da geografia e da fenomenologia para analisar a nossa documentação. Consideramos promissor o caminho para futuras pesquisas.

Sobre o emprego dos SIG's para a espacialização da evidência arqueológica, encerramos este trabalho com uma certeza: localizar e interpretar os dados arqueológicos no contexto espacial é o grande paradigma da disciplina neste início de século. As possibilidades de obtenção de dados, de tratamento de imagens de satélite para efetuar a localização de ruínas, os estudos ambientais e climatológicos das condições de vida por métodos de regressão… a lista de aplicações é enorme.

Foi satisfatório e complexo empregar estas ferramentas com problemas arqueológicos na base das questões. O diálogo com técnicos e especialistas é importante, mas defendemos que cada um, na sua prática arqueológica, possa refinar seus conhecimentos para fazer um melhor uso das tecnologias. Sem o “input" do usuário a ferramenta é só… uma ferramenta. Toda a interpretação está assentada nas perguntas feitas pelas pessoas que constroem o sistema de interpretação.

Para além dos dados que nos informam sobre os interesses territoriais dos gregos na Sicília, e aplicação de modelos teóricos que buscam 'interpretar paisagens de poder’, a evidência documental nos permite estabelecer algumas críticas ou, no mínimo, chamar atenção para a necessidade de ajustes nos modelos de interpretação sobre a cidade grega siciliota.

Em primeiro lugar, a variabilidade identificada na documentação arqueológica em seus respectivos contextos pode ser transformada em informações generalizantes se os cuidados necessários não forem tomados.

Por exemplo: afirmar que os santuários de Deméter e Koré tem alguma correlação com a topografia por causa da incidência de diversos santuários extraurbanos em altitudes mais elevadas do que santuários que são implantados nas áste (Veronese 2006).

A interpretação é problemática, pois não considerou a dinâmica de territorialização dos gregos na Sicília. As cidades são fundadas predominantemente na costa e o alargamento da *khóra* se dá para o interior da ilha. Sua formação vulcânica lhe confere um relevo que invariavelmente será mais plano nas proximidades do mar e, gradualmente, mais elevado e irregular em direção ao centro da ilha.

Portanto, não há correlação do culto de Deméter e Koré com as altitudes - que são muito variadas para constituir qualquer tipo de padrão classificatório. O que aconteceu foi uma interpretação improcedente porque ignorava um conjunto maior - e necessário - de dados para a leitura do fenômeno observado.

A interpretação da evidência arqueológica nos estudos de análise espacial tem como objetivo integrar diversos tipos de informação em um quadro contextual mais amplo com a possibilidade de de levantar novos - e possíveis - encaminhamentos para as pesquisas arqueológicas.

A existência de redes de contato, a nosso ver, foi decisiva para impulsionar o inicio dos processos de territorialização na Sicília. O emprego de ferramentas que possibilitaram a interpretação dos dados em uma abordagem regional foi fundamental para a obtenção dos resultados. Mas não devemos perder de vista que a Sicilia permaneceu sendo habitada por anelênicos, que não podem, simplesmente, ser “apagados do mapa”. Analises geo-estatísticas podem ser aplicadas para calcular, por exemplo, os pontos de densidade da presença grega na Sicília, desde que a equação selecionada seja adequada ao objeto analisado.

A proposição de uma correlação espacial que adota a analogia das posições das metrópoles e das apoikias da Fase 1 que ocuparam a costa leste da Sicília não é um resultado do nosso estudo, consiste antes em uma hipótese proposta e construída no decorrer da análise dos dados e portanto não interfere nas categorias causais que permitem a asserção sobre os processos de longa duração de emergência de elites no Mediterrâneo ter incidido na colonização de territórios estrangeiros a partir do século VIII.

Por quê as cidades resultantes do contato entre gregos e povos que habitavam as diversas regiões da Sicília houve prevalência de um modelo de arranjo

urbano dotado de lotes, sistema viário, monumentalização de edifícios religiosos e disposição de áreas cívicas que remete às referências culturais dos apoikos e epoikos gregos?

Ora, a prevalência das formas resulta da seletividade das paisagens e do protagonismo de sujeitos sociais nos processos de territorialização; relações de poder são impressas na materialidade das cidades no processo de construção do arranjo urbano e disposição das formas construídas (MARTINS 2007, MOREIRA 2013).

Sobre o papel da territorialização empreendida pelos colonos gregos nos processos de seletividade dos terrenos e arranjo das formas construídas nas cidades, argumentamos que foi fundamental na seleção das áreas que sofreram monumentalização e/ou receberam maiores investimentos no estabelecimento de áreas de culto mais modestas dispersas no território, e possivelmente foi impactada pela relação dos colonos com os habitantes pré-existentes. No entanto, nota-se uma ênfase na monumentalização na *ásty* e áreas de culto não monumentalizadas na *khóra*.

Sobre a atuação das aristocracias metropolitanas na eleição das formas construídas e arranjo das estruturas dispostas no território das cidades, defendemos que as elites constroem socialmente a prerrogativa de dirigir os rumos da vida cívica e, portanto, atuam na definição de práticas sociais que são abrigadas na formação espacial. *O espaço por sí não prescreve as normas e a cultura dominantes, eles são instrumentalizados para fazê-lo*. Determinadas formas construídas são recorrentes nos arranjos espaciais das cidades gregas pela função na cosmologia da sociedade, tanto quanto para comunicar aos habitantes sobre seu lugar no mundo, de pertencimento, reconhecimento e abrigo (BOLLNOW 2008).

Acerca da importância das metrópoles para o desenvolvimento das suas fundações coloniais: apenas laços identitários relacionavam as metrópoles e apoikias?

Não se pode negar os laços identitários, mas deve-se evitar uma acepção muito atenuadora dos vínculos entre metrópole e apoikia que, por excesso de zelo a respeito das outras formas de colonialismo na experiência histórica, possam se interpor na interpretação dos elementos que uma sociedade irá carregar consigo na sua experiência de territorialização em áreas estrangeiras.

A variabilidade das experiências coloniais deve ser observada. E também o nível de preservação dos sítios e a necessidade de adotarmos modelos teóricos que iluminem as relações entre as várias cidades fundadas pelas metrópoles em diferentes áreas geográficas. Os processos políticos, econômicos e as relações entre as metrópoles precisa ser inserido no contexto de análise. De nossa parte, defendemos que os vínculos entre metrópoles e apoikias não era restrito ao nível afetivo, mas *determinava* geograficamente (MARTINS 2007) a identidade dos grupos sociais e atuavam assertivamente na construção do Ser na pólis, uma determinação geográfica, portanto, dos habitantes das cidades gregas em quaisquer locais onde estas fossem edificadas.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAVV *La città e il suo territorio*. Atti del Settimo Convegno di Studi sulla Magna Grécia, 8-12 de outubro, 1967. Nápoles, l'Arte Tipografica, 1968.

AAVV *Città e território nelle colonie greche d'occidente*. Istituto per la storia e l'archeologia della magna Grecia; Centre Jean Bérard. Série de vários volumes publicados a partir da década da 1990 com mapas comentados sobre o tema.

AAVV *Problemi della chora coloniale dall'Occidente al Mare Nero.* Atti del quarantesimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto 29 sett-3 ott 2000. Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia. Taranto, 2001.

AAVV *Confini e forntiera nella Grecità d'Occidente.* Atti del trentasettesimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto 3-6 ott 1997. Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia. Taranto, 1999.

AAVV *Alle origini della Magna Grecia: mobilità, migrazioni, fondazioni. Atti del cinquantesimo convegno di studi sulla Mag- na Grecia, Taranto 1-4 ottobre 2010. Taranto: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, 2012.*

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia* / Nicola Abbagnano; tradução da 1a edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5o ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1026 p.

ACKERMAN, A. *Cultural Hybridity*: Between Metaphor and Empiricism. In: P. W. Stockhammer (org.), Conceptualizing Cultural Hybridization: A Transdisciplinary Approach. Papers of the Conference, Heidelberg, 21.-22. September 2009. Transcultural Research. Heidelberg Studies on Asia and Europe in a Global Context 2, Springer Verlag (Berlin und Heidelberg), 5 – 26.

ADAMS, R.M. Complexity in archaic states. *Journal of Anthropological Archaeology* 20, 345-60, 2001.

AGAMBEN, G. *The Signature of all Things*, On Method. New York: Zone Books, 2009.

AINIAN, A.J.M. "Early Greek Temples: Their Origin and Function". In: HÄGG, R.; MARINATOS, N.; NORDQUIST, G.C. (eds) *Early cults practice*: Proccedings of the fifth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 26-29 June, 1986. Göteborg, Paul Aströms Förlag, 1988, 105-119.

ALDROVANDI, C.E.V.; KORMIKIARI, M.C.N.; HIRATA, E.D.V. (orgs). *Estudos sobre o Espaço na Antiguidade.* São Paulo, Edusp, Fapesp, 2011

ANDERSEN, H. D.; HORSNAES, H. W.; HOUBY-NIELSEN, S; RATHJE, A. *Urbanization in the Mediterranean in the 9th to 6th Centuries BC*. Copenhagen: Museu Tusculanum Press, 1997

ANDRÉN, A. *Between Artifacts and Texts: Historical Archaeology in Global Perspective*. N. York; Londres: Plenum Press, 1998.

ANDREIOMENOU, A. K. Eretria in età geométrica; Calcide e Akraiphia in età sub-protogeometrica in: *Euboica: L'Eubea e la presenza euboica in Calcidica e in Occidente*. Nápoles: Centre Jean Bérard, 1998, p. 153-166.

ASHERI, D. "A propos des sanctuaries extraurbaines en Sicile et Grande-Grèce: theories et témoignages". Em AAVV *Mélanges Pierre Léveque*, 1, Université de Besançon, 1988: 1-15.

ANTONACCIO, C. M. Hybridity and the Cultures within Greek Culture. In: *The Cultures within Ancient Greek Culture. Contact, Conflict, Collaboration*. eds. Carol Dougherty and Leslie Kurke, 57–74. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

_____., The archacology of ancestors. In: *Cultural Poetics in archaic Greece.* Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 46 – 72.

_____,. Excavating Colonization,em Hurst,H. e Owen,S. – *Ancient Colonizations Analogy,Similarity and Difference*. Londres: Duckworth, 2005, p. 97-113.

APPADURAI, A. (ed) *The Social Life of Things*. Commodities in Cultural Perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

ARISTOTLE. *Physics, books I-IV.* Trad. de P. H. Wicksteed & F. M. Cornford. Cambridge: Harvard University Press, 1980. (Edição grego-inglês). (*Loeb Classical Library*).

_____. *Physics, books V-VIII.* Trad. de P. H. Wicksteed & F. M. Cornford. Cambridge: Harvard University Press, 1980. (Edição grego-inglês). (*Loeb Classical Library*).

_____. *Physics.* Trad. de R. Waterfield, com int. e notas de D. Bostock. Oxford: Oxford University Press, 1996.

ASHERI, D. *Distribuzioni di terre nell'antica Grecia*. Torino: Accademia delle Scienze, 1966.

_____. 'Note on the Resettlement of Gela under Timoleon'. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 19, H. 5, 1970a, p. 618-623.

_____. 'Carthaginians and Greeks'. In. *The Cambridge Ancient History. V. 4. Persia, Greece and Western Mediterranean, c. 525 to 479 B.C.* 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1970b.

_____. 'Sicily 478-431 B.C.'. In. *The Cambridge Ancient History. V. 5. The Fifth Century B.C*. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1970c.

ASHMORE, W. and KNAPP, A.B. *Archaeologies of Landscape*. Contemporary Perspectives. Oxford: Blackwell, 1999.

AUGÉ, M. *Non-Places: Introduction to an Antropology of Sumermodernity.* New York: Verso, 1995.

BALCO, W. *Material Expressions of Social Change: Indigenous Sicilian Responses to External Infuences in the First Millennium B.C*. University of Wisconsin Milwaukee, 2012.

BEAUJEU-GARNIER, J. *Geografia Urbana*. Tradução de Raquel Soeiro de Brito. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

BINTLIFF, J. The origins and nature of the Greek city-state and its significance for world settlement History. In: RUBY, P. (dir.). *Les princes de la Protohistoire el l'émergence de l'État*. Actes de la table ronde international de Naples (1994). Naples: École Française de Rome, 1999, p. 43-56.

_____. Spatial analysis of past built environments: Houses and society in the aegean from the early iron age till the impact of Rome in: Eleftheria Paliou, Undine Lieberwirth and Silvia Polla (Eds.). Berlin, Boston: De Gruyter, 2014, p. 263- 276.

BOARDMAN, J.; EDWARDS, I. E. S.; HAMMOND, N. G. L.; SOLBERGER, E. (eds.). *The Cambridge Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, vol. 03.

BOLLNOW, Otto Friedrich; SCHMID, Aloísio Leoni. *O homem e o espaço*. Ed. UFPR, 2008.

BOOKIDIS, N. & STROUD, R.S. *Demeter and Persephone in Ancient Corinth.* Corinth Notes No. 2. Princeton: American School of Classical Studies at Athens, 1987.

_____. Corinth, Volume XVIII, part III: *The Sanctuary of Demeter and Kore – Topography and Architecture*. Princeton: American School of Classical Studies at Athens, 1987.

BOOKIDIS, Nancy. "The Sanctuaries of Corinth". In: BOOKIDIS, N. & WILLIANS II, C.K. *Corinth, the Centenary: 1896-1996*. Atenas: The American School of Classical Studies at Athens, 2003.

BOTTOMORE, T. *Elites and Society*, Watts, London, 1964.

BREA, B. L. *Sicilia.* Lisboa: Verbo, 1972.

BROUWERS, J. J. *Warfare and society in early Greece*. Amsterdam: Vrije Universiteit, 2010.

BROWN, B. Thing Theory. *Critical Inquiry* 28(1), 1-22, 2001.

BURKERT, W. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1993.

_____. Greek Poleis and civic cults: some further thoughts. Em: HANSEN, M.; RAAFLAUB, K. *Studies in the Ancient Greek Polis*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1995.

CAMASSA, G., De GUIO, A. e VERONESE, F. *Paesaggi di potere: problemi e prospettive***.** Atti del convegno. Udine 16-17 maggio, 1996.

CARTLEDGE, Paul. *Ancient Greece: A history in eleven cities*. OUP Oxford, 2009.

CERCHIAI, L. *et alii Greek Cities of Magna Graecia and Sicily*. Getty Publications, 2004.

CIFANI, G. STODDART, S. *Landscape, ethnicity and identity in the archaic mediterranean area.* Oxford: Oxbow Books, 2012.

CHOAY, F.. *O urbanismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1965.

CLARK, D.. *Introdução à Geografia Urbana***.** Tradução de Lucia Gerardi e Silvana M. Pintandi. São Paulo: DIFEL, 1985.

COLE, Susan Guettel. “Demeter in the Greek City and its Countryside”. In: BUXTON, Richard (org.). *Oxford Readings in Greek Religion*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

COLLIER, S.J.; ONG, A. Global assemblages, anthropological problems. In: ONG, A.; COLLIER, S.J. (Eds). *The Uses of Style in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

COOLE, D.; FROST, S. Introducting the new materialisms. In: COOLE, D.; FROST, S. (Eds) *New Materialisms. Ontology, Agency and Politcs*. Durham: Duke University Press, 1-46, 2010.

CROUCH, D. P. Geology and settlement: Greco-Roman patterns. New York: 2003, 385 p.

_____. *Water management in ancient greek cities*. New York: 1993, 401 p.

CUSTODIO, C. “*Khóra e Ásty em uma pólis grega do Ocidente: o caso de Selinonte*” (Dissertação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

_____.CUSTODIO, C. *A cidade, o comércio e a morfologia urbana das pólis gregas*. São Paulo, São Paulo: Labeca, 11 p.

_____. CUSTODIO, C.; SCATENA, R.M.; TAUHYL, A.P. “Modelos imagéticos urbanos e a compreensão da sociomorfogênese da cidade antiga” In:

ALDROVANDI, C.E.V.; KORMIKIARI, M.C.N.; HIRATA, E.D.V. (orgs). *Estudos sobre o Espaço na Antiguidade*. São Paulo, Edusp, Fapesp, 2011, pp. 105-124.

D'AGOSTINO, Bruno. Funerary customs and society on rhodes in the geometric period. Some observations. In: *Annali di archeologia e storia antica* – No17-18, 2010-2011, p 239-248.

DE ANGELIS, F., TSETSKHLADZE, G. R. (Eds.). *The Archaeology of Greek Colonisation. Essays dedicated to Sir John Boardman*. Monograph 40. Oxford: Oxford Books, 2004.

DeMARRAIS, E., GOSDEN, C., RENFREW, C. (eds*). Rethinking materiality*. Cambridge: MacDonald Archeological Institute, 2004.

DIETLER, M. Consumption, agency, and cultural entanglement: theoretical implications of a Mediterranean colonial encounter. In.:CUSICK, J. (ed.) *Studies in Culture Contact: Interaction, Culture Change and Archaeology*. Carbondale, IL: Centre for Archaeological Investigations, 288-315.

_____. "The Cup of Gyptis: Rethinking the colonial encounter in: *Early Iron Age Western Europe and the relevance of world-systems models*". Journal of European Archaeology 3 (2) 1995, pp, 89-111.

_____. "The archaeology of colonization and the Colonization of Archaeology: Theoretical Challenges from an Ancient Mediterranean Colonial Encounter" In: STEIN, G.J. (ed). *The archaeology of Colonial Encounters. Comparative Perspectives*. Santa Fe. Oxford, 2005, pp. 33-68.

DIMITRIOS, A. D. Integrated GIS and remote sensing analysis for landfill sitting in Western Crete Greece. in: *Environ Earth Sci*, 2013, 16 p.

DOMÍNGUEZ, A. J. Hellenic Identity and Greek Colonisation. In: *Ancient West & East* volume 4, no2. Holanda, Leiden: Brill, 2006 p. 446 - 457.

_____. , A. J. Greeks in Sicily In. TSETSKHLADZE, Gocha (ed.). *Greek colonisation: an account of Greek Colonies and Other Settlements Overseas*. Mnemosyne: Bibliotheca Classica Batava, Supp 193, V.1. Leiden/Boston: Brill, 2006.

DOUGHERTY, C. *The poetics of colonization: from city to text in Archaic Greece.* Oxford: Oxford University Press, 1993.

DUBBINI, Rachele. *Dei Nello Spazio Degli Uomini: I culti dell´agora e la construzione di Corinto arcaica.* Roma: L´Erma di Bretschneider, 2011.

ENGELS, F. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem. *A dialética da natureza*. Lisboa: Presença, 1978.

ÉVORA, Fátima Regina Rodrigues. Discussão acerca do papel físico do lugar natural na teoria aristotélica do movimento". *Cadernos de História e Filosofia das Ciências Campinas*, v. 16, n. 2, 2006.

_____. "Natureza e Movimento: um estudo da física e cosmologia

aristotélica". *Cadernos de História e Filosofia das Ciências* Campinas, v.15, n.1, p. 127- 170, 2005.

FEATHERSTONE, Mike**.** *Undoing Culture: Globalization, Postmoderism and Identity (Theory, culture & society).* Sage Publications, 1995.

FINLEY, M. I. A cidade Antiga: de Fustel de Coulanges a Max Weber e além In: *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____ . Grécia Primitiva: Idade do Bronze e Idade Arcaica. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____ . *História Antiga:* Testemunhos e modelos. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FLANNERY, K.V. e MARCUS, J. Cognitive Archaeology. In: David S. Whitley (ed.) Reader in Archaeological Theory. Post-Processual and Cognitive Approaches. London, Routledge. 1998, pp.35-48.

FLENSTED-JENSEN, P.; NIELSEN, T.H.; RUBENSTEIN, L. (ed.). Polis & Politics. Studies in Ancient Greek History. Copenhagen: Museum Tusculanum Press; University of Copenhagen Press, 2000.

FINLEY, Moses I. et al. *Problèmes de la terre en Grèce ancienne. recueil de travaux*. Paris - La Haye: Mouton, 1973.

FLORENZANO, M. B. (coord.). *Cidade e território na Grécia Antiga.* Organização do espaço e sociedade. Projeto do Laboratório de Estudos Sobre a Cidade Antiga (LABECA). São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2005.

FOXHALL, L. "Cultures, landscapes and Identities in the Mediterranean world" . Em Malkin, I. *Mediterranean Paradigms and Classical Antiquity*. London, Routledge, 2005: 75-92.

_____; FOXHALL, L. Bronze to Iron: Agricultural Systems and Political Structures in Late Bronze Age and Early Iron Age Greece. in: *BSA, 90*, 1995, p. 239-250.

GABBA, E.; VALLET, G. (Eds). *La Sicilia Antica*. Napoli: Società Editrice Storia di Napoli del Mezzogiorno continental e della Sicilia, 1980.

GALLO, L. "La pólis e lo sfruttamento della terra". Em GRECO, E. *La città greca antica. Istituzione, società e forme urbane*. Roma, Donzelli ed., 1999: 37-54.

GRAS, Michel; TRÉZINY, Henri; BROISE, Henri. *Mégara Hyblaea. 5, La ville archaïque: l'espace urbain d'une cité grecque de Sicile Orientale*. École Française de Rome, 2004.

GRECO, E., LOMBARDO, A.M., AMPOLO, C. A., NIZZO, V. et alii. "Tavola Rotonda". In: *Alle origini della Magna Grecia: mobilità, migrazioni, fondazioni. Atti del cinquantesimo convegno di studi sulla Magna Grecia, Taranto 1-4 ottobre 2010.*

Taranto: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, 2012, pp. 1183 – 1206.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *História antiga*. São Paulo: Contexto, 2013.

HAHN, H. P. Circulating Objects and the Power of Hybridization as a Localizing Strategy. In: P. W. Stockhammer (org.), *Conceptualizing Cultural Hybridization: A Transdisciplinary Approach*. Papers of the Conference, Heidelberg, 21.-22. September 2009. Transcultural Research. Heidelberg Studies on Asia and Europe in a Global Context 2, Springer Verlag (Berlin und Heidelberg), 27 – 42, 2012.

HANSEN, H.H.; NIELSEN, T.*The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*. Oxford University Press, 2005.

HANSEN, M.; RAAFLAUB, K. *Studies in the Ancient Greek Polis*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1995.

HARRIS, W. V. *Rethinking the Mediterranean.* New York: Oxford University Press, 2005.

HIRATA, E. F. V. As odes de Píndaro e as tiranias siciliotas. In: *Clássica*, 1996-1997, vol.9/10, nº9/10, p.61-72.

_____,. Formas de contato,processos de interação e definição de identidades entre gregos e não-gregos na Sicília arcaica: entre a teoria e a documentação arqueológica. Texto proferido *no Khórion. I Simpósio Internacional do Labeca*, JUN/2013.

_____., Arqueologia, Religião e Poder Político no Ocidente Grego (Tese de Livre-Docência). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

HODDER, Ian. *Entangled: An archaeology of the relationships between humans and things.* Oxford: Wiley and Blackwell, 2012.

HORDEN, P.; PURCELL , N. *The Corrupting Sea:* A Study of Mediterranean History, Blackwell: 2000.

HODOS, T. Colonial Engagements in the Global Mediterranean Iron Age. Cambridge Archaeological Journal, 19, 221-241, 2009.

HURST, H.; OWEN, S. (Eds.) *Ancient Colonizations: Analogy, Similarity and Difference*. London: Duckworth, 2005.

INGOLD, T. *The temporality of the Landscape*. World Archaeology 25(2), 152-74, 1993.

_____. Materials against materiality. *Archaeological Dialogues* 14(1), 1-16, 2007.

_____. *Bringing things back to life: creative entanglements in a world of materials.* ESRC National Centre for Research Methods. Working Paper Series 05/10. http://eprints.ncrm.ac.uk/1306/. Acessado em: 23.03.2012.

JOCHIM, Michael. *Remote Sensing in Archaeology*. California: University of California, 2007, 550 p.

KINDT, J. Polis Religion – A Critical Apreciation. Kernos, 22: 9-34, 2009.

KNAPP, Bernard and Dommelen, Peter V*. The cambridge prehistory of the bronze and iron age Mediterranean*. *Cambridge: Cambridge University Press, 2014, 22 p.*

*KNAPPETT, C. MALAFOURIS, L. (eds) Material Agency. Towards a non-anthropocentric approach. New York: Springer, 2008.*

*KNAPPETT, C. An archaeology of interaction. Oxford: Oxford University Press, 2011.*

*LANDER, Edgardo (Ed). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales perspectivas latino-americanas.* Buenos Aires: Clacso – UNESCO: 2000, 249 p.

LATOUR, B. Reassembling the social an introduction to actor-network-theory. New York: Oxford University Press, 2005, 312 p.

_____; LATOUR, Bruno. We have never been modern. Cambridge: Harvard University Press, 1991, 162 p.

LEFEBVRE, H. La Production de l'Espace. Paris: Anthropos.1986 (1993).

LEIGHTON, R. (ed.) Early societies in Sicily. New developments in archaeological research.Accordia Specialist Studies in Italy, 5.University of London,1996

LEPORE, E. Problemi dell'organizazione della chora coloniale. In: M. Finley (ed.) *Problèmes de la terre em Grèce ancienne.* Paris, Mouton, 1973: 15-48.

LERIOU, *Anastasia. Discussing colonization in archaeology: the case of hellenised cyprus (once more)* in: Electronic Antiquity. Virginia: 2007, p. 21-50.

LIMA, Alexandre C.C. *Ritos e Festas em Corinto Arcaica*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

LYNCH, Kevin. *The image of the city*. MIT press, 1960.

LOMAS, K. (ed.) – Greek Identity in the Western Mediterranean. Papers in Honour of Brian Shefton. Leiden: Brill, 2004.

MALKIN, I. Religion and Colonization in Ancient Greece. Leiden: Brill, 1987.

MALKIN, I. (ed.). *Ancient Percepetions of Greek ethnicity.* Washington, D.C.: Center for Hellenic Studies, Trustees for Harvard University, 2001.

MALKIN, I. Myth and Territory in the Spartan Mediterranean. Cambridge University Press, 1994.

_____. Inside and outside: colonization and the formation of the Mother City. Apoikia: Studi in onore di G, Buchner. AION, (arch.), v. 16, 1994, pp. 1-9.

_____. Exploring the validity of the concept of “foundation”: A visit to Megara Hyblaia. In: GORMAN, V. B.; ROBINSON, E. W. (eds.). Oikistes. Studies in constitutions, colonies, and military power in the Ancient World offered in Honor of A. J. Graham. Leiden: Brill, 2002, p.195-225.

_____. (ed.). Networks and the emergence of Greek Identity. Mediterranean Paradigms and Classical Antiquity. *Mediterranean Historical Review*, 18: 56-74, 2003.

_____. Mediterranean Paradigms and Classical Antiquity. Londres: Routledge, 2005.

_____. Networks and the rise of Greek civilization in the Archaic Period. Nellie Wallace Lectures in Oxford, 2006.

_____; CONSTANTAKOPOULOU, C.; PANAGOPOULOU, K. (eds.). Greek and Roman Networks in the Mediterranean. Londres; N. York: Routledge, 2009.

MARCONI, C. Temple Decoration and Cultural Identity in the Archaic Greek World: the Metopes of Selinus. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

MARAN, J.; STOCKHAMMER, P.W., Materiality and Social Practice. Transformative Capacities of Intercultural Encounters. Papers of the Conference, Heidelberg, 25.–27. März 2010. Oxford: Oxbow, 2010.

MARINATOS, N. “What were Greeks Sanctuaries? A Syntesis. In: HAGG, R. E MARINATOS, N. (eds) Greek Sanctuaries: New Approaches. London/New York, Routledge, 2005, pp. 228-233.

MARTIN, R. *L’urbanisme dans la Grèce Antique.* Paris: A.+ J. Picard, 1956.

MARTIN, R. “Rapport entre les structures urbaines et les modes de division et exploitation du territoire”. Em M. Finley (ed.) *Problèmes de la terre en Grèce ancienne.* Paris, Mouton, 1973 : 97-112.

MARTINS, Élvio Rodrigues. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, n. 21, p. 33-51, 2007.

MERTENS, D. *Città i monumenti dei Greci d’Occidenti*: dalla colonizzazione alla crisi di fini V secolo a.C. Roma: L´Erma di Bretchneider, 2006.

_____. *Selinus I* : die Stadt und ihre Mauern. Mainz am Rhein: von Zabern, 2003

MILLER, D. *Materiality*. Durham: Duke University Press, 2005.

MOREIRA, R. *Pensar e Ser em Geografia.* São Paulo. Editora Contexto, 2013. 2ª. Ed.

_____. A diferença e a Geografia: o ardil da identidade e a representação da diferença na geografia. *GEOgraphia*, v. 1, n. 1, p. 41-58, 2009.

MORGAN, Catherine. “The Evolution of a Sacral ‘Landscape’: Isthmia, Perachora and the Early Corinthian State” In: ALCOCK, S.E & OSBORNE, R. *Placing the Gods: Sanctuaries and Sacred Space in Ancient Greece*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

MORRIS, I. “The Early Polis as City and State” In: RICH, J. and WALLACE-HADRILL, A. (eds). *City and Country in Ancient World*. London/New York, 1991: 25-58.

_____; MORRIS, I. The growth of greek cities in the first millennium BC. California Stanford University, 2005. 29 p.

_____. *“Mediterraneanization”. Mediterranean* Historical Review, 18: n. 2, 2003, pp. 30-55.

MOSSÉ, Claude. A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo. Lisboa: Edições 70, 1989.

O´NEILL, J.G. *Ancient Corinth: with a Topographical Sketh of the Corinthia. Part I: from the earliest times to 404 B.C. Baltimore*: The Johns Hopkins Press, 1930.

OSBORNE, Robin. “Early Greek Colonization? The nature of Greek settlement in the West” In: FISHER, Nick & VAN WEES, Hans. Archaic Greece: new approaches and new evidence. London: Duckworth with The Classical Press of Wales, 1998.

*MÉGARA 1*: Vallet, Georges, Villard, François, and Aub- erson, Paul (avec la collaboration de Gras M. et Tréziny H.), *Mégara Hyblaea 1. Le quartier de l’Agora archaïque* (Rome: École Française de Rome, 1976).
*MÉGARA 5*: Gras, Michel, Tréziny, Henri, Broise, Henri, *Mégara Hyblaea 5. La ville archaïque*, Mélanges d’Archéologie et d’Histoire de l’École Française de Rome, Supp. 1, vol. 5 (Rome: École Française de Rome, 2004).
MUNFORD, L. *A Cidade na História*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

NADEAU, Robin. Le banquet, intégration et sociabilité citoyenne dans la cité grecque in: *Hypothèses,* 1/2009 (12), p. 251-261.
< URL : http://www.cairn.info/revue-hypotheses-2009-1-page-251.htm>

NENCI, G. “Oikopedon e gepedon. Contributo al lessico urbanistico Greco”. In: AAVV *Mélanges Pierre Léveque*, 7, Université de Besançon, 1993: 273-286.

NICOLETTI, F. (Org.) *Catania Antica: Nuove prospettive di ricerca*. Palermo: Regione Siciliana, Assessorato dei beni culturali e dell’ identità siciliana, Dipartimento dei beni culturali e dell’identità siciliana, 2015.

OSANNA, M. “Fattorie e villagi in Magna Grecia”. Em *Problemi della chora coloniale dall’Occidente al Mare Nero.* Atti del quarantesimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto 29 sett-3 ott 2000. Istituto per la storia e l’archeologia della Magna Grecia. Taranto, 2001: 204-220.

OSBORNE, R. *Greece in the making* (1200-479 B.C). Londres: Routledge, 1996.

OUTHWAITE, Willian. BOTTOMORE, Tom. (Eds). Dicionário do pensamento social do século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. 990 p.

OWEN, S. “Analogy, Archaeology & Archaic Greek Colonization”. In: Ancient Colonizations: Analogy, Similarity and Difference. London: Duckworth, 2005.

PALMEIRA, Miguel. Moses Finley e a economia antiga: interdisplinaridade na produção de uma inovação historiográfica. Revista Vernáculo, no 8-9-10. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, p.129-141.

PEARSON, P.; RICHARDS, C*. Architecture and order: approaches to social space*, London, Routledge, 1994.

PEDLEY, J. *Sanctuaries and the Sacred in the Greek World.* Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

PELAGGATI, P.; VOZA, G. (orgs.). *Archeologia nella Sicilia sud-orientale*. Napoli: Centre Jean Berard, 1973.

PIKE, Kenneth. *Language in Relation to a Unified Theory of Structure and Human Behavior.* 1954.

DE POLIGNAC, François*. La naissance de la cité grecque: cultes, espace et société; 8.-7. siècles avant J.-C*. Ed. La Découverte, 1984.

DE POLIGNAC, François. *Cults, territory, and the origins of the Greek city-state.* University of Chicago Press, 1995.

POLIGNAC, F. De. *Influence extérieure ou évolution interne?: l'innovation cultuelle en Grèce géométrique et archaïque*. Ph. von Zabern, 1992.

POLIGNAC, F De.. Espaces de communication et dynamiques d'appartenance en Grèce archaïque. *Revue des études anciennes*, v. 108, n. 1, p. 9-24, 2006.

_____. SCHEID, John; POLIGNAC, François de. Qu’est-ce qu’un «paysage religieux»? Représentations cultuelles de l’espace dans les sociétés anciennes. Avant-propos. *Revue de l’histoire des religions*, n. 4, p. 427-434, 2010.

POWIS, J., *Aristocrac*y, New York, 1984.

PREUCEL, R. (ed). Processual and Postprocessual Archaeologies: Multiple Ways of Knowing the Past. Illinois. Southern Illnois University at Carbondale, 1991.

PROCELLI, R.M.A. Sicani, siculi, elimi: forme di identitá, modi di contatto e processi di trasformazione, [s/l], Longanesi & C., 2003

PURCELL, N. Mobility and the Polis. In: MURRAY, O.; PRICE, S. (eds). The Greek City: from Homer to Alexander. Oxford: [s.n.], 1990, pp. 29-58.

RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do Poder. Trad. De Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RANDALL-MACIVER, D. Greek cities in Italy and Sicily. Amsterdam: Adolf M. Hakkert, 1968.

RAPOPORT, A. *Aspectos humanos de la forma urbana.* Barcelona: GG, 1978.

_____., *The meaning of built environment:* A non-verbal communication approach. Tucson: University of Arizona Press, 1990.

REZENDE, R.H.; TEODORO CUSTODIO, C.; LAKY, L. A. "Espaços sagrados e a formação da polis" In: ALDROVANDI, C.E.V.; KORMIKIARI, M.C.N.; HIRATA, E.D.V. (orgs). Estudos sobre o Espaço na Antiguidade. São Paulo, Edusp, Fapesp, 2011, pp. 195-216.

RIBEIRO, MTF., and MILANI, CRS., (orgs). *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea*: o território como categoria de diálogo interdisciplinar [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. 312 p. ISBN 978-85-232-0560-7.Disponível em SciELO Books <http://books.scielo.org>.

RICH, J.; WALLACE-HADRILL, A. (eds). *City and Country in the Ancient World.* London-New York: Routledge, 1991.

SACKS, David. *Encyclopedia of the Ancient Greek World*. New York: Facts On File,Inc., 2005, 433 p.

SACK, R. *Human Territorialit: its theory and history.* Cambridge: Cambridge University Press, 1986

SCALISI. Francesca. Le strutture difensive dele colonie Greche di Sicilia. Sicilia: Offset Studio, 2010, 295 p.

SCHIFFER, M.B. The Material Life of Human Being: Artifacts, Bahavior, and Comunication. New York, Routledge, 1999.

SCHMITT PANTEL, Pauline. "Sacrifice *Meal and Symposion" In: MURRAY, O (org.). Sympotica*: A symposium on the symposion. Oxford: Claredon Press, 1994.

_____. La Cité au Banquet: Histoire des Repas Publiques dans les Cités Grecques. Paris: Publications de la Sorbonne, 2011.

SCHUMACHER, R.W.M. "Three Related Sanctuaries of Poseidon: Geraistos, Kalaureia and Tainaron" In: MARINATOS, N. & HÄGG, R. *Greek Sanctuaries: New Approaches.* London: Routledge, 2005.

SMITH, Willian: *Dictionary of greek and roman geography*. Volume I Boston: 1854, 1133 p.

_____; SMTIH, Willian*: Dictionary of greek and roman geography*. Volume II London: 1854, 1473 p.

SMITH, C. e SERRATi,J. (Eds.) – *Sicily from Aeneas to Augustus New Approaches in Archaeology and History*.Edinburgh University Press, 2000: 41-54.

SNODGRASS, Anthony M. *Archaic Greece: The age of experiment*. Univ of California Press, 1980.

SOURVINOU-INWOOD, C. "*What is Polis Religion?"* In: BUXTON, R. (edit.). Oxford Readings in Greek Religion. Oxford: Oxford University Press, 2000.

_____. "Early sanctuaries, the eighth century and ritual space: fragments of a discourse" In: MARINATOS, N. & HÄGG, R. *Greek Sanctuaries: New Approaches.* London: Routledge, 2005.

STOCKHAMMER, P. Conceptualizing Cultural Hybridization in Archaeology. In: P. W. Stockhammer (org.), Conceptualizing Cultural Hybridization: A Transdisciplinary Approach. Papers of the Conference, Heidelberg, 21.-22. September 2009. Transcultural Research. Heidelberg Studies on Asia and Europe in a Global Context 2, Springer Verlag (Berlin und Heidelberg) 43–58, 2012.

_____., *KONTINUITÄT UND WANDEL DIE KERAMIK DER NACHPALASTZEIT AUS DER UNTERSTADT VON TIRYNS.* Inaugural-Dissertation in der Philosophischen Fakultät der Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, 2007

TANDY, D. W. *Warriors into Traders*: The Power of the Market in Early Greece. Berkeley: University of California Press, 1997.

TILLEY, Christopher. *A phenomenology of landscape: places, paths, and monuments*. Oxford: Berg, 1994.

TORELLI, M. "Greci e indigeni in Magna Grecia: ideologia religiosa e rapporti di classe" *St. Storici*, 18.4,1977: 45-61.

_____. Architettura greca di Sicilia: il ruolo dell´ideologia. In: MINÀ, P. (org.). Urbanistica e Architettura nella Sicilia Greca. Palermo: Regione Siciliana. Assessorato dei Beni Culturali Ambientali e della Pubblica Istruzione, 2005, pp. 8-9.

TRABULSI, José Antonio Dabdab. Crise social, tirania e difusão do dionisismo na Grécia arcaica. *Revista de História*, n. 116, p. 75-104, 1984.

TRÉZINY, H., 'Lots et îlots à Mégara Hyblaea. Questions de métrologie', in *La colonisation grecque en Méditerranée occidentale*, ed. by Vallet, G. (Rome: École française de Rome, 1999), pp. 141- 183 (summary in *American Journal of Archaeology* 101 (1997), 381).

TRÉZINY, H, 'De Mégara Hyblaea à Sélinonte, de Syracuse à Camarine: le paysage urbain des colo- nies et de leurs sous-colonies', in *Colonie di colonie: le fondazioni sub-coloniali greche tra colonizzazione e colonialismo. Atti del Convegno internazionale (Lecce, 22-24 giugno 2006),* ed. by M. Lombardo and F. Frisone (Galatina: Congedo Ed., 2009), pp. 161-181.

TSETSKHLADZE, G. R. *Greek Colonisation an account of greek colonies and other settlements overseas*. Volume 1. Boston: Brill, 2006, 646 p.

_____; TSETSKHLADZE, G. R. *Greek Colonisation an account of greek colonies and other settlements overseas.* Volume 2. Boston: Brill, 2008, 585 p.

URQUHART, L. *Colonial religion and indigenous society in the Archaic western Mediterranean*, c. 750-400 BCE. Stanford: Stanford University, 2010.

VALERA, António C. *Discurso científico em arqueologia: A necessidade do conhecimento se conhecer.* Lisboa: 2008, 36 p.

VALLET, G. La Cité et son Territoire. In: *Atti del Settimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia***,** 8-12 de outubro, 1967. Nápoles, l'Arte Tipografica, p. 67-142, 1968.

VALLET, G. *Le monde Grec colonial d'Italie du Sud et de Sicile*. Rome: École Française de Rome, 1996.

VERONESE, F. *Lo spazio e la dimensione del sacro. Santuari greci e territorio nella Sicilia arcaica.* Pádua, Esedra, 2006.

VERMEULEN, Frank et al. *Urban landscape survey in Italy and the Mediterranean*. Oxford: Oxbow Books, 2012, 253 p.

VERONESE, F. *Lo spazio e la dimensione del sacro. Santuari greci e territorio nella Sicilia arcaica.* Pádua: Esedra, 2006.

VLASSOPOULOS, K.. Beyond and below the polis: Networks, associations and the writing of Greek history. In: MALKIN, I., CONSTANTAKOPOULOU, C. and PANAGOP*OULOU, K., eds., Greek and Roman Networks in the Mediterranean Routledge.* 12-23, 2009.

_____; VLASSOPOULOS, K. Beyond and Below the Polis: Networks, Associations, and the Writing of Greek History in: *Mediterranean historical review.* London: 2007, p 11-22.

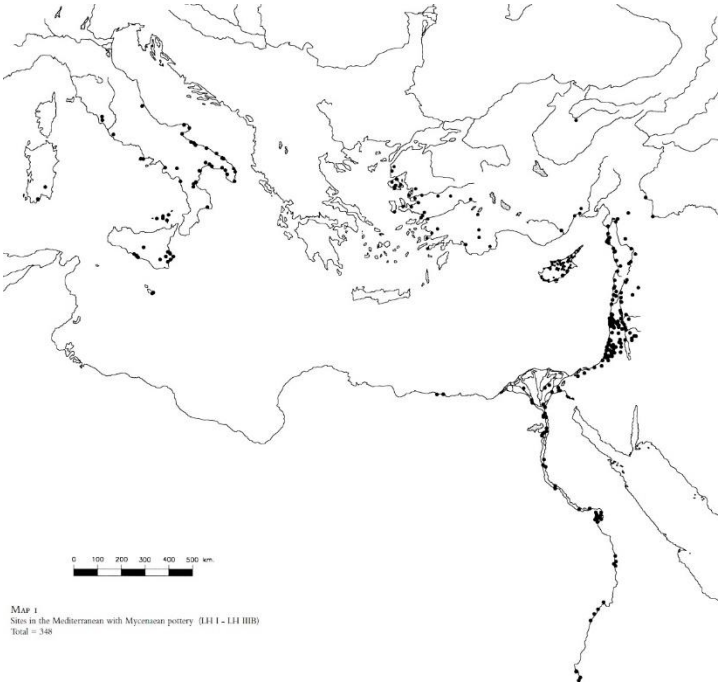
WALLERSTEIN, I. *The Modern World-System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century.* New York: Academic Press, 1976.

WILL, Édouard**.** *Korinthiaka: Recherches sur l´Histoire de la Civilization de Corinthe des Origines aux Guerres Médiques***.** Paris: E. de Boccard, 1955.

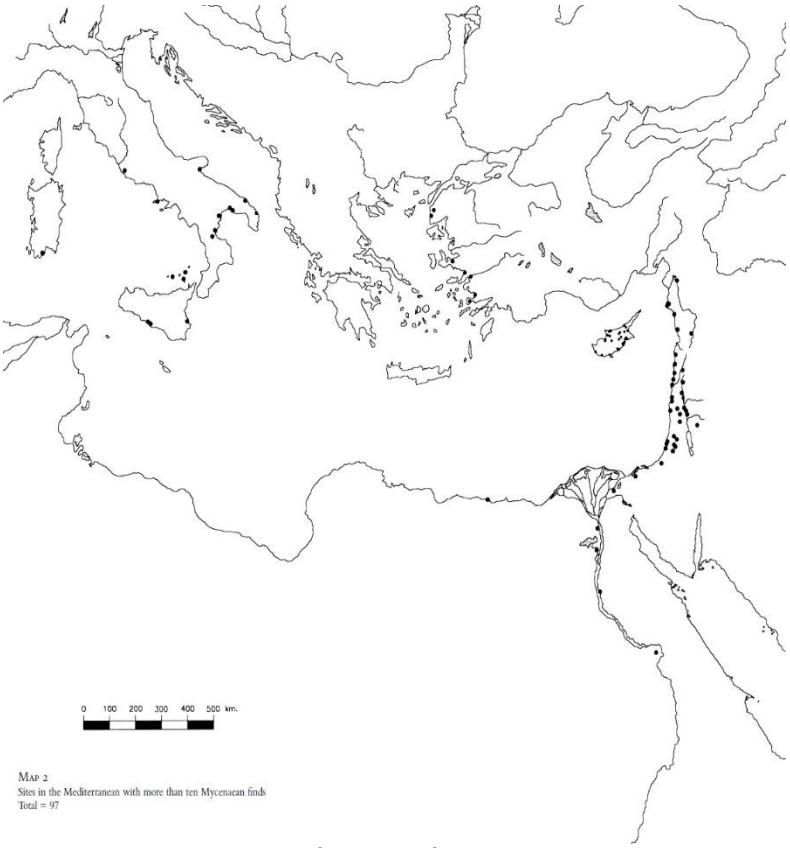
YNTEMA, D.G. 'Mental landscapes of colonization: the ancient written sources and the archaeology of early colonial-Greek southeastern Italy'. Bulletin Antike Beschaving 75, 1-49, 2000.

_____; SMITH. A. Le leadership concept analytique ou notion synthétique? in: Le leadership politique et le territoire. Presses universitaires de Rennes, 2003, p 11- 17.

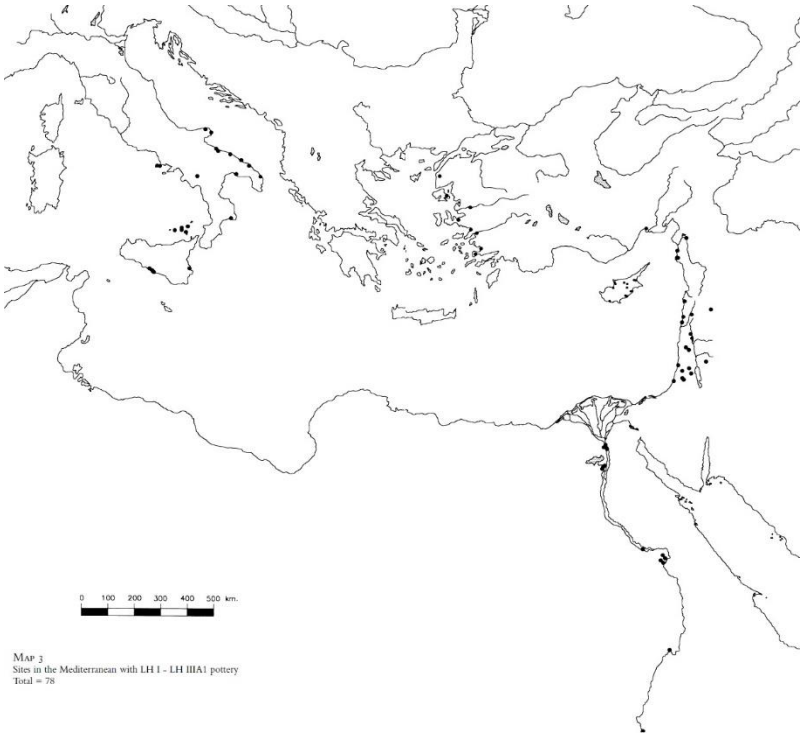
# ANEXOS



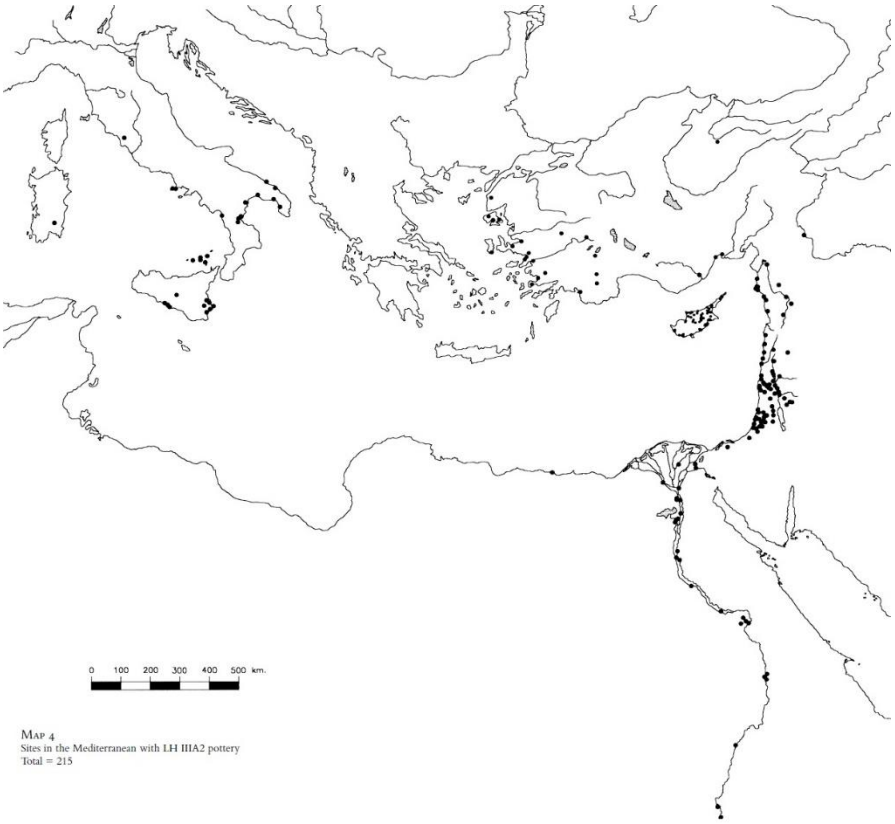

**Anexo 1 - Mapas de distribuição de cerâmica Micênica na Itália e Sicília na idade do Bronze (VAN WIJNGAARDEN, G. J., 2002, 302-303).**



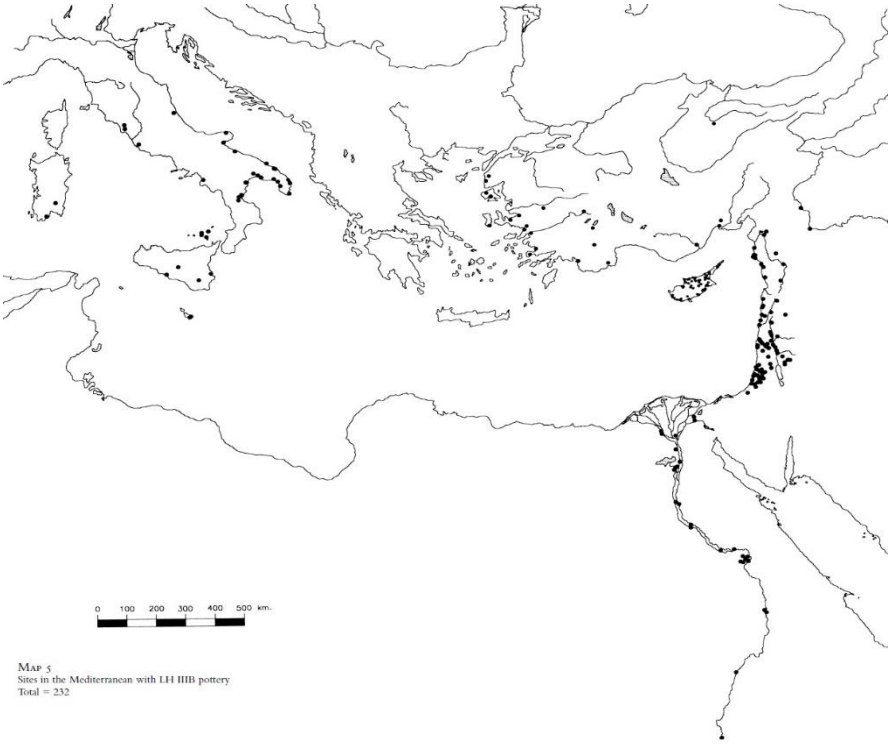

**Anexo 2 - Mapas de distribuição de cerâmica Micênica na Itália e Sicília na idade do Bronze (VAN WIJNGAARDEN, G. J., 2002, 304-305).**



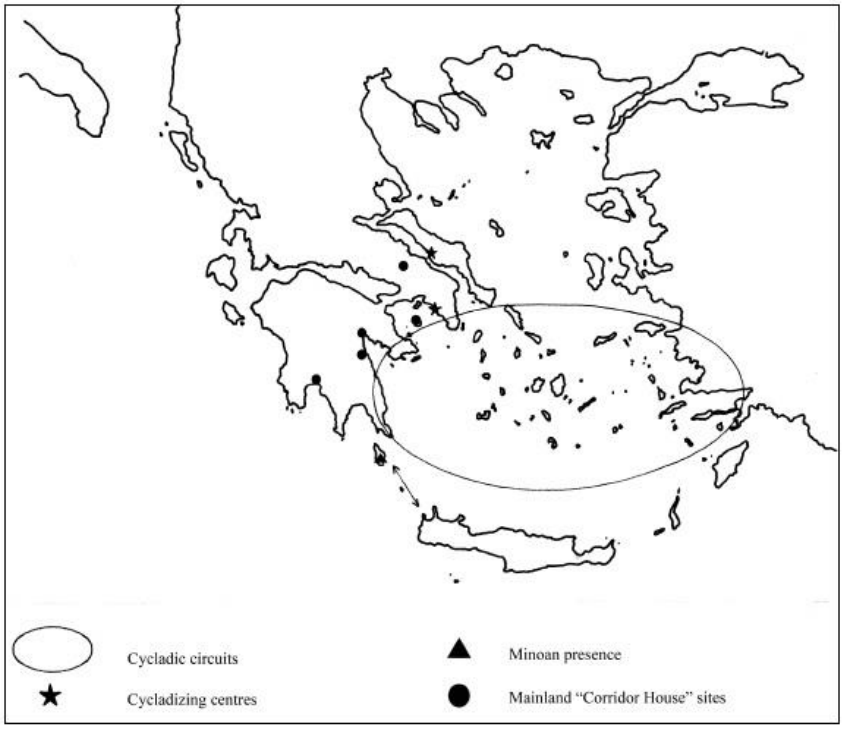

**Anexo 4 - Mapas de distribuição de cerâmica Micênica na Itália e Sicília na idade do Bronze (VAN WIJNGAARDEN, G. J., 2002, 306-307).**



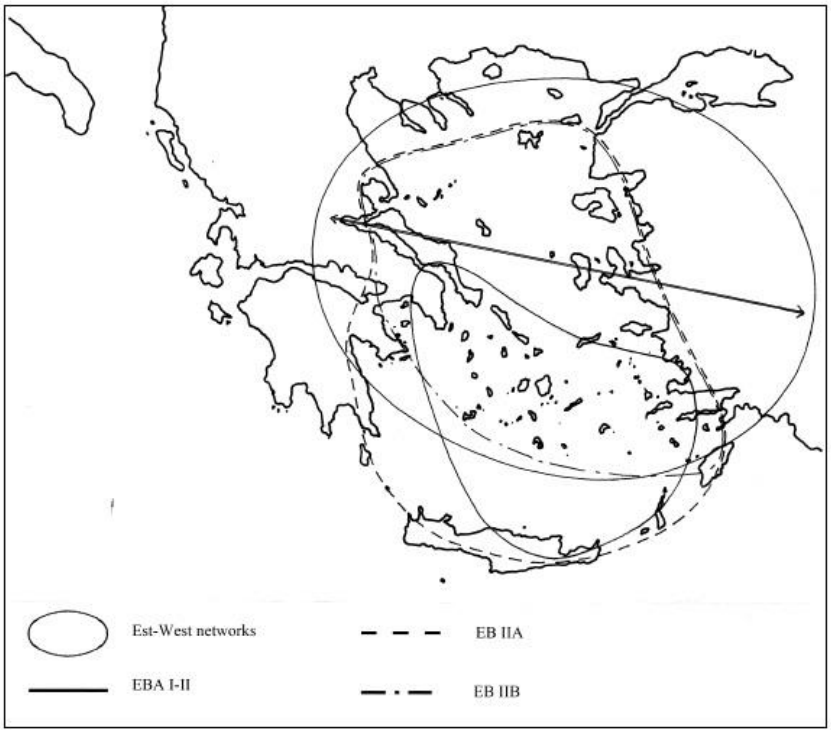

**Anexo 3 - Mapas de distribuição de cerâmica Micênica na Itália e Sicília na idade do Bronze (VAN WIJNGAARDEN, G. J., 2002, 308-309).**



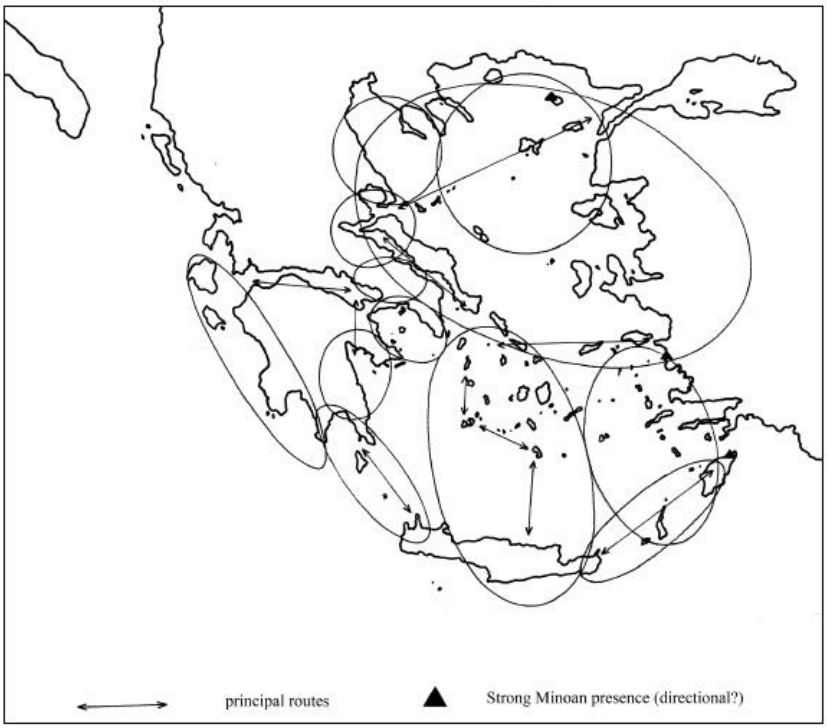

**Anexo 6 - Mapas de distribuição de cerâmica Micênica na Itália e Sicília na idade do Bronze (VAN WIJNGAARDEN, G. J., 2002, 310-311).**



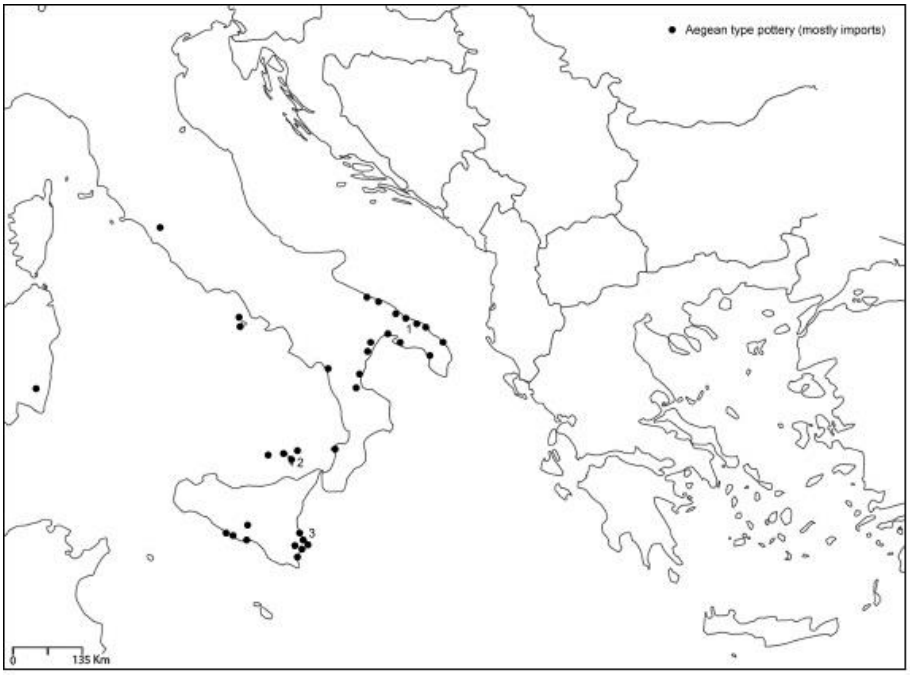

**Anexo 5 - EBA. Mainland 'Corridor House' sites, Cycladizing sites and the Cycladic circuit (ill. M.E. Alberti and G. Merlatt i). "Aegean trade systems: Overview and observations on the Middle Bronze Age" in: *ALBERTI. M. E., SABATINI. S. Exchange Networks and Local Transformations Interaction and local change in Europe and the Mediterranean from the Bronze Age to the Iron Age.* Oxford: Oxbow Books, 2013, p. 27.**



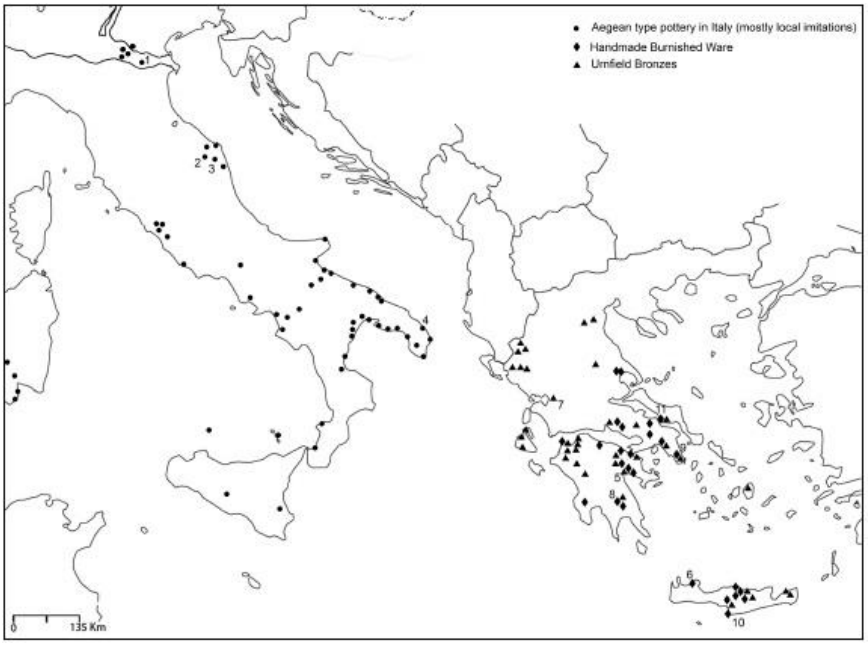

**Anexo 8 - EBA. Variations of trade patt erns within the E–W networks (modifi ed from Broodbank 2000, fi g. 106) (ill. M.E. Alberti and G. Merlatt i). "Aegean trade systems: Overview and observations on the Middle Bronze Age" in: *ALBERTI. M. E., SABATINI. S. Exchange Networks and Local Transformations Interaction and local change in Europe and the Mediterranean from the Bronze Age to the Iron Age.* Oxford: Oxbow Books, 2013, p. 29.**



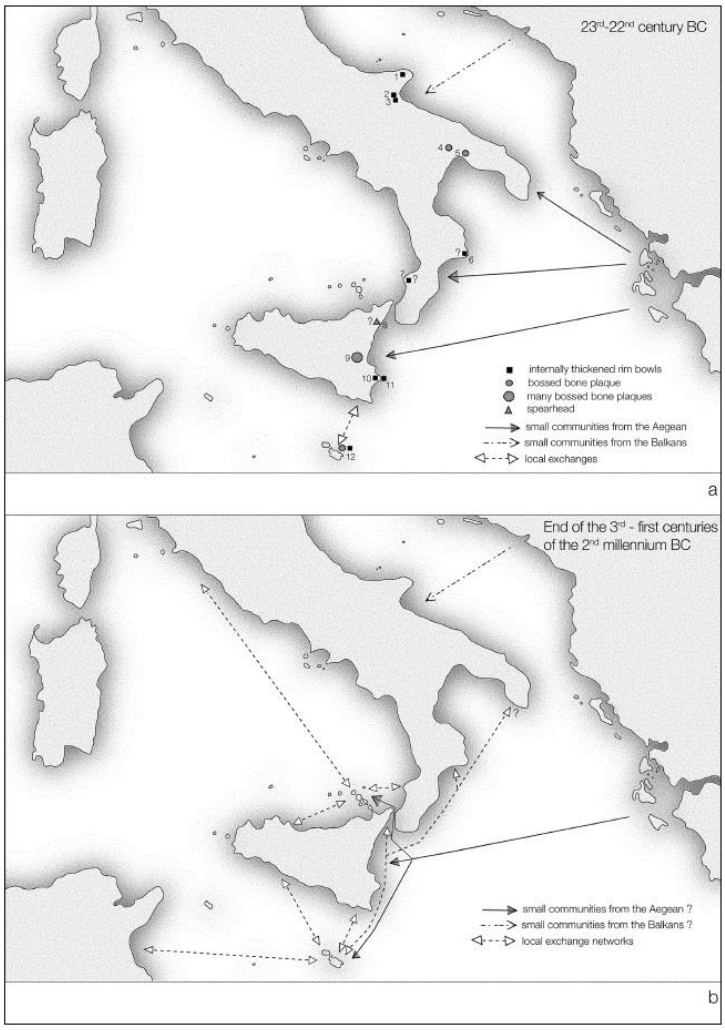

**Anexo 7 - MBA. Principal circuits and routes in the Aegean: the N–S 'dendritic system' (ill. M.E. Alberti and G. Merlatt i). "Aegean trade systems: Overview and observations on the Middle Bronze Age" in: *ALBERTI. M. E., SABATINI. S. Exchange Networks and Local Transformations Interaction and local change in Europe and the Mediterranean from the Bronze Age to the Iron Age.* Oxford: Oxbow Books, 2013, p. 31.**



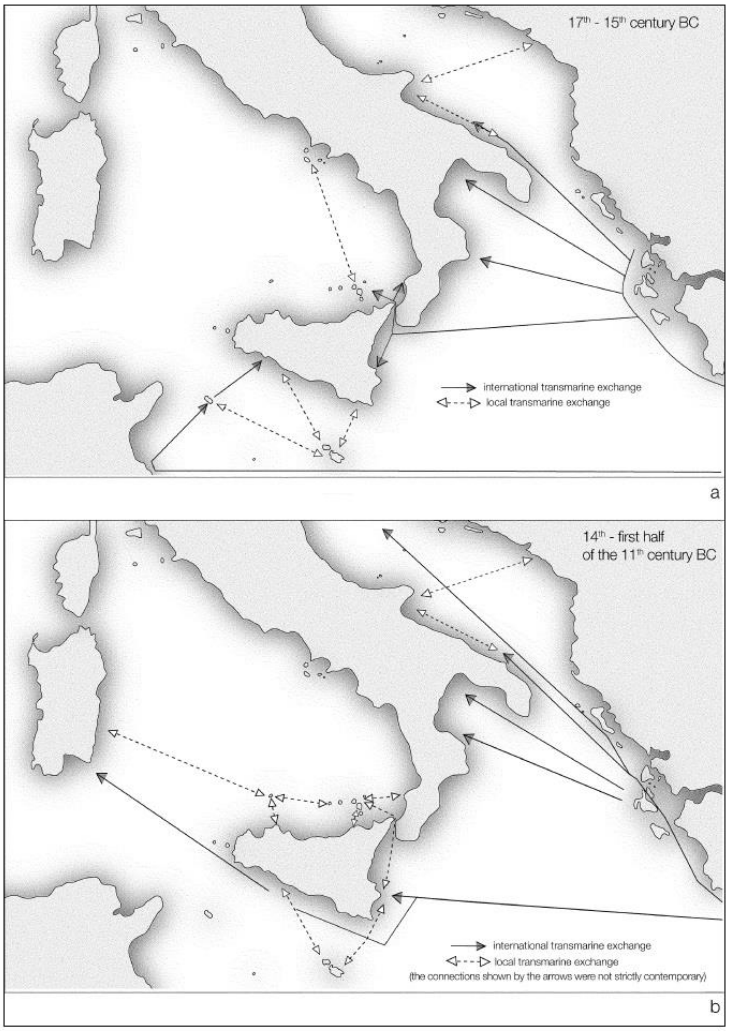

**Anexo 9 - Relations between the Aegean and the Central Mediterranean during LH III A: distribution of Aegean type pott ery in Italy (aft er Vagnett i 1999, 140 updated). 1) Torre S. Sabina, 2) Lipari, 3) Thapsos. "Westernizing Aegean of LH III C" in: *ALBERTI. M. E., SABATINI. S. Exchange Networks and Local Transformations Interaction and local change in Europe and the Mediterranean from the Bronze Age to the Iron Age.* Oxford: Oxbow Books, 2013, p. 61.**




**Anexo 10 - Relations between the Aegean and the Central Mediterranean during LH III B and C: Distribution of Aegean type pott ery in Italy (aft er Vagnett i 1999, 140 updated) and of Handmade Burnished Ware and Urnfi eld Bronzes in the Aegean. 1) Fratt esina, 2) Moscosi di Cingoli, 3) Cisterna di Tollentino, 4) Rocavecchia, 5) Tiryns, 6) Chania, 7) Koubarà, 8) Pellana, 9) Perati, 10) Kommos. "Westernizing Aegean of LH III C" in: *ALBERTI. M. E., SABATINI. S. Exchange Networks and Local Transformations Interaction and local change in Europe and the Mediterranean from the Bronze Age to the Iron Age.* Oxford: Oxbow Books, 2013, p. 64.**




**Anexo 11 - Hypotheses of transmarine connections in the central Mediterranean between the second half of the 3rd and the beginning of the 2nd millennium BC. 1 Rodi Garganico, 2 Coppa Nevigata, 3 Fontanarosa, 4. Casal Sabini, 5 Grott a del Pipistrello Solitario, 6 Corazzo, 7 Zungri, 8 Monte Venerett a, 9 Sites of Castelluccio culture, 10 Castelluccio, 11 Ognina, 12 Malta. "Malta, Sicily, Aeolian Islands and Southern Italy during the Bronze Age" in: *ALBERTI. M. E., SABATINI. S. Exchange Networks and Local Transformations Interaction and local change in Europe and the Mediterranean from the Bronze Age to the Iron Age.* Oxford: Oxbow Books, 2013, p. 81.**




**Anexo 12 - Hypotheses of transmarine connections in the central Mediterranean between the 17th and the 11th century BC. "Malta, Sicily, Aeolian Islands and Southern Italy during the Bronze Age" in:** ***ALBERTI. M. E., SABATINI. S. Exchange Networks and Local Transformations Interaction and local change in Europe and the Mediterranean from the Bronze Age to the Iron Age.*** **Oxford: Oxbow Books, 2013, p. 87.**